

M.W. CRAVEN

Vencedor do **Prémio CWA Gold Dagger** Melhor Policial



O CURADOR

TOP
SEL
LER

«Soberbo»
DAILY MAIL

«Arrebatador»
THE SUN

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

M.W.
CRAVÉN

O CURADOR



os livros em primeiro lugar

*Para a minha saudosa mãe, Susan Avison Craven.
Já não estavas entre nós quando concretizei o meu sonho,
mas nada disto seria possível sem o teu entusiasmo pela leitura.*

A teoria do Cisne Negro dá conta de um acontecimento inédito, impossível de prever e com um impacto desproporcionado que, posteriormente, é racionalizado em retrospectiva como se devesse ter sido antecipado.

Nassim Nicholas Taleb

— O jogador que compreende a função do peão, que a compreende a sério, é capaz de dominar o jogo de xadrez — disse o homem. — Podem até ser a peça mais fraca no tabuleiro, mas são os peões que ditam onde e quando o adversário pode atacar. Eles limitam a mobilidade das chamadas peças mais fortes e determinam em que quadrados se travará a batalha.

A mulher olhou para ele, desnorteada. Tinha acabado de acordar e sentia-se zozza.

E dorida.

Virou a cabeça para perceber a causa da sua dor. Não demorou muito a encontrá-la.

— O que é que me fez? — tartamudeou.

— Lindo, não é? É fio de origem animal, à moda antiga, o que confere um carácter agrícola à sutura, mas é assim mesmo que tem de ser. Já não se usa nos tempos que correm, mas eu precisava deste «efeito pavo». É o que acontece quando a infeção penetra na ferida através da sutura. Vai fazer com que a cicatriz permaneça visível e saliente. Uma recordação permanente do que aconteceu.

— Com isto, pegou numa cisalha para ossos de grandes dimensões. — Mas não para si, claro.

A mulher contorceu-se violentamente, mas foi em vão. Estava bem amarrada.

O homem admirou as linhas precisas do instrumento cirúrgico. Girou-o de modo que o aço refletisse a luz e contemplou o seu rosto na lâmina de maior dimensão. O seu semblante era severo. Aquilo não era algo que lhe agradasse particularmente.

— Por favor — implorou a mulher, já totalmente desperta —, solte-me. Prometo que não digo nada a ninguém.

O homem deu a volta e pegou-lhe na mão esquerda, afagando-a com desvelo.

— Tive de esperar que o efeito da anestesia passasse, por isso

receio bem que isto vá doer. Acredite que preferia que assim não fosse.

Colocou o dedo anelar da mulher entre as lâminas da cisalha e apertou as pegas. Ouviu-se um estalido quando as lâminas afiadas cortaram o osso e os tendões sem qualquer dificuldade. A mulher gritou, e desmaiou logo de seguida. O homem afastou-se da poça de sangue que começava a espalhar-se no chão.

— Onde é que eu ia? — disse para si mesmo. — Ah, sim, estávamos a falar de peões. Os iniciantes menosprezam a sua importância, julgam que servem apenas para serem sacrificados, mas isso é porque não sabem quando devem usá-los. — Retirou do bolso um rolo de fio com pegas nas extremidades. Posicionou-as entre o indicador e o dedo médio de cada mão. Num movimento ensaiado, enrolou o fio à volta do pescoço da mulher. — Porque saber quando sacrificar os peões é a melhor forma de ganhar o jogo.

Apertou o garrote, grunhindo à medida que o fio impiedoso se cravava na pele da vítima, cortando-lhe a traqueia e esmagando-lhe a veia jugular e a artéria carótida.

A morte chegou em poucos segundos.

Aguardou uma hora até cortar o outro dedo de que precisava.

Colocou-o cuidadosamente num pequeno tubo de plástico, mantendo-o separado dos restantes. Contemplou a sua coleção macabra com visível regozijo.

Agora, podia começar o jogo.

Os outros peões já estavam em posição. Só que ainda não sabiam...

Capítulo 1

Véspera de Natal

Era véspera de Natal e nem tudo corria bem.

Tinha começado como habitualmente, com alguém a perguntar: «Vamos fazer o amigo secreto este ano?», e com alguém a responder: «Espero bem que não» — ambos a firmarem logo ali um pacto de não tocarem no assunto ao gerente de escritório, mas ambos a planearem fazê-lo assim que possível.

E antes que alguém pudesse protestar, já a decisão tinha sido tomada. Haveria amigo secreto. Pelo décimo quinto ano consecutivo. Com as mesmas regras do ano anterior. Limite de 5 libras. Prendas anónimas. Nada de brejeirices. Prendas daquelas que ninguém quer. Uma perfeita perda de tempo para todos.

Pelo menos, era o que pensava Craig Hodgkiss. Ele detestava a tradição do amigo secreto.

E também detestava o Natal. O lembrete anual de que a sua vida era uma merda; de que, enquanto os colegas que desprezava ostensivamente passavam o Natal em casa com as suas famílias e entes queridos, ele teria de passar a quadra sozinho.

Ele *abominava* o amigo secreto.

Há três anos, tinha sido a causa da sua maior humilhação. Depois de ter estabelecido o objetivo perfeitamente plausível de ir para a cama com Hazel, uma colega especialista em logística na empresa transportadora John Bull Haulage, arranjava maneira de ser o seu amigo secreto naquele ano. Pensou que oferecer-lhe um par de cuecas de renda seria a forma ideal de a fazer perceber que estaria disponível para se dedicar a atividades extracurriculares enquanto o

marido estivesse ocupado a fazer uma entrega de longa distância num país da Europa continental.

O plano tinha resultado.

Ou quase.

Foi a forma perfeita de lhe dar a entender as suas intenções. Infelizmente, ela tinha um casamento feliz e, em vez de se enfiar na sua cama, correu a contar ao marido, que fazia um intervalo entre transportes e se encontrava naquele momento a beber uma cerveja no armazém. O camionista de um metro e noventa e cinco apressou-se a subir aos escritórios da empresa e a partir o nariz a Craig. Disse-lhe que se voltasse a olhar para a mulher, o amarraria na parte de trás de um contentor com destino à Rússia. Craig levou a ameaça a sério. A ponto de ter urinado nas calças diante dos colegas.

Durante dois anos, todos o trataram por «mijão». Nem sequer se podia queixar aos Recursos Humanos com medo de arranjar problemas a Hazel. Durante dois anos, foi incapaz de olhar para qualquer colega com segundas intenções.

Porém, Hazel e o seu marido troglodita mudaram de ares. Ele foi trabalhar como motorista para a Eddie Stobart e ela foi atrás dele. Craig disse a todos que o marido de Hazel tinha saído da empresa porque ele o havia encurralado e dado uma surra, mas ninguém acreditou na sua história.

Na verdade, uma pessoa acreditou nele.

Pelos padrões de Craig, Barbara Willoughby era uma rapariga sem grande interesse. O cabelo parecia ter sido penteado num lar de terceira idade, os seus dentes eram salientes e demasiado espaçados, e não lhe faria mal nenhum perder uns quilinhos. Numa escala de 1 a 10, Craig considerava que ela era um 6, talvez um 7 se quisesse ser generoso, e ele nem sequer olhava para mulheres abaixo de 8.

No entanto, havia algo nela que lhe agradava. Não assistira à cena em que ele se tinha urinado.

Por isso, decidiu convidá-la para sair. E, para seu grande espanto, descobriu que se davam muito bem. Ela era uma rapariga divertida e popular. Gostava da forma como o fazia sentir e do quão

aventureira era na cama. Também gostava do facto de ela só querer combinar programas aos fins de semana. Durante a semana, ficava em casa a estudar para um qualquer exame parvo que ia fazer.

O que era o ideal para Craig.

Depois de algumas semanas a sair com Barbara, ele tinha recuperado a confiança e retomado a sua coleção de troféus femininos.

Para seu grande espanto, descobriu que era mais fácil engatar o tipo de mulheres que mais lhe agradava quando lhes dizia que era comprometido. Concluiu que seria o resultado da combinação do seu ar jovial com a ideia de traírem alguém que não conheciam. O que lhe deu uma ideia: se aquelas mulheres vibravam com a emoção de estarem com alguém que traía a mulher com quem andava, ficariam ainda mais excitadas se estivessem com alguém que traísse a mulher com quem casara...

Foi assim que, aos 29 anos, Craig Hodgkiss decidiu pedir Barbara em casamento. O mais certo era ela nem pestanejar. Tinha 30 e poucos anos, o relógio biológico a dar horas (apesar de não saber que ele tinha feito uma vasectomia dois anos antes) e, provavelmente, ficaria para tia se recusasse o pedido. Ele só teria de colher os frutos. Teria um capacho fiel para lhe aquecer os pés e uma legião de mulheres mais do que dispostas a dormir com um homem casado.

E como queria que todos os seus colegas soubessem que estava prestes a adquirir o estatuto de fruto proibido, decidiu esquecer as más experiências do passado e pedi-la em casamento durante a troca de presentes de Natal do amigo secreto.

Os preparativos não tinham sido os mais fáceis. Tinha conseguido descobrir o tamanho do dedo de Barbara ao roubar o anel da falecida avó, aquele que ela só usava em ocasiões especiais. Enquanto Barbara revirava o apartamento à sua procura, ele tinha-o levado a uma joalheria para ser transformado num anel de noivado do mesmo tamanho, reciclando assim os diamantes e o ouro. A brincadeira não lhe custara mais de 200 libras.

O passo seguinte foi pensar numa forma espetacular de a pedir em casamento. Algo que fizesse as suas colegas comentar que

Craig era um verdadeiro romântico. Esse tipo de reputação só podia ajudar. Decidiu comprar uma caneca. Era o presente de amigo secreto ideal, visto que respeitava o limite de cinco libras estabelecido pelo gerente do escritório e, apesar de metade dos embrulhos que estavam debaixo da árvore de Natal de fibra ótica baratucha parecerem esconder canecas, a verdade é que mais nenhum tinha gravado «Queres casar comigo?»

Quando Barbara lesse a mensagem e visse o que estava no interior da caneca... Bem, o mais certo era desatar a chorar, gritar *sim* e esmagá-lo num abraço.

O piso do escritório estava coberto por papel de embrulho barato, com renas, bonecos de neve e fitas garridas.

Era chegada a vez de Barbara. Ela pegou no seu presente e olhou para ele de uma forma estranha.

Será que ela sabe?

Impossível. Ninguém sabia. Nem mesmo a rapariga que ele convencera a trocar com ele, de modo a ser ele o amigo secreto de Barbara.

Por algum motivo, Tiffany, a melhor amiga de Barbara, começou a gravar a cena com o telemóvel. Mas não fazia mal. Era até preferível assim. Ele poderia publicar o vídeo no *Twitter* e no *Facebook* e guardar uma cópia no seu telemóvel, sempre disponível para mostrar às raparigas. *Olhem para isto. Já viram como sou romântico? Já viram como sou sensível? Eu posso ser vosso... mas só por uma noite.*

Craig cruzou olhares com Barbara. Piscou-lhe o olho. Ela não retribuiu. Nem sequer sorriu. Limitou-se a fixar o seu olhar enquanto retirava a caixa embrulhada de um dos sacos.

Havia algo de errado. O papel de embrulho era grosso e branco com imagens a preto; ele pensava que o seu embrulho tinha sido feito com papel barato e garrido.

Barbara rasgou o papel sem olhar para o embrulho. A caneca estava dentro de uma caixa de esferovite. Ele tinha colado as duas

metades com fita-cola para aumentar o suspense. Barbara cortou a fita com uma tesoura antes de abrir a caixa.

Retirou a caneca lá de dentro e Craig ficou ainda mais confuso. Não era a sua caneca. Nunca tinha visto aquela. Consequia ver de facto algo escrito de lado, mas não era o seu pedido de casamento. A letras pretas, com cerca de dois centímetros e meio, estava escrito:

#BSC6

Porém, Barbara não sabia que tinha aberto o embrulho errado. Sem reparar no que estava no interior, fulminou-o com o olhar e despejou o conteúdo da caneca.

— Traidor de merda — disse-lhe.

Craig não reclamou a sua inocência. Nem conseguia fazê-lo. Era incapaz de desviar o olhar daquilo que tinha caído no chão. Não era um anel de noivado.

Ele estremeceu e susteve a respiração com a repulsa.

Uma sensação de calor familiar e indesejado começou a espalhar-se pelas suas virilhas.

E foi então que começaram os gritos.

Capítulo 2

26 de dezembro

Quem também detestava a época natalícia era o inspetor Washington Poe.

Na qualidade de rezingão empedernido, era contra todos os tipos de jovialidade forçada e, até à data, tinha conseguido evitar todas as festividades, organizadas ou não. Por norma, trabalhava nas obrigatórias férias de Natal e passava o dia 25 sozinho ou num bar cheio de misantropos que pensavam como ele, sem largarem a caneca até o dia acabar.

Porém, este ano era diferente. Este ano, alguém conseguira dar-lhe a volta.

Em vez de estar no bar ou acoitado no seu chalé de pastor com 200 anos, com cerveja no frigorífico e um resto de batatas assadas no forno, estava numa penthouse numa aldeia nos arredores de Cambridge.

A sua amiga e colega Matilda «Tilly» Bradshaw conseguira arrastá-lo para um *baby shower*.

A princípio, ele recusou terminantemente.

Ela ficou triste, mas não era grave, havia de lhe passar. Podia ser a sua melhor amiga, mas um *baby shower* em casa de gente rica era aquilo que ele considerava uma verdadeira tortura.

Ela fez finca-pé.

Ele ignorou-a.

Porém, logo a seguir, ela usou a sua arma mais eficaz contra ele, aquela que o desarmava por completo: lógica inabalável.

Ele disse-lhe que os *baby showers* eram coisa de mulheres.

Ela gritou com ele diante de todos os seus colegas. Todos os

funcionários da SCAS, a Serious Crime Analysis Section^[1] — unidade da National Crime Agency incumbida de investigar assassinatos em série emergentes e crimes aparentemente inexplicáveis —, pararam o que estavam a fazer e puseram-se à escuta.

A gozar o prato.

«Washington Poe, é possível que tenhas um pénis, mas isso não significa que possas tirar partido dos privilégios sociais do regime patriarcal para te esquivares a compromissos que não te agradam.»

Poe estava prestes a perguntar-lhe que raio de conversa era aquela, quando ouviu alguém a abafar uma gargalhada.

«O que quer ela dizer com “é possível que tenhas um pénis”?»

Ele tentou argumentar que não podia deixar sozinho o seu *springer spaniel*, *Edgar*.

Ela respondeu que *Edgar* podia ficar com Victoria Hume, a sua vizinha.

«Como fica sempre, estás a ver?»

Ele tentou dizer-lhe a verdade, que não queria ir.

«Estou cheia de pena de ti», contrapôs ela. «Desde quando é que o Washington Poe só faz o que quer? A nossa superior, a inspetora-chefe Stephanie Flynn, vai ter um bebé e a sua irmã teve a amabilidade de organizar uma festa. Somos amigos dela, fomos convidados, por isso vamos. É tão simples quanto isso.»

Por isso, ali estava Poe num *baby shower*, amuado a um canto. Até então, tinha conseguido evitar interagir com qualquer um dos presentes. Tencionara manter-se assim até ter feito sala tempo suficiente para se poder ir embora. O champanhe da sua taça já estava morto há 40 minutos, mas isso permitia-lhe ter as mãos ocupadas.

Jessica Flynn, a irmã mais velha da sua chefe, vivia no último andar de uma fábrica de tijolos remodelada. Era um apartamento muito arejado e com poucas paredes — estilo loft — que ficaria mais enquadrado em Manhattan do que na Cambridgeshire semirrural.

Lá dentro estavam, no mínimo, 50 mulheres. Poe era o único homem, detalhe que lhe era lembrado sempre que alguém o olhava de lado.

Mal tinha falado com a sua superior. Flynn tinha-o cumprimentado à chegada, mas logo a seguir fora arrastada para longe por um rol de mulheres. Encontrava-se agora sentada num dos sofás de grandes dimensões da irmã, rodeada por elas. Ela parecia ainda mais zangada do que ele desolado.

Ele presenciou o momento em que uma das amigas estendeu a mão para lhe afagar a barriga.

— Para lá com isso! — gritou ela, afastando a mão.

Flynn não era uma grávida normal, se é que tal coisa existe. Ao invés de irradiar aquele brilho natural, a sua expressão estava fechada numa carranca. Usava *leggings* e t-shirts dos New York Dolls em vez dos vestidos maternais da *Laura Ashley* que Poe sabia terem sido comprados pela sua companheira, Zoe. E recusava-se terminantemente a gozar os dias da licença de maternidade a que tinha direito. O único indício de gravidez era a sua enorme barriga. Tudo o resto estava igual: o cabelo louro continuava apanhado num rabo de cavalo apertado, a sua maquilhagem era subtil e o telemóvel de trabalho nunca estava longe do seu ouvido.

Flynn lançou um olhar furioso à mulher que lhe tinha tocado.

— A próxima pessoa que me fizer festas na barriga leva um murro nas ventas.

A mulher sorriu com nervosismo, sem saber se Flynn estava a brincar ou não.

Poe sabia que não.

Porque apesar de Flynn querer fazer parecer que nada tinha mudado, a gravidez tinha-a alterado num pequeno aspeto. O seu estado atual brindara-a com um ligeiro desequilíbrio de cortisol, a hormona que faz com que o corpo entre naquele modo de alerta permanente de luta ou fuga.

E Flynn nunca virava as costas a uma luta. Todas as novas experiências e desafios tinham de ser vergados à sua vontade. Antes de engravidar, era uma chefe atenta e cordial. Agora, estava transformada numa louca irascível com linguajar de camionista. Se

dantes mantinha a calma mesmo perante o idiota mais irritante e intransigente com que a SCAS era obrigada a lidar ocasionalmente, agora dava largas à sua fúria se alguém se atrevia a teclar de forma demasiado ruidosa.

Poe achava aquilo hilariante, mesmo que nunca lho tivesse dito.

Havia trocado algumas palavras com Zoe um pouco antes, mas a verdade é que tinham pouco em comum. Zoe trabalhava na zona comercial e financeira de Londres como analista de preços do petróleo a nível mundial e ele trabalhava onde fosse preciso como analista de assassinos em série. Ela tinha um salário anual chorudo, ele... não. Não desgostavam um do outro, mas tinham um acordo tácito que estipulava que não deviam ter muito contacto um com o outro.

Poe olhou para Bradshaw e sorriu. Ela trazia o vestido que tinha comprado quando os dois compareceram numa gala de beneficência durante o primeiro caso em que trabalharam juntos — um mosaico de capas de livros de BD em miniatura. Tinha decidido mudar de penteado para celebrar a ocasião. Por norma, usava-o apanhado atrás com tranças; hoje, estava armado como uma nuvem de algodão doce, o que o fez pensar se ela se teria entregado aos cuidados de um profissional ou seguido um tutorial online. O mais certo era ter sido a segunda hipótese.

Bradshaw reparou que ele estava a olhar para ela e respondeu-lhe esticando os dois polegares. Nunca tinha estado num *baby shower*, mas estava a lidar com a situação com a sua combinação habitual de entusiasmo e pesquisa sobre o assunto.

Tinha gastado uma pequena fortuna em presentes — alguns deles, como o babygro do Homem-Aranha, eram engraçados e apropriados; outros, como a bomba de tirar leite elétrica dupla, não.

— É para poder tirar leite da forma mais eficiente possível, inspetora-chefe Stephanie Flynn — anunciou, diante de todas as convidadas.

Poe invejou o presente de Flynn. Não teria de o usar durante muito tempo, ao passo que sabia que a máquina de fazer massa topo de gama que Bradshaw lhe tinha oferecido como presente de Natal havia de o atormentar durante anos. Ele não gostava de

massa. Não lhe interessava que baixasse o seu colesterol, que fosse «uma porta aberta para uma gastronomia totalmente nova» ou que produzir a sua própria massa lhe permitisse poupar uns trocos.

Mas Bradshaw era assim mesmo.

Apesar de já ter entrado na casa dos 30, o cargo que tinha na Serious Crime Analysis Section era o seu primeiro emprego a sério. Embrenhada no mundo académico desde a adolescência, a tirar cursos e doutoramentos e, posteriormente, envolvida em projetos de investigação subsidiados por organizações, ela não tinha tempo nem disposição para desenvolver competências sociais.

A SCAS permitira-lhe dar o seu primeiro passo no mundo real e ela considerava a comunicação com alguém com um QI inferior a 150 um verdadeiro desafio. Era ingénua, literal e brutalmente sincera, mas apesar das suas preocupações iniciais, Poe sabia que ela tinha o potencial para ser a maior mais-valia da SCAS. Era especialista em matemática, mas era também tão inteligente que, quando se empenhava, era capaz de saber mais sobre qualquer assunto do que qualquer pessoa numa questão de horas. Detetava padrões num determinado conjunto de dados que escapavam aos computadores, criava soluções personalizadas para problemas aparentemente insolúveis num piscar de olhos, e era profundamente leal.

Apesar da máquina de fazer massa, ela e Poe eram os melhores amigos. Bradshaw atenuava a crispação de Poe e ele ajudava-a a encontrar o seu caminho no mundo exterior. Formavam uma dupla formidável, o que, tendo em conta os sarilhos em que volta e meia se viam envolvidos, convinha aos dois.

Jessica Flynn era uma mulher rica com amigos ricos, todos com bons cargos na zona comercial e financeira de Londres. Na década de 1990, pertenceriam ao grupo dos chamados *yuppies*. Tinham acolhido Bradshaw de braços abertos e, em menos de nada, ela já era o centro das atenções. Poe teria intervindo se pensasse que estavam a aproveitar-se da sua ingenuidade para fazer dela o bombo da festa, mas claramente não era o caso. Bradshaw era franca e sem segundas intenções — o oposto das pessoas com quem eles se davam, pessoas para quem a traição, a trapaça e a

mentira eram um estilo de vida. Ter uma conversa com alguém que dá respostas sinceras às perguntas que são feitas, e não escolhe aquela que mais vantagens táticas possa proporcionar, deve ter sido uma lufada de ar fresco para eles.

Poe admirou o apartamento de Jessica Flynn. Ocupava a totalidade do último andar e tinha janelas de grandes dimensões rasgadas nas quatro paredes, cada uma com pelo menos três metros de altura. Apesar de estar escuro lá fora, Poe percebeu que as janelas que abriam para o campo, e as que davam para o parque de estacionamento nas traseiras, tinham varandas de grandes dimensões. A varanda que dava para a frente da casa estava decorada com cadeiras e bancos em ferro forjado. Em cima de uma pequena mesa estava pousado um balde de gelo virado para baixo.

A decoração interior era pautada por paredes de tijolo exposto e mobiliário e acessórios de luxo. Não escapava a ninguém que Jessica era alpinista. Fotografias e recordações adornavam um dos cantos da casa. Uma prateleira decorada com curiosidades de montanhismo era a peça central da sua coleção. Em lugar de destaque, via-se uma antiga picareta de gelo pousada em cima de um belo pedestal em teca.

Na base, existia uma placa de latão. Ele percebeu que tinha algo gravado, mas estava demasiado longe para conseguir ler.

Aproximou-se casualmente do objeto.

Uma mulher juntou-se a ele.

— Vejo que a minha pequena obsessão não lhe passou despercebida — disse ela, esticando a mão. — Creio que ainda não fomos formalmente apresentados. Sou Jessica Flynn, a irmã da Steph.

Tinham sido apresentados ao início da noite, mas de forma rápida e mecânica.

Ela era alta e felina, ágil e graciosa nos movimentos. Tinha o cabelo louro de Flynn, apesar de o seu ser muito mais curto, possivelmente por causa do alpinismo. Poe tinha estado três anos nos Black Watch[2], por isso conhecia as dificuldades de manter a higiene pessoal no terreno — tudo o que pudesse ser feito para simplificar a tarefa não devia ser ignorado.

Estava bem vestida, mas sem os exageros dos outros convivas. Calças de ganga e uma camisola de caxemira. A única joia era um delicado fio de ouro.

Poe examinou as fotografias. Jessica aparecia na maioria delas. Cordas enroladas ao peito, uma série de mosquetões presos ao cinto e um sorriso rasgado no seu rosto bronzeado. Ele inclinou-se para uma fotografia e semicerrou os olhos. Reconheceu o local da escalada: um rochedo chamado Napes Needle, no Lake District. Era estreito e afilado como um míssil.

— Essa foi tirada há uns anos — comentou ela. — Foi depois disso, num bar em Keswick, que começámos a fazer planos para atacar a grande.

— Scafell Pike? — quis saber Poe. Scafell Pike era a montanha mais alta de Inglaterra, mas não precisaria de grandes planos de preparação. Num dia soalheiro, seria possível escalá-la de calções e ténis. Ela apontou para uma fotografia da montanha mais famosa do mundo. — O Evereste?

Jessica assentiu.

— O Evereste.

Poe deixou escapar um assobio.

— Impressionante. E perigoso.

Ela encolheu os ombros.

— Tudo é perigoso.

— Quando é que vai?

— Eles vão em maio, quando as correntes de jato não fustigam o cume a 160 quilómetros por hora.

— Eles?

— Com muita pena minha, não vou com eles.

— Ah... Mas porquê? Não parece ser mulher para virar costas a desafios difíceis.

— Infelizmente, fui diagnosticada com a doença de Addison.

— Não conheço.

— Sorte a sua. Trata-se de uma doença endócrina crónica. Significa que as minhas glândulas adrenais não produzem esteroides suficientes.

— Tem tratamento, certo?

— Sim. Terei de fazer medicação até ao fim dos meus dias, mas não afeta o meu tempo de vida.

Foi quando ele se apercebeu da situação.

— E padecer dessa doença é problemático para alguém que tenciona escalar o Everest?

— Hipobaropatia. A minha doença implicaria que os efeitos seriam agudizados, e tendo em conta que o cume do Everest fica situado a 8848 metros de altitude, a altitude de cruzeiro de um 747, o meu diagnóstico teria invalidado o seguro do grupo.

Ele apontou para a picareta e leu a inscrição gravada na base: «Piolet de Tenzing Norgay. Expedição ao Monte Everest. Maio de 1953.»

A picareta tinha um cabo de madeira e um design mais rudimentar do que aquelas que Poe via na miríade de lojas de alpinismo por todo o Lake District. A extremidade mais curta era larga e espalmada, como uma enxada; a mais longa era pontiaguda e curva. O cabo terminava num espigão de metal afilado.

— Mas a picareta que o sherpa Tenzing usou para chegar ao cume é um bom consolo — disse ele.

— Aquela que ele usou para chegar ao cume está num museu nepalês. Esta é uma réplica da picareta que ele usou para salvar a vida a Sir Edmund Hillary no início da expedição, quando este caiu numa fenda. Foi por isso que Hillary escolheu Norgay como parceiro de escalada quando se aventurou na expedição.

— Já pensou em comprar a verdadeira?

Jessica resfolegou.

— Não tenho dinheiro para isso, inspetor Poe. Artefactos desses custam centenas de milhares de libras.

Ele olhou em volta.

— Não parece passar necessidades. Esta casa não deve ser barata.

Ela explodiu numa gargalhada.

— O apartamento é do banco, inspetor Poe, eu só pago renda bonificada. É expectável que receba gente em casa e, como imagina, a banca de investimento vive da imagem.

— É esse o seu ramo, banca de investimento?

— Sim, e não é tão divertido quanto parece — disse ela, com um sorriso escarninho. — Acompanha-me?

Jessica abriu as portas duplas. Uma rajada de ar frio invadiu a sala. Ela saiu para a varanda. Poe seguiu-a.

Ela virou-se e apoiou-se no corrimão de vidro e metal da varanda.

— A Stephanie diz-me que tem estado adoentado.

— Deve ser um vírus — respondeu ele.

«Vírus» era um eufemismo. Tinha passado quase uma semana de cama. Os avós de *Charlie e a Fábrica de Chocolate* tinham passado menos tempo acamados. Começou como uma dor de cabeça, mas redundara numa tosse convulsa que lhe tinha deixado a garganta em carne viva. Achava que o pior já passara, mas não tinha sido fácil. Os vírus de inverno nunca são.

— Tenho ali um puro malte que cura tudo — anunciou Jessica. Entrou para a sala e reapareceu um minuto depois com dois copos largos de cristal com um líquido âmbar no interior.

Poe cheirou e bebeu um gole. O whisky parecia fogo e gelo. Encorpado, fumado e diferente de todas as bebidas alcoólicas que já tinha provado.

— O que faz aqui, inspetor Poe?

Ele sentiu-se tentado a responder: «A Tilly obrigou-me a vir», mas pareceu-lhe de mau tom. Optou por dizer a verdade.

— A Steph é uma grande amiga. Já passámos por muito juntos.

Jessica acenou com a cabeça, introspetiva.

— Preciso que me faça um favor. — Poe manteve-se em silêncio. A interpelação de Jessica não tinha sido casual. — Preciso que convença a minha irmã a desistir da carreira ridícula que ela escolheu.

— E porque faria tal coisa? — inquiriu Poe, ponderadamente.

— Dentro de cerca de um mês, ela vai ter um bebé. Terei um sobrinho ou uma sobrinha. Terá responsabilidades com as quais nunca teve de se preocupar. Ser agente da polícia é muito bonito quando se é novo e solteiro, mas ela vai deixar de estar em primeiro lugar. Há pessoas que vão passar a depender dela, e o vosso trabalho não é propício a tomadas de decisão ponderadas. Ela tem de deixar de brincar aos polícias e ladrões e voltar ao mundo real.

— Não é assim tão mau — contrapôs Poe. — Muito do nosso trabalho é feito à secretária.

Ela ergueu o sobrolho.

— Não é verdade que quase morreu queimado num incêndio no ano passado?

— Sim, mas...

— E não chegou a ser detido por homicídio, recentemente?

— Sim, mas isso foi um mal-entendido. O que aconteceu foi que um homem...

— Mas concorda que o vosso trabalho tem os seus... momentos escusadamente empolgantes?

Poe não sabia o que dizer. Era verdade que, nos últimos tempos, tinham tido alguns casos bichudos. Para ele, a culpa era de Bradshaw — ela estava constantemente a encontrar formas novas e inventivas de se aproximar dos maus da fita...

— Não lhe parece que é um tema que devia abordar com ela?

— A Stephanie não me dá ouvidos, inspetor Poe. Pelo menos, já não. Costumava beber as palavras da irmã mais velha, mas isso era dantes.

Porém, Poe já tinha deixado de a ouvir. Flynn estava a falar ao telemóvel, de cara fechada. Olhou na sua direção e acenou com a cabeça. Ele bebeu o resto do whisky de um trago, contorcendo-se à medida que o sentia a queimar-lhe a garganta.

— O dever está prestes a chamar — disse. — Desculpe.

— Vá lá — suspirou Jessica.

Quando Poe chegou junto dela, Flynn já estava a pegar no casaco.

Zoe aproximou-se do outro lado da sala.

— Steph, a tua ausência não vai passar despercebida — afirmou.

— Desculpa, Zoe. Infelizmente, temos de sair.

— Oh, não! — lamentou-se Bradshaw.

— Oh, não — disse Poe.

— Caramba! Estava a ver que não — murmurou Flynn.

Capítulo 3

— **A** nossa analista vai chegar esta tarde — anunciou Flynn ao grupo que se tinha reunido na sala de reuniões A de Carleton Hall, o edifício sede da polícia de Cúmbria, em Penrith. — Estávamos todos presentes num evento social ontem à noite e a Tilly teve de ir a Hampshire buscar os computadores. Eu e o inspetor Poe pudemos vir de imediato.

Poe tinha seguido de madrugada para Herdwick Croft, o seu refúgio em Shap Fell; Flynn tinha-se hospedado no Hotel & Spa North Lakes, que ficava nas proximidades. Eram 8 da manhã e aparentemente Poe não era a única pessoa que tinha passado grande parte da noite em claro. Estavam cerca de 40 pessoas na sala, um misto de agentes graduados fardados, inspetores e pessoal de apoio. O ambiente era soturno.

Flynn tinha-se sentado à frente. Poe permanecia de pé, ao fundo da sala, junto ao estandarte com os logótipos da Polícia e do Comissariado. Finda a reunião, as últimas filas de cadeiras seriam invertidas e a sala seria preparada para receber conferências de imprensa, a primeira das quais estava agendada para o final desse dia.

— Nós também temos computadores — comentou a superintendente Jo Nightingale.

— Mas não como os nossos — retorquiu Flynn. — Acredite em mim, a Tilly Bradshaw é uma mais-valia inestimável para esta investigação.

Nightingale assentiu, dando-se por satisfeita. Era uma mulher de expressão séria com 40 e poucos anos. Cabelo escuro curto, calças pretas e uma camisa branca. E uns olhos verdes capazes de rivalizar com as luzes dos semáforos na intensidade.

Poe ainda só tinha estado uma vez com Nightingale. Ela ocupara o cargo de superintendente quando Ian Gamble se reformou após o desfecho bem-sucedido do caso de Jared Keaton. Poe chegara uma tarde a Herdwick Croft e dera com ela à sua espera no exterior.

Ela apresentara-se e dissera que Gamble lhe tinha dito que Poe podia ser uma mais-valia se fosse bem usado. Levava consigo um processo. Um caso de homicídio. Após as cheias de 2015, quando a zona de Carlisle ficara inundada pela segunda vez numa década, veio a saber-se que muitos edifícios não estavam cobertos pelo seguro. As pessoas tiveram duas opções: pagar as reparações do seu bolso ou assumir a perda. Muitos escolheram esta última opção e o resultado foi a proliferação de edifícios abandonados por toda a cidade. Tinha sido descoberto um cadáver num desses edifícios.

Tratava-se de um homem que fora forçado a emigrar da Polónia por motivos económicos, e Nightingale tinha perguntado a Poe se a SCAS podia dar uma ajuda na investigação. Ele lera o processo enquanto ela aguardava e respondera:

«Vocês não precisam da nossa ajuda. Vão conseguir apanhar o assassino se mantiverem a estratégia de investigação que estão a seguir. Presumo que seja membro da comunidade polaca e que o mais certo seja já ter regressado ao seu país. Deve ter antecedentes por lá e as provas forenses que reuniram serão suficientes para que seja extraditado e condenado.»

Ela acenara com a cabeça.

Poe ficara com a impressão de que tinha acabado de passar num teste, de que ela tinha sentido a necessidade de ter a certeza de que Poe não tentaria criar um drama só para ter uma desculpa para sair de Hampshire. Pura perda de tempo — Poe vivia agora em Cúmbria a tempo inteiro. Após a conclusão do caso Jared Keaton, o inspetor-chefe Wardle, um homem com quem Poe tinha tido um desaguizado, decidira vingar-se dele. Ao perceber que as novas fronteiras do Lake District National Park incluíam Shap Fell, a charneca pré-histórica onde o chalé de Poe estava situado, ele tinha perguntado às autoridades locais, «unicamente na qualidade de cidadão preocupado», se Poe tinha tido autorização para converter o edifício de 200 anos numa moradia. Poe não tinha obtido tal

autorização, por isso emitiram uma notificação que o obrigava a reverter o chalé ao seu estado original.

Apesar de ter contestado o caso em tribunal, tinha havido uma reviravolta positiva. Sem querer, Wardle tinha-lhe feito um favor: o advogado de Poe dissera que seria útil se ele conseguisse provar que Herdwick Croft era a sua morada permanente.

Poe, que até há poucos anos teria sido capaz de viver até numa caixa de sapatos, tinha perguntado se podia trabalhar a partir de casa quando não estivessem a trabalhar no terreno. O diretor do Serviço de Informações Edward van Zyl havia concordado de imediato.

«Seja como for, você aqui mais parece um animal enjaulado, Poe», dissera-lhe ele. «O ar puro aclarou-lhe as ideias e conferiu-lhe uma maior perspicácia no desempenho das suas funções, e eu não quero que perca isso.»

— Quando terminarmos, enviarei vídeos e fotografias do local do crime ao pessoal da SCAS, mas será conveniente fazer um resumo da situação — disse Nightingale. — Alguns dos meus colegas estiveram fora, em casa de familiares no Natal, e não estão ao corrente. — Dedilhou o teclado do portátil e a fotografia de um edifício surgiu no ecrã de parede. — Este é o primeiro local do crime. São os escritórios da John Bull Haulage, em Carlisle. Na véspera de Natal, uma supervisora de carga chamada Barbara Willoughby abriu o seu presente de Natal do amigo secreto. Devia ter recebido uma caneca com um anel de noivado no interior, mas recebeu isto.

A fotografia do exterior do edifício deu lugar ao grande plano de um pedaço de alcatifa bege puída, igual a tantas outras que adornam os escritórios de norte a sul do país.

No centro, viam-se dois dedos.

Tinham sido cortados perto da base do metacarpo. Tudo indicava que tinham sido cortes limpos. As extremidades ensanguentadas encontravam-se coaguladas e secas, com algodão agarrado. Um dos

dedos ainda tinha um anel fino, quase de certeza a aliança de uma mulher.

A fotografia voltou a mudar, desta vez dando lugar a uma caneca.

Na parte de fora, a letras garrafais pretas, estava gravada a inscrição #BSC6.

— O que significa isso? — perguntou Flynn.

— Ninguém sabe — respondeu Nightingale. — Não encontramos qualquer referência online.

— Se estiver na Internet, a Tilly vai tratar de encontrar — disse Poe.

— Também não sabemos como é que a caneca foi parar debaixo da árvore de Natal — prosseguiu Nightingale. — Não era o presente que estava destinado à Barbara. E o papel de embrulho também é interessante.

A imagem do papel de embrulho apareceu no ecrã. Quatro folhas de papel. Rasgados e amarrotados por Barbara Willoughby quando esta abriu o seu presente e posteriormente alisados pelo CSI para poderem ser fotografados. Folhas A4, a julgar pela régua forense que estava ao lado. Cada uma continha um padrão com silhuetas de aves aquáticas a negro. Cisnes, ou possivelmente patos com o pescoço alongado. Nada mais. Nenhuma palavra ou mensagem.

— Estas folhas de papel A4 parecem ser personalizadas. Julgamos que foram impressas numa impressora portátil convencional. À exceção do símbolo do pássaro, não encontrámos nada de valor forense. Tenho inspetores a falar com os funcionários da John Bull, mas não acreditamos que alguém da empresa esteja envolvido.

— Como é que sabe? — perguntou Poe.

Nightingale não respondeu. Em vez disso, voltou a dedilhar no teclado do portátil. No ecrã surgiu o exterior de uma igreja. De construção em arenito vermelho, tinha janelas altas, em arco, adornadas com vitrais. Um pináculo altaneiro encimava uma imponente porta em carvalho maciço.

— O segundo local do crime: a igreja de Saint Luke, nos arredores de Barrow-in-Furness.

A fotografia mudou, sendo substituída por um grande plano da pia

batismal. O recipiente era feito em latão ou cobre e ornamentado com gravações de símbolos religiosos. No meio estavam depositados dois dedos.

Poe olhou fixamente para a imagem, gravando-a no cérebro. Sendo a sua primeira impressão, ele quis garantir que via a imagem tal como tinha sido intenção do assassino. O horror teria de ficar para outra altura.

Mais uma vez, era evidente que os dedos pertenciam a uma mulher. Uma das unhas tinha um *piercing* de ouro na ponta. Nightingale aumentou a imagem. O *piercing* tinha o formato de um ursinho de peluche. Poe pensou que os dedos pareciam mais jovens do que aqueles encontrados no outro local de crime.

A fotografia seguinte tinha sido tirada a um quadro de cânticos. Era feito em madeira de carvalho clara, com cinco fileiras onde eram inseridos os números dos cânticos escolhidos para serem entoados durante o serviço religioso. A fileira do meio continha uma folha de papel A4 dobrada onde estava escrito #BSC6.

— Também não sabemos como é que a folha foi ali parar. Os dedos não estavam ali durante a missa do galo. O encarregado encontrou-os às 6 da manhã quando foi ligar o aquecimento para o serviço religioso do dia de Natal. Não há indícios de arrombamento e só ele e o vigário é que têm as chaves.

Poe pôs a mão no ar.

— Inspetor Poe?

— Importa-se de mostrar todas as fotografias que tem do interior da igreja?

Nightingale assim fez. Eram várias fotografias.

Poe estudou-as ao pormenor. A igreja de Saint Luke era igual à maioria das igrejas que Poe já visitara. Um leitoril para a Bíblia à esquerda, um púlpito à direita e um altar ao centro. O chão em pedra parecia gasto e desnivelado. Castiçais ornamentados e caixas de ofertório ladeavam as duas fileiras de bancos em madeira de carvalho. Varões de cortinados em ferro forjado enquadravam a parte de trás da porta. Um par de cortinas pesadas recolhidas encontravam-se prontas a ser usadas como proteção contra correntes de ar assim que começasse o serviço religioso.

Poe avançou até à frente da sala.

— Entrar à socapa na madrugada do dia de Natal seria demasiado arriscado; quem anda na rua a essas horas é ladrão de certeza — explicou. — Qualquer polícia digno desse nome trataria de o interpelar. Mesmo que fosse apenas para quebrar a monotonia. Uma revista rápida para despistar quaisquer equipamentos de assalto e, em vez de uma chave de fendas ou pé de cabra, o polícia encontra dedos cortados. Não me parece. O nosso criminoso não faria tal coisa.

— O que está a dizer?

— A missa do galo é o único serviço religioso do ano ao qual comparecem pessoas que não são frequentadoras regulares. Creio que o criminoso assistiu à missa, escapuliu-se no final quando todos trocavam votos de feliz Natal e arranjou um sítio para se esconder. Estas igrejas têm recantos por toda a parte. O encarregado devia estar tão ansioso por ir para casa que duvido que tenha perdido tempo a passar revista à igreja. O mais certo é ter gritado lá para dentro que estava prestes a trancar a porta.

Nightingale concordou com um aceno. Poe reparou que havia mais quem assentisse.

— Faz ideia de como pode ter saído? — perguntou Nightingale.

Poe apontou para a porta da rua e para as cortinas pesadas que estavam amarradas.

— Não saiu. Bastou-lhe esperar até amanhecer e esconder-se atrás das cortinas até à chegada do encarregado para ligar o aquecimento. Tratando-se de uma tarefa rápida, duvido que ele tenha trancado a porta quando entrou. Além disso, estava demasiado escuro para ele ver o interior da pia batismal. O criminoso só teria de esperar até o encarregado chegar à parte de trás da igreja para sair pela porta da rua. — Nightingale olhou fixamente para ele. — Pelo menos, era isso que eu teria feito — acrescentou Poe.

— Quero que falem com quem esteve presente na missa do galo — anunciou Nightingale. — Com todos. Ainda hoje, se possível. Quero saber se esteve lá alguém desconhecido. Helen, trata disso?

— Com certeza — respondeu uma mulher de fato.

— Avisa-me se precisares de mais pessoas. Paul, o CSI ainda está de volta do local do crime, certo?

— Sim — respondeu um homem perto dela.

— Eles que analisem todos os recantos onde alguém pode ter estado escondido durante alguns minutos depois da missa do galo. É possível que ele tenha deixado para trás alguns indícios forenses.

— Vou já ligar para lá.

O agente do CSI saiu para fazer a chamada e Nightingale debruçou-se sobre o portátil.

O ecrã voltou a mudar.

— O último local do crime: Fiskin's Food Hall, em Whitehaven. Abrem durante uma hora no dia 26 de dezembro para realizar o sorteio de carne que costumam fazer nesse dia.

Tratava-se de um espaço que refletia aquilo em que muitos talhos à moda antiga foram obrigados a transformar-se. Havia ainda grandes cortes de carne pendurados em ganchos, pernas dianteiras e quadris vermelho-escuros marmoreados com gordura e sebo. Bifes, presuntos e bacon ainda estavam expostos sobre tapetes de relva artificial. Porém, também havia bancadas com pilhas altas de compotas, bolachas, azeites, vinagres balsâmicos e outros produtos que Poe considerava que não tinham lugar no seu tipo favorito de lojas. Havia inclusivamente um bar de saladas.

O ecrã voltou a mudar, desta feita para mostrar o balcão dos preparados de carne. Era um balcão de vidro cheio de fiambres fatiados, saladas *coleslaw* e tartes sofisticadas. Bem ao centro, aninhados entre os folhados de salsicha e a morcela fatiada, mais dois dedos. Estes eram rechonchudos e as unhas estavam roídas até ao sabugo. A amputação parecia ter sido menos clínica do que as anteriores. As extremidades dos ossos estavam lascadas, e a pele, rasgada e suja.

Poe achou que deviam ser dedos de homem.

O criminoso tinha afixado uma folha A4 dobrada, com a já conhecida inscrição #BSC6, a uma etiqueta de preço de plástico branco. A fotografia seguinte de Nightingale, que mostrava a folha A4 aberta e alisada junto a uma régua forense do CSI, podia muito

bem ser confundida com a que fora tirada na igreja — pareciam ser idênticas.

— O assassino foi apanhado pelas câmaras de vigilância da loja, mas tinha a cara tapada. Esperou até que o Mick Fiskin fizesse o sorteio, para passar casualmente para trás do balcão e colocar os dois dedos entre os preparados de carne. Descaradamente. No final, limitou-se a sair por entre a multidão. Só um quarto de hora mais tarde é que alguém reparou no que ele tinha feito. Temos gente a analisar as imagens de videovigilância em Whitehaven, mas são muito difusas. Não temos grandes esperanças. — Nightingale desligou o ecrã e todos os presentes recostaram-se nas suas cadeiras. — É óbvio que temos centenas de fotografias e que o CSI está a analisar os três locais do crime, mas estes são os pontos mais importantes. Alguma pergunta?

— Os dedos são de uma só pessoa ou de seis? — perguntou Flynn.

— Acreditamos que pertencem a três vítimas. Teremos a confirmação em breve, mas à primeira vista parecem formar pares. Temos quase a certeza de que pertencem a um homem e duas mulheres.

— Tem-se referido ao criminoso como «o nosso assassino» — disse Poe. — Presumo que não pense que se trata apenas de uma brincadeira de mau gosto.

Nightingale abanou a cabeça.

— O patologista determinou que um dos dedos de cada par tinha algo a que chamou «reação vital», que é o que acontece ao tecido vivo em caso de traumatismo. Inflamação, coagulação e uma série de químicos que não estariam presentes, se os dedos tivessem sido cortados após a morte da vítima. O outro dedo não revela indícios de reação vital, o que significa que foi cortado algum tempo após a morte.

— Partindo do princípio de que os dedos de cada par pertencem à mesma pessoa, este homem quer que saibamos que estamos na presença de homicídios — concluiu Poe. — Se os dedos tivessem sido cortados antes da morte, podiam muito bem ter sido roubados após um qualquer procedimento cirúrgico legítimo. Se tivessem sido

cortados após a morte, podíamos estar perante um aluno de Medicina ou outra pessoa qualquer que tivesse acesso a uma morgue ou casa funerária.

Nightingale assentiu.

— Foi isso que pensámos.

— Presumo que ainda não tenha encontrado ou identificado as vítimas.

— Não temos corpos nem identidades — confirmou Nightingale.

— Mais alguma pergunta?

Poe tinha várias perguntas, mas preferia esperar até ler primeiro o processo. Não levantou a mão.

— Muito bem. Peço ao pessoal da SCAS para ficar mais um pouco, os outros podem pôr mãos à obra.

Capítulo 4

— Posso fazer uma sugestão? — disse Poe, assim que a sala ficou vazia. Flynn também ficou para trás. — Quando encontrarmos um cadáver, há uma patologista na região nordeste a quem devia pedir para dar uma vista de olhos. Estelle Doyle. Cheira-me que vamos precisar da melhor, que é ela, acredite.

— Já ouvi falar da professora Doyle — comentou Nightingale. — Será que ela tem disponibilidade? E acha que ela pode examinar os seis dedos? O patologista que os examinou era um substituto.

— Vou ligar-lhe quando estivermos despachados daqui.

Estelle Doyle era a pessoa mais estranha que Poe conhecia, ainda mais do que Bradshaw. Ficaria muito admirado se ela fizesse algo tão prosaico como festejar o Natal. Uma missa negra talvez.

— Ótimo — rematou Nightingale.

E Flynn acrescentou:

— Gravar uma inscrição na parte de fora de uma caneca requer equipamento especializado. Estão a seguir essa pista?

— Estamos a falar com empresas que fazem impressões digitais, mas não estamos otimistas. Só em Cúmbria há 30 empresas que fazem esse trabalho, e se incluirmos as empresas nacionais onde é possível encomendar o serviço e as pessoas que compram *kits* para fazer isso em casa, esse número sobe para as centenas de milhares.

Era precisamente a ideia de Poe.

— As folhas A4 que ele deixa com os dedos são curiosas — disse Nightingale. — Quando as examinámos, o técnico determinou que tinha sido usada uma impressora diferente para o papel deixado em cada um dos locais do crime. Aparentemente, cada cartucho de tinta tem falhas tão singulares como impressões digitais.

— Isso é estranho — comentou Flynn.

— A menos que ele use impressoras de bibliotecas e cibercafés, certificando-se de que nunca volta ao mesmo sítio — sugeriu Poe.

— Talvez não seja má ideia analisar as imagens das câmaras de videovigilância.

— Já estamos a tratar disso — asseverou Nightingale.

Falaram sobre o assunto durante mais algum tempo. Era evidente que Nightingale tinha feito todas as diligências imediatamente após ser informada das ocorrências e que estava a levar a cabo uma investigação minuciosa. Tinha chegado cedo aos locais e garantido que as provas não haviam sido manipuladas, perdidas ou destruídas, que as testemunhas ainda não tinham desaparecido e que não tinha havido tempo para se criarem álibis falsos. A sua principal função era abrir linhas de investigação que pudessem ser seguidas pela sua equipa. Era uma responsabilidade que Poe sempre abominara — a decisão errada podia custar centenas de horas de trabalho de investigação —, no entanto sabia reconhecer quando alguém fazia um bom trabalho. Nightingale sabia o que estava a fazer.

— O que precisa que façamos? — perguntou Flynn.

— As grandes investigações movem-se ao ritmo da logística — respondeu Nightingale. — E é assim que deve ser. É assim que obtemos resultados. Porém, neste caso, julgo que seria aconselhável encetarmos paralelamente uma investigação independente e de menores dimensões. Pode ser reativa, talvez até proativa, de uma forma que a investigação principal não consegue ser. — Com isto, virou-se para Poe: — Seria errado dizer que um diagrama de Venn das pessoas que conhece e das pessoas com quem se incompatibilizou revelaria uma grande sobreposição?

Flynn resfolegou.

— Um diagrama de Venn das pessoas que o Poe conhece e das pessoas com quem se incompatibilizou revelaria dois círculos sobrepostos.

— Engraçadinha — ironizou Poe.

Nightingale sorriu.

— Não se preocupe, inspetor... Posso tratá-lo por Poe? Todos

parecem fazê-lo.

— Poe está ótimo.

— Alguém como o Poe, sem ligações à investigação, sem problemas em antagonizar a hierarquia política, pode ser inestimável. Se a inspetora-chefe Flynn não se importar, gostaria que a SCAS atuasse de forma independente. Vão responder diretamente a mim e, se precisarem de apoio, eu cá estarei para o providenciar.

— Por mim, sem problemas — respondeu Flynn. — E sei que o Poe também não se opõe. Antagonizar a hierarquia política é a sua especialidade.

Capítulo 5

— Poe, meu querido — disse Estelle Doyle. — Não me diga que encontrou azevinho online.

— Pois... não — respondeu Poe. — Por aqui não há azevinho... só mau tempo.

No mundo soturno da patologia forense, Estelle Doyle era — nas palavras de Bradshaw — um caso atípico. Até mesmo na morgue ela vestia-se com se estivesse num clube de sadomasoquismo. Cabelo preto e maquiagem ainda mais preta. Meias de rede e saltos agulha. Mais tatuagens do que David Beckham, batom mais vermelho do que sangue. Poe achava-a extraordinariamente bonita e assaz aterradora. Porém, não tinha rival à altura na sua especialidade e isso era o suficiente para ele continuar a visitá-la no seu covil.

A patologia era apenas parte da sua perícia. Nenhuma das disciplinas forenses tinha segredos para ela, que dividia o seu tempo entre a patologia forense, a ciência forense e as aulas.

E, fosse por que motivo fosse, ela tinha um fraquinho por ele. Poe não sabia porquê. Ela não disfarçava o seu desdém por agentes da autoridade, mas, no caso de Poe, fazia questão de se certificar de que ele percebia tudo o que ela lhe dizia. No início do ano, tinha-lhe dito que era por ele ser o eterno desfavorecido e ter qualidades à Frank Capra. Poe tinha tido receio de perguntar o que ela queria dizer com isso.

Doyle fez uma pausa e Poe esqueceu-se de preencher o silêncio.

— Estamos a 27 de dezembro, Poe. Decerto até mesmo um homem tão empedernido como você consegue encontrar companhia nesta quadra.

— Está a dizer que eu sou uma pedra?

— Esqueça, Poe — cortou ela. — O que deseja de mim?

Poe tinha a certeza de que ela tinha posto a questão naqueles termos só para o fazer corar, mesmo que estivessem a falar ao telefone.

— Tenho um dedo para si — respondeu.

— Não me diga — brincou ela.

— Muitos dedos. — Ele sabia que só se estava a enterrar ainda mais, mas por algum motivo, sempre que falava com ela, metia os pés pelas mãos.

— Você é mesmo uma caixinha de surpresas, Poe.

— Temos três locais de crime distintos — disse ele, recuperando alguma dignidade. — Encontraram um par de dedos em cada um dos locais.

— Da mesma vítima? — O seu tom era profissional.

— Não.

— Vim visitar uns amigos a Haltwhistle, por isso posso estar no Cumberland Infirmary daqui a 30 minutos. Quando acha que consegue entregar-me o material?

Poe olhou para o relógio. Se Nightingale estivesse de acordo, conseguiria tratar de tudo no espaço de uma hora. E foi isso que ele lhe disse.

— Então, até já — respondeu ela. — Você dá-me sempre os melhores presentes, Poe.

Ela desligou o telefone e Poe foi falar com Nightingale.

Capítulo 6

Há seis meses que Poe não via Estelle Doyle. Ela tinha sido uma ajuda inestimável no caso Jared Keaton. Tinha-lhes proporcionado a pista inicial e supervisionado a recolha de provas num dos locais de crime mais complexos que alguma vez foram examinados pelas autoridades.

Poe confiava nela. Era tão simples quanto isso. Ela fazia frente às altas patentes e interpretava as provas sem ceder a pressões. Não tinha qualquer interesse em seguir a narrativa que os responsáveis pela investigação queriam fazer passar para o público. Alguns inspetores preferiam lidar com patologistas mais maleáveis, mas Poe não era um deles.

— Detesto estes assassinos que gostam de fazer joguinhos — murmurou Poe a Flynn, enquanto desciam as escadas que desembocavam na morgue do Cumberland Infirmary, o principal hospital de Carlisle.

Flynn insistira em acompanhá-lo. Ainda não tinha dificuldades em se deslocar, mas já não faltava muito para chegar a esse ponto. Ingenuamente, ele tinha-lhe perguntado se ela não preferia esperar no carro.

— Não sou eu que estou doente, porra! — vociferara. Tinha optado por ignorar o elevador e descer de escadas só para provar que assim era. Por vezes, conseguia ser tão teimosa quanto ele. Quando finalmente chegou ao pé dela, Poe estava tão ofegante que mais parecia ter engolido um apito.

Flynn esboçou um sorriso de satisfação. Estava provado.

Os dedos tinham sido enviados de antemão e Nightingale havia acompanhado o pedido e confirmado a entrega.

Sendo 27 de dezembro, aquela secção do hospital estava

mergulhada no silêncio. Os seus passos ressoaram pelo corredor estéril.

A morgue ficava localizada ao fundo.

Poe bateu à porta e entrou.

Doyle estava debruçada sobre uma mesa de observação. À primeira vista, parecia vazia. Mas não era bem assim. Havia dois dedos num pequeno tabuleiro. Doyle estava de volta deles.

Endireitou-se quando os viu entrar.

Envergava uma bata de laboratório, o cabelo estava apanhado numa rede e usava óculos de proteção. O equipamento-padrão sempre que havia contacto entre metal e carne. Os seus olhos estavam realçados por *eyeliner* preto e o batom era carmesim. Poe não sabia se ela tinha sempre aquele aspeto, ou se era apenas quando estava a trabalhar, e por acaso se vestia como a Mary Poppins fora do horário de expediente, ou se o fazia apenas para o ver estremecer.

— Feliz Natal, Poe — disse ela, com uma voz rouca. Tinha voz de fumadora, apesar de Poe saber que nunca tinha tocado num cigarro. — Deus do Céu, está com péssimo aspeto.

— Estelle — cumprimentou-a. — É só uma constipação.

— Como queira — replicou ela. — Prazer em vê-la, inspetora-chefe Flynn. Em que alhada é que a meteu desta vez a versão cumbriana de C. Auguste Dupin?

— Tínhamos esperança de que nos elucidasse, Estelle — respondeu Flynn.

— Esta morgue é mais básica do que a minha e não me deram muito material para trabalhar. — Poe e Flynn fizeram um compasso de espera. — Pois bem, o que posso dizer-vos é o seguinte: não estamos perante objetos de estudos médicos porque não estão exangues. A análise dos grupos sanguíneos concluiu que pertencem a três vítimas diferentes e que a vossa tese inicial está correta: um dedo de cada par foi removido antes da morte, o outro após.

Até ver, o patologista substituto de Nightingale não tinha errado.

— Então, estamos perante três homicídios — constatou Flynn.

— Os factos são incontestáveis — redarguiu Doyle. — Cabe-vos

interpretá-los. Terei mais informações assim que receber os resultados da CL-EM.

Doyle tinha recorrido à cromatografia líquida acoplada à espectrometria de massa no último caso. Poe não compreendia os princípios científicos, no entanto sabia que o processo separava e analisava compostos bioquímicos, orgânicos e inorgânicos e que era considerada a melhor análise química existente. Se houvesse algo no dedo que não devesse estar lá, a CL-EM detetá-lo-ia.

— Posso ainda dizer-vos que, na minha opinião profissional, foram usados métodos de amputação diferentes em cada vítima. Um par de dedos foi removido de forma limpa e rápida. As lâminas tinham tamanhos diferentes e não se tocavam, por isso o mais certo foi ter sido usada uma tesoura de poda. Ou uma cisalha para ossos.

Poe não perguntou como é que ela sabia. Se dizia que tinha sido assim, tinha sido assim.

— O segundo par foi cortado de forma mais rudimentar. Encontrei pequenas partículas de tinta azul nos ferimentos. Vou enviá-las para análise para obter confirmação, mas desconfio que tenha usado uma serra. Provavelmente, uma serra de arco, visto que ele teria de agarrar no dedo com uma mão e serrar com a outra. Ao microscópio podemos ver claramente cicatrizes nas falanges proximais, os ossos entre o nó do dedo e a primeira articulação. Foram causadas pelos dentes da lâmina.

Poe franziu o sobrolho. Que estranho. Porquê usar uma serra se tinha uma cisalha para ossos?

— O terceiro par é o mais interessante — prosseguiu ela. — Trata-se do par de dedos masculinos, com os quais foi muito desleixado. Tenho quase a certeza de que o assassino partiu os dedos e depois usou uma tesoura normal para cortar a pele e os tendões. Lâminas rombas, a julgar pelas incisões.

— E a vítima estava viva durante a primeira amputação? — quis saber Poe.

— Possivelmente não estava consciente, mas estava viva.

— Hora do óbito?

Ela abanou o dedo como que a repreendê-lo.

— Repita a gracinha e terei de lhe dar umas palmadas, Poe.

Doyle nunca indicava a hora do óbito. Dizia que os patologistas que o faziam estavam simplesmente a dar palpites. Havia demasiadas variáveis relativamente à temperatura do fígado ou à lividez. Até mesmo a presença de insetos no cadáver podia induzir em erro. Sim, as moscas comportam-se de determinada maneira, mas o que os entomologistas forenses nunca admitem é que as moscas têm de estar presentes à partida.

— Mais alguma coisa? — contrapôs ele, antes que Flynn fizesse piadas sobre o comentário das palmadas.

Doyle aproximou-se do seu portátil, que se encontrava ligado. Eles seguiram-na. Ela abriu a imagem de um dedo e apontou para alguma cicatrização.

— Isto estava por baixo da aliança — explicou. — Ao princípio, pensei tratar-se de uma reação epidérmica antiga ao ouro, mas era demasiado inconsistente. Removi algumas camadas e encontrei isto.

Ela mostrou-lhes uma nova imagem. Poe inclinou-se para a frente e franziu o sobrolho.

— O que é isso?

— Ela mandou remover uma tatuagem — esclareceu Doyle.

As marcas eram ténues, mas visíveis. Três cicatrizes do tamanho de grãos de arroz estavam separadas por duas do tamanho de grãos de açúcar, numa sequência grande/pequena/grande/pequena/grande.

— Algum palpite? — perguntou Doyle.

— É uma data — respondeu Poe. — E se estava debaixo da aliança, o mais certo é ser a data do casamento.

Doyle anuiu.

— Concordo.

— E podemos recuperá-la?

— Não. Foi removida por um profissional com recurso a laser cosmético.

— Mas se ela mandou remover a data, porque é que ainda usava a aliança? — perguntou Poe.

Doyle manteve-se em silêncio.

Capítulo 7

Flynn pôs Nightingale em alta-voz assim que teve sinal para a informar da cicatriz que Estelle Doyle havia encontrado.

— Isso é um dado muito útil, inspetora-chefe Flynn — disse Nightingale. — Podemos usar isso como filtro de controlo quando divulgarmos o caso.

— O que quer que façamos? — perguntou Flynn.

— Estou concentrada na procura dos cadáveres. Quer passar pelo local do primeiro crime e ver se percebe como é que ele o fez?

Poe acenou na direção de Flynn. Era precisamente por aí que ele queria começar. Achava que sabia como o assassino tinha deixado os dedos na igreja e tinha sido apanhado pelas câmaras no Fiskin's Food Hall, mas ainda ninguém tinha percebido como conseguira pôr os dedos na caneca do amigo secreto da John Bull Haulage.

Craig Hodgkiss, o homem a quem trocaram o presente do amigo secreto, tinha saído em liberdade sob fiança. Havia sido acusado de perturbação da ordem pública após a sua detenção inicial, visto que os primeiros agentes a chegar ao local não tinham sabido o que mais fazer com ele. Estava obrigado a apresentar-se em Durrannahill, no edifício sede de Carlisle, todos os dias às 14 horas, e era lá que Poe e Flynn estavam à sua espera.

Foi encaminhado para uma das salas de interrogatório mais modernas, onde todos se sentaram.

Ele era um homem excessivamente preocupado com o seu aspeto. Gel no cabelo, bronzeado de solário, dentes branqueados e barba da moda.

— Presumo que tenha sido o único dos presentes a urinar-se pelas pernas abaixo — disse Poe.

Mais valia irritá-lo de imediato, fazê-lo esquecer qualquer guião que tivesse preparado de antemão. Hodgkiss retesou todos os músculos do corpo.

— Isso não é verdade!

Poe registou aquela informação útil. Atacar o seu ego era o caminho a seguir. Tinha falado com Nightingale antes de chegarem ali e concordava com a impressão geral que ela tinha dele: era um cretino, mas um cretino inofensivo.

— Mostra-lhe o vídeo, chefe — disse Poe.

Flynn abriu o portátil que tinha levado consigo e onde já estava um vídeo preparado. Ela pressionou *Play* e virou o ecrã para Hodgkiss.

Tinha sido gravado pela amiga de Barbara, Tiffany, e incluía o momento em que Barbara abriu o seu presente do amigo secreto, mas tinham também gravado um prólogo.

Estavam ambas na casa de banho da empresa. Tiffany estava a fazer uma entrevista simulada a Barbara. Provavelmente teria usado um *selfie stick*, uma vez que estavam ambas na imagem.

«Barbara Willoughby, hoje é o grande dia», começou Tiffany. «O grande Craig Hodgkiss escolheu-te para seres mulher dele. Daqui a uns minutos, vai pedir-te em casamento da forma mais romântica possível: um espetáculo baratucho à frente dos teus colegas de trabalho às custas do anel da tua falecida avó.»

Barbara acenou com a cabeça.

«Sou uma sortuda, Tiffany.»

Tiffany soltou uma gargalhada gutural.

«E vais estar recetiva a este gesto magnífico?»

«Bem, Tiffany, como sabes, pensei muito neste assunto e, tendo em conta as inúmeras vezes que ele me traiu, vou aceitá-lo de bom grado.»

«E queres deixar uma mensagem para o teu futuro marido?»

«Com certeza, Tiffany.»

«Tenho a certeza de que ele vai adorar. Eu vou.»

Barbara acalmou-se.

«Craig, ser pedida em casamento por ti é a maior honra da minha vida. Tenho alguma dificuldade em expressar os meus sentimentos,

por isso peço desculpa se esta resposta é mais curta e mais direta do que eu teria preferido. Em resposta ao teu pedido iminente, gostaria de dizer o seguinte...»

Então, fez uma pausa quando ela e Tiffany levantaram os dedos do meio para a câmara, gritando em uníssono:

«Vai-te foder, traidor de merda!»

— Já percebi! — gritou Hodgkiss.

— Espere, esta é a minha parte preferida — disse Poe.

Barbara prosseguiu.

«Craig, minha ameba de picha mole, preferia cagar nas duas mãos e bater palmas a voltar a ver a tua cara de mariconço. Entreguei as roupas que deixaste em minha casa a uma associação da terceira idade, o teu *iPad* foi para uma associação de ajuda às crianças e entreguei a chave que me deste do teu apartamento a três sem-abrigo. Acho que estão lá agora.»

«Sentes-te melhor?», perguntou Tiffany.

«Sou uma mulher nova», respondeu Barbara. Voltou a olhar para a câmara. «Ah, só mais uma coisa: se não me devolveres o anel da minha avó, denuncio-te à polícia.»

Flynn fez pausa nas imagens. Hodgkiss parecia estar prestes a vomitar.

— Quem... quem é que viu isto?

— Eu, aqui a minha superior e a maioria dos inspetores — respondeu Poe.

— Nenhum dos meus colegas de trabalho?

Poe encolheu os ombros.

— Não sei. Não sou grande adepto das redes sociais.

Flynn virou o portátil para si e abriu outro separador. A página do *Facebook* já estava aberta. O vídeo tinha sido publicado na página de Tiffany. Tinha como título «A ascensão e queda de Craig Hodgkiss». Fora publicado antes de Barbara abrir o presente.

— Diga-me você — disse Poe. — O que significam todos estes «gostos» e comentários?

Hodgkiss desatou a chorar.

— Ela... ela não pode fazer isso!

— Pode, sim, e não há volta a dar.

Flynn voltou a pressionar *Play*. Desta feita eram imagens da troca de prendas. Tiffany tinha gravado Barbara a abrir o presente, a segurar na caneca sem olhar lá para dentro e depois a virá-la ao contrário. Os gritos começaram de imediato. Tiffany tinha acompanhado os dedos até ao chão, supostamente porque pensaria tratar-se do anel. Fixou a imagem durante alguns segundos e depois apontou-a para o sítio onde Hodgkiss estava sentado.

Os seus olhos estavam arregalados com o choque. As suas calças de ganga claras começaram a ficar mais escuras na zona da virilha.

«Não acredito nisto, ele voltou a mijar-se todo», disse Tiffany para a câmara.

Flynn fez pausa no vídeo.

— Creio que já vimos o suficiente.

— Estou em crer que foi o seu presente que ela abriu — disse Poe.

Hodgkiss fixava horrorizado a imagem em pausa.

— Sr. Hodgkiss, teve alguma coisa que ver com isto?

— O quê? Não, é claro que não — respondeu. — O que aquelas duas cabras fizeram é legal? Se não for, quero apresentar queixa.

— Cresça e apareça — admoestou Poe. — Foram mazinhas consigo, nada mais. Desconfio que merecia muito mais pelo que fez.

— Mas... elas deram cabo da minha vida. Agora, quem é que vai querer ir para a cama comigo?

Poe deu um murro na mesa. Hodgkiss deu um salto.

— Chega! — vociferou. — Pode lamuriar-se longe daqui.

— Se não era este o seu presente, Sr. Hodgkiss, onde está o outro? — perguntou Flynn. O seu tom de voz era mais moderado, mais contido. Mais compassivo. Tal como tinham combinado antes de entrarem na sala. O esquema do polícia bom/polícia mau era um cliché, mas por vezes tinha a sua utilidade.

— Não... não sei — respondeu ele, com a testa franzida. — A propósito, onde está a minha caneca? Ainda tem o anel da Barbara lá dentro.

— O anel que roubou? — perguntou Poe.

Hodgkiss acenou com a cabeça e percebeu o que tinha feito.

— Era a única maneira de lhe conseguir dar um bom anel de noivado.

Flynn selecionou um ficheiro no portátil e mostrou a Hodgkiss algumas fotografias tiradas pelos técnicos do CSI. A primeira era do papel de embrulho da caneca #BSC6, as quatro folhas A4 com o padrão das aves.

— Usou folhas com o padrão de aves para embrulhar a caneca de Barbara? — inquiriu Flynn.

Era uma pergunta importante que ainda ninguém tinha feito. Se Hodgkiss tivesse usado o mesmo padrão, significava que tinha sido escolhido. E, tendo em conta que a maioria das canecas são empacotadas em caixas de esferovite de tamanho sensivelmente idêntico, se o assassino soubesse que papel Hodgkiss tencionava usar, podia ter trocado os embrulhos em qualquer lado e tê-lo usado como estafeta involuntário. Não teria tido necessidade de se aproximar dos escritórios da John Bull Haulage.

Por outro lado, se não tivesse usado o mesmo padrão das aves, o assassino teria sido obrigado a correr o risco de entrar na sucursal da John Bull Haulage em Carlisle. Teria escolhido a caneca de Hodgkiss ao acaso, copiado o nome de Barbara para a etiqueta do seu embrulho, colocado a caneca debaixo da árvore e saído dali com o presente original de Hodgkiss.

Hodgkiss abanou a cabeça.

— Esse não é o meu papel de embrulho.

— Tem a certeza? — insistiu Flynn.

Ele acenou com a cabeça.

— Absoluta. Comprei o meu na Celebrations, em Bank Street. Tinha bonecos de neve.

Portanto... o assassino tinha estado presente nos três locais do crime.

Capítulo 8

Poe e Flynn combinaram encontrar-se com Barbara Willoughby em sua casa. Ela morava num apartamento no centro de Carlisle. Tiffany também estaria presente. Barbara abriu a porta de pijama, robe e chinelos felpudos. Não usava maquilhagem e o cabelo estava molhado e penteado para trás.

Tiffany chegou pouco depois. As duas mulheres abraçaram-se. Só trabalhavam juntas há alguns meses, mas eram amigas desde os tempos de escola.

— Esta situação não é fácil — disse Poe, quando se sentaram.

— É mais difícil para ele — contrapôs Tiffany. Poe assentiu.

— Sem dúvida.

— Falaram com ele?

— Falámos.

— Como é que ele está? — perguntou Barbara. Ao que Tiffany respondeu:

— Estás a gozar?

— Não lhe quero mal, Tiff. Ele é um homem muito fútil e a vida dele já era uma merda antes disto. Não quero chegar um dia ao trabalho e descobrir que ele se enforcou.

— Não me faria grande moça...

— Ele não morre desta — cortou Flynn. — A acusação de perturbação da ordem pública foi retirada e, a menos que denuncie o roubo do anel da sua avó, o papel dele neste caso chegou ao fim.

— Ao que parece, foi derretido por um joalheiro — disse Barbara.
— Não vou fazer queixa.

— Ele disse-nos que o papel de embrulho do presente que abriu era diferente do que ele tinha comprado — continuou Flynn. — Isso significa que o seu presente foi escolhido de forma aleatória. Quem

fez isto deve ter entrado à socapa no vosso escritório e trocado a caneca do Craig pela sua.

Barbara abanou a cabeça.

— Sou mesmo uma azarada de primeira.

Tiffany franziu o sobrolho.

— Duvido que ele tenha entrado à socapa. O complexo industrial inclui armazéns e empresas de elevado valor e a segurança é apertada durante a noite. Cães, postos de segurança móveis e fixos, tudo. Sei isso porque pagamos uma percentagem das despesas com a segurança, e sou eu que trato das faturas.

— É verdade — assegurou Barbara.

— E apesar de o escritório estar aberto das 8 às 18 horas, o pessoal que trata dos transportes não tem o mesmo horário de expediente — acrescentou Tiffany. — O armazém está aberto as 24 horas do dia. Arrombar o escritório seria praticamente impossível.

— É possível que alguém tenha entrado discretamente durante o dia? — perguntou Poe.

Barbara e Tiffany consideraram essa hipótese.

— Provavelmente — respondeu Tiffany. — Não temos muito dinheiro em caixa e tudo o resto é material logístico para os rapazes do armazém. Registos de tacógrafo, manifestos de carga, faturas e afins. Nada de valor, por isso não temos medidas de segurança muito rígidas durante o dia.

— Como é que ele entraria no escritório?

— Teria de dar entrada na receção, mas não seria acompanhado até ao escritório.

— Alguém repararia se um estranho andasse a rondar a árvore de Natal? — perguntou Poe.

— Sem dúvida — disse Tiffany.

Ele ponderou durante um minuto.

— Então, deve ter-se escondido à vista de todos.

*

O complexo industrial de Newtown Road ficava a cinco minutos

de carro do apartamento. Ao invés de obrigar Barbara a vestir-se, Tiffany ofereceu-se para os levar até lá. O pessoal do CSI já tinha terminado as suas diligências no escritório.

Tiffany deu-lhes passagem.

— Por ali chegamos ao armazém — disse, apontando para uma porta de metal sólida. — Nós trabalhamos aqui em cima.

Ela encaminhou-os pelas escadas. Os escritórios da John Bull Haulage eram perfeitamente genéricos. Um escritório principal em forma de caixa com pequenas salas individuais ao fundo. Tiffany levou-os até uma árvore de Natal artificial e raquítica. Não tinha nada por baixo — Nightingale e a equipa tinham confiscado todos os presentes por abrir.

— Descreva-me a localização de todos: onde estavam sentados — pediu Poe.

Então, Tiffany fê-lo. Pediu a Poe para fazer de Hodgkiss, a Flynn para fazer de Barbara e ela fez de si mesma. Não tinha o seu telemóvel, que tinha sido confiscado como prova, por isso usou um agraphador. Estavam sentados em semicírculo. Ela levantou-se e contou-lhes como tudo se tinha passado.

— Eu fui alternando entre a cara do idiota e a cara da Barbara. Queria apanhar a parte em que ela o mandava à merda, mas queria acima de tudo apanhar a expressão dele. Gravei-a a abrir o presente, a reação dele quando ela virou a caneca e ainda os dedos a cair.

Flynn verificou no seu portátil se o vídeo de Tiffany correspondia ao que ela tinha dito. Correspondia. Poe recostou-se e olhou em volta, à procura de algo que saltasse à vista.

Viu-o de imediato.

Percebeu também que tinha escapado a todos os outros.

— O que é aquilo? — disse, apontando para uma cadeira longe da árvore. Estava coberta por livros baratos e brinquedos ainda mais baratos.

— Aquilo são as coisas do homem das encomendas — respondeu Tiffany. — De vez em quando, aparecem aí uns vendedores que deixam amostras de material com grandes descontos para nós encomendarmos.

Poe sabia ao que ela se referia. O escritório da SCAS sofria do mesmo mal. Havia sempre uma mesa ou uma cadeira atulhada de tralha. A versão moderna do caixeiro-viajante aparecia de vez em quando com um mostruário de tretas sem valor, deixava-as num sítio específico, entregava uma nota de encomenda e voltava uma semana depois para recolher o dinheiro e deixar o que as pessoas tinham comprado.

Retirou umas luvas de borracha do bolso e pegou na nota de encomenda. Havia alguns nomes escritos na folha e um envelope agrafado atrás. Poe sentiu o peso das moedas.

— O que é isso, Poe? — perguntou Flynn.

Ele levantou o envelope.

— O que há de errado aqui?

Ela franziu o sobrolho. Conhecia-o há tempo suficiente para saber que ele tinha encontrado alguma coisa. Sabia também que ele lhe daria a oportunidade de fazer a ligação.

Tiffany chegou lá primeiro.

— Que espécie de homem das encomendas faz entregas depois do Natal?

— Exatamente. — Abanou a cabeça perante tamanha audácia. — Quem é este tipo?

Nightingale confirmou que a empresa para a qual o homem das encomendas trabalhava não existia. Tudo indicava que ele tinha comprado alguns livros numa loja com descontos, criado uma nota de encomenda e entrado nos escritórios da John Bull Haulage sem entraves. Os homens das encomendas entravam onde queriam na época de Natal. É possível que tivesse tentado entrar noutras empresas antes de encontrar uma com fácil acesso a uma árvore de Natal que tivesse pelo menos um embrulho com o formato de uma caneca.

Nightingale destacou dois inspetores para seguirem essa pista, os restantes voltaram a falar com todos aqueles que tinham estado no escritório no dia em que o falso homem das encomendas passara para deixar o material.

Poe não tinha grandes esperanças. As testemunhas oculares nunca eram fidedignas. A atenção é fugaz, e a memória, curta e sugestionável. E mesmo que alguém se lembrasse dele, a verdade é que o cérebro não está equipado para passar de uma imagem retida pela mente para uma descrição verbal precisa.

Capítulo 9

A seguir, Poe quis dar uma vista de olhos ao Fiskin's Food Hall. Não contava encontrar nada de novo, mas não queria ficar parado. Tinham acabado de passar por Cockermouth quando o telemóvel de Flynn deu sinal.

Era Bradshaw.

— Já chegaste? Preciso que... O quê? Não, o bebé está ótimo, Tilly. Não precisas de te preocupar. Como estava a dizer... Sim, o Poe também está ótimo.

Poe escolheu aquele preciso momento para começar a tossir. Flynn olhou para ele.

— Bem, está mais ou menos. — Fez uma pausa para suspirar e revirar os olhos. — Não, não sei se comeu fruta hoje, pergunta-lhe.

Nova pausa.

— Não, não lhe passo o telemóvel, ele está a conduzir. Perguntas-lhe mais logo.

Poe assoou-se e conteve um sorriso.

— Está bem, faz isso — disse Flynn. — Vamos para Whitehaven para examinar o local do crime.

Nova pausa.

— Dá entrada no hotel North Lakes e reserva uma pequena sala de reuniões onde possamos trabalhar... Sim, só nós os três... Sim, vamos precisar de chá e café... Se quiseres que ele coma alguma coisa, então pede ... Faz o que achares melhor, Tilly. Sabes do que precisamos.

Flynn ouviu durante mais algum tempo e disse:

— Certo, até breve.

— Ela está bem? — perguntou Poe.

— Sim. Vai pôr-se a par de tudo e reservar uma sala onde

possamos reunir-nos.

— Ótimo.

— E vai pedir fruta para ti.

Poe conhecia e gostava de Whitehaven, uma cidade costeira de grandes dimensões situada na zona ocidental de Cúmbria. Fora a última cidade a ser atacada pelas forças navais americanas durante a Guerra da Independência. O seu porto fora em tempos o centro do comércio de rum britânico. Era uma cidade pitoresca, pautada por edifícios georgianos, onde o assassino em série Derrick Bird semeara o pânico, em 2010.

Era ali que se encontrava o verdadeiro espírito de Cúmbria. Homens duros e diretos, mulheres práticas e impassíveis. Um local onde os problemas eram resolvidos com punhos e não com advogados, e o râguebi era mais importante do que o futebol.

O Fiskin's Food Hall ficava perto da rodoviária, na zona portuária da cidade. Poe estacionou o carro e ambos saíram. A brisa marítima gelada assolou-os de imediato. Uma traineira devia ter aportado há pouco tempo, porque ele sentia o cheiro a peixe. Estava a recomçar a nevar e Poe não queria ficar por ali. Whitehaven ficava situada numa enseada natural e, com o mau tempo, passível de ficar isolada. Ele tinha uma máxima: se nevava algures na Cúmbria, então também nevava em Shap Fell, e Poe queria passar a noite em casa. Estavam prestes a entrar quando o telemóvel de Flynn tocou.

— Muito bem, vamos já para lá — disse, depois de alguns segundos em silêncio. Guardou o telemóvel no bolso. — Era a Nightingale. Temos de nos dirigir à esquadra de Whitehaven para participarmos numa videoconferência. Sabes onde fica?

— Sei. Podemos ir a pé? Fica a cinco minutos daqui.

Ela anuiu.

— Qual é o motivo da videoconferência? — perguntou.

— A Estelle Doyle encontrou alguma coisa.

Capítulo 10

— Muito bem, professora Doyle — disse Nightingale —, todos os que precisam de ouvir isto estão neste momento algures diante de um ecrã de computador. Poe e Flynn viram Doyle acenar com as falhas na transmissão habituais em todas as videoconferências. Por todo o país, havia polícias a assistir ao mesmo.

— Sei que estão todos muito ocupados, por isso vou direito ao assunto — começou Doyle. — Encontrei uma anomalia: as duas vítimas do sexo feminino tinham vestígios minúsculos de midazolam no sangue.

— Pode explicar-nos do que se trata? — pediu Nightingale.

— É uma benzodiazepina normalmente usada para induzir uma anestesia geral.

— Estavam a dormir quando os dedos foram cortados? — perguntou Nightingale, incrédula.

Doyle abanou a cabeça.

— De modo nenhum. A quantidade que encontrei indica que o efeito já tinha passado quase por completo. Fosse qual fosse o motivo da anestesia, não teve nada que ver com a remoção dos dedos.

— Mas que raio se passa aqui? — perguntou Nightingale, assim que Estelle Doyle saiu da videoconferência. — Porque é que ele anestesiou as vítimas do sexo feminino? O que lhes faz enquanto estão adormecidas? E porque espera que acordem para as mutilar? — Fez uma pausa. — Não são perguntas retóricas! — explodiu.

— Será sádico? — aventou alguém.

— Isso só explica a parte da mutilação — contrapôs Nightingale.

— Vá lá, gente, precisamos de ideias. — À exceção da ventoinha do

portátil, o silêncio era absoluto. — Alguma ideia? — insistiu. Novo silêncio. — E o #BSC6? Fizemos avanços em relação ao significado?

Poe contava apenas com mais silêncio porque não sabia que Bradshaw tinha acabado de se juntar à videoconferência.

— Tudo indica tratar-se de um *hashtag* de redes sociais, superintendente Jo Nightingale — disse ela —, mas se for esse o caso, é *sui generis*.

Poe não lhe viu o rosto — quando Doyle saiu da videoconferência, o ecrã de computador devolveu-lhes a imagem de Nightingale —, mas teria reconhecido a voz dela em qualquer lugar.

— Quem está a falar? — perguntou Nightingale.

— Matilda Bradshaw — respondeu ela. — Trabalho com o inspetor Washington Poe e com a inspetora-chefe Stephanie Flynn da National Crime Agency.

— Ah, é a analista. Escusa de ser tão formal, Matilda.

— Entendido, superintendente Jo Nightingale. — Esta revirou os olhos.

— Diga-nos o que descobriu, Matilda.

— Prefiro que me tratem por Tilly.

— Diga-nos o que descobriu, Tilly. O que quer dizer com *sui generis*?

— Os *hashtags* são usados nas redes sociais para chamar a atenção para uma mensagem ou palavra-chave, ou para facilitar que a mesma seja encontrada. Fiz uma pesquisa e não encontrei nada nas principais plataformas. Por conseguinte, é *sui generis*. Único. Ímpar.

— Talvez a nossa High-Tech Forensic Crime Unit[3] tenha mais sorte.

— Não terá.

— Se a Tilly não encontra, é porque não pode ser encontrado — afirmou Poe. — Vai habituar-se a ela, e vai dar graças por tê-lo feito.

— Muito bem. Voltaremos a este assunto mais tarde — replicou Nightingale. — Poe, pegou no fio à meada mais depressa do que qualquer um de nós, deve ter uma teoria.

— Ainda não consigo ligar os pontos. Só tenho perguntas.

— Venham elas.

— A Estelle Doyle acredita que ele usou uma cisalha para ossos para cortar um par de dedos. Porém, usou uma serra e uma tesoura nos outros dois pares. Porquê? — Ninguém disse nada. — E quem são as vítimas? É Natal, alguém há de ter dado pela falta delas. Porque é que ainda não foram dadas como desaparecidas?

— Já pedi a todas as esquadras das regiões noroeste, nordeste e sul da Escócia para me informarem assim que alguém denunciar o desaparecimento de um ente querido — disse Nightingale. — E não quero que ninguém perca tempo com aquela história de ter de esperar 24 horas até a pessoa ser dada como desaparecida. Para já, creio que temos de nos concentrar...

A porta da sala de reuniões A abriu-se de rompante para dar entrada a um dos inspetores de Nightingale. Estava sem fôlego.

— Superintendente — disse —, obtivemos uma correspondência de ADN de uma das vítimas.

Capítulo 11

A vítima chamava-se Howard Teasdale e vivia no último andar de uma moradia na zona alta de Whitehaven. Como já estavam na cidade de visita ao Fiskin's Food Hall, Poe e Flynn chegaram à morada de Teasdale ao mesmo tempo que o departamento de investigação criminal de Whitehaven. Nightingale estava a caminho de Carleton Hall com as sirenes ligadas, mas ainda demoraria uma hora a chegar.

— Não posso deixar-vos passar — disse o agente que estava de guarda ao cordão policial exterior. — Trata-se de um local de crime ativo e ainda estamos a salvaguardá-lo.

— Foi o primeiro a chegar? — inquiriu Poe.

— O segundo.

— O que pode dizer-nos?

— Que ele está lá dentro e que não é bonito de se ver.

Poe teria gostado de fazer mais algumas perguntas. Não raras vezes, os primeiros agentes a chegar ao local viam, cheiravam ou apercebiam-se de determinados pormenores que já tinham desaparecido por altura da chegada do CSI e do departamento de investigação criminal.

Porém, a máquina que constituía a investigação de um homicídio em larga escala começava a ser montada e, não tardaria, eles estariam a bloquear caminho. Poe e Flynn desceram alguns metros pela rua e sentaram-se num pequeno muro de jardim, depois de terem o cuidado de limpar a neve. Tinha uma boa vista para o porto mais abaixo.

Barcos à vela e traineiras de pesca balançavam e rangiam nas águas, puxando os cabos de amarração. Alguns portos são roubados à terra pelo homem, que abre, draga e aprofunda grandes

canais sempre que necessário. Não era esse o caso particular de Whitehaven, cujo porto era de formação natural. Antes de portos com capacidade para navios de maior calado começarem a dominar as principais rotas comerciais, tais como os de Liverpool e Bristol, Whitehaven era considerado um dos portos mais importantes de todo o país. Tinha sido alvo de renovação no âmbito dos investimentos do milénio e era verdadeiramente belo. Mesmo em dezembro, por toda a parte havia pessoas sentadas em bancos a beber café e a comer batatas fritas.

Gaivotas do tamanho de galinhas pairavam por cima deles, rasgos de branco contra um céu escuro, precipitando-se ocasionalmente sobre os mais incautos para lhes roubarem a comida. Apesar de poderem ser uma ameaça, Poe gostava de gaivotas. Sem o seu grasnar e gritaria, a atmosfera do porto seria silenciosa, à semelhança do que acontecera em Fells quando, em 2001, a crise da febre aftosa dizimara os rebanhos de ovelhas.

— Anda, vamos beber uma cerveja — disse Flynn. — As minhas hemorroidas não se dão bem com este muro.

Uma hora depois, Nightingale telefonou-lhes a dizer que a vistoria por vídeo do local do crime e a estratégia de recolha de provas por parte do responsável pelo local estavam terminadas. Eles já podiam entrar.

— O que sabemos? — perguntou Flynn quando chegaram, ambos sem fôlego. O caminho que ligava o porto à moradia era íngreme.

— Aquilo ali dentro é um pouco diferente — respondeu. — Ele chama-se Howard Teasdale, e era um web designer freelancer.

— Porque é que o seu ADN constava na base de dados? — perguntou Poe.

— No início do ano, foi acusado de produção e distribuição de pornografia infantil. Foi condenado a 24 meses de pena suspensa, obrigado a frequentar uma ação de formação para agressores sexuais e proibido de aceder à Internet por motivos que não fossem estritamente de âmbito profissional.

Poe acenou com a cabeça. As ações de prevenção destinadas a agressores sexuais eram instrumentos comumente usados para punir tarados. Não percebia muito de web design, mas sabia que era um trabalho que não dispensava a Internet.

— Acha que estamos na presença de um justiceiro?

Nightingale encolheu os ombros.

— Não descarto nenhuma hipótese.

Os técnicos do CSI tinham espalhado pelo chão placas com vista a prevenir a contaminação. Eram placas transparentes com veios antiderrapantes. As ventosas em borracha que assentavam no chão seriam recolhidas como provas quando o CSI desse por concluído o seu trabalho.

Poe não teve pressa e seguiu Nightingale até à sala de jantar de Teasdale. Flynn seguiu atrás dos dois. Ele ficou verdadeiramente surpreendido. Uma coisa era insistir que estava apta a trabalhar quando se encontrava em fim de tempo para provar que tinha razão, outra coisa era cair de uma daquelas placas porque não conseguia simplesmente manter o equilíbrio.

— Percebem porque é que eu disse que isto aqui é ligeiramente diferente? — perguntou Nightingale.

Poe percebeu.

Teasdale tinha sido amarrado a uma cadeira de madeira com abraçadeiras de plástico. Era um homem obeso — daqueles que podiam usar um soutien de desporto — e as abraçadeiras tinham-se cravado nos seus pulsos e tornozelos carnudos. Uma das suas mãos estava cerrada num punho, como que expondo as dores lancinantes aquando da sua morte. A outra estava aberta. Faltavam-lhe dois dedos.

A boca estava semifechada; os lábios, cobertos por úlceras reluzentes. A t-shirt estava manchada de vermelho. Uma tesoura de cozinha ensanguentada jazia no seu colo. Poe não ficou surpreendido ao perceber que Doyle tinha acertado no método da amputação.

Flynn fez sinal de que ia vomitar. Correu para o exterior antes que

pudesse contaminar o local.

— Mulheres... — riu-se um dos técnicos do CSI.

— É uma indigestão crónica relacionada com a gravidez — retorquiu Poe. — E se vir a sua cara daqui a 10 segundos, pode contar com um murro nas ventas.

— Perdão?

— Ouviu bem.

Nightingale sondou a expressão de Poe.

— Se fosse a si, não me demorava por aqui, Andrews — disse-lhe. — Peça desculpa à inspetora-chefe Flynn quando sair e depois siga para Carleton Hall e fique lá à minha espera.

Assim que o técnico do CSI saiu, Poe disse:

— Não vejo o ferimento que causou a morte.

Nightingale levantou cuidadosamente a cabeça de Teasdale e mostrou-lhe uma lesão fina de estrangulamento à volta do pescoço. Tinha rasgado a pele, daí a t-shirt manchada de sangue.

— Ao que tudo indica, ele foi estrangulado.

— Garroteado, melhor dizendo — grunhiu Poe.

— Acha que sim?

— A Estelle Doyle vai conseguir confirmar.

Poe perscrutou o minúsculo apartamento de Teasdale à procura de inconsistências. Estava repleto de vestígios de uma vida solitária. Caixas de takeaway e pizzas, assim como latas de bebidas energéticas vazias encontravam-se amontoadas em cima do balcão da cozinha. Canecas com bolor no fundo tinham sido abandonadas no lava-louças. O caixote do lixo transbordava e o cheiro era nauseabundo. O resguardo em azulejo por trás do fogão estava coberto de gordura.

As únicas coisas a que Teasdale parecia dar valor era aos seus jogos de vídeo, que eram às centenas. Estavam meticulosamente alinhados em duas estantes. Uma terceira estante guardava os seus comandos. Poe procurou as consolas e depressa deu com elas. Uma *PS4* e uma *Xbox*.

— Estava a violar a ordem de restrição só por ter estas consolas — comentou Nightingale. — Ambas têm acesso à Internet. Alguma coisa?

— Talvez...

— O quê?

— O cheiro é invulgar.

— Porquê?

— Qual é o cheiro dominante?

Nightingale cheirou o ar tal como *Edgar* faria.

— Fezes — respondeu ela. — Ele esvaziou os intestinos quando morreu.

Poe abanou a cabeça.

— Ele já está morto há alguns dias, porque não cheira a carne putrefacta?

— Não sei.

— Porque tinha um contador de eletricidade alimentado a moedas e o dinheiro acabou. É por isso que está tanto frio aqui dentro.

— Tem razão — disse ela.

— É evidente que ele nunca saía de casa, por isso precisava de ter o aquecimento ligado em permanência. Se juntarmos a isso o entretenimento que consumia luz como se fosse água, ele devia pôr moedas no contador como se fosse uma *slot machine*.

— Onde quer chegar?

— Tudo isto demorou tempo. Provavelmente, horas. O assassino teve de manietar o Teasdale e esperar para ter a certeza de que ninguém o tinha ouvido. Cortar os dedos com aquela tesoura deve ter demorado, no mínimo, uma hora. A morte em si não deve ter demorado muito tempo, mas ele estaria coberto de sangue. Nunca sairia daqui sem se limpar primeiro.

— Acha que devemos examinar o chuveiro?

— Acho que têm de verificar o contador da eletricidade. A menos que o assassino tenha feito tudo isto e que se tenha limpado às escuras, é possível que tenha sido obrigado a pôr moedas no contador só para ver o que estava a fazer.

— E pode ser que encontremos uma impressão digital.

— Porque não?

— Os contadores de eletricidade ainda usam moedas? — O seu telemóvel deu sinal de vida. — Vamos seguir essa pista, Poe — disse, antes de atender. — Superintendente Nightingale.

A sua testa franziu gradualmente à medida que foi ouvindo.

— Certo, obrigada. — Virou-se para Poe. — É possível que tenhamos identificado mais uma vítima.

Capítulo 12

Ela não disse «encontrado», disse «identificado».

Um homem chamado Andrew Pridmore tinha ligado para o número geral da polícia para informar que não conseguia entrar em contacto com a ex-mulher. Ficaram de combinar uma hora para ele deixar os filhos e estava preocupado que ela tivesse feito alguma estupidez. O juiz do tribunal de família tinha-lhe concedido menos acesso aos filhos do que ela queria, facto que ela não tinha aceiteado pacificamente. Ele morava em Reading e queria que um agente fardado fosse a casa dela em Carlisle para ver se ela estava bem.

A funcionária de serviço na central em Carleton Hall tinha sido informada da descoberta de Estelle Doyle — sobre a remoção de uma tatuagem no dedo de uma das vítimas —, pelo que perguntou a Pridmore se a sua ex-mulher tinha algum traço distintivo.

«Ela tatuou a data do nosso casamento no dedo, mas depois removeu-a a laser», dissera-lhe. Pridmore acrescentou que ela ainda usava a aliança quando estava com os filhos porque sabia que os perturbava vê-la sem ela.

Nightingale teve de ficar com o morto — um cadáver no local do crime era mais merecedor da sua atenção do que aquilo que podia ser apenas um caso de desaparecimento aleatório —, por isso perguntou a Flynn se ela e Poe podiam ir no seu lugar. Os agentes fardados já tinham passado revista à casa da mulher e os técnicos do CSI estavam agora a examiná-la.

Poe ficou satisfeito quando Flynn aceitou sem hesitar. Atualmente, era raro ele ter acesso a locais de crime recentes. Não era essa a função da SCAS.

Rebecca Pridmore morava em Dalston, uma próspera aldeia

situada a uns 10 quilómetros a oeste de Carlisle, com uma população de cerca de 2500 habitantes. A indevidamente designada praça quadrada — que era, na verdade, um triângulo ladeado por lojas, bares e uma igreja — era o centro nevrálgico da povoação.

O seu chalé ficava situado na via principal, The Green, a cerca de 300 metros da praça. Em frente, ficava um campo aberto e o rio Caldew. As traseiras davam para outro campo aberto. O chalé estava afastado da estrada e tinha uma entrada de gravilha ampla. A frente da casa era cercada por um muro de pedra que dava pela altura do peito.

Como era raro haver crimes graves, a presença de tantos carros-patrolha causou alguma agitação. Os moradores tinham saído à rua para ver o que se passava. Um agente fardado impedia que se aproximassem demasiado. Usava luvas, tinha as orelhas vermelhas e batia com os pés no chão. O serviço de sentinela ao frio não era de todo agradável.

Apesar de caberem cinco carros à vontade na entrada, todos os carros-patrolha se encontravam estacionados do outro lado da estrada. Poe parou atrás da carrinha do CSI.

Um inspetor chamado Pearson foi ter com eles ao portão.

— Alguma coisa? — perguntou Poe.

— Nada — disse ele. — Não há indícios de arrombamento.

— Como é que entraram?

— Partimos um vidro.

— Sinais de luta?

Pearson abanou a cabeça.

— E ela não andarà só na boa-vai-ela com as amigas? — perguntou Flynn.

— Enquanto não tivermos a confirmação da correspondência do ADN, tudo o que temos é a tatuagem no dedo que foi removida e o facto de ela não estar em casa.

— Muito bem — disse Flynn. — Podemos entrar?

— Vou buscar fatos descartáveis.

A porta da casa de Rebecca era rústica e imponente. Estava

pintada de branco e as três dobradiças eram de ferro. Pearson tinha razão: era impossível ter sido arrombada. Poe tinha dúvidas que até mesmo os aríetes que a polícia usava pudessem ter algum efeito sobre ela. A fechadura era bastante forte, das antigas. Por cima, estava reforçada com um ferrolho moderno. As janelas tinham vidros duplos e eram daquelas que não se abriam por fora, pelos menos sem fazer um grande estardalhaço.

Poe ainda não tinha visto a casa toda, no entanto tinha praticamente a certeza de que as traseiras estariam tão bem protegidas como a parte da frente. O grau de segurança não o surpreendeu — Jo Nightingale dissera-lhes que Rebecca Pridmore geria os contratos que a BAE Systems, em Barrow, tinha com o Ministério da Defesa. A BAE era uma das maiores empresas de defesa e segurança do mundo. Só no Reino Unido possuíam 50 sucursais. Apenas três dos submarinos nucleares da Marinha não tinham sido produzidos em Barrow.

Assim que vestiram os fatos e calçaram as proteções de calçado, Poe e Flynn entraram no chalé de Rebecca. O contraste com o apartamento de Howard Teasdale não podia ser maior. Se o primeiro era aquilo que se podia considerar um antro masculino, o chalé era o paradigma de uma casa de família.

Combinava o charme rústico com todas as funcionalidades da vida citadina. Havia quadros modernos a decorar o corredor estreito que dividia o chalé. A porta na parede esquerda dava para uma cozinha ampla e para a sala de estar.

A cozinha, iluminada por apliques de parede semiesféricos, acomodava eletrodomésticos em aço inoxidável, um frigorífico de portas duplas e uma bancada de mármore. Havia utensílios de cozinha suspensos no teto por ganchos; na ilha, ao centro, estava uma tábua de cozinha em madeira e um conjunto de facas profissionais. No parapeito da janela viram uma fileira de vasos com ervas aromáticas e, fixa a uma das paredes, a prateleira das especiarias.

A única evocação do passado era o fogão *Aga* — encaixado entre o lava-louça duplo e a máquina de lavar louça *Bosch*. O esmalte creme já começava a descascar, mas mesmo assim estava bem

estimado. Era mais pesado do que o carro que os levara até ali. Sólidos e fiáveis, os fogões *Aga* não serviam para confeccionar pastelaria com pontos de cozedura precisos: comprava um *Aga* quem queria que a cozinha fosse efetivamente o coração da casa. Se Poe tivesse espaço em casa, há anos que já tinha comprado um.

O piso era em mosaico, mas as placas que haviam sido espalhadas tinham ventosas de borracha e não derrapavam. Poe abriu alguns armários, mas não houve nada que lhe saltasse à vista. O frigorífico estava abastecido, mas não tanto como seria normal naquela altura do ano. Não havia sobras de comida nem bebidas. Não havia queijos finos ou trufas de chocolate. Se Rebecca Pridmore tinha celebrado o Natal, não teria sido em casa. Poe tomou nota mental para, mais tarde, verificar no portátil se ela tinha feito reserva em algum hotel.

A sala de estar ocupava a parte da frente do chalé. Parecia ser a zona onde passava mais tempo — havia cadeirões e um sofá apontados para uma televisão LCD montada na parede. Em cima da mesa de centro em vidro havia um difusor *Jo Malone* e algumas bases de copos prateadas.

Ao centro, a belíssima secretária em mogno onde estava pousado o portátil fazia a vez de escritório. As placas só chegavam à parte da frente da secretária. No entanto, Poe queria examinar as gavetas, pelo que esperou que os técnicos do CSI assentassem mais placas.

A secretária tinha seis gavetas, três de cada um dos lados do espaço reservado para as pernas. Poe puxou-as e percebeu que só a gaveta do canto superior direito estava destrancada. Continha apenas um forro de espuma.

— Posso? — perguntou, apontando para o portátil.

— Não. Já foi fotografado, mas ainda não foi aberto — informou Pearson. — Nem sequer podemos tocar-lhe. O Ministério da Defesa vai enviar alguém amanhã para o vir buscar.

Poe pegou no portátil, virou-o ao contrário e olhou para o forro de espuma que estava na gaveta. Acenou com a cabeça, satisfeito, e virou-se para Flynn.

— Por favor, informa a superintendente Nightingale de que Rebecca Pridmore foi sequestrada.

— Tens a certeza?

— É na gaveta que ela guarda o computador quando este não está a ser usado — disse, apontando para quatro marcas redondas na espuma. — Estas marcas foram feitas pelas bases de apoio do computador. Uma pessoa que é tão cuidadosa com a segurança nunca deixaria o portátil cá fora quando saísse de casa.

— Sim, isso indicia mais um sequestro do que uma tarde passada no spa — concordou Flynn. — Vou ligar à Jo.

Poe estudou as fotografias de família que estavam em cima da cornija da lareira. Eram sobretudo fotografias dos filhos a fazerem pose para a câmara. Umas retratavam aniversários, outras eventos escolares. Outras ainda contavam fragmentos das suas vidas. Rebecca estava presente em todas as fotografias da família. Já Andrew, o ex-marido, apenas em algumas. Provavelmente, foi incluído na seleção para as crianças não estranharem.

Poe dirigiu-se à zona da cozinha e olhou pela janela que dava para as traseiras. Flynn entrou com os olhos postos no chão para não pisar fora das placas. Ainda estava ao telemóvel.

— Também foi isso que ele pensou — disse.

Poe ergueu as sobranceiras e Flynn apontou para o portátil.

Ele voltou a sua atenção para a secretária de mogno. Ainda não tinha olhado para a sala de estar a partir das traseiras da casa. O ângulo era diferente e, de onde se encontrava, conseguiu ver as marcas na alcatifa. Eram quatro, quadradas, semelhantes às marcas no forro de espuma da gaveta.

Franziu o sobrolho. Não havia nada na sala de estar que pudesse ter causado aquelas marcas. Mas havia no sítio onde ele estava.

— Nesta altura, é difícil dizer com certeza — replicou Flynn, enquanto gesticulava «o que foi?» com a cabeça. — Ela foi dada como desaparecida pelo marido e o portátil indica que saiu à pressa. Por outro lado, não há indícios de arrombamento. E acredite que não é possível entrar nesta casa sem deixar marcas visíveis.

Poe pegou, então, num dos bancos de cozinha altos com espaldar e segurou-o para que pairasse por cima das marcas. As pernas encaixavam na perfeição. Tentou olhar para a rua através das janelas da frente e das traseiras. Impossível — o banco havia

sido posicionado de modo a não ser visível a partir do exterior da casa. Observou o banco, mas não houve nada que lhe saltasse à vista. Levou-o de volta para a bancada da cozinha e repetiu o processo com o outro banco.

Havia um arranhão com cerca de 2,5 centímetros no verniz em cada um dos braços e nas duas pernas dianteiras. Se alguém se tivesse debatido com abraçadeiras de plástico, aquelas seriam as marcas que teriam deixado no verniz.

Tudo indicava que o assassino havia estado dentro de casa, mas tinha esperado até a mudar para outro local. Porquê correr tamanho risco? Porque não tirá-la logo de casa?

O seu raciocínio foi interrompido por um trator que passou diante da casa. O silêncio que deixou para trás foi imediatamente preenchido pela conversa das pessoas que se encontravam ali em casa a trabalhar. Poe aproximou-se da janela e vislumbrou o topo de uma paragem. O autocarro não devia tardar.

Ali estava a resposta: não tinha sido capaz de a tirar dali durante o dia. Dalston era uma aldeia movimentada — se tivesse tentado tirá-la de casa de dia, teria sido apanhado. Porém, se tivesse coragem para esperar até anoitecer, altura em que não havia autocarros, teria tido mais hipóteses de a levar dali sem ser visto.

Flynn ainda estava ao telefone com Nightingale.

— Diria que ela pode ser a pessoa que procuramos...

— Chefe — interrompeu Poe.

— Um minuto, Jo. Diz, Poe.

— Tenho quase a certeza de que a Rebecca Pridmore é uma das vítimas. O assassino arranjou maneira de entrar aqui dentro, amarrou-a a este banco de cozinha e manteve-a cativa até anoitecer.

Capítulo 13

Flynn apanhou boleia de um carro-patrolha para ir ao encontro de Nightingale.

Poe ficou na casa. Ainda não tinha percebido como é que o assassino entrara. As fechaduras da porta eram antirroubo e resistentes a perfurações e, mesmo que tivessem sido arrombadas por um perito, isso levaria o seu tempo. Pelo que Poe sabia do assassino, ele não se expunha dessa forma. Preferia passar despercebido.

Podia tê-la convencido a deixá-lo entrar, fingindo ser um funcionário dos serviços públicos ou um estafeta com uma encomenda, por exemplo. Era possível, mas com alguém tão cioso da sua segurança como Rebecca, o esquema teria exigido apoio logístico. Uma carrinha com o logótipo certo, uma farda e uma identificação. E um esquema que envolvesse serviços públicos ou a entrega de uma encomenda teria de ser posto em ação durante o dia, numa estrada movimentada, diante de vizinhos metedidos sem nada melhor para fazer do que lembrar-se do que viam.

Poe refez os seus passos. Saiu da sala de estar para a rua. O vento não estava forte, mas fazia-se sentir. Já se tinham depositado cristais de gelo sobre as pegadas que haviam deixado à entrada. Poe calculou que as temperaturas ainda eram negativas. Esperava que o responsável pela preservação do local do crime levasse isso em consideração e reduzisse os turnos dos agentes destacados para o exterior da casa. Nada perturbava mais a atenção do que pés gelados.

Verificou as janelas laterais do chalé. Estavam todas fechadas e inalteradas. Não havia acesso ao quintal das traseiras a partir da frente da casa, a menos que a pessoa escalasse um muro de um

metro e oitenta de altura. Estava a pensar no que fazer a seguir quando tocou o telefone fixo.

Poe entrou dentro de casa, tirou o *BlackBerry* do bolso e começou a gravar. Olhou para o relógio.

— O telefone fixo tocou às 15h05. O inspetor Washington Poe vai atender.

O telefone fixo tinha um auscultador esguio e sem fios. Poe pressionou o botão verde e levou o auscultador e o *BlackBerry* ao ouvido em simultâneo.

— Estou? — Silêncio. — Estou... Quem fala?

Poe identificou-se.

— Fala Andrew Pridmore, o ex-marido da Rebecca. Liguei hoje de manhã para a polícia, mas pensei que não me levariam a sério.

— Porquê? — inquiriu Poe.

— Bem... ela não desapareceu assim há tanto tempo. Pensei que a polícia tinha de esperar 48 horas ou assim antes de começarem a investigar.

— Levamos todas as denúncias de pessoas desaparecidas a sério, Sr. Pridmore. Pode dizer-nos alguma coisa que possa ser útil? Algo que nos tenha escapado.

— Não sei bem.

— Que tipo de contratos é que ela geria na BAE?

— Creio que eram contratos relacionados com os sistemas de armamento estratégico dos novos submarinos nucleares.

— Ela costumava falar sobre trabalho?

— Não podia. Mas duvido que eu tivesse percebido patavina.

— Ela mencionou alguma relação amorosa ou de amizade mais recente?

— Não.

— E teria mencionado, se fosse o caso?

— As coisas azedaram entre nós quando o tribunal de família me atribuiu a custódia dos miúdos, mas ela é uma mulher pragmática. Não tem família em Cúmbria e tem um horário de loucos; lá bem no fundo, sabia que não podia proporcionar-lhes o lar que eles merecem. Se tivesse alguém, ela ter-me-ia contado.

— Então, dão-se bem?

— Melhor do que nos dávamos quando éramos casados. Acho que eliminámos a pressão de estarmos sempre a impressionar-nos um ao outro.

Poe fez uma pausa para organizar as ideias.

— Ela tinha outros interesses além do trabalho?

— Não, a menos que considere alimentar os pássaros um interesse. Se não estava a trabalhar, estava a ler material para o trabalho.

— Pássaros?

— Ela gostava de alimentar os pássaros no jardim. Por vezes, sentava-se na cozinha com o portátil e ficava a observá-los. Gastava uma fortuna em alpista, minhocas e bolas de gordura para aves.

Poe ainda não tinha ido à lavandaria. Se Rebecca tivesse alimentação para pássaros em casa, seria lá que a guardaria. Não sabia em que medida é que isso podia ser relevante, mas havia de dar uma vista de olhos. Pôs fim à conversa com Pridmore e desligou.

Os técnicos do CSI ainda não tinham disposto placas na lavandaria, por isso Poe chamou-os para que o fizessem. Pearson, o inspetor responsável, seguiu-os.

— O que se passa? — perguntou.

— Provavelmente, nada — respondeu Poe. — Estou só a tirar uma dúvida.

Assim que os técnicos prepararam a lavandaria e terminaram a revista e o registo em vídeo do local, Poe e Pearson puderam entrar.

A divisão era estreita e, claramente, um acrescento à casa principal. Uma bancada corrida ocupava a totalidade da parede acompanhando o comprimento das janelas. Por baixo, viram uma máquina de lavar roupa, uma máquina de secar e dois armários fechados. Havia cabides em toda a extensão da parede que, antes do acrescento, formaria a parede externa da casa. Alguns tinham casacos pendurados, mas, na sua maioria, estavam vazios. Em baixo, galochas e sapatos para andar na rua. A porta que dava para o quintal ficava à direita. À esquerda, havia uma tábua de engomar montada na parede.

Poe abriu o armário que estava junto à máquina de lavar roupa. Lá dentro havia detergente e amaciador para a roupa, dois frascos de lixívia e rolos de papel higiênico.

Pearson assistiu a tudo sem abrir a boca.

Poe abriu o outro armário. Acertara em cheio. Era ali que ela guardava a comida para os pássaros. Era em quantidade suficiente para sugerir que se tratava de um passatempo levado a sério. Ela tinha comprado ração de mistura, mas havia também recipientes de plástico com etiquetas escritas à mão: tentilhões (inverno); pombo-torcaz (época de acasalamento); bolas de gordura (frio extremo).

Poe contou dez caixas, todas com coisas distintas. Havia comedouros de plástico e livros sobre aves de jardim e aves selvagens. Havia ainda um par de binóculos e um bloco de notas onde ela registava as espécies de aves que avistava no quintal. Poe folheou o bloco de notas. Ao que parecia, ela tinha recebido a visita de mais de 100 espécies distintas, desde o humilde pardal ao altaneiro açor.

— O que significa isso? — perguntou Pearson.

— Nada — disse Poe, guardando tudo onde estava. — Foi algo que o ex-marido mencionou. Pensei que valia a pena dar uma vista de olhos.

Poe olhou para o quintal. Mesmo à média luz, ele contou 11 comedouros individuais espalhados por árvores e arbustos, e mais sete no local onde ela escolhera concentrar a maioria dos comedouros. Havia, acima de tudo, bolas de gordura — era disso que os pássaros precisavam naquela altura do ano.

Um enorme bebedouro de pedra dominava o centro do relvado.

Como a pista da ornitologia se revelou um beco sem saída, Poe acompanhou Pearson até à cozinha.

— O que acha que aconteceu, inspetor Poe?

— Não sei bem. Nada faz sentido. Se seleciona as vítimas de forma aleatória, porquê escolher um alvo difícil como Rebecca? Uma perita em segurança que vive numa povoação movimentada. E porque decidiu sequestrá-la quando não o fez com Howard Teasdale?

— O Teasdale era um homem obeso. Talvez fosse demasiado

pesado para sequestrar. Ou pode ter sido um processo de adaptação para ele — aventou Pearson. — Matar o Howard Teasdale pode não ter tido o efeito que ele desejava.

— É possível. Mas não podemos partir do princípio de que a ordem em que os dedos foram encontrados é a mesma ordem em que as vítimas foram mortas ou sequestradas.

— Então, talvez a Rebecca Pridmore seja a única que interessa. Será que os outros dois homicídios foram só para desviar as atenções deste?

— Talvez — concordou Poe. Já tinha ouvido teorias bem piores. Enviou uma mensagem a Bradshaw a pedir-lhe que investigasse a BAE. Disse-lhe ainda que se encontrariam na manhã seguinte. Se ele não podia retirar o portátil de casa de Rebecca, Bradshaw teria de realizar a análise forense ali mesmo.

Antes de ter a oportunidade de ler a sua resposta imediata, o telemóvel tocou. Era Flynn.

— Eles identificaram a terceira vítima, Poe.

Capítulo 14

A terceira vítima chamava-se Amanda Simpson, mas os amigos tratavam-na por «Mandi». Tinha 25 anos e trabalhava como assistente de vendas em Barrow. O namorado pertencia ao Duke of Lancaster's Regiment[4]. Estava a prestar serviço militar no Chipre e não tinha tido notícias dela no Natal. Ligara para a família com quem ela não se dava a pedir para irem ver se estava tudo bem.

A família não a encontrou.

Em seguida, o namorado enviara um e-mail a um amigo com quem andara na escola e que era agora polícia. O agente fizera a denúncia e Nightingale tinha enviado dois elementos da sua equipa para verem o que se passava. Amanda vivia num T1 numa zona de Barrow com uma elevada população estudantil. Poe conhecia a zona, mas não muito bem.

Assim que determinaram que ela estava desaparecida, os inspetores analisaram as fotografias que estavam penduradas na porta do frigorífico e a moldura do espelho da cómoda à procura de sinais que a identificassem como uma potencial vítima. As fotografias eram poucas, tendo em conta que ela passava a vida online. Porém, Nightingale não tinha enviado dois idiotas. Eles entraram em contacto com o namorado e pediram-lhe as palavras-passe dos seus dispositivos eletrónicos.

Foi numa fotografia que estava no seu *iPad* que encontraram aquilo que preferiam não ter encontrado. Nela, Amanda e o namorado apareciam a comer fora. No estrangeiro, a julgar pelas roupas e bronzeados.

Ela segurava num copo com refrigerante.

E uma das suas unhas tinha o mesmo *piercing* de um ursinho de

peluche que haviam encontrado no dedo na igreja de Saint Luke, em Barrow...

Assim que terminou a chamada telefônica com Flynn, o telemóvel de Poe voltou a tocar.

Era Nightingale.

— Como vai isso em casa da Rebecca?

— Volto cá amanhã de manhã com a Tilly para examinar o portátil, mas de resto estou quase despachado.

— E está tudo bem consigo?

— Sim. — O silêncio durou longos segundos. — De que precisa, superintendente? — perguntou Poe. Ela não teria certamente ligado apenas por preocupação com o seu bem-estar.

— Sou uma superintendente competente, Poe — disse ela, por fim. — Isso significa que sei reconhecer quando preciso de ajuda. — Poe manteve-se em silêncio. Não devia ter sido fácil admitir aquilo. — Sigo todos os passos do manual de homicídios e convoco todos os peritos e mais algum. Consigo montar uma investigação minuciosa e metódica e se for assim que vamos apanhar este sacana, ótimo, mas ambos sabemos que se passa aqui algo de muito estranho.

— Isso é um eufemismo.

— Como é que ele escolhe as vítimas? Porque sequestrou duas delas? E porque é que as vítimas do sexo feminino foram anestesiadas? Porquê usar um instrumento cirúrgico numa das vítimas e não nas outras? Porquê espalhar partes do corpo ao longo de três dias consecutivos e depois desaparecer? Está a enviar-nos algum recado? Já fez tudo o que queria fazer? Será que está só no início? E que raio é #BSC6?

Poe deixou-a desabafar. Afinal, era bom ouvir alguém verbalizar aquilo que também dominava os seus pensamentos.

— Em que posso ajudá-la?

— O superintendente Ian Gamble disse-me que não havia ninguém como o Poe para encontrar aquilo que não queria ser encontrado, para seguir as provas, não a narrativa.

— Isso é um exagero da parte dele.

— Não me parece. Ele disse que o Poe é do contra, mas é disso mesmo que eu preciso agora. Eu e a minha equipa vamos continuar a investigar, mas quero que... quero que faça aquilo que nós não podemos. Que fale com as pessoas com quem não podemos falar, que procure aquilo que nos escapa. Resumindo, que faça aquilo que fez no caso do Imolador.

— Eu não...

— Arranje-me uma merda de uma pista que eu consiga seguir, Poe — explodiu, antes de desligar.

Ele ficou a olhar para o telemóvel durante quase um minuto. Em seguida, enviou uma mensagem a Bradshaw a dizer que estava a caminho do hotel North Lakes e a perguntar se podiam encontrar-se no átrio. Enviou outra mensagem a Flynn a perguntar se podiam encontrar-se assim que ela estivesse despachada de casa da Amanda Simpson. Por fim, enviou uma última mensagem à vizinha, Victoria, a perguntar se ela podia ficar mais uma noite com *Edgar*.

No espaço de um minuto, as três responderam que sim.

Capítulo 15

Flynn chegou ao hotel uma hora depois de Poe. Parecia estar exausta.

Devia ter tido a mesma conversa com Nightingale, uma vez que lhe disse:

— O que queres fazer amanhã, Poe?

— Quero que a Tilly examine o portátil da Rebecca, chefe.

— Porquê?

— Porque deve estar protegido com encriptação especial do Ministério da Defesa. Os técnicos de Cúmbria nunca conseguirão aceder-lhe.

— Já pensaste que talvez não devêssemos ter acesso a algumas das coisas que lá estão?

— Nem por isso — respondeu Poe. — E não estou interessado no trabalho dela. Não há nada que sugira que é por aí que ele escolhe as vítimas.

— Então, porquê examinar o computador?

— O sequestro da Amanda Simpson não deve ter sido muito complicado. Foi entrar e sair numa zona com pouca gente nesta altura do ano. E o homicídio do Howard Teasdale... Bem, ele era um agressor sexual identificado que passava a vida agarrado à *Xbox*. Ao que tudo indica, um eremita. Quando não saía para ir buscar comida, estava em casa a bater uma.

— Onde queres chegar?

— Consigo perceber como ele agiu no caso da Amanda e do Howard, mas não no caso da Rebecca. Não sei como raio conseguiu entrar em casa dela e não sei como é que ele sabia quando é que ela estaria lá. A parte da frente da casa dá para uma estrada principal e as traseiras estão protegidas por um muro com

um metro e oitenta de altura. Todas as portas e janelas têm fechaduras antirroubo modernas.

— E então?

— Preciso que a Tilly descubra se ela enviou o seu horário de trabalho ou se mencionou algum compromisso a alguém por e-mail — explicou Poe. — O assassino só conseguiria fazer isto se estivesse a par da altura exata em que ela sairia de casa. É possível que a tenha simplesmente empurrado para dentro e amarrado.

— Não parece coisa do homem que procuramos.

— Pois não, mas é tudo o que tenho.

— Faz o que tens a fazer.

Em seguida, ela pô-lo a par de tudo o que sabiam sobre Amanda Simpson. Foi uma conversa curta. O sequestro podia ter ocorrido num período de três dias — desde a última vez que foi vista por alguém até ao dia em que falhou a conversa por *Skype* com o namorado. A tese era que teria sido sequestrada do seu apartamento. Como os alunos iam passar as férias de Natal a casa, só Amanda e o velhote que morava no último andar é que tinham estado em casa nessa altura. As câmaras de videovigilância não abrangiam os apartamentos, contudo Nightingale tinha instruído uma equipa para analisar as imagens das câmaras espalhadas pela cidade. Ainda assim, não tinham grandes expetativas. O assassino só se deixava ver quando entendia que devia fazê-lo. Flynn disse-lhe:

— A Estelle Doyle marcou a autópsia do Howard Teasdale para depois de amanhã. Talvez saibamos mais nessa altura.

— Talvez — disse Poe.

— O que tens estado a fazer, Tilly?

— Tenho estado a estudar o Howard Teasdale, inspetora-chefe Flynn — respondeu Bradshaw. — Enviei-vos o meu relatório preliminar por e-mail, mas não sei se será muito útil. Ele passava mais tempo a jogar online do que eu.

— Muito bem, darei uma vista de olhos mais logo — disse Flynn.

— Vais compilar um relatório sobre as outras duas vítimas, agora que sabemos quem são?

— Sim.

— Depois de examinares o portátil da Rebecca, é melhor assentares arraiais aqui. Escusas de andar a deambular por Cúmbria com o Poe.

— Eu gosto de deambular por Cúmbria com o Poe.

Poe conteve um sorriso. Flynn suspirou.

— Os meus pés estão a dar cabo de mim e os meus tornozelos estão o dobro do tamanho. Podemos passar à parte em que eu ganho a discussão, mas a Tilly faz o que lhe dá na veneta?

— Parece-me bem — comentou Poe.

— Ótimo, porque eu preciso de me deitar um pouco.

Assim que Flynn saiu, Poe disse:

— Vai descansar, Tilly. Amanhã investigamos esta gaita a fundo.

Bradshaw riu-se.

— Uma tirada mesmo à Poe. Essa vai já para o *Twitter*.

— Vai, o tanas!

Já estava escuro quando Poe chegou a Herdwick Croft. A casa estava fria e vazia. Arrependeu-se de não ter parado pelo caminho para ir buscar *Edgar*. O *spaniel* dava vida ao chalé, tal como as gaivotas dão vida à costa.

Tinha ido buscar o correio à receção do hotel Shap Wells. Como o antigo chalé de pedra era inacessível por carro, e o carteiro se tinha recusado terminantemente a percorrer três quilómetros de terreno de charneca agreste para entregar o correio todos os dias, ele chegara a acordo com o hotel para que o seu correio fosse entregue lá.

Poe passou os olhos pela correspondência enquanto bebia uma cerveja. A última carta era uma cópia da que o seu advogado tinha recebido do departamento jurídico do município. Queriam que Poe comparecesse em tribunal.

Insistiam na ação de despejo.

Poe havia sido vigarizado aquando da compra de Herdwick Croft. O pai de Victoria, Thomas Hume, dissera-lhe que estava à venda por impossibilidade de pagamento de um imposto camarário inesperado. Tinha oferecido a propriedade a Poe a um preço muito

razoável. Pacata, isolada, simples — tinha tudo o que Poe queria, e ele havia transformado uma cabana de pastor em ruínas numa casa da qual pensou que nunca mais sairia.

No entanto, o verdadeiro motivo para a venda prendia-se com o facto de o alvará de construção que Thomas Hume requerera e que lhe permitiria converter a ruína numa habitação ter sido recusado. Era inútil. Poe tinha solicitado um alvará de construção com efeitos retroativos, mas uma vez que o Parque Nacional do Lake District havia sido alargado para incluir Shap Fell, e que lhe tinha sido atribuído estatuto de património da UNESCO, as hipóteses de sucesso eram do tamanho de caganitas de ovelha.

Poe tinha o tempo contado em Herdwick Croft.

Ele amarfanhou a carta, chegou-lhe um fósforo e usou-a para acender o fogão a lenha. Acabou de beber a cerveja, preparou uma sandes de carne de vaca e sentou-se com os seus apontamentos. Não lhe saía da cabeça que lhe tinha escapado alguma coisa em casa de Rebecca. Havia algo a mais ou a menos naquela casa. Ele reviu os passos e estudou as fotografias que tirara, mas não viu nada fora do normal.

Sabia como a sua mente funcionava e era escusado tentar forçá-la. A inspiração tinha vontade própria.

Quando começou a sentir os olhos pesados, decidiu que seria mais útil à investigação se dormisse algumas horas. Arrumou tudo e pôs água na máquina de café, de modo a estar pronta na manhã seguinte.

Franziu o sobrolho e pegou numa das fotografias da cozinha. A discrepância saltou-lhe de imediato à vista.

— Onde está a porcaria da chaleira? — murmurou.

Capítulo 16

A viagem até ao chalé de Rebecca na manhã seguinte demorou mais do que o esperado. Uma neblina gelada sufocava Shap Fell e as fendas e crateras fervilhavam como caldeirões de bruxas. Era impossível aferir a sua profundidade e, apesar de conhecer bem o caminho, Poe foi avançando com cuidado — se caísse, o mais certo era morrer de hipotermia antes de alguém dar com ele.

Quando chegaram aos arredores de Carlisle, a neblina já tinha dissipado e o Sol surgiu baixo e resplandecente. Estava aquele tipo de tempo que requer óculos de sol, mas que faz com que nos sintamos ridículos a usá-los.

Bradshaw já se encontrava à espera dele à beira da estrada. Os técnicos do CSI tinham acabado de processar o chalé de Rebecca durante a noite e as carrinhas já não estavam estacionadas à porta. Só havia um agente fardado de plantão à entrada da casa. Ficou a observá-los enquanto se aproximavam e, em seguida, baixou-se para pegar numa prancheta protegida por uma película de plástico. Poe e Bradshaw mostraram a sua identificação e aguardaram enquanto ele contactava a central. Assim que recebeu luz verde, informou-os de que podiam entrar.

— A porta não está trancada — disse-lhes, quando passaram por ele.

Além dos milhões de partículas de pó de impressões digitais que pairavam pelo ar, o chalé estava tal e qual como Poe o encontrara no dia anterior. Ele e Bradshaw aproximaram-se do portátil. Antes que ela pudesse abri-lo e aceder aos conteúdos, Poe deu-lhe algum contexto.

— O portátil ficou aqui para que pudesses examiná-lo, Tilly. A Rebecca Pridmore era a responsável pela supervisão dos contratos

com o Ministério da Defesa e estava a trabalhar numa espécie de sistema de armamento estratégico para submarinos nucleares. É possível que encontres muitas coisas interessantes neste computador, a maioria das quais desemboca em becos sem saída. Cabe-te separar as coisas interessantes das coisas importantes.

Ele fez uma breve pausa para que ela pudesse absorver toda a informação.

— Por amor de Deus, Poe, e ainda dizes tu que eu sou uma croma...

— Diz-me só se ela foi vítima de pirataria informática, pode ser? O assassino tinha o tempo contado e preciso que descubras como é que ele sabia quando é que ela estaria em casa.

O portátil estava protegido por uma senha. Bradshaw abriu um dos seus portáteis e, num esfregar de olhos, já tinha vários cabos a unir as duas máquinas. Em dois minutos, o portátil encriptado pelo Ministério da Defesa de Rebecca fora acedido.

Poe deixou-a trabalhar em paz. Fosse como fosse, ela já nem dava pela presença dele.

No dia anterior, durante a revista ao chalé, as suas buscas haviam estado confinadas aos locais onde os técnicos do CSI tinham protegido o chão com placas. Agora que o local do crime já havia sido processado, ele podia andar por onde bem lhe aprouvesse. Estava na hora de encontrar uma chaleira.

Mas não teve sucesso.

— O que procuras, Poe? — perguntou Bradshaw.

— Não sei da chaleira dela.

— Há um café aqui perto. Queres que vá lá buscar-te um café simples?

— Não, faz-me impressão não conseguir dar com ela.

— Há muitas pessoas que não têm chaleira, Poe.

— Não conheço ninguém que não tenha uma chaleira.

— Tu não tens.

— Uso uma panela.

— Talvez ela também use uma panela.

— Talvez — disse ele, olhando em volta da cozinha moderna e sofisticada —, mas duvido.

Os sons metálicos deixaram de se ouvir. Bradshaw anunciou:

— Não há nada que salte à vista no portátil dela. Se foi vítima de pirataria informática, o meu computador não conseguiu detetar a invasão. E como fui eu que criei o programa, posso garantir-te que nenhum pirata acedeu ao computador dela.

— Gaita! — Não contava encontrar nada, mas não deixava de estar desiludido.

— Vou voltar a correr o programa com parâmetros de pesquisa diferentes, mas...

Foi nesse instante que um homem alto entrou na sala. O seu andar era rígido, como se tivesse comido camarões estragados. Não viu Poe, por isso dirigiu-se a Bradshaw.

— Procuro o inspetor Washington Poe — anunciou.

Bradshaw levantou os olhos, esboçou um sorriso e disse:

— OK. — E com isto voltou a concentrar-se no portátil.

Poe riu-se. Por vezes, Bradshaw parecia ser uma pessoa normal, mas isso nunca durava muito tempo.

— Ora esta! — disse o homem alto, rispidamente. A sua garganta denotava uma rouquidão cancerosa quando inspirava. — Quando faço uma pergunta, agradeço que me responda!

Bradshaw levantou os olhos, estupefacta. Poe surgiu da cozinha e pôs-se à frente do homem. Tinha a cara coberta de manchas e orelhas de trasgo. Pareceu espantado com a sua aparição súbita.

— Peça desculpa — disse Poe.

As manchas tornaram-se mais pronunciadas.

— Ela está a mexer em algo que pertence ao Ministério da Defesa, falo com ela como bem entender!

Poe deu um passo em frente e colocou o nariz a 15 centímetros do nariz do homem.

— Olhe para os meus olhos.

O homem recuou e levantou os braços em súplica. Virou-se para Bradshaw e disse:

— Desculpe.

Bradshaw limitou-se a encolher os ombros e voltou a concentrar-

se no portátil.

— Ele nem sequer fez uma pergunta — murmurou. — Como queria que eu respondesse?

— Infelizmente, vou ter de lhe pedir para parar de fazer isso, menina — disse ele, enquanto abria uma carteira preta e mostrava as suas credenciais a Poe. — Malcolm Sparkes. Ministério da Defesa. Segurança.

— Veio buscar o portátil?

— Sim. E não vale a pena tentar abri-lo, está protegido com um sistema de segurança militar.

— De quanto tempo precisaste, Tilly? — perguntou Poe.

— Precisei de 97 segundos, Poe.

— Impossível — contestou Sparkes. — Bradshaw virou o portátil e mostrou-lhe o ecrã desbloqueado. — Mas... mas como? — tartamudeou.

Bradshaw ignorou-o.

— O que pode dizer-me em relação à Sra. Pridmore? — perguntou Poe.

— Só posso dizer-lhe que vai ter problemas quando voltar ao trabalho.

— E vai ter problemas porquê?

— É óbvio que não está a usar o nosso sistema de segurança.

Malcolm Sparkes não conseguia deixar de olhar para o computador desbloqueado.

— Estava.

— Estava o quê?

— Estava a usar o sistema de segurança. Só que a Tilly é melhor do que as pessoas que conceberam o sistema. E ela não vai ter problemas porque isto é uma investigação de homicídio.

— Homicídio? Pensei que fosse um caso de pessoa desaparecida.

— Já não.

— Têm a certeza?

— Temos. Estamos a tentar perceber como é que o assassino sabia que ela estaria em casa.

Poe contou-lhe o que sabiam.

— #BSC6? — perguntou Sparkes.

— Por acaso, não sabe o que significa, não?

— Não faço ideia.

— Vai deixar-nos fazer o nosso trabalho?

Sparkes anuiu.

— Mas posso supervisionar o trabalho da sua analista e pedir-lhe para parar, caso considere que está a entrar em áreas sensíveis?

Não pareceu descabido, pelo que Poe concordou. O mais certo era Bradshaw já ter tudo o que precisava.

— O que pode dizer-me sobre o trabalho dela?

— Não posso dizer tudo, evidentemente, inspetor. No fundo, a Rebecca era a nossa pessoa no terreno, por assim dizer. A gestão de contratos é feita ao nível das altas esferas, mas ainda precisamos de pessoas que trabalhem no local.

— O que fazia ela ao certo?

— O contrato que a Rebecca tinha em mãos dizia respeito ao sistema de armamento estratégico dos novos SSBN que estão a ser construídos.

— SSBN?

— É a sigla de submarino nuclear de mísseis balísticos[5] — respondeu Sparkes. — No fundo, são submarinos. A Marinha conta com dois tipos de submarinos nucleares: os que estão armados com mísseis Trident e os que não estão. Os SSBN são os primeiros. Os Dreadnoughts que estão a ser construídos vão substituir os da atual classe Vanguard. Além de gerir os contratos, a Rebecca era o elo entre todos os envolvidos.

— Todos os elementos da BAE?

— Assim como os elementos da Marinha e do Ministério da Defesa. Até mesmo dos ianques.

— Os americanos? Pensava que a BAE só construía submarinos britânicos — comentou Poe.

— Sim, mas os americanos são proprietários do design dos mísseis Trident D5 e precisam de saber se os nossos submarinos são compatíveis com os deles.

Poe processou o que acabara de ouvir. Ainda não acreditava que Rebecca tivesse sido assassinada por causa do seu trabalho, mas

parecia que ela interagira com mais pessoas do que ele julgara. Começava a interrogar-se se o inspetor Pearson teria razão. Teriam os outros homicídios sido apenas uma forma de desviar as atenções daquele que realmente interessava? Ocultar o seu homicídio na investigação a um assassino em série. Não seria a primeira vez. Era algo a ter em conta.

— Que programa usou para aceder ao computador dela? — perguntou Sparkes a Bradshaw. — É melhor informar as chefias de que estamos vulneráveis e garantir que os nossos técnicos criam defesas adequadas.

Bradshaw encolheu os ombros.

— Não tem nome.

— Onde é que o arranjou?

— Criei-o.

— Então, tem jeito para estas coisas dos computadores?

— Tenho jeito para tudo — respondeu ela. Logo a seguir, perdeu o interesse e voltou a concentrar-se naquilo que estava a fazer.

Poe chamou Sparkes à parte.

— É melhor deixá-la trabalhar. Se lhe serve de consolo, não há mais nenhum programa que se compare ao dela e ela garantiu-me que a Rebecca não foi vítima de pirataria informática.

— Suponho que isso seja um alívio — disse, sem tirar os olhos de Bradshaw. — Mesmo assim, tenho de fazer uma chamada.

— É uma forma de nos livrarmos dele — disse Poe, assim que ele saiu.

Bradshaw acenou com a cabeça sem olhar para cima.

— Não temos chaleira, mas posso ir buscar-te um copo de água, se quiseres.

— Sim, obrigada, Poe.

Poe abriu a torneira e olhou pela janela enquanto esperava que a água corresse bem fria. Quem retirava a água diretamente do solo como era o seu caso, não aceitava nada menos do que água gelada.

Um bando de estorninhos pousou na maior árvore do quintal. Estava desprovida de folhas e cor, um esqueleto raquítico. O inverno era o parêntesis no ano. Privava a terra de cor e alegria,

mas sem ele não havia primavera — as plantas e árvores precisavam de tempo para repousar.

Mas não havia mal nenhum em ajudar os animais durante os meses mais frios. Ele fazia isso em Herdwick Croft quando deixava couratos espalhados pelo terreno, e Rebecca fazia isso com bolas de gordura. Poe observou um estorninho a pendurar-se de pernas para o ar e depenicar uma das bolas. Quando mais dez estorninhos se juntaram a ele, não demorou muito até se instalar um enorme rebuliço de penas.

Um pombo-torcaz pousou na borda do bebedouro de pedra. Em desespero, começou a bicar em vão o gelo sólido, em busca de algo para beber.

O gelo *sólido*...

Poe endireitou-se.

Já sabia como é que Rebecca tinha sido sequestrada.

Capítulo 17

Todas as manhãs do mês que passara, Poe tivera de descongelar a tigela de água que *Edgar* tinha no exterior do chalé. Em Herdwick Croft, ele levava a tigela para dentro e colocava-a debaixo da torneira de água quente a correr.

Rebecca Pridmore não tinha uma tigela de água para cão. Mas tinha um bebedouro para aves. Um bebedouro para pássaros em pedra que congelava todas as noites tal como a tigela de *Edgar*. E era impossível ela levar o bebedouro para dentro de casa — teriam sido necessários dois homens robustos só para o mover. O mais certo era ela levar a água quente até lá.

E, para tal, teria usado a chaleira.

Todas as manhãs.

Poe imaginava que ela fervesse a água, deitasse alguma na cafeteira e levasse o resto para a rua. Duvidava que demorasse mais de cinco minutos, mas seriam cinco minutos em que ela estaria vulnerável. Se alguém estivesse a par de uma das poucas rotinas que ela tinha, podia ter esperado para a atacar quando ela saísse.

E num quintal com muros tão altos, ninguém veria nada do que ali se passasse.

Se tivesse razão, a chaleira ainda estaria no quintal.

— Vou lá fora, Tilly — anunciou.

*

Encontrou-a de imediato. Uma das vantagens de um quintal despojado de verdura é a facilidade com que se encontram as coisas. A chaleira encontrava-se num pequeno arbusto perto do

bebedouro. Era em aço inoxidável. Uma chaleira antiquada que, por norma, ficava em cima do *Aga*.

Poe pensou que o mais certo era Rebecca tê-la deixado cair ao ser agarrada pelo assassino. Se tivesse sido de manhã bem cedo, ele não a teria visto cair no escuro.

Olhou para dentro do chalé. Sparkes tinha regressado e estava a falar com Bradshaw. Ele achou que era melhor voltar para dentro antes que ela lhe dissesse como aceder ao site que mostrava onde estavam posicionados os submarinos do programa de dissuasão nuclear permanente do Reino Unido.

— Sr. Sparkes, enquanto a Tilly está ocupada, importa-se de me ajudar com uma coisa? — disse Poe, assim que entrou novamente na sala. — O funcionário do Ministério da Defesa olhou para ele intrigado, mas seguiu-o até à entrada da casa. — Preciso que me faça um favor. Vou até ao quintal. Importa-se de se posicionar no outro lado da estrada e dizer-me se consegue ver-me? Se não conseguir, mude de posição até conseguir.

A altura de Sparkes era um bónus. Se não conseguisse ver Poe, ninguém conseguiria.

Poe foi para o quintal e aproximou-se do bebedouro. Deixou-se ficar por ali o tempo que lhe pareceu necessário para o encher de água e voltou para junto da porta das traseiras. Repetiu o processo até Sparkes ter tido tempo suficiente para o observar de mais de uma posição.

Então, a porta das traseiras abriu-se e Sparkes juntou-se a Poe no bebedouro.

Trazia os joelhos molhados e os sapatos cheios de lama.

— Alguma coisa? — perguntou Poe.

— Nada. Da estrada principal, o muro da frente tapa quase tudo, a menos que esteja virado para a entrada, e mesmo assim só dá para ver o chalé. Não dá para ver o quintal.

— E através das janelas?

Sparkes abanou a cabeça.

— Não, a casa é elevada. Só se vê o céu e a copa das duas árvores maiores. Atravessei a estrada e entrei no terreno agrícola. Segui em linha reta até ao rio. Nunca ficamos a uma altura

suficiente para ver mais do que o telhado do chalé. Se alguém a viu no quintal, essa pessoa não estava na parte da frente da casa.

O que significava que o assassino tinha conseguido espreitar para o quintal. Mas como? O muro das traseiras era ainda mais elevado do que o da frente. A menos que usasse um escadote e esticasse a cabeça como um mirone, Poe não percebia como é que o assassino estava a par da rotina de Rebecca no bebedouro.

— Pode ter usado um drone — sugeriu Sparkes.

— Aqueles helicópteros de brincar?

— Sim. As versões civis são baratas. Podia tê-lo operado a partir do carro.

— Explique-me como funcionam — pediu Poe.

— Partindo do princípio de que ele não tem acesso aos que nós usamos, que custam centenas de milhares de libras, teria de estar muito próximo. São fáceis de usar e a maioria está equipada com câmaras HD.

Poe ponderou na hipótese. Um drone permitiria ver o que se passava do outro lado do muro, mas havia um grande senão: Dalston era uma zona rural, o que significava que estava a céu aberto. Apontou para um falcão que pairava sobre a margem do rio.

— Olhe para aquilo. Destaca-se como a última folha numa árvore. Um drone não passaria despercebido e, numa aldeia como esta, metade da população julgaria estar a ser atacada por extraterrestres. Alguém teria feito uma denúncia.

— Qual é a alternativa?

— Quero espreitar o campo lá atrás. Talvez haja uma posição estratégica suficientemente elevada para se ver o quintal. Vem?

Sparkes respondeu que sim.

Não havia um caminho direto do quintal de Rebecca para os campos que ficavam nas traseiras, mas, no dia anterior, Poe tinha reparado numa estrutura de passagem construída especificamente no muro de pedra e num sinal de acesso público em madeira algumas centenas de metros estrada acima.

Foi buscar os binóculos ao carro, calçou umas botas e foi ver o que conseguia descobrir.

Capítulo 18

Poe não sabia o que fazia de um campo um cercado, mas sabia reconhecer quando estava dentro de um. Havia obstáculos para provas de cavalos. Nada demasiado elevado, o que sugeria tratar-se de um circuito para crianças. A erva estava molhada e esponjosa. Ele via as suas pegadas até à estrutura de passagem.

Um rebanho de ovelhas observava-os com cautela. Poe e Sparkes contornaram as ovelhas e viraram-se para olhar para o chalé. O muro alto ocultava o quintal de Rebecca por completo. O assassino não usara o cercado como posto de vigia. Teria sobressaído como um espantalho e também não teria conseguido ver além do muro.

Poe não estava preparado para desistir. Perscrutou o terreno em volta à procura de um posto de observação viável. Se ainda estivesse nos Black Watch e lhe tivessem pedido para montar um posto de observação em Londonderry, onde é que se teria sentido seguro?

Num terreno elevado, sem dúvida. Um sítio menos visível, e não num abrigo óbvio; os abrigos óbvios atraem as atenções. Poe virou as costas ao chalé. Viu um bosque num planalto que pareceu promissor. Ficava a cerca de 500 metros do chalé, mas, com o equipamento certo, teria sido possível ver para além do muro do quintal.

O bosque era uma mescla de árvores de folha caduca e arbustos de rododendros. As raízes entrelaçadas e as pegadas de animais tornavam o terreno irregular. Os ramos raquíticos permeavam a luz difusa. O ar estava denso com o cheiro de folhas podres. Poe ouviu o restolhar de um animal pequeno e invisível. Duvidou que o bosque

fosse muito utilizado por pessoas a passear os cães. A vegetação rasteira era demasiado densa e havia outros carreiros mais aprazíveis e de mais fácil acesso.

Ergueu os binóculos. Continuava a não ter visibilidade para o quintal. Contudo, via Bradshaw pelas janelas. Alternava entre dois portáteis — o seu próprio e o de Rebecca. Poe esperava que ela não estivesse a copiar documentos secretos.

— Vê alguma coisa? — perguntou Sparkes.

— Vejo o interior do chalé, mas não o quintal.

— E ali em cima? — disse, apontando para as árvores.

Poe assentiu. Se o assassino tivesse escolhido uma árvore no limite do bosque, as hipóteses de ser descoberto seriam mínimas, mesmo durante o dia. Mas teria de ser uma árvore fácil de trepar, o que implicava que tivesse ramos baixos e uniformemente espaçados. Também precisaria de ter uma desculpa para o caso de ser descoberto por alguém, mas para alguém tão inteligente como ele, isso não seria um problema.

Poe não demorou a encontrar uma árvore à qual se podia subir sem equipamento especial e que tinha vista para o chalé. Ficava a uns dez metros para dentro do limite do bosque. Procurou outras árvores válidas, mas não encontrou nenhuma.

— Foi aqui — afirmou.

— Tem a certeza?

Poe afastou algumas das folhas na base da árvore e grunhiu de satisfação.

— Agora, tenho — disse, apontando para o chão. — As folhas por baixo das mais recentes que afastei estão pisadas. Esteve aqui alguém. E não foi apenas uma vez. — Em seguida, apontou para o ramo mais baixo. Ficava a cerca de um metro e vinte do solo. — Ele terá apoiado um pé neste ramo primeiro e depois agarrado no que está por cima para se conseguir içar. Repare no musgo. — Uma parte do musgo tinha desaparecido, outra parte estava pisada e outra tinha sido arrancada e estava a morrer. Poe tirou algumas fotografias. Mais tarde, os técnicos do CSI tirariam fotografias mais profissionais. — Isto passou a ser um local de crime — explanou

Poe. — Pode ir buscar equipamento forense ao meu carro? E diga à Tilly que vou enviar-lhe algumas fotografias.

Assim que Sparkes saiu do bosque, Poe ligou a Flynn e disse-lhe o que tinha descoberto.

— Qual é a tua próxima jogada? — perguntou.

— Vou subir e dar uma vista de olhos.

— Tens a certeza, Poe? Com essa idade, não devias andar a trepar às árvores. Porque não esperas pelo CSI?

— Vai correr tudo bem — assegurou-lhe ele. — Vou usar um fato descartável e, se achar que posso destruir provas, volto para trás.

— Está bem. Dou-te meia hora. Depois tenho de ligar à Jo Nightingale para a pôr a par.

Sparkes regressou com os fatos forenses. Poe disse-lhe:

— Obrigado. Vou ficar aqui até chegar a cavalaria. Pode ir ver se a Tilly precisa de ajuda?

— Com certeza.

Assim que ele deu meia-volta, Poe agarrou num ramo e olhou para cima, para ver o que o esperava.

Capítulo 19

Engraçada, a forma como a mente fez ligações.

A última vez que tinha subido a uma árvore, Poe pensava que sabia tudo sobre si. Tinha um pai que adorava e uma mãe que o tinha abandonado. Desta feita, sabia que o homem que o criara não era o seu pai biológico e que a mãe o tinha abandonado para não ser obrigada a ver a cara do violador a ganhar forma na cara do filho que tinha escolhido não abortar.

Há mais de um ano que sabia a verdade, mas não tinha avançado muito na sua demanda privada pelo seu pai biológico. Ainda assim, não tencionava desistir.

Há seis meses, o homem que o criara tinha voltado para casa inesperadamente. Há anos que não se viam e tinham tido muita conversa para pôr em dia. Quando Poe lhe dissera que estava a par da verdade, o velho desfizera-se em lágrimas. A mãe de Poe tinha sido violada numa receção diplomática em Washington, DC. O pai não tinha estado presente. Ela contou-lhe tudo quando voltou para o Reino Unido e ele tomara notas detalhadas. Guardava-as numa cabana que tinha na Nova Zelândia e era para lá que seguia. Prometera enviá-las assim que chegasse. Seria um ponto de partida.

Poe evitou os ramos que o assassino pudesse ter usado e subiu pela árvore. Revelou-se difícil, mas três anos a cortar a sua própria lenha tinha aumentado a sua massa muscular. Pouco depois, já estava em cima de um ramo a três metros do solo.

Virou-se na direção do chalé de Rebecca e olhou pelos binóculos. Tinha uma vista razoável para o quintal. Mais uns dois metros e a visibilidade seria perfeita. Perscrutou a parte de cima da árvore. Um

ramo robusto, com cerca de 15 centímetros de diâmetro, projetava-se do tronco a um ângulo de 90 graus. Se a intenção era ficar ali sentado a observar a casa e o quintal de Rebecca durante algum tempo, aquele seria o ramo indicado. Poe escolheu um caminho que lhe permitisse posicionar-se por cima do ramo. A árvore era fácil de trepar e ele não demorou muito tempo.

Olhou para baixo para o ramo que lhe pareceu que o assassino teria usado e sorriu. Uma secção com uns 45 centímetros tinha um aspeto diferente do resto do ramo.

Quase como se tivesse sido limpa ao ter acomodado alguém ali sentado...

Era ali que o assassino tinha montado o seu posto de observação. Era o sítio perfeito: dali teria conseguido ver tudo. Poe não sabia que desculpa inventaria se alguém o tivesse visto ali, mas, à exceção desse pormenor, estava satisfeito com o que tinha descoberto.

Poe aproximou-se o mais que conseguiu. O assassino não contava que dessem com o local, o que significava que podia ter sido descuidado. Ligou a lanterna do telemóvel. Procurou na área em volta por algo fora do normal e tirou algumas fotografias para analisar mais tarde. Nada saltou à vista.

Decidiu enviar uma mensagem a Flynn a pedir-lhe para anunciar a descoberta. Ele precisava do CSI. Se houvesse um cabelo preso na casca da árvore, eles haviam de o encontrar. Se o assassino tivesse cortado um dedo durante a subida e espalhado sangue na árvore, eles haviam de o encontrar. Se houvesse qualquer tipo de transferência forense, ficariam um passo mais perto de o encontrar.

Depois enviou um e-mail a Bradshaw com as fotografias quando ainda tinha rede. Ela passá-las-ia para o portátil e poderiam vê-las aumentadas. Enquanto aguardava que o e-mail fosse enviado, uma pinga de água caiu no ecrã. Ele guardou o telemóvel no bolso e olhou para cima — o inverno em Cúmbria era sinónimo de quatro ou cinco tipos de clima diferentes por dia.

E foi então que viu aquilo que o assassino tinha levado consigo para o caso de ser apanhado em cima da árvore.

Capítulo 20

Era um papagaio.

Mas não um daqueles de papel com coisas agarradas atrás como os que Poe tivera em criança — este era um papagaio de adulto. Pareceu-lhe que teria pelo menos um metro e oitenta de diâmetro depois de montado. O cordão estava preso ao tronco da árvore e a alguns ramos, alguns centímetros acima da cabeça de Poe. Se não tivesse começado a chover, não teria reparado nele.

O papagaio em si estava emaranhado nuns ramos e nos seus próprios cordões. Era preto com quadrados vermelhos e roxos espalhados de forma aleatória. Tinha um logótipo em cada uma das asas, no entanto Poe não conseguiu perceber do que se tratava. Estava todo amassado, aparentemente sem conserto. Não sabia como se chamavam, mas a maioria dos tubos da armação e todas as hastes estavam partidas ou dobradas. O tecido em nylon estava rasgado pelo menos em dois sítios.

Além disso, encontrava-se bem encravado na árvore. Se tivesse chocado com ela acidentalmente, teria ficado preso nos ramos exteriores e não tão colado ao tronco, como era o caso. Tinha sido colocado ali de propósito. O que fazia sentido. Assim, o assassino evitava que fosse parar a um sítio onde não pudesse ser recuperado, o que levantaria suspeitas se fosse apanhado em cima da árvore.

Poe fez uma pausa antes de subir ainda mais. A chuva humedeceu e tornou os ramos escorregadios e ele não era idiota — se caísse, partia quase todos os ossos do corpo. Melhor seria esperar até que fosse retirado por profissionais.

Os técnicos do CSI não teriam grandes pressas. O mais certo era usarem uma grua, de modo a terem uma plataforma segura e

estável a partir da qual pudessem trabalhar. Seria o mais sensato. Ninguém se magoaria e nenhuma prova seria danificada.

Ainda assim... ele queria dar uma olhadela primeiro.

Quinze minutos depois, Poe já estava posicionado acima do papagaio. Certificou-se de que não tinha tocado em nada do que o assassino tivesse tocado. Na sua opinião, o local do crime continuava inviolado.

Já conseguia ver melhor o logótipo numa das asas. Era um símbolo dourado, mas o tecido estava amarrotado e dobrado, por isso ele ainda não conseguia perceber o que era. Provavelmente, seria o logótipo de uma marca, mas ele queria tirar uma fotografia para ter a certeza, e a única forma de o fazer era colocar-se numa posição horizontal por cima do papagaio. Conseguiria vê-lo na perfeição, mas sem ter o tronco para se agarrar, o ramo podia não ser suficiente para suportar o seu peso.

Podia dobrar-se ou partir, e a queda seria monumental.

Que se lixe, pensou. Por vezes, só mesmo correndo riscos desnecessários é que se conseguia chegar a algum lado...

Capítulo 21

Poe esperou no bosque pelos técnicos do CSI e pelos inspetores.

Já ligara a Nightingale para lhe contar o que havia descoberto. Ela tinha ficado tão contente por ter uma pista sólida que até se esqueceu de o admoestar por ter subido à árvore.

— Ainda bem que a tigela de água do *Edgar* congelou — disse ela, antes de desligar.

Quando os dois inspetores do CID de Carlisle chegaram e assumiram a responsabilidade pelo local do crime, Poe voltou para junto de Bradshaw. Sparkes já se tinha ido embora, levando o computador de Rebecca. Poe contou-lhe o que tinha feito, omitindo a parte em que tinha escorregado e caído pouco antes de chegar ao solo. Tinha partido três unhas e sentia agora o joelho esquerdo a latejar.

Enquanto Bradshaw descarregava as suas fotografias, aproveitou para lhe dizer o que tinha estado a fazer.

— Já tenho cópias dos discos rígidos dos computadores de todas as vítimas, Poe. Vou fazer o mesmo com os telemóveis e tablets quando estivermos despachados daqui. Preciso de criar um programa que interaja com todas as plataformas em simultâneo.

— E consegues fazer isso?

Bradshaw encolheu os ombros. Se fosse o tipo de pessoa que diz coisas como «é canja», tê-lo-ia feito, mas optou antes por dizer:

— Já devo ter alguma coisa até ao fim do dia de amanhã. Se houver algum registo eletrónico entre as três vítimas, eu vou descobri-lo.

O computador de Bradshaw deu sinal.

— Já descarreguei as fotografias, Poe — disse-lhe ela. — O que queres ver primeiro?

— As fotografias do papagaio de papel.

Bradshaw selecionou a melhor e ampliou-a.

— Vês como foi amarrado? — comentou Poe, apontando para o ecrã. — Pô-lo ali para ter uma desculpa, caso alguém o apanhasse em cima da árvore.

— Concordo. Tem um nó aqui em baixo.

— O que suscita a pergunta óbvia: porque decidiu deixá-lo ali?

Não fazia sentido.

— Talvez tenha perdido a coragem quando chegou a altura de o tirar de lá? Estas fotografias foram tiradas a uma grande altura.

Poe abanou a cabeça.

— Se há coisa que o nosso assassino tem é coragem. Tem entrado e saído dos sítios descaradamente, deixando partes do corpo nas barbas de pessoas que teriam dado cabo dele se fosse apanhado. Subir a uma árvore não é coisa que o demova.

— Às tantas, não quis perder a oportunidade quando ela surgiu — sugeriu Bradshaw.

Poe assentiu. Aquela hipótese parecia mais provável. Se tivesse estado de vigia ao chalé de Rebecca e tivesse visto uma oportunidade inesperada, podia ter atravessado o cercado a correr e atacado enquanto podia. Isso explicaria porque não tinha tido tempo de retirar o papagaio da árvore.

Foi quando lhe ocorreu um pensamento.

— O que pode querer dizer que ele ainda vai voltar para o tirar...

Correu para o telemóvel.

Capítulo 22

Nightingale mandou os seus agentes recuar e montou uma operação de vigilância ao bosque. Poe ofereceu-se para integrar a equipa, mas ela recusou educadamente. Porém, convidou-o a participar na reunião de estratégia em Carleton Hall. Poe aceitou o convite para ver se conseguia fazê-la mudar de ideias. Enquanto o programa de Bradshaw não acabava de compilar e cruzar os dados das vítimas, ele não tinha muito com que se entreter.

— Continue a fazer o que tem feito, Poe — disse Nightingale, quando ele tocou no assunto. — Se a vigilância der frutos, ótimo, mas eu prefiro ver sempre o copo meio vazio. — Poe não respondeu. — Temos três equipas de doze elementos — prosseguiu ela. — Há dois agentes dentro de portas, seis casas abaixo do chalé da Rebecca. A partir do andar de cima, têm boa visibilidade para o bosque. Outros dois agentes vão estar posicionados no exterior, no bosque que fica por trás daquele que estamos a vigiar. Os restantes oito elementos vão estar espalhados pelo perímetro para o caso de ele conseguir fugir. Temos quatro câmaras com captação de movimentos no bosque e, mesmo sabendo que estavam lá, não consegui detetá-las. Todos os elementos estarão equipados com dispositivos termográficos.

— Turnos?

— Oito horas no local, 16 em repouso.

Poe grunhiu a sua aprovação. Turnos de 12 horas eram a norma naquele tipo de operações. O facto de Nightingale ter conseguido orçamento para um esquema de rotação de 8/16 horas, significava que previa uma operação a longo prazo. Todos os estudos indicavam que os turnos de vigilância de 12 horas acabavam por se tornar menos eficazes ao quarto dia. Os agentes perdiam a

capacidade de atenção e o cansaço instalava-se. Num esquema de 12/12, tudo o que os agentes faziam era trabalhar e dormir.

Flynn e Nightingale começaram a falar de questões orçamentais e outros assuntos que não lhe interessavam minimamente. Por isso, Poe resolveu deixá-las. Estava quase a anoitecer e Bradshaw já tinha voltado para o Hotel & Spa North Lakes. Então, decidiu enviar-lhe uma mensagem a perguntar se ela queria jantar mais cedo com ele.

Queria, sim. Poe entrou no carro e dirigiu-se ao hotel. Ela estava à espera dele no átrio. Em vez de uma sala de jantar formal, optaram por se instalar num dos sofás de couro na zona do bar. Estavam mais confortáveis e havia menos hipótese de alguém ouvir o que diziam.

— Querem beber alguma coisa? — perguntou o barman.

— Água com gás, sem gelo, por favor — respondeu Bradshaw.

— Quero o mesmo, mas com gelo — disse Poe.

Assim que o barman virou as costas, Poe perguntou:

— Como estás com o teu programa?

— Já estou na fase de testes, Poe. Vou inserir os dados hoje e terei uma análise preliminar amanhã por esta hora.

Poe assentiu. Não tinha muitas esperanças — as idades, nível de escolaridade, geografia e fatores socioeconómicos das vítimas eram demasiado distintos para haver uma ligação entre eles — mas a experiência já lhe ensinara a nunca subestimar o contributo de Bradshaw.

Porém, a ausência de um ponto de ligação entre as vítimas era irrelevante, uma vez que tinham efetivamente sido selecionadas. Descobrir *de que forma* era a função da SCAS, e Poe sabia que Bradshaw já tinha incumbido a sua pequena equipa de analistas — afetosamente conhecidos como o Povo Toupeira devido à forma como semicerravam os olhos sempre que saíam à rua — de analisar os critérios de seleção das vítimas.

O barman aproximou-se com as bebidas, que pousou em cima de bases para copos. Colocou ainda uma taça de amendoins à frente dos dois. Poe agarrou em meia dúzia, levou-os à boca e começou a mastigar. Passou a taça a Bradshaw.

— Não, obrigada, Poe — recusou ela. — Há estudos que comprovam que os frutos secos dos bares podem conter até 100 espécimes individuais de urina.

Poe parou de mastigar. Cuspiu o que ainda não tinha engolido para o lenço.

— Obrigado pelo aviso.

— De nada, Poe — respondeu ela, educadamente. — Ele levou um cubo de gelo à boca e trincou-o para se livrar do sabor imaginário a urina. — E é por esse motivo que também peço sempre as minhas bebidas sem gelo.

Poe estancou.

— Urina?

Ela abanou a cabeça.

— Coliforme. É a bactéria que está presente nas fezes humanas.

Poe olhou fixamente para o copo vazio.

— Vês? É por isso que bebo cerveja. Se é para saber a mijo, ao menos que sirva também para me embebedar.

— Tenho estado a pensar nas competições profissionais de papagaios, Poe.

— Quem não?...

— Isso existe mesmo — prosseguiu ela. — Há campeonatos e tudo. Algumas competições estão relacionadas com a precisão do voo e os participantes têm de descrever manobras específicas predeterminadas pelo júri. Outra modalidade tem que ver com a interpretação livre de uma peça musical. Chama-se a isso Kite Ballet. Estas duas modalidades podem ser disputadas a título individual, a pares ou em equipa.

— É estranho saberes tanto sobre isso — comentou Poe.

— O Jeremy, um dos meus...

— Toupeiras.

— ... colaboradores — corrigiu ela, sem hesitar —, lança papagaios desde pequeno.

— Eu também lancei papagaios quando era mais novo. Mas parei quando cresci. Como fazem os adultos, estás a ver?

— Adiante, Sr. Rezingas. Liguei ao Jeremy...

— Ligaste ou enviaste e-mail?

Bradshaw nunca falava com ninguém pessoalmente, se fosse possível resolver o assunto por mensagem.

— Pronto, está bem, enviei um e-mail ao Jeremy e ele disse-me que o papagaio que está na árvore parece um papagaio de acrobacias. Aparentemente, são muito caros.

Poe endireitou as costas. Aquilo, sim, tinha algum interesse. Podiam ter começado por falar sobre o conteúdo específico de urina em snacks de bar, mas parecia que tinham voltado ao território da investigação policial.

— O Jeremy disse onde podemos comprar estes papagaios?

— Lojas não faltam. Mas disse que o logótipo do papagaio deve ser personalizado. Ao que parece, a maioria dos adeptos mais entusiastas tem o seu próprio logótipo. Como não é muito visível e como tivemos de deixar o papagaio em cima da árvore, terei de passar as fotografias que tiraste por um programa de análise de imagens por objetos.

— E isso faz o quê?

— Divide a fotografia em píxeis e agrupa-os em objetos homogéneos. Cada objeto tem dados estatísticos associados, tais como formato, geometria, contexto e textura, que podem ajudar na sua identificação.

— E isso significa o quê?

— Vamos receber um relatório com algumas imagens compostas com o grau de semelhança expresso em pontos percentuais.

— O programa consegue prever o desenho do logótipo?

— Com pontos percentuais que indicam o grau de semelhança ao lado de cada uma.

— É um programa muito inteligente — disse Poe. — Presumo que seja um dos teus.

Bradshaw abanou a cabeça.

— Não. É um programa em código aberto que eu adaptei.

— Quando recebermos o teu relatório, vamos ter de falar com alguém. Deve haver um cromo qualquer que percebe destas coisas.

Bradshaw voltou a abanar a cabeça.

— És mesmo indelicado.

Capítulo 23

Quando Poe saiu de Herdwick Croft na manhã seguinte, Shap Fell parecia ter sido coberta por um manto branco. Ainda caíam flocos de neve do tamanho de caricas. Tinham coberto delicadamente o solo, transformando a antiga charneca agreste num local muito mais acolhedor.

À exceção das árvores. Os espinheiros raquíticos e pontiagudos que conseguiam despontar na charneca destacavam-se como se tivessem sido radiografados. Rasgos de preto intenso contra um fundo branco imaculado que se estendia a perder de vista.

Edgar ganiu de alegria — ele adorava a neve. Desatou a correr por entre uma nuvem de pó branco e depressa desapareceu na alvura da paisagem. Poe tinha-o ido buscar na noite anterior. Não era muito conveniente, mas a verdade é que sentia a sua falta quando não estava com ele.

Deixou-se ficar a observar as tropelias do *spaniel*, deliciado durante algum tempo, mas como não estava vestido adequadamente para a neve, começou a tremer de frio. O ar gélido acabou por lhe condensar a respiração, enregelar os pulmões fustigados pela tosse e encher os olhos de água. Por isso, assim que *Edgar* voltou para junto dele, molhado e ofegante, Poe foi vestir algo mais apropriado. Optou por vestir várias camadas de roupa em vez de casacos e camisolas grossas — afinal, neve em Shap Fell não significava neve nas terras baixas.

Ligou a Bradshaw para lhe dizer que estava a caminho, assobiou indicando a *Edgar* que saltasse para a parte de trás da moto-quatro — o único meio de transporte para chegar a Herdwick Croft — e seguiu para Shap Wells onde mantinha o seu carro.

Poe apanhou Bradshaw à porta da receção do hotel. A analista já tinha o nome de alguém que podia ajudá-los. Chamava-se Sean Carroll e era um cromo dos papagaios. Vivia em Cullercoats, na costa nordeste. Poe calculou que demorariam hora e meia até lá.

Na noite anterior, tinha ligado a Nightingale para lhe contar dos seus planos para o dia seguinte. Ela não tinha ficado muito contente — o circo estava a pegar fogo e ela preferia que o pessoal da SCAS se ocupasse a traçar perfis e não a perder tempo em caças aos gambozinhos. Poe concordou, mas disse-lhe que Bradshaw achava que valia a pena e que ele já tinha aprendido a confiar no seu instinto.

Vinte minutos depois, já estavam na A69, a caminho de Newcastle. Era uma estrada que Poe conhecia bem, por isso sabia quando abrandar para não ser apanhado pelos radares e quando acelerar até aos cento e trinta quilómetros por hora quando a estrada o permitia. Parecia que a maioria dos condutores tinham dado ouvidos aos apelos feitos pela rádio para limitarem as deslocações ao essencial. Nunca tinha visto aquela estrada com tão pouco trânsito.

Seguiam pela estrada costeira e já tinham passado Battle Hill quando o telemóvel tocou. Era Nightingale. Poe pressionou o botão verde do volante.

— Superintendente — disse. — Está em alta-voz. Tenho a Tilly aqui comigo.

— A que distância está de Newcastle?

— Não estou longe. Vamos encontrar-nos com o cromo dos papagaios em Cullercoats, um pouco mais acima na costa. O que se passa?

— A neve está a causar o caos por aqui. Encerrou metade do país enquanto a outra metade goza de céu limpo e sol forte. Devia ir até Newcastle assistir à autópsia de Howard Teasdale, mas ainda estou em Barrow. Não me parece que consiga fazer a viagem. Pode ir em meu lugar?

— A que horas é a autópsia?

— Às 14 horas. Se achar que ajuda, a professora Doyle pode atrasá-la uma hora.

— Às 14 horas parece-me bem. Esta coisa do papagaio não deve demorar muito.

— Obrigada, Poe.

— O Sean Carroll é um aficionado de papagaios — disse Bradshaw, assim que Nightingale desligou. — Não é um cromo.

Poe grunhiu. Não gostava de «aficionados». Na sua opinião, na hierarquia dos interesses bizarros que redundavam em comportamento criminoso, os aficionados vinham logo a seguir aos obsessivos, e ele tinha visto em primeira mão do que eram capazes os obsessivos...

Carroll combinou encontrar-se com eles na praia e não em casa ou no seu local de trabalho. Ainda se encontrava de férias e o tempo estava perfeito para lançar papagaios, pelo que não queria desperdiçar a oportunidade. Prometera levar tudo o que fosse necessário consigo.

Tinha enviado a localização do parque de estacionamento a Bradshaw e dissera-lhe que esperava por eles numa velha *Ford Transit*. Não tinha dito de que cor era a carrinha ou qual era a matrícula, mas isso não fazia diferença. Era o único veículo estacionado no parque.

O vento estava suficientemente forte para espalhar areia por cima do betão, ocultando as marcas divisórias dos lugares, mas isso não fazia diferença. Poe estacionou mesmo ao lado dele.

Se Poe tivesse pensado no aspeto da pessoa com quem se ia encontrar, teria imaginado alguém exatamente igual a Jeremy, o amigo de Bradshaw. Ao designarem oficiosamente a sua equipa como o Povo Toupeira, Poe sabia que o tinham feito com Jeremy em mente. Um homem pálido e marrão com óculos fundo de garrafa e dedos esguios. Capaz de resolver equações fracionárias sem usar a calculadora, mas que sozinho não era capaz de perceber que tinha de usar casaco quando estava frio.

Sean Carroll fazia lembrar um segurança de discoteca.

Tinha quase dois metros de altura, cabeça rapada e, apesar do frio, envergava apenas uma t-shirt. As suas mãos mais pareciam cachos de bananas e os nós dos dedos assemelhavam-se a nozes. À volta do bíceps — maior do que uma coxa de Poe — tinha desenhada uma tatuagem de arame farpado.

Esboçou um sorriso amistoso e apertou a mão a Bradshaw. O seu punho do tamanho de um presunto fez desaparecer o dela por completo. Quando fez o mesmo a Poe, este sentiu o seu aperto de firme e seco.

— Parece que precisam da minha ajuda para identificar um papagaio, menina Bradshaw — disse ele, com um sotaque carregado de Newcastle.

— Precisamos sim, Sean Carroll.

A forma invulgar como Bradshaw se dirigia às pessoas não pareceu perturbá-lo. Ele acenou com a cabeça, passou a mão pela janela aberta da carrinha, tirou dois dossiês lá de dentro e entregou-lhe um deles.

— Podem levar isto convosco, mas posso responder a quaisquer questões que tenham.

— A Tilly enviou-lhe fotografias do papagaio e imagens compostas de possíveis logótipos — disse Poe.

— Enviou, sim. Mas não posso ver o original, verdade?

— Lamento, ainda ninguém o viu.

Carroll abriu o dossiê que tinha na mão e tirou uma folha. O texto estava em neerlandês, mas tinha imagens suficientes para Poe perceber que o documento tinha sido impresso do site de um fornecedor de papagaios de Roterdão.

— Julgo que o vosso papagaio é um *Mirage Stunt Kite*. Provavelmente, o modelo XL.

O papagaio tinha um formato em V, semelhante a um bombardeiro *B-2* ou uma asa-delta. As cores eram iguais às das fotografias de Poe. Apesar de estar numa língua que ele não falava, reconheceu as dimensões quando as viu. Montado, o papagaio tinha uma envergadura de três metros. Tinha-lhe parecido grande, mas tanto também não. Se apanhasse uma rajada de vento forte, parecia capaz de arrancar um braço a alguém. Talvez o lançamento

de papagaios profissional não fosse uma modalidade tão croma como ele tinha imaginado... E isso também explicava os enormes músculos de Carroll. Só não percebia como é que Jeremy, o amigo de Bradshaw, conseguia dedicar-se à modalidade — Poe já o tinha visto a puxar do inalador depois de caminhar até ao frigorífico.

A outra coisa que Poe não teve problemas em traduzir foi o preço: 350 euros. À cotação atual da libra, isso significava um custo superior a 300 libras. Era muito dinheiro para deixar pendurado numa árvore.

Carroll colocou a página do site e uma das fotografias de Poe lado a lado.

— Reparem como a estrutura em carbono é igual aqui — disse, apontando para a parte superior do papagaio — e aqui — apontou para uma asa.

Poe assentiu.

— É este mesmo. O que pode dizer-nos sobre ele?

— Só o básico. Não tenho dinheiro para comprar um. É um pouco mais lento do que os outros papagaios de acrobacias, o que implica que é mais fácil de controlar. Pode ser manobrado com ventos superiores a cinquenta quilómetros por hora. Quarenta e cinco metros de linha dupla Dyneema, controlo direto com resposta...

— Dyneema? — interrompeu Poe.

— É um polietileno de ultraelevado peso molecular, Poe — esclareceu Bradshaw. — Tem interações intermoleculares extremamente resistentes porque as suas cadeias longas têm uma massa molecular entre 3,5 e 7,5 milhões de unidades de massa atómica.

Poe olhou para ela com uma expressão vazia.

— Presumo que seja ela o cérebro da dupla — concluiu Carroll.

— É estranho saberes tanto sobre uma coisa tão específica, Tilly — comentou Poe.

— Estive a fazer pesquisa sobre papagaios ontem à noite. Não leste o documento que te enviei?

— Acho que já sabes a resposta a essa pergunta.

Tinha passado os olhos, mas sem perceber patavina do que lá estava escrito. Ao invés, concentrara-se no tipo de pessoas que

lançavam papagaios: os clubes que frequentavam, as competições em que participavam. Daí não ter sido apanhado de surpresa quando Carroll lhes apresentou o documento em neerlandês. Os papagaios eram levados a sério nos Países Baixos.

Além do preço, o outro aspeto interessante em relação ao *Mirage Stunt Kite* XL era que os logótipos dourados não eram pré-impressos nas asas. Poe calculou que tivessem sido um acrescento posterior do proprietário do papagaio.

— O que sabe sobre os logótipos, Sean? — perguntou Poe.

Em vez de responder, Carroll encaminhou-os para as traseiras da carrinha e abriu as portas. Havia um papagaio deitado no piso de metal. Não tinha o formato de bombardeiro *B-2* do *Mirage*; parecia até algo frouxo e inerte.

— Este é um papagaio com o chamado design em *foil*. Não tem a estrutura rígida do *Mirage* e só ganha forma quando apanha o vento através das aberturas no rebordo dianteiro. Quando é lançado, assemelha-se mais a um paraquedas moderno do que a uma asa-delta. — Apontou para um dos logótipos impressos no tecido de nylon. — Aquele é o meu logótipo.

Tratava-se de uma gralha antropomórfica. Trajava um colete preto e branco, uma cartola também preta e branca e um fraque azul-claro. Calças pretas, sapatos amarelos e uma bengala rematavam o visual.

Poe já não era grande apreciador de futebol — o dinheiro que circulava nos bastidores atualmente tinha desprovido a modalidade do seu encanto —, mas reconheceu a mascote do Newcastle United quando olhou para o logótipo.

— Presumo que seja um logótipo personalizado.

Carroll encolheu os ombros.

— Sim, mais ou menos. O design não é meu, fui buscá-lo ao site do Toon, mas tanto quanto sei, mais ninguém o usa.

— Teve de o registar nalgum sítio?

— Não.

— Então, não há sítio nenhum onde possamos procurar o nosso logótipo?

Ele abanou a cabeça.

— Os papagaios ainda não têm grande adesão no Reino Unido. Não tanta como noutros países.

Poe analisou o logótipo da gralha. Tinha sido aplicado por um profissional. Sem rugas ou descascamentos.

— Como é que aplicou o logótipo?

— É uma serigrafia autocolante. As que usamos são concebidas para fardas resistentes a lavagens industriais. Só num raio de cinco quilómetros, há sete ou oito empresas que fazem esse tipo de trabalhos.

Poe rezingou de frustração.

— Segundo o programa da Tilly, a imagem de um pterodáctilo é a que mais se assemelha à da fotografia — disse. — Em segundo lugar, o programa sugeriu a imagem de um Batman planador e, por último, a de uma águia. Há mais sete hipóteses que temos de considerar.

— Os pterodáctilos são dinossauros voadores da idade Titoniana do período Jurássico, Sean Carroll — disse Bradshaw.

Carroll sorriu.

— Lançar papagaios é apenas um passatempo, menina Bradshaw. No dia a dia, sou entomologista no Great North Museum, anteriormente designado por Hancock Natural History Museum. Sei o que é um pterodáctilo.

— Há alguém a quem possamos perguntar? — atalhou Poe, antes que Bradshaw pudesse reagir. Se ela tinha algum defeito, era o facto de poder ser um pouco ríspida em relação a outras ciências que não a matemática. Tinha pouca tolerância para físicos; não ia permitir que um biólogo levasse a melhor.

— O melhor que posso fazer é ligar a alguns organizadores de eventos — sugeriu Carroll —, para ver se eles reconhecem.

Não era uma solução brilhante — eles nem sequer sabiam se o assassino participava em competições profissionais de lançamento de papagaios. Poe verbalizou as suas dúvidas.

— Pode acreditar que ele é praticante da modalidade, inspetor Poe. Garanto-lhe. Se quiser lançar um papagaio só na desportiva, qualquer papagaio de acrobacias barato serve para o efeito. O que

temos aqui é um papagaio profissional com um logótipo personalizado. Alguém há de conhecer o homem que o adotou.

Capítulo 24

Poe ainda tinha uma hora até Estelle Doyle dar início à autópsia. A brisa do mar estava a limpar-lhe os pulmões, por isso decidiu descer até à praia com Bradshaw e *Edgar*, que começou imediatamente a arrastar um pedaço de madeira descolorado pelo sol. A cauda do *spaniel* abanava mais do que um diapasão. Bradshaw conseguiu, por fim, tirar-lhe o pau, fingiu atirá-lo para longe e, quando *Edgar* arrancou atrás dele, desatou às gargalhadas.

Poe ficou a observá-los. Não demorou muito até que a sua pele ficasse revestida por uma fina camada de água salgada. Molhou os lábios e sentiu o sabor a sal. A espuma das ondas vinha desfazer-se aos seus pés. Ele gostava do mar do Norte quase tanto como gostava do mar da Irlanda. Era agreste e picado, cinza e não azul. Um verdadeiro mar britânico. Até mesmo no verão era demasiado gelado para se nadar.

Juntou-se a Carroll e ficou a vê-lo manobrar o papagaio com mestria. Bastava um ligeiro puxão para conseguir que ele virasse, revirasse e fizesse uma série de acrobacias; novo puxão e o papagaio cortava os ares como um falcão peregrino. Nunca perdia o controlo.

Bradshaw, ofegante, juntou-se a eles. Vinha corada e as suas pestanas estavam cobertas de sal. Trazia nos lábios um sorriso de todo o tamanho.

— O *Edgar* encontrou mais um pau, Poe. Correu para o mar, por isso não consegui ir atrás dele.

— Ele volta quando se fartar, Tilly.

— Vejam isto — disse Carroll. Endireitou o braço direito e puxou o esquerdo para trás. O papagaio desceu a pique em direção à areia. À última hora, puxou-o para cima. Sobrevoou a cabeça de *Edgar* a

cerca de um metro de altura e o cão lançou-se ao ar para o apanhar. Durante alguns minutos, Carroll lançou o papagaio cada vez mais próximo do *spaniel* sem que ele conseguisse apanhá-lo. *Edgar* começou a ladrar de frustração.

— Como é que se meteu nisto? — perguntou Poe.

— Aqui há uns anos, tive uns problemas de saúde. Perguntei ao médico o que me recomendava para o excesso de gases e ele sugeriu lançar papagaios. Dez anos depois, aqui estou eu, totalmente viciado.

Bradshaw franziu o sobrolho.

— Que grande irresponsabilidade — replicou ela. — A flatulência crónica pode indiciar algo muito mais grave. Ele devia tê-lo encaminhado para um gastroenterologista.

— É uma piada do Tommy Cooper, Tilly — explicou Poe.

— Quem?

— Quando tiveres oportunidade, faz uma pesquisa no *Google*. É um dos maiores comediantes de todos os tempos.

— Assim farei, Poe.

Ele sabia que não o faria. Além das suas séries de ficção científica estranhas, ela evitava todas as formas de entretenimento.

— Creio que o verdadeiro motivo se prende com o facto de ter estudado insetos e aracnídeos toda a minha vida adulta — esclareceu Carroll, sem nunca tirar os olhos do papagaio. — Pareceu-me natural ter um passatempo que incluísse o elemento do voo.

Ficaram a observá-lo durante mais meia hora, mas Poe percebeu que o casaco fino que Bradshaw trazia vestido já não a protegia do vento gelado, por isso informou Carroll de que tinham um compromisso.

O homem prometeu que voltaria a contactá-los relativamente aos designs de logótipos, assim que tivesse novidades.

Capítulo 25

Bradshaw nunca tinha assistido a uma autópsia. Poe nem sequer sabia se estava autorizada a fazê-lo. Deixaria isso nas mãos de Estelle Doyle. Como a ouvira dizer muitas vezes: «Na minha casa, mando eu.»

Encontraram um lugar de estacionamento perto da morgue do Royal Victoria Infirmary. Na última vez que Poe ali havia estado, tinham acabado de começar algumas obras de renovação. Desta vez, estavam a pleno vapor.

A morgue ficava situada na cave, mas o corredor por onde ele costumava entrar já não existia. No seu lugar havia uma nova placa e um mapa com a indicação «Você está aqui» com a sua localização atual assinalada com uma estrela vermelha. Poe decorou a nova configuração e, com Bradshaw logo atrás, partiu em busca do novo reduto de Estelle Doyle.

As obras de renovação tinham incluído a morgue e obrigado à remoção da porta que permitia a entrada de todos — fossem funcionários ou apenas visitantes — e que tinha sempre afixado um dos vários letreiros típicos de Doyle colado com fita-cola no vidro fosco — «Os doentes dos patologistas são frescos!», «Há gente mortinha por entrar aqui», e o preferido de Poe, «Desapareçam!», assim mesmo, sem grandes rodeios — e que foi substituída por uma porta deslizante automática em vidro.

A porta abriu silenciosamente assim que eles se aproximaram. A sala onde dantes estavam os cacifos dos funcionários era agora uma receção.

Poe pressionou a campainha.

— Isto está diferente da última vez que estive aqui — disse.

— Cheira a novo, Poe.

Era verdade. E tudo parecia limpo, reluzente e imaculado.

Um homem surgiu pela porta situada atrás do balcão da recepção.

— Posso ajudar-vos?

— Venho assistir a uma autópsia às 14 horas. Vai ser realizada pela Estelle Doyle — disse Poe, mostrando a sua identificação.

O homem anotou os nomes e pediu-lhes para se sentarem. Dois minutos depois, estava de volta.

— Está tudo em ordem. Queiram acompanhar-me.

Encaminhou-os por uma porta protegida por um teclado numérico para a área do pessoal.

— Alguma vez usaste um fato forense, Tilly?

— Não, Poe.

Era o que ele julgava. Não havia motivo para ter usado. Apesar de já ter realizado trabalho de campo, a sua função continuava a ser sobretudo analítica.

— Pois, e também não vai ser agora que vai usar — anunciou o homem.

— Ah, não? Porquê? — quis saber Poe. Só esperava que a autópsia não tivesse sido cancelada. O facto de Nightingale lhe ter pedido para o substituir tinha sido uma benesse.

— A professora Doyle já tem a sua própria sala de autópsias. Há anos que pedia uma, e finalmente o laboratório para o qual ela trabalha disponibilizou-se a avançar com o financiamento complementar se o hospital aceitasse todas as suas exigências. Tem uma zona de observação personalizada.

Poe assobiou de admiração. Doyle estava em alta. Era sócia no laboratório privado que fazia a maior parte do trabalho de ciência forense e patologia na região nordeste, patologista do Ministério do Interior e professora convidada de qualquer universidade e hospital universitário que tivesse dinheiro para contratar os seus serviços.

Já tinham falado ocasionalmente sobre a sua ideia do que seria uma morgue ideal. Teria uma sala específica, de modo que a natureza urgente das autópsias forenses não perturbasse o normal funcionamento do hospital, e uma nova zona de observação. Ela nunca gostou da antiga. Ficava muito longe das marquês, a

bancada de dissecação não era visível e lá dentro só cabiam quatro pessoas. Era por isso que ela insistia que o inspetor responsável estivesse sempre equipado e presente durante a autópsia. Se não precisavam de mudar de roupa era porque Doyle tinha conseguido a área de observação que sempre almejava.

O homem encaminhou-os por um corredor novo até uma porta com a informação «Área de Observação» gravada no vidro fosco. Era uma pequena sala de espera com cerca de três metros quadrados. Ao centro, tinha uma mesa baixa com um jarro de água. Uma série de cadeiras de plástico estavam amontoadas contra a parede.

— É melhor ficares aqui, Tilly.

— Se fosse possível, gostava de entrar, Poe. Acredito que assistir a uma autópsia vai fazer de mim uma melhor analista.

— Está bem, mas podes sair quando quiseres. Há muitos polícias que não aguentam. E isso não é vergonha nenhuma.

Poe abriu a outra porta da sala. Foi recebido por um cheiro familiar; um cheiro ao qual esperava nunca vir a habituar-se.

A nova sala de autópsias parecia estar equipada com tecnologia de ponta. Era uma divisão quadrada pensada para privilegiar a eficiência. Os materiais e acessórios dispendiosos eram robustos e fáceis de limpar. As grelhas de escoamento do chão estavam divididas por pequenas secções amovíveis, de modo a poderem ser retiradas e submersas num dos lavatórios de grandes dimensões que estavam encostados à parede oposta. Até o teto parecia estar preparado para ser lavado à mangueirada.

A parede à direita era ocupada na sua totalidade por arcas frigoríficas. Poe desconfiava que teriam portas dos dois lados, de modo que Doyle e a sua equipa não tivessem de entrar na sala de autópsias para recolher os cadáveres.

A área de observação onde estavam não se encontrava fechada. Uma divisória em vidro alta e posicionada em ângulo separava-os da sala de autópsias. A área de observação ficava por cima da bancada de dissecação. A proximidade era tal que, quando Poe se inclinava, conseguia ler o monitor digital do posto de pesagem. A área de observação era espaçosa, com pelo menos o dobro do

tamanho da anterior, e possibilitava excelentes vistas de todas as secções da sala de autópsias.

Poe sentia uma corrente de ar na nuca. Fazia sentido. A ideia era que o ar circulasse da chamada «área limpa» — as salas de espera, as áreas de observação e os esquifes — para as ditas «áreas sujas»: a zona de armazenamento dos cadáveres, as salas de autópsias e o armazém dos utensílios usados. Era a sala de autópsias mais moderna em que ele alguma vez entrara, e era perfeitamente árida.

No centro da sala havia uma marquesa com um guincho e iluminação ajustável por cima. Estelle Doyle encontrava-se de volta do cadáver de Howard Teasdale, a vítima encontrada no seu apartamento. Parecia ainda maior, deitado na marquesa. A sua pele pálida tinha um aspeto ceroso e uma coloração azulada. O peito e os ombros estavam marmoreados e o abdómen tinha um matiz verde. Os olhos miúdos e leitosos fixavam o teto, inanimados. A sua cabeça inchada estava elevada sobre um bloco. Poe conseguia discernir um corte que começava atrás das orelhas e passava por cima da coroa, feito de forma que Doyle pudesse puxar a parte da frente do escalpe para expor a cara e a parte de trás para expor o crânio. Os patologistas acediam ao cérebro através da remoção da parte de cima do crânio com uma serra *Stryker*.

Estelle Doyle não esperara por eles — já começara a trabalhar.

Capítulo 26

Estelle Doyle estava debruçada sobre o pescoço de Teasdale, a ditar enquanto trabalhava.

— O ferimento fatal mede 309 mm e está situado acima da cartilagem tiroide, entre a laringe e o queixo. Penetrou na pele em vários pontos, mas não a rasgou.

Enquanto se posicionava à volta da cabeça de Teasdale, reparou que eles estavam a assistir. Levantou o pé do comando à prova de respingos que controlava o sistema e interrompeu a gravação.

— Quando me disseram que era o Poe que vinha, parti do princípio de que não se importaria que comesse mais cedo. Há aqui muito Teasdale para examinar.

— Sem problema.

— E quem é a sua amiguinha?

— Matilda Bradshaw, professora Estelle Doyle — respondeu ela. Já de si pálida por natureza, ela tinha ficado branca como a cal desde que entrara na sala de autópsias. Poe não quis envergonhá-la e perguntar se ela queria sair.

Doyle tirou os óculos de proteção e aproximou-se deles.

— Não vou dar-lhe um aperto de mão, Matilda Bradshaw, mas considere-se cumprimentada. — Bradshaw assentiu. — Tenho uma dívida de gratidão para consigo — prosseguiu Doyle. — Presumo que tenha sido a Matilda a arrastar este indivíduo temerário para fora de um edifício em chamas.

— Ele é meu amigo — disse Bradshaw.

— «Teme» quê? — perguntou Poe.

— Temerário, Poe — respondeu Doyle. — Significa confiante irresponsavelmente arrojado. E julgo saber que foi também a Matilda quem fez as ligações no caso de Jared Keaton?

— O Poe e a inspetora-chefe Stephanie Flynn é que fazem o trabalho a sério — respondeu Bradshaw. — Eu só ajudo com a parte científica.

— E usa lápis de cera de que cor quando tem de fazer um desenho para lhe explicar as coisas? — troçou Doyle. — Eu uso lápis azul. Já percebi que o deixa mais calmo.

Bradshaw riu-se e disse:

— Ele sabe mais do que dá a entender, professora Estelle Doyle.

— E ainda por cima é leal, Poe — comentou Doyle. — Por mim, pode ficar.

— Parece que sempre conseguiu a sua segunda sala, Estelle.

Ela olhou em volta e acenou com a cabeça.

— Graças, em parte, ao trabalho adicional que me tem trazido. — Poe manteve-se em silêncio. — Estou a falar a sério, Poe. As direções do laboratório e do RVI leem os jornais como todos nós. Além deste que temos em mãos, tem estado envolvido em casos muito relevantes ao longo dos últimos anos. A exposição que temos tido por estarmos também envolvidos ajuda a obter financiamento.

— É um prazer ajudar — disse Poe. — O que descobriu, Estelle?

— Este homem teve uma morte rápida — disse, voltando a colocar os óculos de proteção e encaminhando-se para junto do cadáver. — Mas não muito mais rápida do que a morte que teria se a vida tivesse seguido normalmente.

— Como assim? — quis saber Poe.

— Se o assassino não o tivesse matado, diria que Howard Teasdale teria apenas mais um ano de vida. Não estava a receber tratamento, por isso presumo que não tivesse sido diagnosticado, mas tinha um linfoma em estágio IV. Já havia metástases para além dos nódulos linfáticos, no fígado, pulmões e medula óssea.

— Acredita que ele foi selecionado por ter uma doença terminal? — perguntou Poe.

— Não tenho dados suficientes que me permitam fazer um comentário — respondeu Doyle. Olhou para ele por cima dos óculos. — E o Poe também não.

Mesmo assim, ele tomou nota mental para falar sobre isso com Nightingale.

— Estou prestes a dar a autópsia por concluída. Mais tarde receberá o meu relatório... Sente-se bem, Matilda?

A testa de Bradshaw gotejava de suor. A sua respiração era superficial e rápida. Não conseguia tirar os olhos do cadáver. Acenou com a cabeça.

— Ajuda se pensar nisto como um processo científico, nada mais — encorajou Doyle. — Estou aqui para recolher e interpretar provas. Já fez o mesmo inúmeras vezes, mas com um conjunto de dados diferente. O Poe diz-me que é a melhor analista que ele alguma vez conheceu.

Bradshaw engoliu em seco e expirou devagar, conseguindo conter o refluxo gástrico. O facto de Doyle ter dito que Teasdale era apenas uma prova que estava a ser analisada ajudá-la-ia a categorizar uma autópsia à qual provavelmente não queria ter assistido.

— Obrigada, professora Estelle Doyle.

— Causa da morte? — perguntou Poe.

— Asfixia. Esta tese assenta na fina marca de estrangulamento e respetivos hematomas que detetei na zona do pescoço. Os músculos nessa zona também revelam hemorragias.

— Presumo que tenha sido estrangulado com um garrote.

— É quase certo. — Ela levantou a cabeça de Teasdale e virou-a para a esquerda, revelando a sua nuca. — Reparem nesta pequena lesão no lado esquerdo da vértebra cervical.

Em seguida, virou a cabeça para a direita e mostrou-lhes uma marca semelhante no outro lado.

— Foi aí que fincou os polegares quando apertou?

— Tudo indica que sim. E, se esperarem um pouco, mostro-vos outra coisa.

Colocou o guindaste em posição e virou o cadáver de 160 quilos de lado. Um ligeiro hematoma redondo, do tamanho de uma base para copos, sobressaía na pele manchada de Teasdale.

Por instantes, Poe não percebeu o que estava a ver.

Doyle ajudou-o.

— Ele era um homem grande, Poe. Em baixo de forma e moribundo, mas tinha músculos desenvolvidos no pescoço e ombros.

— O assassino usou o joelho como apoio adicional — concluiu. A resposta tornou-se óbvia quando ele se colocou no lugar do assassino. — Encostou o joelho às costas do homem para apertar com mais força.

— Mais uma vez, tudo indica que sim — confirmou Doyle.

— Quanto tempo demorou a morrer?

— Muito pouco tempo. Demorou uns dez segundos a perder a consciência e morreu em menos de um minuto. Há mais uma coisa que têm de ver.

Doyle pegou num controlo remoto. Um ecrã na parede da área de observação ganhou vida. Ela colocou um *slide* por baixo da lente de um microscópio potente. Simultaneamente, surgiu uma imagem no ecrã. Doyle girou uma maçaneta lateral e a imagem ficou focada.

— Quer explicar ao Poe o que estamos a ver, Matilda?

Bradshaw debruçou-se sobre a imagem. Ajeitou os óculos no nariz e semicerrou os olhos, comprimindo os lábios em sinal de concentração.

— Parece ser carbono, professora Estelle Doyle.

A patologista assentiu.

— Teremos a confirmação quando a amostra voltar do laboratório, mas tenho quase a certeza de que se trata de pó de diamante industrial.

— Onde é que isto estava? — inquiriu Poe.

— Incrustado na lesão no pescoço.

— Merda.

Poe sabia que havia fios impregnados em pó de diamante que eram usados como garrotes, mas nunca pensou ver um exemplo disso num caso que viesse a investigar. Dizia-se que era prática corrente nas forças especiais dos países de Leste. Na teoria, se a vítima conseguisse meter os dedos entre o garrote e o pescoço, bastava ao assassino mexer as mãos de um lado para o outro para lhe cortar os dedos.

Não era fácil comprar garrotes online, mas havia fios impregnados em pó de diamante industrial disponíveis em qualquer loja de ferragens. Os garrotes eram fáceis de fazer e a arma perfeita. Fáceis de explicar e ainda mais fáceis de esconder. Podiam enrolar-

se à volta do pulso como uma pulseira ou ser guardados numa caixa de ferramentas sem levantar suspeitas. Poe já tinha ouvido falar de um que havia sido usado para pendurar um quadro. Bastavam duas pegadas para se tornar uma arma mortal. Os botões de casacos como as canadianas revelavam-se pegadas perfeitas.

Doyle referiu mais alguns aspetos de menor importância e garantiu que enviaria o relatório preliminar a Nightingale até à meia-noite. O relatório completo ficaria disponível mal chegassem os resultados do laboratório.

Assim que ficaram despachados, Doyle aproximou-se da área de observação.

— Tenha cuidado com este tipo, Poe — alertou.

— Vou ter cuidado.

Ela tirou os óculos de proteção e olhou-o com intensidade.

— Estou a falar a sério, Poe. Este homem não é um rufião, é um assassino implacável.

— Já disse que vou ter cuidado.

Doyle abanou a cabeça.

— Não vai nada. Vai tentar fazer tudo sozinho, como fez no passado, mas desta vez não vai resultar. Não com este homem. — Virou-se para Bradshaw. — Menina Bradshaw, agradecia que tentasse controlar os instintos primários do Poe. Quando o encontrarem, lembre-o de que chamar a cavalaria não é um sinal de fraqueza.

O olhar de Bradshaw revelava preocupação.

— Eu própria os chamo, professora Estelle Doyle. Mesmo que o Poe diga o contrário.

Doyle anuiu.

— Obrigada. — Então, voltou a concentrar-se em Poe. — Mas... se ficar frente a frente com ele, arranje uma arma e dê cabo dele. Esqueça os avisos e esqueça o jogo limpo. Ele não hesitará em fazer o mesmo consigo, Poe.

— Não costuma ficar tão alarmada, Estelle. O que se passa?

Ela esboçou um sorriso triste.

— Infelizmente, há segredos que não admitem ser revelados.

— Que meias-palavras foram aquelas? — atirou Poe, enquanto caminhavam de volta para o carro. — Ela não costuma ser assim.

— Já estive a pesquisar — respondeu Bradshaw, enquanto lia algo no telemóvel. — O que ela disse no fim é uma citação de Edgar Allan Poe. É de *The Man of the Crowd*.

Poe franziu o sobrolho. Fora tudo muito estranho.

Capítulo 27

Chegaram a Carleton Hall a tempo da última reunião do dia e encontraram lugares mais atrás ao lado de Flynn. A superintendente Nightingale tinha convocado quase 200 agentes e a sala de reuniões estava abafada, húmida e malcheirosa. Poe pegou num recipiente com restos de caril e cheirou. Era *dhansak*. A carne já tinha desaparecido toda, mas mesmo assim ele serviu-se das lentilhas frias e picantes. Bradshaw fulminou-o com o olhar.

— É bom para as dores de garganta — mentiu.

Ela levou a mão à mala e deu-lhe a maçã que tirou lá de dentro.

— Como mais tarde.

— Agora.

Ele encolheu os ombros e deu uma dentada.

— Acho que confias demasiado nos poderes curativos da fruta, Tilly. «Uma maçã por dia não sabes o bem que te fazia» não é para ser levado à letra.

— Come e cala-te, Poe.

— Portem-se bem — sibilou Flynn.

Nightingale acabou com um ponto de situação relativamente à operação de vigilância do papagaio. Até ver, ninguém, nem sequer algum agricultor, se tinha aproximado do bosque. As equipas iam rodando, mas estava a tornar-se uma missão cada vez menos popular. As operações de vigilância eram entusiasmantes quando acontecia alguma coisa, caso contrário, os agentes começavam a resmungar.

Nightingale reparou em Poe e disse-lhe para se chegar à frente. Perguntou-lhe se havia informações relevantes sobre a autópsia de Howard Teasdale e, como ele respondeu afirmativamente, ela passou-lhe a palavra.

Durante 15 minutos, ele falou sobre o que Estelle Doyle havia descoberto. Guardou para o fim aquela que considerava ser a descoberta mais significativa.

— O Howard tinha um linfoma em estágio IV não diagnosticado. Tinha metástases nos pulmões, fígado e nódulos linfáticos. Segundo a professora Doyle, teria morrido em menos de um ano, e apesar de o estatuto de agressor sexual de Teasdale provavelmente descartar a hipótese de uma morte misericordiosa, julgo que é algo que não devemos descartar para já.

Nightingale disse:

— Pam, podes pedir mandados para acedermos à ficha clínica da Rebecca Pridmore e da Amanda Simpson, por favor?

Uma mulher de ar compenetrado que se encontrava sentada à frente assentiu.

— Com certeza, superintendente.

Poe prosseguiu.

— Outra coisa que precisam de saber é que o garrote usado para matar o Howard Teasdale estava impregnado com pó de diamante industrial. É uma verdadeira arma que pode ser facilmente ocultada à vista de todos, montada em poucos segundos e mortífera como qualquer outra. Se algum de vocês tiver a oportunidade de o deter, sigam o meu conselho e mantenham-no à distância. Gás lacrimogéneo é uma boa hipótese, um *taser* será ainda melhor. — Apontou para a equipa de resposta armada. — O ideal seria imobilizá-lo com dois tiros no tronco.

Nightingale franziu o sobrolho.

— É claro que o inspetor Poe quer dizer que, primeiro, devem identificar-se devidamente e tentar efetuar uma detenção pacífica.

Olhou para ele para obter confirmação do que acabara de esclarecer. Poe encolheu os ombros.

— Se alguém estiver a ver, talvez seja boa ideia.

Gargalhada geral.

Um polícia de uniforme graduado que estava sentado na primeira fila levantou o braço. Era Nightingale quem estava a presidir à reunião, por isso Poe deixou que fosse ela a dar-lhe a palavra.

— Jim?

— Alguma vez viu um caso assim, inspetor Poe?

— Eu e a inspetora-chefe Flynn estivemos envolvidos em praticamente todas as investigações a assassinos em série que ocorreram neste país nos últimos seis anos. Todos eles são diferentes, mas, até ver, têm todas características semelhantes. Este parece fugir à regra. Ele mata, porém, pelo menos no caso do Howard Teasdale, fá-lo rapidamente. Mutila, mas também usa anestesia. Seleciona as vítimas de forma aleatória, mas não tem um tipo específico. E ele é... — Um acesso de tosse impediu-o de continuar a falar. Quando parou, pegou na caneca que estava mais à mão e bebeu o conteúdo de um trago. Fez um esgar quando sentiu o sabor e tentou perceber o que tinha acabado de beber. — Chá de frutos — resmungou. — Qual é o vosso problema? Nova gargalhada geral. — E ele é arrojado — prosseguiu Poe. — Ao que tudo indica, deixou as partes do corpo à vista de todos. E é calmo. Se algo não correu conforme planeado, ele improvisou ou estava de tal modo bem preparado que, apesar de atuar em ambientes movimentados, ninguém deu por ele, e só foi apanhado por algumas câmaras de videovigilância porque quis. O papagaio na árvore parece ter sido o único erro que cometeu.

Poe fez uma pausa. A sala estava mergulhada em silêncio, e todos os olhos estavam postos em si. Mais um agente levantou o braço.

— Ele vai ficar por aqui?

— Os assassinos em série raramente param. Ou são apanhados ou morrem. No entanto, este homem... este homem está a fazer as coisas ao seu próprio ritmo. A minha resposta é que não sabemos; tanto pode ficar por aqui como pode estar apenas no início. Estamos em território desconhecido, por isso estamos a navegar à vista.

Uma sensação palpável de medo e inquietação percorreu a sala.

E ainda bem... O medo e a inquietação eram os seus maiores amigos neste caso.

— Quais são os teus planos para amanhã? — perguntou Flynn, depois de todos terem saído.

— O Sean Carroll diz que entra em contacto esta noite quando tiver informações sobre os logótipos dos papagaios — respondeu Poe. — O mais certo é ter uma série de nomes, por isso vou fazer uma triagem antes de passar o dossiê à Tilly.

— Vais trabalhar aqui?

— Em casa.

— Eu também vou trabalhar lá, inspetora-chefe Flynn — anunciou Bradshaw. — O Poe vê coisas que escapam ao meu programa.

— Certo, faz sentido.

— Pois faz. Como disse à superintendente Jo Nightingale: «Ele é um chato do... caraças, mas é como contar com o Rebus na... *piiii...* da equipa.»

— Porquê só comigo?! — perguntou Flynn, exasperada. — Porque é que nunca te lembras das coisas que o Poe diz?

— Eu lembro-me, mas ele acrescenta coisas como: «É claro que isto não é para dizer à chefe.»

Poe sorriu. Flynn não tardou a fazer o mesmo. Bradshaw olhou para eles, intrigada.

— Tenho de participar na reunião da manhã e depois tenho uma reunião de estratégia com a superintendente Nightingale e o subchefe. Vou ter convosco a Herdwick Croft mais tarde — disse-lhes Flynn.

— Nem penses — disse Poe. — Flynn cerrou o queixo. — Sabes bem que a viagem do parque de estacionamento até Shap Wells já é complicada quando as condições são boas, agora imagina quando tens uma série de perigos escondidos pela neve ou pela água estagnada. Eu sei que a gravidez não é uma doença, mas há que haver bom senso.

Poe sabia que as suas palavras não tinham caído em saco roto.

— Não estou habituada a tanta inatividade — lamentou-se ela. — Sabias que quando fiz os exercícios de krav maga hoje de manhã nem sequer consegui tocar nos dedos dos pés? Sou cinturão negro de terceiro dan e nem sequer consigo tocar nos dedos dos pés.

Poe, que não tocava nos dedos dos pés desde que saíra do

Exército, disse:

— Tens um ser humano a crescer dentro de ti. Talvez não haja problema em fazer uma pausa.

Flynn esboçou um sorriso amarelo.

— Está bem, vou às minhas reuniões e depois tiro o resto do dia. Vou ver se consigo que os meus tornozelos desinchem. Talvez tente calçar um par de sapatos de tamanho normal. — Olhou para baixo e viu duas manchas a formarem-se na blusa azul. — Dito isto, já ficava contente se as minhas malditas mamas parassem de pingar.

Capítulo 28

Bradshaw chegou a Herdwick Croft enquanto Poe ainda estava a passear *Edgar*. Já estava à sua espera quando regressaram. Ele tinha-lhe dito para dar um toque quando chegasse a Shap Wells para lhe dar boleia, mas ela tinha preferido ir a pé.

Poe compreendia-a bem. Embora estivesse um frio de ferir os olhos, a manhã estava revigorante e limpa. A sua tosse melhorara durante a noite. Tinha progredido de uma tosse áspera para uma impressão na garganta. Ainda sentia o corpo fraco e moído, mas sabia que o pior já tinha passado. O céu azul-claro e o horizonte nívoo estendiam-se a perder de vista, a neve estalava sob os seus pés e a água estagnada revestia-se de películas finas de gelo. *Edgar* rompia o gelo com uma alegria desmedida.

Bradshaw tinha-lhe levado o correio. Havia mais uma carta do departamento jurídico do município. Atirou-a para o fogão a lenha sem sequer a abrir.

— O que era aquilo, Poe?

— Não te rales com isso — disse-lhe. — Anda, temos muito que fazer.

E tinham mesmo.

Carroll tinha ligado a Poe na véspera, a altas horas da noite. Entrara em contacto com todos os organizadores de eventos de que se lembrava, mas nem todos tinham respondido porque tinham ido passar o Natal fora. Enviara uma lista provisória aos dois pouco depois das 22 horas.

Sem surpresa, muitos aficionados dos papagaios escolhiam objetos voadores com logótipos, e a lista, com mais de cem nomes, era já demasiado longa para ser útil.

— Como queres fazer isto, Tilly?

— Esquema na parede? — sugeriu.

— Esquema na parede — concordou ele.

Herdwick Croft era um chalé pequeno e sem grandes tralhas. Tudo o que se encontrava lá tinha uma razão de ser. Poe lia muito, por isso todas as paredes que não tinham eletrodomésticos tinham uma estante de livros. Baratas e díspares, as prateleiras de contraplacado começavam a abater com o peso de uma seleção eclética de livros. Na sua maioria, eram livros de não-ficção sobre assassinos em série ao longo da história — Poe acreditava que havia poucos homicidas originais e que, muitas vezes, a solução para um mistério se recuperava no passado. Tinha vários livros sobre mitologia e religião — uma fonte infindável de inspiração para os assassinos em série — e outros escritos pela maioria dos grandes filósofos e pensadores, de Aristóteles a Sartre. Também tinha várias prateleiras cheias de livros de bolso. Como não tinha televisão, tanto lia por obrigação profissional como por prazer.

Porém, por mais importantes que os livros fossem para ele, desde o caso do Imolador que Poe mantinha parte de uma parede livre para lá colar com plasticina documentos e fotografias. Ver tudo aquilo junto, como um mosaico gigante, permitia-lhe ter uma perspetiva diferente daquela que obtinha com um dossiê ou documento que obedeciam à lógica do HOLMES 2 — o principal software de investigação usado pelas forças de autoridade. Ver lado a lado fotografias que, de outra forma, estariam em partes diferentes de um processo permitia-lhe estabelecer ligações que podiam não ser perceptíveis. As marcas secas e azuis da plasticina usada em investigações passadas pontilhavam a parede como acne de estrunfe.

Bradshaw ainda não tinha acabado de dividir a parede em colunas de triagem — o método que usavam para fazer uma primeira seleção — quando o telemóvel de Poe deu sinal de vida.

Era Sean Carroll. Poe pôs a chamada em alta-voz.

— O mais certo é não ser relevante, inspetor Poe, mas lembra-se de eu ter dito que seria quase impossível encontrar a pessoa que aplicou a serigrafia autocolante?

— Lembro.

— Talvez tenha exagerado. Apliquei o meu logótipo com equipamento do museu, por isso não sabia, mas falei com um homem hoje de manhã que me disse que, se quisermos um trabalho bem feito, que não desbote e que possa ser aumentado ou diminuído de tamanho consoante as necessidades, há um estampador a que quase todos os aficionados dos papagaios recorrem.

— E?

— E eu liguei-lhe e ele disse que estampou um pterodáctilo dourado para um homem de Cúmbria há dois anos.

— Ele tem a certeza?

— Sim. Disse-me que foi o único que lhe pediram para fazer.

O programa de Bradshaw tinha identificado o pterodáctilo como a forma estatisticamente mais provável de ser aquela que adornava o papagaio. Tentou imaginar quais seriam as probabilidades de haver outro praticante que usasse o logótipo de um pterodáctilo dourado. Decidiu que seriam poucas.

— Preciso do nome e da morada.

— Pois... — disse Carroll. — Aí é que a porca torce o rabo. Ele só se lembra da data em que o enviou.

— Lembra-se da data, mas não do nome? Isso não me parece plausível.

— O cliente pagou em dinheiro. Enviou o desenho que queria por correio, juntamente com um envelope com seis notas de 20 libras.

— Portanto, não há registo de cartão de crédito.

— Infelizmente, não.

— E ele não se lembra do nome? Não regista essas coisas?

— Por norma, sim. Disse que se deve ter esquecido daquela vez.

Poe resfolegou.

— Por outras palavras, foi um trabalho pago em dinheiro que ele não declarou.

— Dinheiro não declarado é dinheiro embolsado — argumentou Carroll.

— Como é que ele enviou o logótipo?

— *Logótipos*. Eram dois. Enviou-os como envia sempre: num envelope almofadado com um grande selo afixado.

Caramba! A pista promissora tinha saído furada.

— Seja como for, preciso de falar com ele.

— Ele está à espera da sua chamada — disse Carroll. — Mas há mais uma coisa.

— Diga.

— O cliente não incluiu a morada de casa juntamente com o dinheiro.

— Então, como é que...?

— Como é que recebeu os logótipos?

— Sim.

— O designer recebeu a morada de uma transportadora em Carlisle. Ao que parece, têm um serviço de recolhas.

Poe suspirou de alívio. O amigo estampador de Carroll podia não saber o nome do homem que lhe encomendara os logótipos, mas a transportadora teria certamente um registo da pessoa que os tinha levantado...

Capítulo 29

Poe já tinha estado na ANL Parcels, no âmbito do caso Jared Keaton e tinha-os considerado úteis. Mesmo assim, duvidava que eles divulgassem os dados de um cliente se se apresentasse sem mandado.

Ainda pensou em ligar a Nightingale para ela pedir a alguém da equipa de homicídios para solicitar um mandado, mas depressa descartou a ideia. A fundamentação do mandado teria de ser redigida de forma criativa. Não podiam simplesmente dizer que o homem que tinha comprado a impressão ao amigo estampador de Carroll era o dono do papagaio, e como este ainda estava em cima de uma árvore, nem sequer sabiam se o logótipo era um pterodáctilo.

Nightingale nunca poderia autorizar o mandado. Felizmente, Poe conhecia alguém que podia ajudar...

Poe conhecera Owen Dent numa sessão de formação sobre ética. A sua área de especialidade era o minado terreno jurídico dos mandados, sobretudo a má redação ou falsidade da fundamentação, que podia dar azo a futuros recursos. Desde então que, de vez em quando, entravam em contacto ou bebiam um copo. Ocasionalmente, Dent ajudava Poe a redigir mandados. Então, escreveu um resumo de 500 palavras do que eles julgavam saber, como tinham obtido determinadas informações e aquilo que pretendiam.

Enviou o documento por e-mail e esperou.

Owen Dent respondeu em menos de uma hora. Pedia a Poe que preenchesse o formulário da avaliação de informações 5 × 5 × 5. Era prática comum, mas Poe tinha evitado deliberadamente enviá-lo juntamente com o seu resumo. Tratava-se de um sistema de avaliação de informações em três fases. A primeira fase, uma avaliação da fonte, Poe tinha de classificar como E: Não Testada. Não conhecia Carroll e este não estava registado como informador. A segunda fase, uma avaliação das informações recebidas, Poe também não podia atribuir uma classificação muito elevada — a informação que constava na impressão era indireta. Havia sido transmitida por Carroll, que a tinha recebido de outra pessoa. A terceira fase dizia respeito à disseminação das informações. Poe não se importava com isso, pelo que selecionou a caixa do meio.

Pedi a Bradshaw que descarregasse um modelo em branco da Intranet da NCA.

Olhou com algum desânimo para o formulário 5 × 5 × 5 preenchido, pensou em formas de melhorar as duas primeiras classificações e decidiu que não havia nada a fazer. Bradshaw enviou o formulário para Dent sob a forma de anexo com a palavra «Lamento» no Assunto.

«Não te preocupes, Poe», foi a resposta. Antes que conseguisse impedi-la, Bradshaw escreveu «Obrigada».

— Pronto, agora é que vai ser — suspirou Poe.

— O que foi, Poe?

— Já vais ver.

E assim foi. Pouco depois, surgiu um e-mail na caixa de entrada com o texto «De nada».

— O Owen é um tipo impecável, mas tem de ter sempre a última palavra numa troca de e-mails.

Etiqueta da troca de e-mails à parte, Owen Dent não falhou. Um quarto de hora após receber o formulário 5 x 5 x 5, enviou-lhes um esboço de fundamentação para um mandado que garantiu que esticava ao máximo as informações de que eles dispunham sem entrar em áreas jurídicas cinzentas.

Poe copiou e colou as palavras de Owen para um mandado e imprimiu o documento. Olhou para o relógio e disse:

— Vou pedir para assinarem isto no tribunal de primeira instância de Kendal durante as sessões da tarde. Fica aqui e continua a trabalhar. Seja como for, só vamos usá-lo amanhã.

— Está bem, Poe.

Duas horas depois, Poe subia os degraus do tribunal de primeira instância de Kendal. Inspirou o ar frio, mas depressa se arrependeu quando isso resultou num ataque de tosse. Não fora um pedido convencional, em parte porque ele tinha insistido para que não houvesse imprensa e civis na sala de audiências, e em parte devido à ausência de provas concretas.

Dos três magistrados presentes, o que estava sentado ao centro, o juiz presidente, desconfiava que tudo aquilo fosse um tiro no escuro, por isso fez perguntas pertinentes a Poe. Porém, o caráter persuasivo da fundamentação de Owen Dent acabou por convencê-los e o juiz presidente assinou a contragosto o mandado que obrigava a ANL Parcels a divulgar informações relativas aos homicídios de Howard Teasdale, Rebecca Pridmore e Amanda Simpson.

Poe endireitou as costas quando voltou a ler o mandado. Agora, não havia volta a dar.

Capítulo 30

— Porque é que alguém pediria para entregarem uma encomenda numa transportadora, Poe? — perguntou-lhe Bradshaw. — Porque não receber a encomenda em casa?

Eram 7h58 e estavam os dois à porta da ANL Parcels, à espera de que abrisse. Poe reparara que havia movimento no interior, mas o que lhe interessava era a receção. Ele conhecia o tipo de motoristas que a ANL empregava e a verdade é que alguns deles pareciam ter assistido ao processo de evolução da espécie desde o início. Ele duvidava que fossem capazes de identificar um computador, quanto mais encontrar um onde pudessem pesquisar um nome registado há dois anos.

— Muitas pessoas fazem isso, Tilly — explicou Poe. — Algumas não gostam de receber as encomendas em casa, não vá dar-se o caso de não estarem na altura para as receber. Há encomendas que desaparecem, vizinhos que negam ter recebido as encomendas em nome da pessoa, contentores que são assaltados por toxicodependentes, esse tipo de coisas. Para alguns, é mais fácil e seguro recolhê-las nas transportadoras. E depois há aqueles que não querem que os vendedores saibam a sua morada de casa.

Às 8 horas em ponto, a porta foi aberta. Poe e Bradshaw foram os primeiros a entrar. A rececionista ainda nem sequer se tinha sentado à sua secretária.

Poe mostrou a identificação e pediu para falar com o gerente. Foram convidados a sentar-se.

Rosie, a chefe de operações com quem Poe tinha falado da última vez que ali estivera, aproximou-se deles. A sua expressão denotava preocupação.

— Inspetor Poe — disse, enquanto lhe estendia a mão —, em que

posso ajudá-lo desta vez?

Na ocasião, Poe falara com ela a propósito de uma amostra de sangue, para confirmar a cadeia de custódia. Achara-a recetiva e muito prestável. Esperava que assim se mantivesse depois de ler o mandado.

Ela encaminhou-os para o seu gabinete e pediu-lhes que aguardassem enquanto falava com a diretora-executiva. A ANL era uma empresa transportadora local e não tinha uma sede ou departamento jurídico que tivesse de dar luz verde — apenas uma mulher que criara uma empresa do nada.

Rosie leu o mandado ao telefone. Por fim, acenou com a cabeça e disse:

— Obrigada, Alison. — Tocou no rato do computador e o logótipo da ANL deu lugar ao ecrã de *login*. — Então, em que posso ajudar-vos?

Uma hora depois, Rosie entregou-lhes uma cópia do registo de «recolhas de encomendas» relativo à data que constava no mandado: 32 nomes. Moradas em Cúmbria e na região sudoeste da Escócia. Bradshaw cruzou rapidamente os dados e confirmou que nenhum dos nomes fornecidos pela ANL constava na lista que Carroll providenciara no dia anterior.

— E todas as encomendas foram recolhidas? — perguntou Poe.

Rosie assentiu.

— Que tipo de identificação exigem?

— No caso de a encomenda não ser entregue, precisamos do aviso que deixamos em casa da pessoa ou de um documento de identidade com fotografia. No caso das recolhas na transportadora, exigimos sempre um documento de identidade com fotografia.

— É possível a recolha ser feita por terceiros?

— Se no documento de identidade constar o mesmo apelido e morada, usamos o bom senso. Desde que tenhamos a certeza de que a pessoa que está a fazer a recolha é quem diz ser, acabamos por facilitar.

Poe acenou com a cabeça e agradeceu-lhe. Quando voltaram

para o carro, entregou a lista a Bradshaw. Reduzir uma lista de 32 nomes para apenas um era uma tarefa à medida de um génio matemático e analítico.

Capítulo 31

No caminho para Herdwick Croft, Poe ligou a Flynn para a atualizar.

— Onde arranjaste a lista de nomes? — perguntou-lhe. — Não te preocupes com isso.

— Poe... O que é que fizeste?

— Não violei nenhuma lei — assegurou-lhe ele. — Pergunta à Tilly.

— Ele não violou nenhuma lei, inspetora-chefe Stephanie Flynn — corroborou Bradshaw. — O Poe teve de pedir a um amigo para o ajudar a mentir corretamente no mandado, mas...

— Pronto, pronto, já ouvi o suficiente — cortou ela. — Tens a certeza de que o nome do assassino consta nesta lista, Poe?

Não era altura para exagerar. Era uma pista baseada em informações de terceiros baseadas no pressuposto de que um logótipo com má visibilidade, depois de revelado, seria o que eles pensavam que fosse. E, como Bradshaw dissera, o mais certo era haver mais de um aficionado dos papagaios a usar o logótipo de um dinossauro voador. Os cromos gostam de dinossauros.

Poe verbalizou as suas preocupações.

— Muito bem — disse Flynn, após uma curta pausa —, vou falar com a superintendente Nightingale, mas não contes que ela desate aos pulos de contente. Isto é tudo menos uma pista concreta.

— Concordo — admitiu Poe. — Ainda assim, creio que não devemos ignorá-la.

— Sem dúvida. Presumo que vão voltar para Herdwick Croft para tentar reduzir a lista de 32 nomes.

— Vamos, sim — respondeu Bradshaw. — Vou recorrer à correlação estatística de comportamentos criminosos e a outros

truques que ando para experimentar há uns tempos. Vou deixar que o Poe a reduza ainda mais com a ajuda de uma caneta vermelha.

Bradshaw não estava a ser sarcástica. O método da caneta vermelha já tinha dado bons resultados. A ciência tem os seus limites. Por vezes, há que confiar no instinto.

— Parece-me um bom plano — concordou Flynn.

— Ligamos-te de hora a hora, chefe — descansou-a Poe. — Estás com a Nightingale?

— Vou tirar o dia, Poe. Estou com uma indigestão do caraças. Parece que passei a semana a comer malaguetas. — Poe sentiu um arrepio na coluna. Tinha ouvido dizer que a indigestão era das piores coisas que podiam acontecer na fase final da gravidez. — E nem queiras saber das dores que sinto por causa das hemorroidas.

— Não quero, não — garantiu Poe, apagando rapidamente a imagem que lhe assomou ao cérebro.

— Estão tão inflamadas que quase brilham. Se houvesse uma falha de eletricidade, aposto que conseguia ler um livro só com a luz que as sacanas emanam — disse. — Aí está uma coisa que ninguém nos diz nas aulas de pré-natal.

Poe olhou para Bradshaw.

— Então? Não tens perguntas a fazer, Tilly?

— Os seus seios ainda estão...?

— Está quase, chefe. Força! — interrompeu Poe rapidamente.

— Ah! Antes que me esqueça — disse Flynn —, a Nightingale quer que estejam presentes amanhã de manhã numa reunião em Carleton Hall. Ela chamou um perito em estudos semióticos.

Bradshaw deixou escapar um apupo. Virou-se no assento e mostrou a Poe os dois polegares para baixo.

— Mas que raio são estudos semióticos? — quis Poe saber.

— É a pseudociência que alega interpretar sinais e símbolos — explicou Bradshaw. — É claro que não passa de uma perda de tempo. Seria mais fiável prever o futuro através dos excrementos dos animais.

— A Polícia Metropolitana tem uma pessoa que os ajuda a decifrar a simbologia dos gangues — esclareceu Flynn.

— Foi essa pessoa que a Nightingale foi buscar? Um cromo de

Londres? — ironizou Poe.

— Não. Contactou um professor universitário. Vai falar sobre os possíveis significados das aves que encontrámos no primeiro local do crime. As que estavam no papel de embrulho da caneca.

Novo apupo de Bradshaw.

— Ela está desesperada, Tilly — disse Flynn.

— Concordo com a Tilly, chefe. Parece mesmo uma perda de tempo — concluiu Poe.

— E é uma enorme perda de tempo, Poe — concordou Flynn. — Mas ela quer que estejam presentes e é ela quem está à frente desta investigação.

— Está bem. A que horas?

— Às 10 horas.

— Lá estaremos.

— Ótimo. E, Tilly, amanhã não quero vaias.

Capítulo 32

— Vamos precisar de uma lista nova, Poe — disse Bradshaw. — Temos de saber os nomes de todas as pessoas que vivem nestas moradas, não apenas os nomes que a ANL nos forneceu. É possível que os dois logótipos tenham sido um presente para alguém. A pessoa que os encomendou pode não ser o destinatário final. — Poe assentiu. — E se foram um presente, isso pode explicar porque não foram entregues na morada da pessoa. A ideia era ser uma surpresa.

— Vou aceder ao sistema da Polícia Nacional e aos cadernos eleitorais.

Quando Bradshaw acabou de acrescentar os nomes de todas as pessoas que viviam na mesma casa à lista de pessoas que tinham recolhido encomendas na transportadora, ficaram com 70 nomes em mãos. Passou uma hora a fazer aquilo que designava de «perfis rápidos» — a compilação de informações básicas como sexo, data de nascimento, etnia e cadastro — e, em seguida, colou tudo na parede com plasticina.

— Vou fazer uma primeira triagem, Tilly.

Começou por riscar a vermelho todos os nomes femininos. Poe tinha visto o assassino nas imagens de videovigilância do Fiskin's Food Hall e, apesar de ter a cara tapada, não havia dúvidas de que se tratava de um homem. E movimentava-se como um homem mais jovem, por isso Poe achou por bem riscar todos os homens com mais de 60 anos.

Sobravam 18 nomes.

Dois dos homens que correspondiam à idade certa eram asiáticos e um era negro. A equipa de Nightingale tinha falado com todos os

funcionários da John Bull Haulage e todos os vendedores que tinham passado por lá eram brancos. Bradshaw acrescentou que todos os estudos sobre assassinos em série sugeriam que eles escolhiam vítimas da sua própria etnia. Poe riscou os três nomes.

Quinze.

Bradshaw entrou em ação. Um dos homens pertencia à Marinha, estava no estrangeiro há três meses e só regressaria em abril.

Catorze.

Outro tinha servido no Exército e perdido um braço durante um incidente com um engenho explosivo no Afeganistão. Poe riscou-o da lista — o garrote exigia o uso das duas mãos.

Treze.

Através de uma base de dados que Poe não reconheceu, Bradshaw descobriu que um dos homens tinha passado o Natal em Londres, não tendo ainda voltado para casa, e que outro era um australiano que tinha ido para Melbourne para assistir ao jogo de críquete do dia 26 de dezembro. Realçou os dois nomes no ecrã do computador — era a sua versão da caneta vermelha de Poe.

Onze.

Bradshaw quis reduzir a lista ainda mais através dos seus perfis rudimentares, todavia Poe demoveu-a.

Duas horas depois, Bradshaw já tinha explorado a fundo as vidas online dos últimos 11. A parede estava cheia.

Poe olhou fixamente para os dados que ela tinha recolhido. Algumas das pessoas que faziam parte da lista tinham redes sociais, outras nem por isso. Algumas levavam a segurança online muito a sério, a outras só faltava publicar fotografias da certidão de nascimento e contas bancárias no *Facebook*.

O seu instinto dizia-lhe que o homem que procuravam seria naturalmente reservado, mas uma presença incipiente nas redes sociais não era uma forma segura de reduzir ainda mais os nomes da lista. Se fosse inteligente, teria tomado medidas para passar despercebido online. Bradshaw tinha inúmeros avatares nas redes sociais, todos eles impercetíveis ao escrutínio de terceiros; não

havia motivo para o assassino não fazer o mesmo. Um perfil inofensivo cheio de trivialidades e vídeos de gatinhos ocultaria a sua natureza sigilosa sem o comprometer com publicações significativas.

Nessa medida, podia ser qualquer um deles.

Onze nomes.

Um assassino.

Capítulo 33

Poe foi acordado por uma dor de cabeça lancinante. A sua sinusite tinha piorado durante a noite, reduzindo a quantidade de oxigénio que chegava ao cérebro. Fechou os olhos e tentou concentrar-se para atenuar a dor. Alcançou a *Aspirina* que tinha na mesa de cabeceira e engoliu quatro comprimidos a seco. Pousou a cabeça suavemente na almofada e deu tempo ao fármaco para fazer efeito.

Mais tarde, abriu a torneira da água quente ao máximo e obrigou-se a ficar debaixo do chuveiro até deixar de sentir que tinha uma faca espetada no crânio. Saiu do chuveiro, enrolou-se numa toalha e olhou para o telemóvel. Tinha uma mensagem de Bradshaw.

Os Toupeiras tinham descoberto qualquer coisa.

Não só tinham traçado o perfil psicológico completo dos 11 homens que restavam como também tinham identificado o seu principal suspeito.

Chamava-se Robert Cowell. Tinha 22 anos e vivia com a irmã numa casa arrendada perto do Cumberland Infirmary, em Carlisle.

Poe desceu as escadas a correr, esquecendo por completo a dor de cabeça, e atentou nos dados do suspeito que estavam afixados na parede.

Lembrava-se de Cowell. No dia anterior, quase o riscara da lista só com base na idade. Aos 22 anos, parecia demasiado novo para ser um assassino tão competente.

Então, leu as novas informações dos Toupeiras e não ficou muito convencido. Não detetou nenhum dos fatores causais comuns que transformavam uma pessoa normal num assassino premeditado. Tinha tido uma infância banal. Não fora um aluno excelente, mas também não parecia ser burro nenhum. Não praticara desporto, mas

isso também não tinha a importância que tivera nos tempos de escola de Poe. Atualmente, os cromos estavam em alta. A fase final da sua adolescência também não revelava grandes sobressaltos. Tinha sido contratado por uma pequena empresa de desenvolvimento de sites, mas saíra ao fim de três anos para abrir um negócio com a irmã que, em grande medida, seguira o mesmo percurso de vida.

A conclusão do Povo Toupeira era que, apesar de estatisticamente ser o seu suspeito de eleição, Cowell tinha mais propensão a ser um teórico da conspiração do que um assassino. Bradshaw tinha calculado que havia menos de 10 por cento de probabilidades de ele ter a capacidade de matar.

Uma probabilidade de menos de 1 em 10.

Era um avanço em relação ao que tinham até então, mas mesmo assim insuficiente. Poe precisava de mais informações.

Foi buscar Bradshaw duas horas antes da reunião de estudos semióticos em Carleton Hall. Poe não tinha mudado de opinião durante a noite: continuava a ser uma enorme perda de tempo. Ainda pensou em usar o seu recente mal-estar como desculpa para ficar em casa e passar mais tempo dedicado à parede do crime, por forma a ver se conseguia espremer mais algumas gotas de inspiração, mas acabou por perceber que a coisa não iria correr bem se Bradshaw fosse à reunião sozinha.

Ainda não tinha decidido se contaria a Nightingale que Robert Cowell era um suspeito a ter em conta. A maneira como tinham reduzido os 70 nomes era subjetiva e a forma como tinham obtido a lista era dúbia. O amigo de Sean Carroll podia ser a escolha de eleição dos aficionados de papagaios no que dizia respeito a logótipos, mas a verdade é que, atualmente, podiam ser encomendados em vários sítios. O logótipo tanto podia ter sido desenhado por um homem na região nordeste de Inglaterra como por uma criança vítima de exploração infantil no Bangladesh.

A primeira coisa que Bradshaw disse quando o viu foi que ele

estava com péssimo aspeto, mas logo a seguir virou-se para o banco de trás e gritou:

— Olá, *Edgar*! Trouxe-te bacon.

Atirou alguns pedaços pelas barras de proteção para cães. O *spaniel* devorou-os com a mesma voracidade que um pelicano engole peixe.

— Também não dizia que não a isso — murmurou Poe. — O bacon acabara na noite anterior e ele fora obrigado a comer um pequeno-almoço sem carne.

— Comes demasiado bacon, Poe — censurou ela. — Aonde vamos afinal?

— Vamos passar primeiro por casa do Robert Cowell. Quero ver se me salta alguma coisa à vista.

— Está bem, Poe — assentiu ela, virando-se para apertar o cinto de segurança. — Ontem à noite, dei uma vista de olhos no *Google Street View* e no *Google Maps*. Ele mora numa casa geminada num empreendimento moderno.

Poe assentiu. Fotografias da casa de Cowell haviam sido incluídas no perfil que os Toupeiras tinham enviado. Era uma casa suburbana comum numa propriedade familiar. As imagens de satélite mostravam que as casas contíguas tinham baloiços e trampolins nos seus quintais. Não que isso fosse muito relevante; os assassinos em série eram quase todos psicopatas e os psicopatas são o equivalente humano das osgas — peritos em ocultação. Mesmo assim, seria simpático se houvesse *algo* suspeito no sítio onde ele vivia, para apresentar a Nightingale.

Como Poe não podia arriscar ser visto por Cowell a filmar a casa, virou o braço flexível do suporte para telemóvel que Bradshaw lhe tinha oferecido e colocou o *BlackBerry* de modo a poder captar imagens enquanto conduziam. Poe percorreria lentamente a rua de Cowell, como se estivesse à procura de uma morada, e Bradshaw fingiria estar a falar com ele.

Nenhum dos dois olharia na direção da casa.

Poe entrou na propriedade e a primeira coisa que lhe passou pela

cabeça foi o quão limpo era o empreendimento. Apesar de ter sido contruído há 12 anos, parecia ter ficado concluído na semana anterior. À medida que Poe percorria a rua, formas geométricas saídas de um catálogo de arquitetura iam surgindo no canto do olho. A construtora tinha tentado que cada casa sobressaísse através da utilização de diferentes tipos de tijolos, mas o resultado fora praticamente nulo. Parecia que as pessoas já não se importavam que a casa onde viviam fosse replicada por todo o norte de Inglaterra. As mesmas famílias a morar no mesmo tipo de casas no mesmo tipo de empreendimentos.

Poe já tinha vivido assim. Mas jurou que nunca mais o faria.

Chegou ao beco sem saída e inverteu a marcha na rotunda. Aguardou enquanto Bradshaw ajustava a câmara antes de arrancar, desta feita a maior velocidade. Se alguém estivesse a observá-los, pensaria que eles não tinham encontrado a casa que procuravam e que iam avançar para a rua seguinte. Quando passaram pela casa de Cowell, Poe não resistiu a dar uma olhadela rápida.

As persianas da cozinha estavam abertas e Poe reparou no branco brilhante de um frigorífico com congelador e no aço escovado do extrator de fumos por cima do fogão. Viu a mesma coisa na cozinha seguinte e percebeu que as casas deviam ter sido vendidas equipadas com eletrodomésticos.

Logo a seguir, saíram do empreendimento e voltaram à estrada principal. Missão cumprida. Se pusesse prego a fundo, teriam tempo suficiente para rever as imagens antes da reunião com Nightingale.

Encontraram um canto sossegado em Carleton Hall e Bradshaw carregou o vídeo para o portátil. Debruçaram-se sobre o ecrã e viram as imagens uma dúzia de vezes. A casa de Robert Cowell era igual às outras. Não havia nada que se destacasse, nada que levantasse suspeitas.

Nightingale entrou na sala.

— Têm dois minutos? — perguntou. — Seguiram-na pelo corredor até ao seu gabinete. — A inspetora-chefe Flynn não vem hoje? — quis saber.

— Não se sente muito bem — respondeu Poe. — Mas está a par de tudo o que estamos a fazer. Quer ter a certeza de que não fazemos asneiras.

Nightingale esboçou um sorriso cansado. Parecia estar exausta. Olhos turvos e raiados de sangue em órbitas encovadas. A pele pálida de alguém que passa demasiado tempo dentro de portas. A roupa do dia anterior estava pendurada na parte de dentro da porta do gabinete.

— Sente-se bem, superintendente? — perguntou Poe.

— Tem novidades para mim, inspetor Poe?

O seu tom de voz denotava frustração. Poe percebeu porquê. A operação de vigilância do papagaio não estava a surtir efeitos. Não tinha sido uma decisão errada, mas se o seu subchefe pedisse a outra equipa para fazer uma avaliação dos progressos, os inspetores que a integrassem teriam desfrutado de oito horas de sono e teriam uma melhor perspetiva das coisas. A sua primeira pergunta estaria relacionada com a eficácia da sua estratégia de gestão de recursos. Muitos inspetores tinham sido afastados da investigação principal para ficarem a olhar para uma árvore. Até ver, os resultados não tinham sido os melhores.

— É possível que os logótipos dos papagaios tenham sido criados por um estampador de Newcastle — disse ele. — Ainda não temos um nome, mas seguimos o rasto da encomenda até uma transportadora em Carlisle. Reduzimos a lista de nomes que nos deram de 70 para 11.

Nightingale não perguntou como é que ele tinha convencido a ANL Parcels a divulgar os dados dos clientes. Poe desconfiou que ela já sabia. Flynn já devia ter falado com ela.

Poe entregou-lhe os perfis avançados pelos Toupeiras.

— Há alguém que se destaque? — perguntou, depois de os ver por alto.

Poe disse-lhe que, estatisticamente, Robert Cowell era o suspeito mais provável.

— Provável até que ponto?

— Menos de 10 por cento.

Nightingale franziu o sobrolho.

— Só podemos apanhá-lo de surpresa uma vez. Se avançarmos agora e não encontrarmos nada, e convenhamos que, até agora, ele ainda não meteu a pata na poça, daqui a 24 horas está cá fora e vai desaparecer ou apagar todos os vestígios.

— Hoje de manhã, fomos dar uma vista de olhos a casa dele — disse Poe.

— Quem vos disse para fazerem isso? — cortou ela, com frieza.

— Não espreitámos pelo buraco da caixa do correio, fizemos uma passagem rápida de carro e gravámos imagens com uma câmara fixa.

— E?

— Nada — admitiu ele. — É uma bela propriedade. Tranquila. Um daqueles empreendimentos novos que florescem por toda a parte.

— Então, resta-nos continuar a vigiar a árvore, na esperança de que o assassino volte para ir buscar o papagaio.

Poe manteve-se em silêncio. A dada altura, por mais que custasse, havia que saber quando desistir e não desperdiçar inspetores competentes numa operação inconsequente. Nem queria pensar quantas horas de investigação tinham sido desperdiçadas a olhar para uma árvore.

— Podia destacar uma equipa para o Cowell — sugeriu Poe. Nightingale exalou um longo suspiro. Mais parecia um balão a perder ar.

— Não tenho recursos ilimitados, Poe. Preciso de falar com a chefe da polícia e ver se ela consegue esticar o orçamento. O mais provável é que não o faça por uma probabilidade de 10 por cento.

Poe não insistiu. Também não estava convencido de que Cowell fosse o assassino.

Capítulo 34

O perito em estudos semióticos, claramente a desfrutar de um daqueles raros períodos em que tinha trabalho, parecia estar a fazer uma audição para a série *Doctor Who*. Trazia uma gabardina e um lenço de *tweed* e tinha o cabelo comprido, a ponto de estar constantemente a afastá-lo dos olhos.

Parecia que a desculpa do mal-estar que Poe ponderara usar tinha adeptos. Metade da sala estava vazia e os agentes que tinham marcado presença apresentavam um ar cansado e rabugento.

— Senhoras e senhores — começou o homem —, o meu nome é Spencer Maxwell e sou um académico especializado em estudos semióticos. A superintendente Nightingale pediu-me para vir falar sobre as imagens de anatídeos que encontraram num dos locais do crime...

— Anatídeos? — estranhou um polícia latagão com faces rosadas e monocelha.

— Os anatídeos são a família biológica das aves que incluem cisnes, patos e gansos. São...

— Então, porque é que não disse logo? — irritou-se o monocelha.
— Como se não fosse suficientemente mau termos de aturar esta treta, ainda vem para aqui falar latim.

— Não é lat...

O monocelha lançou-lhe um olhar furioso.

— Sim, pois... Enfim, estou aqui para vos falar do que estes ana... pássaros podem representar para o assassino. Espero que, no final, sejam capazes de traçar um perfil detalhado do que ele pretende e do que tenciona fazer a seguir. Alguma pergunta? — Nenhuma. O que havia era muitas expressões entediadas. Maxwell aproveitou o silêncio para distribuir algumas folhas. — Pois bem, o

que é a semiótica? A semiótica é tudo aquilo que pode representar outra coisa. Um símbolo raramente vale por si mesmo; faz quase sempre parte de algo. Para a pessoa que recorre ao símbolo, e, neste caso, a julgar pela proporção pescoço/corpo, trata-se quase de certeza de um cisne, este tem uma importância significativa.

Um agente com ar aborrecido que estava sentado na primeira fila levantou a mão.

— Que significado tem o cisne?

— Tradicionalmente, os cisnes têm representado a graciosidade; e os cisnes brancos, a luz e a pureza, até mesmo o ser superior. Os cisnes também simbolizam a passagem para o outro mundo após a morte. Temos ainda a famosa fábula *O Patinho Feio*, que simboliza a transformação e a concretização do potencial. O facto de o vosso criminoso ter escolhido um cisne negro é, na minha opinião, muito revelador. Ele está a dizer-vos que já foi puro e que agora não é. Quando o apanharem, vão perceber que ele passou por um processo de transformação recentemente. Também é possível que ele acredite estar a ajudar as pessoas que mata.

Bradshaw cruzou os braços e franziu o cenho.

— Mas que idiota — disse.

— Estas folhas são tão úteis como mamas numa solha! — atirou o monocelha.

— Se não gosta, sabe onde está o caixote do lixo! — devolveu Maxwell.

Poe tinha adormecido. Acordou com a gritaria.

Parecia que Maxwell tinha perdido o controlo da sala. Não tinha diante de si alunos impressionáveis, desesperados para ter boas notas e dispostos a acreditar em tudo; aquela plateia era composta por polícias empedernidos e privados de sono — a maioria não via a família desde a véspera de Natal.

O monocelha não cedeu. Rasgou a folha ao meio, caminhou até ao caixote do lixo e deitou-a lá para dentro.

— Bardamerda para isto — disse, antes de sair da sala e bater com a porta.

Maxwell ficou lívido. Todos os outros tentaram conter o riso. Até Bradshaw sorriu. Poe, não.

Havia algo naquele confronto que o perturbava. Ele sabia o que era, mas não sabia porquê.

Era o caixote do lixo. Maxwell dissera ao monocelha para pôr a folha no caixote do lixo e este assim fizera.

Caixotes do lixo...

— Mostra-me o vídeo outra vez, Tilly — sussurrou Poe.

Bradshaw retirou o portátil da mala e abriu-o. Tirou o som ao dispositivo e iniciou a reprodução do vídeo. A rua de Robert Cowell foi passando em tempo real. Ela abrandou a velocidade do vídeo.

Nada.

Nenhum caixote do lixo.

Ela carregou o segundo vídeo, o que gravaram quando Poe inverteu a marcha.

E ali estava ele: um único caixote do lixo cinzento-escuro no início da entrada de Cowell. Escondido por uma sebe na ida, só se tornou visível após a inversão de sentido.

Poe sabia o que tinha de fazer. Levantou-se.

— Dê-nos licença, Sr. Maxwell.

Bradshaw olhou para ele sem saber o que fazer, mas seguiu-o para fora da sala.

Quando chegaram lá fora, perguntou-lhe:

— O que estamos a fazer, Poe?

— Estamos a acelerar as coisas, Tilly, é isso que estamos a fazer — foi a resposta. — Mas, primeiro, temos de ir buscar umas coisas ao armazém do CSI.

Capítulo 35

— Ela anda às voltas, chefe. Está obcecada com o papagaio. Literalmente, é um daqueles casos em que a árvore impede que vejamos a floresta na sua totalidade — argumentou Poe.

Era a manhã do dia seguinte à reunião e ele estava dentro do carro, à espera. Tinha meia hora até ter de estar em posição e usou esse tempo para ligar a Flynn e dizer-lhe o que andava a fazer.

— Ela não tem a tua liberdade, Poe — disse Flynn. — Não podes querer que ela altere todo o rumo da investigação só porque queres ajuda para vigiar um suspeito cujo perfil traçado por nós revela que o mais certo é não ser a pessoa que procuramos.

— Tens uma ideia melhor?

— Tenho. Chama-se fazer análise e apoiar a investigação tal como fomos incumbidos.

Após uma breve pausa, ele acabou por dizer:

— Dás nomes às tuas ideias?

Flynn riu-se.

— És mesmo cretino. O que é que tu e a Tilly vão fazer hoje?

— A Tilly está em Carleton Hall. Vai levar o *Edgar* à secção canina para ele brincar com os *spaniels* pisteiros, e depois vai trabalhar para uma sala que montámos com o CSI.

— Porquê?

— Oh... Porque não tenho quem olhe por ele e a secção canina teve a amabilidade...

— Porque é que a Tilly vai trabalhar para uma sala com o CSI?

— Porque eu vou mergulhar nos contentores do lixo.

O caixote do lixo devia estar a remoer na mente de Poe há algum tempo. Atribuiu as culpas por ter demorado tanto tempo a

estabelecer a ligação ao facto de viver em Herdwick Croft. Ele não tinha recolha do lixo. Inicialmente, não a solicitara por querer levar uma vida o mais discreta possível. E agora que tinha sido sinalizado pelo município, proporcionar tal serviço prejudicaria a posição das autoridades relativamente à ilegalidade de Herdwick Croft. Poe podia ter usado o argumento a seu favor — se o município assegura a recolha do lixo, é porque reconhece a legalidade da residência. Uma versão mais malcheirosa de *Milagre em Manhattan*.

Em vez disso, todo o lixo que não conseguia queimar era embalado e levado até aos contentores do município.

No entanto, quando vivia em Hampshire, tinha serviço de recolha de lixo. E havia algumas idiossincrasias associadas à recolha de lixo no Reino Unido que ele não esquecera. Mesmo na era ambientalmente conscienciosa da reciclagem, quando se esperava que vasculhássemos o nosso lixo como a personagem do Great Uncle Bulgaria[6], separando um monte de trampa de outro monte de trampa, havia uma regra de ouro: a primeira pessoa a pôr o lixo fora de casa para ser recolhido era um idiota.

E havia sempre uma casa que ignorava a regra tácita relativa à melhor altura para pôr o lixo na rua. Poe sabia que havia motivos para pôr o lixo na rua no dia anterior à recolha: não estar em casa no dia da recolha, não gostar de arrastar o caixote no escuro, gostar de irritar os vizinhos...

Um caixote do lixo na rua à noite significava que o lixo já tinha sido recolhido, mas que os proprietários ainda não estavam em casa para recolher o caixote. Mas um caixote do lixo na rua de manhã significava que alguém estava a desrespeitar a etiqueta da recolha do lixo, porque se tivesse sido dia da recolha do lixo, todas as casas teriam os caixotes na rua. Na experiência de Poe, um caixote solitário de manhã significava que a recolha do lixo ocorreria no dia seguinte.

Isso significava que, naquele momento, o caixote do lixo de Robert Cowell estava à porta de sua casa à espera de ser recolhido, onde Poe podia vasculhá-lo sem a necessidade de um mandado. Ou pelo menos ele pensava que podia. Tal como o termo «consentimento implícito» permite à polícia entrar em jardins e

entradas de casas e aos carteiros entregar o correio, Poe acreditava que tudo o que estava dentro de um caixote do lixo era considerado «renunciado». É claro que era muito subjetivo e que, em última análise, caberia ao juiz decidir se a recolha tinha sido feita dentro da legalidade. Fosse como fosse, tudo o que estava no interior dos caixotes do lixo era propriedade do município — era ele que tinha a autoridade de emitir coimas quando a separação não era feita corretamente e o lixo era colocado nos recipientes errados.

Apesar de ter a certeza de estar a agir no âmbito da lei, Poe decidiu tomar todas as cautelas — seriam os funcionários do município a recolher o caixote de Cowell. Ele e Bradshaw tinham feito uma visita ao CSI no dia anterior e recolhido três sacos de provas de papel de grandes dimensões. Eram do tamanho dos sacos do lixo convencionais. Poe tinha combinado encontrar-se com a equipa que fazia a recolha na rua de Cowell no parque de estacionamento do hospital que ficava nas redondezas, para se certificar de que eles percebiam o que lhes era pedido.

Ainda tinha pensado em fazer o turno com eles, mas tinham-no convencido do contrário. Além das questões de seguros, ninguém pensava que Poe estaria à altura da tarefa. E ele via-se na obrigação de concordar; a vida que levava em Herdwick Croft fizera dele um homem magro e seco, e os homens e mulheres que ganhavam a vida a arrastar caixotes pesados tinham músculos pronunciados.

Além disso, havia uma coisa ainda mais importante a considerar: o assassino podia estar a observar a investigação. Se assim fosse, o mais certo era já ter visto Poe. Se Cowell era o assassino, deparar com Poe fardado de homem do lixo acionaria uma série de alertas.

Um acidente na rotunda de Hardwicke Circus tinha causado um engarrafamento monumental e o camião do lixo estava atrasado. Foi por isso que ele teve tempo de ligar a Flynn. Ainda pensou em informar Nightingale, mas achou que seria preferível desculpar-se a pedir autorização. Flynn acabaria por lhe contar, mas ele esperou até ser demasiado tarde para poder ser impedido.

Poe precisava de ser proativo. Não podia ficar sentado à espera de que o assassino cometesse um erro e fosse buscar o papagaio.

O seu cérebro não funcionava assim. Se a vida seria mais fácil se funcionasse? Sem dúvida. Não gostava de sentir que estava permanentemente a ser atacado, mas há muito tempo que já tinha aprendido que esse era o preço a pagar.

Conforme esperado, o seu telemóvel tocou. Era Nightingale. Foi poupado à decisão de atender ou não pelo ruído metálico de um camião. Dez segundo depois, o camião do lixo contornou a curva e estacionou ao lado dele.

Poe saiu do carro para os cumprimentar.

O supervisor era um homem baixo e mal-encarado chamado Ben Stephenson. Puxava o fumo do cigarro como se fosse um tubo de escape. Poe sentiu a força do homem quando lhe apertou a mão.

A equipa juntou-se à volta de Poe enquanto este explicava o que pretendia deles.

— Não sei se ele está em casa — esclareceu Poe —, por isso temos de partir do princípio de que está. — Passou os três sacos de provas a Stephenson. Este recolheu-os sem olhar. — Não sei como costumam fazer isto, mas se pararem uns metros antes de chegarem à casa, ele não vê a parte de trás do camião quando transferirem o conteúdo do caixote para os sacos de provas.

O camião do lixo carregava por trás. A equipa arrastava os caixotes para as traseiras do veículo e um braço mecânico levantava-os e inclinava os caixotes para dentro do camião. Se parassem um pouco antes da casa, Cowell não veria o que se estava a passar.

— E o tipo anda mesmo a falhar os pagamentos do imposto municipal?

— É isso que estou a tentar descobrir.

Era a única mentira que lhes tinha contado.

— Preciso que façam uma gravação em vídeo — disse Poe, entregando a Stephenson a câmara que tinha comprado no dia anterior. — Desde o momento em que o lixo é recolhido até ao momento em que os sacos de prova são selados. Não podemos permitir que ele alegue que as provas foram manipuladas.

Um dos homens, um brutamontes com cara de estátua da Ilha da

Páscoa, grunhiu. Poe teve a perfeita noção do que aconteceria a Cowell se fizesse qualquer tipo de acusação contra eles.

Combinaram encontrar-se no hospital uma hora depois. Poe desejou-lhes boa sorte.

Capítulo 36

Poe sorriu de satisfação enquanto assistia ao vídeo que Ben Stephenson tinha gravado.

Os homens do lixo tinham feito um excelente trabalho. Robert Cowell era muito organizado e o seu caixote do lixo não tinha lixo solto. Estava tudo arrumado em sacos próprios. A equipa demorou poucos segundos a retirá-los e selá-los nos sacos de provas de Poe. Tinham inclusivamente colocado o caixote no braço mecânico do camião para simularem todo o ciclo de remoção. Poe não identificou nada que tivesse feito de modo diferente.

Como sinal da sua gratidão, deu a cada um deles uma grade de cerveja e uma garrafa de whisky.

— Vejam é se apanham o vigarista — disse um deles.

— Assim faremos — respondeu Poe.

Poe regressou a Carleton Hall, onde Bradshaw e um técnico do CSI já estavam à sua espera. Com um vídeo a gravar todo o processo, o primeiro saco do lixo foi despejado para uma lona forense estendida no chão. Antes de começarem a vasculhar o lixo, Nightingale entrou na sala. Estava chateada, mas não zangada, por ele ter agido pela calada. Analisou o vídeo de Ben Stephenson e concordou que tinham uma cadeia de custódia impecável.

— Volto daqui a umas horas para ver como está a correr — disse Nightingale. — Liguem-me se encontrarem alguma coisa.

Poe olhou para Bradshaw assim que a superintendente saiu porta fora.

— Estás pronta?

Ela estava a postos com o seu portátil, pronta para analisar ou aprofundar tudo aquilo que eles pudessem encontrar.

— Sinto-me suja, Poe — replicou.

Ele acenou com a cabeça. Também ele. E não só porque estava atolado em caixas de comida gordurosas, ossos de frango malcheirosos e lâminas de barbear descartáveis ensanguentadas. Explorar o estilo de vida de um suspeito através do lixo era abrir uma janela para os seus segredos mais íntimos. Poe não queria saber do que dizia a lei; era uma invasão da privacidade.

— Não há volta a dar — retrucou. — Esta é a outra parte do trabalho policial, Tilly. A parte que os cidadãos nunca chegam a ver.

— É muito malcheiroso — constatou ela.

Poe assentiu. Estava a tentar não respirar pelo nariz desde que o saco tinha sido aberto. O município de Carlisle recolhia o lixo doméstico uma vez de 15 em 15 dias, por isso algum daquele cheiro já tinha duas semanas.

O técnico do CSI registava todo o lixo em que Poe pegava. Este não sabia o que procurava, apenas que saberia quando o encontrasse. Por conseguinte, não tinha um sistema — pôs mãos à obra e foi avançando aos poucos.

Para arranjar espaço e manter o ar o mais puro possível, Poe tratou primeiro da matéria orgânica. Além de confirmar que Cowell tinha uma dieta mais saudável do que ele, não revelou nada de útil. Não tardou a ter tudo novamente fechado em sacos. Pouco depois, o cheiro fétido a leite azedo, cascas de vegetais bolorentas e ovos podres começou a desaparecer.

Em seguida, passou ao que considerava ser lixo doméstico normal. Pacotes de leite, pacotes de batatas fritas, lenços de papel — o tipo de coisas que ele tinha no seu próprio caixote do lixo em Herdwick Croft. Esta fase demorou mais algum tempo, visto que cada pedaço de lixo tinha de ser registado, examinado e catalogado. Uma hora depois, fez uma pausa para mudar de luvas. Cheirou as luvas sujas que deitara fora.

— Não vemos disto nos cartazes de recrutamento, Tilly: «Venha para a polícia mexer no lixo dos outros. Tente não meter o dedo no saco de merda de cão com uma semana.»

— Que nojo — disse Bradshaw, enquanto torcia o nariz. — Nem sabia que ele tinha cão.

— Nem eu. — Voltou a cheirar a luva usada. — Mas sem dúvida que isto é merda.

Depois de beberem um chá, dirigiram-se à secção canina para verem *Edgar*. Ele parecia estar a divertir-se. Os *springer spaniels* desfrutavam de uma sessão de brincadeira livre e nenhum cão brincava como *Edgar*. Ganiu de entusiasmo quando os viu aos dois. Um treinador de cães atirou uma bola de futebol furada e *Edgar* perdeu o interesse neles enquanto se juntava aos outros para lhe chegar primeiro.

— Encantador — resmungou Poe.

De volta à sala do CSI, Poe equipou-se e abriu o saco de provas seguinte. Bradshaw assumiu o seu lugar frente ao computador. Até ver, ele não lhe tinha passado nada. Esperava fazê-lo em breve. Estava farto de estar suado e pegajoso e de vasculhar lixo sem interesse. Até ali, a sua aposta não estava a surtir efeitos. Decidiu descartar a lógica e voltar ao trabalho até conseguir encontrar algo que ela pudesse examinar.

A sua mão tocou em alguns papéis. Deviam ter estado no fundo do caixote porque estavam colados e manchados de chá ou café. Poe entregou-os ao técnico do CSI que separou e fotografou cada uma das folhas antes de as entregar a Bradshaw.

Durante uma hora, eles examinaram o segundo dos três sacos de provas. Bradshaw não deixou morrer a conversa enquanto o faziam. Ele desconfiava que isso a distraía do cheiro. Perguntou-lhe que nome achava que Flynn daria ao bebé. Poe não fazia ideia. Ainda não conseguia aceitar que, em breve, a sua chefe teria uma criança para cuidar.

— Acho que deviam chamar-lhe Bruce se for menino e Diana se for menina. São boas escolhas.

— Por acaso não são nomes de super-heróis, não? — perguntou ele. — Não obteve resposta. — Aposto que são.

Mais uma vez, silêncio.

Poe olhou para cima, mas Bradshaw não estava a ouvir.

Em vez disso, estava a analisar imagens que iam surgindo no ecrã do seu portátil. Aquilo que parecia ser a lente e a mola de uma pequena lanterna de prender à cabeça estava presa à extremidade do seu *iPhone*. Um cabo ligava o telemóvel ao computador.

— O que é isso que tens no telemóvel, Tilly?

— É uma lente macro, Poe — respondeu, sem levantar os olhos.

— Transforma a câmara num microscópio digital. Consegui tirar fotografias detalhadas com uma ampliação de 21 vezes.

— De quê?

Mas ela já estava imersa nos seus pensamentos, alheia ao mundo exterior. Poe calou-se e deixou-a trabalhar em paz.

Por fim, ela ergueu a mão e esmurrou o ar num gesto triunfal.

— Boa! — gritou.

E depois explicou-lhe o que se passava. E tudo mudou.

Capítulo 37

Certa vez, perguntaram a Poe porque é que a polícia fazia detenções tão cedo. Ele respondeu que era uma questão de senso comum — a madrugada era a parte do dia em que era mais provável que o suspeito estivesse em casa.

Oficialmente, havia outros motivos.

A essa altura do dia, o estrondo da porta a rebentar sob o peso dos aríetes dava à polícia uma vantagem em relação aos suspeitos ensonados. Havia menos hipóteses de eles terem a presença de espírito de se livrarem das provas. Um criminoso violento sê-lo-ia menos se fosse apanhado de cuecas. E, por fim, os raides madrugadores causavam menos inconvenientes para as outras pessoas na rua.

Acima de tudo, a polícia fazia raides de madrugada porque sempre fizera raides de madrugada.

Poe tinha assistido à reunião instrutória que se realizara à meia-noite com os agentes responsáveis pela detenção e tinha prestado alguns esclarecimentos sobre como tinham chegado àquele suspeito. Se bem que, na verdade, os homens e mulheres que se encontravam presentes não estavam muito interessados nisso. Eram agentes fardados cujo único envolvimento no caso seria o de executar a detenção. Estavam mais interessados naquilo que ele sabia sobre Robert Cowell.

Costuma usar armas?

Sim. Um garrote.

Mais alguma?

Provavelmente. Ninguém começava logo com um garrote. Era uma questão de progressão. Era o final do percurso do assassino para o domínio das armas, não o início.

Ele preferiria a fuga ou o confronto?

Poe não sabia.

Era expectável encontrar mais alguém dentro de casa?

Provavelmente, a irmã.

Tudo o resto eram questões logísticas. A equipa de intervenção assumira o comando. Poe foi informado de que poderia estar presente, mas apenas na qualidade de observador...

E era por essa razão que se encontrava sentado no carro, com o motor ligado para garantir a circulação de ar quente, a duas ruas de distância do beco sem saída onde ficava a casa de Robert Cowell.

Estava ali há uma hora e meia, desde a altura em que a escuridão era absoluta e o ar gélido. Tinha-se deixado ficar ali sentado a beber o café, com os dedos a seguir o vapor que emergia do buraco na tampa de plástico do copo de cartão. O café há muito que tinha desaparecido. Do sabor, apenas a recordação, o aroma era agora quase impercetível.

O dia começava a nascer — era mais uma sensação do que uma realidade concreta. Os pássaros foram os primeiros a adivinhá-lo, claro, com os seus chilreios a sucederem-se em catadupa. Coros melódiosos sem qualquer estrutura ou padrão. Poe sorriu. A madrugada era o território da possibilidade. Era um novo dia, uma página em branco à espera de ser maculada.

Um estalido de estática emanou do rádio que lhe tinha sido entregue, seguido por uma série de instruções ditas em surdina. Sobretudo confirmações.

Naquela altura, já todos sabiam o que tinham de fazer.

Poe olhou para o relógio.

A equipa de intervenção estava a postos.

— Avançar! Avançar! Avançar!

*

Os agentes da polícia são como galgos, têm um instinto de caça inato.

Se uma pessoa desata a fugir, qualquer agente desata a correr atrás dela — mesmo que não tenham interesse nela.

Por isso, quando a irmã de Robert Cowell saltou da janela do quarto e desatou a correr, três polícias foram atrás dela. Estava ainda meio a dormir e envergava apenas uma t-shirt e cuecas — os polícias que a perseguiram estavam totalmente despertos e cheios de adrenalina. A caçada não demorou muito tempo.

Poe acompanhou o desenrolar dos acontecimentos pelo rádio. Gritos de instruções empolgadas. Pedidos de ponto de situação vociferados. E, por fim, o silêncio.

— O suspeito foi detido, superintendente — ouviu-se uma voz. Poe reconheceu-a; pertencia ao inspetor que estava presente na sessão de esclarecimentos.

— CSI comigo, por favor — respondeu Nightingale. — Poe, se estiver a ouvir, pode vir também.

Um polícia com uma prancheta já estava de plantão a controlar o acesso à casa. As carrinhas onde seguiam Robert Cowell e a irmã, Rhona, já tinham partido. Tinham sido levados para Durranshill, a esquadra de polícia mais recente e com o aspeto mais ridículo de Cúmbria.

Poe equipou-se e deu entrada no perímetro exterior, onde Nightingale já o aguardava.

— Ele estava acordado, mas não resistiu — informou ela.

— E a irmã?

— Essa fugiu, como já deve saber. Nesta altura, ainda não sabemos porquê.

Nenhum dos dois mencionou o óbvio: o facto de poderem ser cúmplices. Dois irmãos assassinos em série era algo inédito no Reino Unido.

— O que acha?

— Foi ele, sem dúvida — replicou ela. — E ela estava a par ou então ajudou-o. — Poe ergueu o sobrolho. — Alguém meteu a pata na poça — reconheceu Nightingale. — O Robert estava a ser

escoltado para fora de casa quando se cruzou com os agentes que voltavam com Rhona.

— E eles trocaram umas palavras — concluiu Poe. Era uma afirmação, não uma pergunta.

— Nem mais. Bem, ela falou com ele. Gritou: «Não abras a boca!», antes que alguém conseguisse impedi-la. Felizmente, os agentes que estavam com Robert impediram-no de responder.

Poe ponderou por instantes. Bem vistas as coisas, uma detenção bem-sucedida da qual ninguém saiu magoado acabava por relativizar aquele pequeno erro.

Pelos vistos, os Toupeiras tinham acertado em cheio: Robert Cowell era o assassino.

Restava saber porquê.

Capítulo 38

Havia quatro pessoas na sala: Robert Cowell e o seu advogado de um lado da mesa, Poe do outro. Bradshaw estava sentada numa cadeira no canto. Nightingale não ficara muito agradada por ter uma civil a assistir a um interrogatório, mas não tinha tido opção: Bradshaw era a única pessoa que compreendia verdadeiramente o que tinha encontrado.

Bradshaw estava nervosa. Poe sabia porquê: o seu filtro entre o pensamento e a fala tinha melhorado ao longo do último ano, mas ela ainda falava sem pensar. Não queria desiludir ninguém.

Poe tinha escolhido a sala de interrogatório mais pequena e sombria disponível. Queria que Cowell se sentisse confinado e claustrofóbico. Queria que sentisse que as paredes se abatiam sobre si.

O inspetor olhou fixamente para ele do outro lado da mesa.

Apesar de saber que eles se transformavam e evoluíam, Poe teve de admitir que Robert Cowell era o assassino em série mais invulgar com que já se cruzara. Seco, alto e esguio, era ainda mais pálido do que Bradshaw. Tinha braços que mais pareciam esparguete e uma voz de desenho animado. O cabelo estava pintado de preto e apanhado num rabo de cavalo. Parecia aquele tipo de homem que, em criança, era acometido por frequentes sangramentos do nariz.

E estava aterrado. Nervoso. A transpirar. Os seus olhos que piscavam nervosamente olhavam para tudo menos para Poe. Muito diferente do assassino intrépido que tinham estado a perseguir.

O advogado de Cowell era um homem pardacento chamado Jon Lear. Estava de cara fechada.

Poe julgava saber porquê. Até então, todos aqueles com quem Lear tinha lidado usavam farda ou fato, mas Poe envergava calças

de ganga e uma camisola, e Bradshaw, calças largas e uma t-shirt de super-herói. Desta vez, era o Pantera Negra. Já devia ter percebido que não eram polícias de Cúmbria, mas ainda não sabia para quem trabalhavam.

Poe pousou os cotovelos na mesa como se fossem dois postes de vedação.

— Há algum tempo que não falava com alguém com uma vida mais complicada do que a minha — atirou de chofre.

Poe apresentou uma fotografia do papagaio. Assim que Cowell foi detido, o CSI recolheu o papagaio e acelerou o trabalho de laboratório. A fotografia que estava em cima da mesa tinha sido tirada depois de tirarem o papagaio da árvore e de o abrirem.

— Este papagaio é seu, certo? — continuou Poe, apontando para o logótipo do pterodáctilo dourado.

Cowell pegou na fotografia e franziu a testa. Antes que Lear pudesse impedi-lo, disse:

— Onde é que o encontrou?

— Já lá vamos. É seu, Robert?

— Parece que sim.

— Quando foi a última vez que o viu?

— Há umas semanas. Pu-lo na rua para secar e alguém mo roubou.

Poe acenou com a cabeça. Tinha antecipado aquela resposta — era a única explicação que ele podia invocar. Tinham encontrado fotografias no computador de Cowell a lançar o papagaio e as suas impressões digitais e ADN tinham sido encontrados na moldura, pegas e tecido.

— Deu parte do roubo? — perguntou Poe. — Julgo saber que estes papagaios não são baratos.

Cowell disse que não com a cabeça.

— Ainda pensei que a minha irmã o tinha escondido, para me impedir de o lançar antes de uma reunião. Não seria a primeira vez, mas ela acaba sempre por devolvê-lo.

— Mas desta vez não devolveu?

— Não. Estava em vias de comprar um novo. Fui há dias a

Manchester. Eu e a Rhona passámos lá a noite e eu ainda fui a algumas lojas.

Isso explicava porque tinha deixado o caixote do lixo na rua antes do tempo: não estava em casa para o deixar na rua na altura certa. A referência espontânea à irmã lembrou a Poe que ela tinha fugido, mas que Robert não. Sentiu-se tentado a desviar-se do guião e a descobrir porquê.

Antes de entrar na sala, Poe tinha assistido ao interrogatório de Rhona Cowell através do monitor. Quando a polícia lhe entrou pela casa adentro, ela tinha saído há pouco tempo do duche e o seu cabelo preto — entrançado muito rente ao couro cabeludo com missangas, num estilo que Bradshaw disse chamar-se *cornrows* — ainda estava molhado, como uma corda húmida. Os cabelos penteados para trás faziam barulho sempre que ela mexia a cabeça. Estava empoleirada na cadeira como um gato, com as pernas escondidas por baixo do corpo. O seu sorriso era demorado e confiante, como se fosse a única pessoa que percebia a piada. Apesar de o fato descartável forense não lhe fazer jus às curvas, Poe conseguia perceber que ela era uma mulher sedutora. Maçãs do rosto subidas e pele luminosa. Tinha uma beleza natural, daquelas que por norma associamos a supermodelos oriundas de países nórdicos.

Ao contrário do irmão, tinha seguido o próprio conselho e ainda não abrira a boca. Nem uma palavra, nem mesmo para confirmar o nome.

Poe decidiu esquecer isso por ora. O motivo que a levou a fugir podia esperar até ele ter uma maior vantagem sobre eles.

— Sabe onde encontrámos o seu papagaio? — perguntou a Cowell. Este abanou a cabeça.

— Fale para o gravador, por favor.

— Não.

Poe virou outra fotografia; mostrava o papagaio no local do crime. Não uma daquelas que ele tinha tirado com o *BlackBerry*, mas uma fotografia profissional tirada por um fotógrafo do CSI a partir de uma plataforma elevada.

— Estava em cima de uma árvore num bosque nos arredores de

Dalston. Diz-lhe alguma coisa?

— Não.

Poe virou a fotografia seguinte. Era um grande plano dos cabos presos ao tronco da árvore, onde o nó era claramente visível.

— Eu diria que o papagaio foi amarrado à árvore. Concorde, Robert?

Cowell acenou com a cabeça.

— Para a gravação.

— Concorde. Parece ter sido amarrado à árvore. Mas que tenho eu que ver com isto? Já disse que o meu papagaio foi roubado há umas semanas.

Poe mostrou mais fotografias a Cowell. Desta feita, da vista que se tinha do cimo da árvore. Uma delas era uma fotografia de longo alcance do quintal de Rebecca Pridmore.

— E concorda também que o sítio onde o papagaio foi amarrado à árvore proporciona uma vista perfeita para esta casa?

— Concorde.

— Então, o que diria se eu lhe dissesse que a proprietária desta casa, uma mulher chamada Rebecca Pridmore, foi assassinada pouco antes do Natal?

Perplexo, Cowell arregalou os olhos e abriu a boca.

— Assassinada?

— E mutilada. — Poe procurou no processo e mostrou-lhe uma fotografia dos dedos de Rebecca no chão da John Bull Haulage.

Cowell fechou os olhos.

— Estes dedos foram deixados debaixo da árvore de Natal num escritório em Carlisle. Foram encontrados no dia 24 de dezembro.

Poe guardou a fotografia. Se fosse feito de forma imponderada, mostrar fotografias perturbadoras do local do crime, até mesmo ao criminoso, podia ser considerado intimidação.

— Desagradável, não é? — disse Poe.

O advogado de Cowell franziu o sobrolho.

— Presumo que acreditem que a pessoa que amarrou o papagaio do meu constituinte à árvore foi também responsável por este crime?

— Sem dúvida.

— O meu constituinte nega categoricamente o seu envolvimento neste caso — afirmou Lear. — Chamo a sua atenção para a sua declaração inicial relativa ao roubo do dito papagaio... Robert, sente-se bem?

Cowell tinha sustido a respiração. Não conseguia tirar os olhos da primeira fotografia do monte. Tinha ficado à mostra quando Poe retirara a que estava por cima dessa, a dos dedos de Rebecca.

Era uma fotografia da caneca do amigo secreto — a que tinha #BSC6 de lado. E, por algum motivo, essa fotografia perturbava Cowell muito mais do que a anterior.

Ele começou a tremer. A sua respiração tornou-se entrecortada.

— Muito bem, isto já foi longe demais — replicou Lear. — Preciso de fazer uma pausa para falar com o meu constituinte.

Capítulo 39

— O meu constituinte explicou que o seu papagaio foi roubado há umas semanas e, por conseguinte, quando muito, o que vocês têm são provas circunstanciais — avançou Lear, assim que o interrogatório recomeçou. — Com base na vossa indumentária informal, parto do princípio de que fazem parte de uma unidade especial. Porque não vão direito ao assunto e mostram as provas concretas?

Poe observou Cowell durante mais alguns instantes.

— Como queira — disse, por fim. — Tilly, é contigo.

Bradshaw levantou-se e sentou-se ao lado de Poe. Como tinham combinado, ela esperou que ele a apresentasse.

— Esta é Matilda Bradshaw. É uma analista civil da National Crime Agency. Está aqui para explicar algumas provas mais técnicas.

Bradshaw sorriu e fez um ligeiro aceno a Cowell.

— Olá, Robert Cowell.

Cowell devolveu o cumprimento. Pareceu um pouco confuso.

— Presumo que goste de computadores — disse Poe. — A menina Bradshaw também gosta de computadores. Peço-lhe que ouça com atenção, porque o que ela lhe vai explicar é o cerne do que nos trouxe aqui.

Bradshaw aclarou a garganta.

— Obrigada, inspetor Washington Poe. Robert Cowell, estou aqui para explicar como funcionam as impressoras a laser.

— Eu sei como funcionam as impressoras...

Poe nunca tinha conseguido impedir que Bradshaw desse uma explicação científica; Cowell não teria a menor hipótese. Ela limitou-

se a continuar a falar. Era muito possível que nem sequer o tivesse ouvido.

— Quando pressiona o botão de impressão, o seu computador envia milhões de *bytes* de informação para um chip na impressora, que são convertidos numa imagem bidimensional. O cilindro fotorrecetor, carregado positivamente com eletricidade estática, começa a girar e é atingido milhões de vezes por raios laser, até formar a imagem daquilo que foi enviado. — Bradshaw mostrou o diagrama de uma impressora e indicou cada uma das partes. — Em todos os pontos do cilindro que são atingidos pelo laser, a carga positiva transforma-se em carga negativa, atraindo assim o pó do cartucho de tinta que tem carga positiva. Outro processo aplica uma carga negativa ainda mais forte ao papel e, quando este passa por cima do cilindro, a tinta salta para lá antes de se fundir a uma temperatura de 200 graus Celsius. Está a seguir, Robert Cowell?

Cowell anuiu. Poe também, apesar de não estar a seguir.

— E esta é a parte interessante — prosseguiu Bradshaw. — É que cada cilindro fotorrecetor tem as suas próprias falhas microscópicas distintas, que podem ser tratadas como impressões digitais. Com a ampliação certa, podemos estabelecer a correspondência entre o cilindro e um documento.

Nenhuma reação. Cowell era exímio a controlar o nervosismo ou não sabia o que tinha deitado para o lixo.

Bradshaw mostrou segmentos ampliados das quatro folhas A4 que tinham sido usadas para embrulhar a caneca do amigo secreto. Dispôs-las de modo que Cowell conseguisse vê-las. Em seguida, indicou as imperfeições nas imagens dos cisnes negros.

Cada um dos documentos tinha falhas visíveis idênticas. Um risco que cortava o logótipo do cisne negro no canto superior direito, aquilo que parecia uma mancha de poeira a cobrir dois dos logótipos ao centro e uma bolha visível num logótipo ao fundo da folha.

Bradshaw dissera a Poe que o cilindro fotorrecetor teria muitas mais falhas, mas que só eram visíveis nas partes do papel que tinham elementos impressos.

— Dizem-me que estes quatro documentos, emanados da mesma

impressora, constituem provas que não estão sujeitas a interpretação, Robert — disse Poe. — Quer comentar?

Cowell encolheu os ombros, o que Poe encarou como um «não».

— Mostra-lhe o documento seguinte, por favor, Tilly — pediu Poe.

Bradshaw colocou uma folha de papel A4 em cima da mesa. Era uma página de teste de impressora, daquelas usadas para realçar problemas entre o computador e a impressora. Era toda ela quadrados, círculos e *Lorem ipsum*, um texto simulado usado em documentos e catálogos quando o verdadeiro conteúdo escrito ainda não está disponível. Partes da página estavam impressas a cores, outras a preto e branco. Tamanho de letra pequeno, grande, círculos pequenos, círculos grandes — a página preenchida por completo. Estava manchada, dentro de um saco de prova e, até hoje de manhã, tinha estado no caixote do lixo de Robert Cowell.

Não demorou muito até Bradshaw salientar o que era óbvio para todos eles: as imperfeições visíveis na página de teste saltavam à vista como se tivessem sido realçadas. Havia mais imperfeições porque também havia mais tinta, mas as imperfeições que ela tinha identificado nas folhas que embrulhavam a caneca do amigo secreto estavam todas presentes.

— Há uma correspondência, verdade? — perguntou Poe.

Cowell olhou para ele, perplexo.

— Eu recapitulo para todos. Os documentos usados para embrulhar a caneca que continha os dedos de Rebecca Pridmore corresponde ao documento que encontrámos no seu caixote do lixo, o papagaio que disse que foi roubado foi encontrado numa árvore com vista para o quintal dela e quando a polícia entrou em sua casa hoje de manhã, a sua irmã fugiu e disse-lhe para não abrir a boca.

Poe virou-se para o advogado.

— Acha que os jurados vão considerar estas provas circunstanciais, Dr. Lear? — O advogado manteve-se em silêncio.

— Tilly, mostra, por favor, ao Robert os documentos que encontrámos nos dois locais do crime seguintes.

Bradshaw mostrou segmentos ampliados das páginas A4 encontradas na igreja e no Fiskin's Food Hall.

— Este foi encontrado no dia de Natal num local de crime em

Barrow — disse Poe, apontando para o documento encontrado na igreja. Em seguida, apontou para o documento encontrado no Fiskin's Food Hall. — E este foi encontrado no dia 26 de dezembro, num local de crime em Whitehaven.

Bradshaw indicou que as falhas no cilindro fotorrecetor tinham deixado marcas correspondentes nos dois documentos.

— Como podem ver, foi usado um cilindro fotorrecetor diferente nestes dois documentos — explicou ela. — Têm falhas, mas não correspondem às imperfeições presentes na folha de teste que o Poe encontrou no seu caixote do lixo ou nas folhas que serviram para embrulhar a caneca do amigo secreto.

— Então, porque estamos a vê-las? — quis saber Lear.

— Prestem atenção — advertiu Poe. — Não vão acreditar nisto.

Capítulo 40

— Quando a menina Bradshaw fez corresponder as falhas no documento encontrado no caixote do lixo do seu constituinte com as imperfeições encontradas no papel usado para embrulhar a caneca do amigo secreto, usou aquilo que se designa de técnica de identificação de impressora passiva — elucidou Poe. — Significa que as marcas não são intencionais. Uma consequência que temos todo o prazer em explorar. Mas, e quase nem acreditei quando ela me disse isto, há outra técnica de identificação de impressora que não é passiva, mas ativa. Chama-se rastreamento por pontos amarelos e tornou redundantes todas as medidas que o Robert tomou para fazer parecer que os três homicídios tinham sido cometidos por três pessoas diferentes.

— Mas que raio é o rastreamento por pontos amarelos? — perguntou Lear.

— Ainda bem que pergunta — disse Poe. — Tilly?

Bradshaw virou sete fotografias que havia disposto em fila em cima da mesa.

— Estas imagens representam partes altamente ampliadas de cada uma das sete folhas A4 relacionadas com este caso — informou ela. Apontou para as primeiras quatro. — Estas são imagens das folhas usadas para embrulhar a caneca do amigo secreto.

Apontou para as duas seguintes.

— Estas são imagens dos documentos encontrados na igreja e no Fiskin's Food Hall. A última é do documento que o Poe encontrou no seu caixote do lixo.

Cowell e Lear debruçaram-se sobre as imagens.

Lear foi o primeiro a levantar os olhos. A sua expressão denotava

a mesma perplexidade que Poe tinha estampada no rosto quando Bradshaw lhe explicara anteriormente.

— O que é isto que estamos a ver? — perguntou ele.

— O rastreamento por pontos amarelos é uma técnica ativa que consiste na introdução explícita e implícita de dados rastreáveis no corpo de um documento — explicou Bradshaw. — Os pontos estão dispostos em grelhas e impressos num padrão repetitivo em toda a página. Cada grelha consegue codificar até 14 *bytes* de 7 *bits* de dados rastreáveis. São inseridos em cada documento cerca de 20 bilionésimos de segundo antes do início da impressão. Só são visíveis sob um foco de luz azul ou ao microscópio.

— Só pode estar a brincar — replicou Lear. — Então e as leis de privacidade?

— Existe desde a década de 80, Jon Lear. Nenhuma lei é infringida e os cidadãos não têm o direito a ser informados. A maioria dos grandes fabricantes recorre a técnicas de identificação de impressoras ativas.

Lear abanou a cabeça, enojado.

— Isto é absolutamente inaceitável.

— Culpe o jogo, não o jogador, Dr. Lear — disse Poe.

Bradshaw abriu o seu portátil.

— Digitalizei e ampliei as sete fotografias. O software necessário para separar as cores, que nos permitiria analisar o canal azul em separado, ainda não chegou, por isso o rastreamento por pontos amarelos parece partículas de pó. Mas quando faço isto — ela inseriu uma série de comandos e sobrepôs as sete imagens —, podemos ver que os padrões dos sete documentos são idênticos.

— O que está a dizer? — perguntou Lear.

— Sabe bem o que estamos a dizer, Dr. Lear — redarguiu Poe. — As folhas usadas para embrulhar a caneca, aquelas que foram encontradas na igreja e no Fiskin's Food Hall, assim como a que foi encontrada no caixote do lixo do seu constituinte são provenientes da mesma impressora. O Robert tentou ocultar este facto usando diferentes cilindros em cada homicídio, mas o rastreamento por pontos amarelos está presente no software da impressora; não pode ser ocultado.

Lear tomou algumas notas.

— Gostaria de falar a sós com o meu constituinte, por favor.

Poe levantou-se. Bradshaw fez o mesmo.

— Estejam à vontade. Têm muito que falar.

Cowell transpirava e tremia quando eles voltaram a entrar na sala. Parecia subjugado e a expressão do seu advogado era grave. Poe imaginou que Cowell quisesse falar, mas que tivesse sido demovido por Lear. Não o recriminava; estava apenas a cumprir a sua função. Mesmo quando eram apanhados em flagrante — e com o papagaio, as falhas no cilindro fotorrecetor e o rastreamento por pontos amarelos, Poe acreditava ser esse o caso de Cowell —, permanecer em silêncio e deixar o advogado falar era invariavelmente a melhor estratégia legal.

— Quando ocorreram os homicídios, inspetor Poe? — perguntou Lear, com a caneta pousada em cima do caderno.

— Só temos uma data por alto no que diz respeito aos dedos encontrados na caneca do amigo secreto — respondeu Poe —, mas sabemos que os dedos foram deixados no Fiskin's Food Hall no dia 26 de dezembro, uma vez que o Robert foi apanhado pelas câmaras de videovigilância, e temos quase a certeza da altura em que os dedos foram deixados na igreja, em Barrow.

Lear levantou os olhos do caderno.

— Quase a certeza?

— Acreditamos que o Robert se misturou com os fiéis que assistiram à missa do galo na véspera de Natal, encontrou um sítio para se esconder no fim, e depois saiu da igreja quando o encarregado chegou na manhã do dia de Natal para...

— Depois da missa do galo? — interrompeu Cowell. Abanou a cabeça violentamente. — Não, isso não é justo. Isso não é justo!

Começou a respirar pelo nariz, de forma acelerada e sonora como um touro enraivecido.

— O que se passa, Robert? — perguntou Lear.

— Cabra! Cabra! CABRA DE MERDA!

Antes que Poe pudesse impedi-lo, Cowell inclinou-se para trás e

bateu com a cara contra o tampo da mesa com toda a força. Levantou a cabeça, com o nariz a jorrar sangue e, com ainda mais força, repetiu o movimento. Poe ouviu o som de ossos a partir. Quando voltou a erguer a cabeça, o nariz estava espalmado e os olhos vítreos.

Inclinou-se para trás uma terceira vez, preparado para um último ato de automutilação.

Poe lançou-se por cima da mesa e imobilizou-o.

Capítulo 41

— Então, ele ainda não foi indiciado? — perguntou a superintendente Nightingale.

— Ainda não chegámos a esse ponto — disse Poe. — Ele passou-se assim que falei na missa do galo. — Nightingale perdera a última parte do interrogatório e queria saber em primeira mão o que se tinha passado. Cowell ainda estava no hospital. Entretanto, tinha recebido tratamento e sido sujeito a uma avaliação psiquiátrica. — Acabei de ser contactado pelo advogado dele — prosseguiu Poe. — Ele vai ter alta daqui a uma hora. Quer que continue?

— Sim, por favor — confirmou Nightingale. — Continue a apertar com ele. Quero despachar isto ainda hoje para podermos começar a construir uma argumentação a toda a prova contra ele. E contra a irmã também, se ela estiver envolvida. Deve haver um motivo para ela lhe ter dito para não abrir a boca. Ela pode estar calma e compenetrada agora, mas não estava quando foi detida, garanto-lhe.

— Pode enviar-me o link da gravação dos últimos interrogatórios?

— Com certeza. Mas não sei se servirão de muito, ela continua fechada em copas. Até o advogado já começa a perder a paciência com ela.

— Obrigado. Seja como for, vou dar uma vista de olhos.

— Como está a inspetora-chefe Flynn?

— Vai passar o dia na cama.

— Não sei se ela devia continuar aqui.

— Diz-lhe a superintendente isso?

Nightingale riu-se.

— Nem me atreveria a tal. Ah, aí vem o inspetor Coughlan. Dave,

tem um minuto?

Tratava-se do inspetor corpulento, o da monocelha que tinha saído de rompante da inútil sessão de esclarecimentos de semiótica.

— Superintendente Nightingale — disse ele, encarando Poe com desconfiança.

— Não se importa de dar acesso ao inspetor Poe a todos os interrogatórios da Rhona Cowell?

— Sim, superintendente.

Ele arrastou-se dali para fora e ambos ficaram a vê-lo afastar-se.

— O inspetor Coughlan não está connosco há muito tempo. É esforçado e fiável — disse ela. Ficaram a vê-lo a tentar e a não conseguir inserir a sequência certa no teclado numérico da sala de interrogatório. — Mas não deve muito à inteligência...

Poe ficou sentado uma hora a visionar o último interrogatório de Rhona Cowell. O inspetor tinha-a confrontado com as mesmas provas que Poe apresentara a Robert. Rhona não reagiu a nada. Nem mesmo quando lhe falaram do rastreamento por pontos amarelos e do facto de o irmão ter sido implicado nos três homicídios.

O *BlackBerry* deu sinal de chamada. Era Bradshaw. Poe silenciou o computador e aceitou a chamada.

— Estou, Poe? Como te sentes?

— Estou ótimo, Tilly. O que se passa?

— O Robert Cowell já teve alta do hospital.

— O advogado está com ele?

— Creio que sim. Mas estou só a transmitir o recado. Acho que estão à tua espera. — Poe não respondeu. — Poe?

Poe olhava fixamente para o ecrã do computador. Ligou o som e voltou atrás dez segundos. E deixou correr a gravação.

Repetiu o processo para ter a certeza.

— Tilly, vi uma coisa muito estranha.

Cowell tinha partido o nariz quando bateu com a cara na mesa. A tala de metal feia e semelhante a um bico que ele era agora obrigado a usar dava-lhe um ar de RoboDuck[7]. Os olhos estavam raiados de sangue, e as órbitas, inchadas e amareladas.

— O meu constituinte não está preparado para falar do que aconteceu — anunciou Jon Lear. — Vamos dizer que foi fruto do stress e seguir em frente.

Poe ignorou-o. Os advogados não determinavam os parâmetros dos interrogatórios. Sobretudo depois do que ele tinha acabado de ver. Abriu o portátil que Bradshaw tinha preparado. Estava programado para começar na altura em que as provas recolhidas na igreja tinham sido apresentadas à irmã. As mesmas provas que tinham feito Robert perder as estribeiras.

— Não vou passar o interrogatório todo, mas garanto-lhe que, até esta altura, a sua irmã não tinha reagido a nada do que lhe mostrámos. Mas veja esta parte.

Poe reproduziu as imagens.

O inspetor que estava na sala com Rhona disse-lhe:

«O seu irmão só pode ter colocado os dedos na pia batismal depois da missa do galo, mas antes de o encarregado ter entrado às 6 da manhã do dia de Natal. É uma janela de tempo muito reduzida. Queremos que nos diga o que sabe sobre isto.»

Poe obrigou-os a ver as imagens três vezes.

— Quando lhe mostrei isto, Robert, teve um... surto psicótico e, apesar de a reação da sua irmã não ter sido tão radical, ela *também* reagiu.

Mas pouco...

Rhona Cowell tinha esboçado um sorriso tolo e pretensioso. Por si só, não teria tido grande significado, mas no contexto do que acontecera com o irmão, assumia uma enorme importância. O momento em que tudo aconteceu na igreja parecia ter um significado específico para ambos. Poe tinha a certeza.

Só não sabia qual.

— A sua irmã reagiu ao mesmo que o Robert, quase ao segundo — comentou Poe. — É apenas um sorriso afetado, mas foi a única altura em que ela mostrou qualquer tipo de emoção.

Não era totalmente verdade. No final da entrevista, Rhona Cowell também se tinha pronunciado. Tinha sido pouco mais do que um resmungo e, mesmo com o som no máximo, ele não percebera o que ela tinha dito. Estava à espera da transcrição do interrogatório, apesar de o inspetor que estivera presente lhe ter dito que tinha sido apenas uma «algaraviada *hippie* sobre olhar para a sua alma e ver a verdade». Poe decidiu aguardar pela transcrição, mas não percebia a relevância. O inspetor só tinha tocado no assunto porque tinha sido a única altura em que ela abrira a boca.

— Mas a missa do galo não foi o único detalhe a que reagiu, pois não, Robert? — Cowell levantou os olhos, confuso. Poe continuou: — Não reagiu quando lhe mostrámos o seu papagaio e, além da repulsa, não reagiu quando lhe mostrámos uma fotografia dos dedos da Rebecca Pridmore no chão da John Bull Haulage. Porém, reagiu quando viu a caneca onde estavam os dedos. A caneca que tinha gravado #BSC6.

Cowell afundou-se na cadeira e começou a morder os lábios.

— A verdade é que #BSC6 apareceu em todos os locais do crime, Robert — prosseguiu Poe. — Viu que estava gravado na caneca do amigo secreto da John Bull Haulage e viu que estava inserido no quadro de cânticos da igreja e na etiqueta de preço do Fiskin's Food Hall.

Cowell observava-o atentamente.

— Não sabemos o que significa #BSC6. — Poe olhou fixamente para Cowell sem nunca desviar o olhar. — Mas creio que o Robert sabe.

Durante alguns instantes, os dois homens ficaram a olhar um para o outro.

— Tenho razão, Robert?

Cowell anuiu lentamente com a cabeça, os seus olhos colados aos de Poe.

— E será que é agora que me vai explicar?

Cowell assentiu novamente com a cabeça.

Capítulo 42

Apesar do avançado da hora, a sala de reuniões estava à cunha. Inspetores e agentes fardados, funcionários civis e assessores de imprensa estavam encafuados numa sala pensada para um quarto do número de pessoas que ali se reuniram. Até Shirley Becke, a chefe da polícia de Cúmbria, estava presente. O ambiente era abafado e húmido. Havia um burburinho de excitação pelo ar, que acalmou quando Nightingale se levantou.

— Robert Cowell admitiu ter participado em algo chamado Black Swan Challenge — disse. — Trata-se de um desafio em crescendo com tarefas que são determinadas por um administrador desconhecido. Vou pedir à Tilly Bradshaw da National Crime Agency para vos explicar melhor. Foi ela quem juntou as peças.

Bradshaw, muito nervosa, chegou-se à frente. Olhou para Poe que estava sentado na primeira fila e acenou. Ele mostrou-lhe o polegar. Nunca tinha falado para tanta gente e queria sair-se bem. Afinal de contas, estava ali em representação da SCAS. Poe sabia que tudo correria bem se ela se focasse na parte científica. O que o preocupava era a participação da plateia.

— Olá a todos — cumprimentou. — Chamo-me Matilda Bradshaw e sou analista civil da Serious Crime Analysis Section, uma unidade que integra a National Crime Agency.

A sala permaneceu em silêncio.

Ela ajustou nervosamente os óculos e verificou a apresentação em *PowerPoint*. Pressionou o botão e no ecrã surgiu um cisne negro.

— O Black Swan Challenge, ou #BSC, não é, como a superintendente Nightingale acabou de dizer, um desafio online em

crescendo, é, sim, um esquema de controlo e manipulação sofisticado destinado a pessoas vulneráveis.

Nightingale franziu o sobrolho e olhou de soslaio para a chefe da polícia.

— Não pode ser encontrado senão por aqueles a quem foi explicado como o encontrar — prosseguiu Bradshaw. — E não é recente.

Novo pressionar do botão e o cisne desapareceu, sendo substituído por uma baleia azul.

— O Blue Whale Challenge. Julga-se que terá surgido na Rússia e consistia numa série de testes, um por dia ao longo de 50 dias, com vista a preparar a vítima para o suicídio final. O número total não é consensual, mas crê-se que mais de 100 pessoas vulneráveis cometeram suicídio só na Rússia.

A imagem no ecrã deu lugar a uma lista de testes.

— Os primeiros testes do Blue Whale Challenge parecem ser fáceis, não? — continuou ela. — O primeiro consiste em cortar o contorno de uma baleia azul na mão e enviar uma fotografia ao administrador do jogo. O corte nem sequer tem de ser profundo. O importante é demonstrar empenho no jogo. O teste seguinte é ainda mais fácil. Tudo o que o participante tem de fazer é levantar-se às 4 da manhã para ver filmes de terror e ouvir *death metal*. O terceiro teste consiste em fazer um corte numa veia.

Bradshaw pressionou o botão do controlo remoto e a imagem da lista de tarefas do Blue Whale Challenge foi substituída por um diagrama do cérebro humano.

— Estas instruções podem ser classificadas sequencialmente como os princípios psicológicos da indução, habituação e preparação. A indução passa por garantir o empenho da vítima no Blue Whale Challenge recompensando psicologicamente a obediência e admoestando a desobediência. No caso de uma pessoa vulnerável, sobretudo alguém que nunca teve muito reforço positivo, pode ser algo muito poderoso, por vezes viciante e motivador.

» As instruções de habituação são pensadas para interromper os padrões de sono normais da vítima que, em conjugação com a

exposição constante a filmes de terror e músicas sobre morte e suicídio, dão azo a uma desregulação do córtex orbitofrontal. É claro que esta é a parte do cérebro que regula as decisões emocionais...

Dave Coughlan, o inspetor da monocelha, levantou-se e disse:

— Que disparate é este?

Nightingale virou-se na sua cadeira.

— Perdão, inspetor Coughlan?

— Já parece aquela treta da semiótica, superintendente — replicou ele. — Estamos aqui sentados como funcionários de repartições públicas quando devíamos estar no terreno à procura do tipo que está por detrás disto.

— E o que sugere que façamos? — explodiu Nightingale. — Coughlan não respondeu. — Esta sessão de esclarecimentos visa explicar de que forma uma pessoa pode ser manipulada remotamente a ponto de cometer um homicídio — prosseguiu Nightingale. — É importante, por isso deixe-se estar sentado e calado ou tem ali a porta da rua.

— Se é assim tão importante, não devíamos estar a ouvir uma pessoa normal? — resmungou.

Ouviram-se alguns risos abafados, ainda assim não tantos como ele esperava.

Poe cerrou os dentes, mas deixou-se ficar sentado. Há um ano, um comentário daqueles teria levado Bradshaw às lágrimas e desencadeado nele uma reação violenta. No entanto, agora, os insultos pareciam incomodá-la tanto como os traques incomodam os cães. E a sua franqueza desarmante permitia-lhe responder à letra à maioria.

— Não se zangue, inspetor Dave Coughlan — retrucou Bradshaw. — Nem todos têm um intelecto capaz de processar este tipo de informações.

Coughlan corou.

— E quem lhe diz que não tenho intelecto para isso? Nem sequer me conhece.

Poe voltou-se para trás.

— Ela é perita em traçar perfis, idiota! Analisou os teus padrões

de fala, comunicação não-verbal e trejeitos desde o primeiro momento em que te viu.

Bradshaw acenou entusiasticamente com a cabeça.

— Além disso, a superintendente Nightingale disse ao Poe que não devia muito à inteligência.

A sala veio abaixo com a gargalhada geral.

Coughlan franziu o cenho, mas acabou por pedir desculpa.

— Não tem importância, inspetor Dave Coughlan, o Poe também não consegue processar informações muito complexas. Nem sequer sabe usar o novo *BlackBerry*. Ainda na semana passada tentou enviar-me uma mensagem de texto, mas eu só recebi balões de diálogo vazios. — Poe fez um esgar. Maldita NCA, sempre com inovações. Só agora é que se habituara ao telemóvel antigo. — Foi como ter um diálogo com um peixe — acrescentou ela.

Nova gargalhada geral.

Nightingale levantou-se.

— Pronto, vamos lá a acalmar. Sei que a sensação que temos ao desvendar um caso pode ser em tudo semelhante à do último dia de aulas, mas relembro-vos que ainda não estamos despachados. Não sabemos quem está por detrás deste caso e não lhe conhecemos os motivos. — Voltou a sentar-se. — Continue, menina Bradshaw.

— A desregulação do córtex orbitofrontal é mais conhecida como lavagem cerebral, inspetor Coughlan — disse Bradshaw, retomando o fio à meada. — O último princípio psicológico no desafio de suicídio do Blue Whale Challenge é a preparação. Consiste em dessensibilizar a vítima para a dor e as lesões físicas, o que, por sua vez, vai desgastando os seus instintos de sobrevivência. Após realizarem 49 tarefas, quando recebem a tarefa 50, saltar de um prédio para a morte, a decisão não parece assim tão impossível de concretizar.

— Só isso? — estranhou Nightingale. — Foi quanto bastou para que os miúdos se matassem?

Bradshaw anuiu.

— Acredito que, ao seleccionar as vítimas, o administrador procura quatro pré-condições: más experiências de vida, isolamento involuntário, depressão e um distúrbio de personalidade latente.

Infelizmente, os mais jovens, cujas vias neurais ainda não estão totalmente desenvolvidas, têm tendência a partilhar inconscientemente estas características nas redes sociais. Temos um aforismo na SCAS: «Há coisas que só podem ser partilhadas com um psiquiatra e com 100 mil seguidores na Internet». Significa que os jovens mais vulneráveis são facilmente identificados pelos predadores, o que acentua a sua vulnerabilidade.

— É a velha história do ovo e da galinha — concluiu Coughlan, ansioso por compensar a explosão anterior. — Bradshaw olhou para ele sem perceber. — A história do que surgiu primeiro, está a ver? A vulnerabilidade ou a pessoa que tornou a vítima vulnerável.

— Exato — concordou Bradshaw. — Mas que tem isso que ver com galinhas?

— É uma máxima. O que surgiu primeiro, o ovo ou a galinha? É uma pergunta sem resposta.

— Foi a galinha, obviamente — sentenciou Bradshaw. — As proteínas que se encontram nas cascas de ovo só podem ser produzidas pelas galinhas.

Gargalhada geral.

— A sério? — troçou Coughlan, antes de olhar para Nightingale. — Mudei de ideias, superintendente, ainda bem que ela está do nosso lado.

— Cale-se, Dave — retrucou a sua superior.

— Mas... mas porquê? — perguntou alguém ao fundo da sala. — O que ganha o administrador com isso?

— A única pessoa condenada por administrar um jogo de Blue Whale Challenge foi um russo chamado Philipp Budeikin. Alega que a sua intenção era limpar a sociedade e que as suas vítimas não passavam de desperdício biológico.

— E acredita nas palavras dele? — perguntou Nightingale.

— Não. Estudei o perfil dele e penso que o Philipp Budeikin era um jovem inteligente que não conseguiu estabelecer laços com ninguém. Desenvolveu os seus métodos e aprimorou a sua capacidade de manipulação até sentir que era Deus. Tinha o poder de vida ou de morte sobre as outras pessoas. Foi por isso que fez aquilo. Era simplesmente um homem mau.

— Porque é que eu não sabia nada disto? — perguntou a chefe da polícia.

Poe levantou-se.

— Por dois motivos, na verdade — disse, erguendo um dedo. — Primeiro, não houve mortes atribuídas a jogos de Blue Whale Challenge no Reino Unido. — Ergueu outro dedo. — Segundo, todos fizeram o que nós teríamos feito: menosprezado a situação para evitar imitadores.

— Então, pode nem ser verdade?

Poe encolheu os ombros.

— As opiniões dividem-se.

— Qual é a sua opinião?

— Acho que quando o jornal de investigação russo *Novaya Gazeta* relatou que 130 crianças tinham cometido suicídio no período de seis meses, quase todas elas pertenciam ao mesmo grupo na Internet e vinham de boas famílias.

— Meu Deus... E é isso que temos aqui, uma versão mais doentia do Blue Whale Challenge?

Bradshaw mudou a imagem que estava no ecrã.

#BSC6

— Os Cowells acreditavam nisso — disse Bradshaw. — Creio que foram escolhidos devido à sua intensa rivalidade fraternal que, para quem souber onde procurar, pode ser encontrada online. Robert Cowell disse que depois de receberem um convite, desafiaram-se mutuamente a jogar. #BSC1, a primeira tarefa do Black Swan Challenge, consistia em cometer um ato de vandalismo sem grandes consequências. Robert destruiu uma árvore num parque local e a sua irmã foi mais longe e retalhou o pneu de um carro-patrolha.

— Só isso? E daí passaram para o homicídio? — perguntou Nightingale.

— Não, superintendente Nightingale — respondeu Bradshaw.

Voltou a mudar a imagem, que deu lugar a uma troca de mensagens num chat.

— É neste ponto que o Black Swan e o Blue Whale Challenge diferem. Enquanto os administradores do Blue Whale Challenge manipularam as vítimas através das técnicas psicológicas que referi anteriormente, indução, habituação e preparação, o administrador do Black Swan Challenge limitou-se a usar a chantagem. Temos aqui a captura de ecrã de uma troca de mensagens que Robert Cowell teve com ele. Como podem ver, quando acedeu para saber qual era a tarefa seguinte, foi informado de que o seu computador tinha sido infetado com *malware* e que tinha de continuar a jogar, caso contrário todos os seus ficheiros e dados pessoais seriam tornados públicos. Já fiz uma verificação diagnóstica e, apesar de não ter encontrado qualquer vírus, é evidente que Robert Cowell acreditava que assim seria.

— Que segredo queria ele evitar que fosse revelado?

— Aí é que está, superintendente Nightingale: não encontrei nada no computador do Robert Cowell que o tornasse suscetível de ser chantageado.

— Nada?

Bradshaw abanou a cabeça.

— Então, porque é que...?

— A realidade dele assenta na perceção que tem das coisas — explicou Poe. — Mesmo que não tivesse nada no computador que o tornasse suscetível de ser chantageado, ele pensava que sim.

Ele e Bradshaw já tinham falado sobre aquilo. No seu íntimo, ele concordava com Nightingale — que alguém que não tivesse nada a esconder não podia ser facilmente chantageado —, mas ela fizera-lhe ver que as pessoas vulneráveis não tinham o mesmo processo cognitivo que ele.

— E isso foi suficiente para o chantagear e obrigar a matar alguém? — disse Nightingale, abanando a cabeça. — Por favor, diga-me que não é assim tão fácil, menina Bradshaw.

— E não é — retrucou Bradshaw. — O administrador também aplicou técnicas semelhantes às do Blue Whale Challenge. Entre cada desafio, que se tornaram cada vez mais graves, ele obrigou-os

a ver vídeos. Em vez de filmes de terror, eram vídeos sobre crimes de guerra, decapitações e execuções. Em vez de os dessensibilizar em relação à dor e ao medo da morte, ele dessensibilizou-os relativamente à violência e às consequências da violência.

— Quais foram os outros desafios?

— Preparámos um processo, superintendente — disse Poe —, mas, basicamente, o segundo e o terceiro foram mais do mesmo. Sobretudo, atos de vandalismo. Só ao quarto desafio é que a situação se tornou mais grave...

Capítulo 43

Os desafios #BSC1, 2 e 3 tinham consistido em delitos de somenos importância, um incômodo para todos aqueles diretamente envolvidos, mas apesar de estarem do lado errado do comportamento criminoso, não estavam do lado errado da opinião pública.

#BSC4 mudou tudo. Quando Robert Cowell contou o que ele e Rhona tinham feito, Poe fez um esforço para manter o sangue-frio e para não o esbofetear à frente do advogado.

Em vez disso, pediu para fazerem uma pausa e dirigiu-se à secção canina para ficar um pouco com *Edgar*. Enquanto afagava as orelhas suaves do *spaniel*, pensou no que Cowell lhe tinha dito. Seria o suficiente para lhe abrir as portas para o homicídio?

Apesar de ter presente a sua parcialidade, Poe pensou que se alguém era capaz de roubar a prótese de um soldado ferido em combate, o mais certo era ser capaz de tudo...

Os Cowells tinham percorrido a A66 até ao quartel de Catterick e seguido para Phoenix House, o centro de recuperação gerido pela Help for Heroes. Fizeram-se passar por familiares de soldados e dirigiram-se à piscina de hidroterapia, onde Robert tratou de roubar a prótese transfemoral de um membro dos Royal Marines que fora sujeito a uma amputação acima do joelho depois de pisar numa mina terrestre na província de Helmand. Rhona tinha gravado tudo. O vídeo estava guardado na *cloud* e Cowell deu a palavra-passe a Poe.

Quando Cowell relatou que tirou uma *selfie* com a prótese da perna à porta de Phoenix House antes de a atirar para uma vala na A66, Poe cerrou os punhos sobre a mesa até os nós dos dedos

ficarem brancos. A independência de um soldado descartada como um colchão manchado de urina. Apesar do sangue-frio, se Cowell tivesse esboçado o mais ténue sorriso ou revelado uma expressão que fosse tudo menos conciliadora, Poe não teria sido capaz de conter a vontade de saltar por cima da mesa e de lhe destruir a cara.

— Seja como for, já fiz a denúncia junto da polícia de North Yorkshire — disse Poe a Nightingale. — A Rhona Cowell ainda não disse nada de muito relevante, mas o Robert assinou uma declaração a confirmar o envolvimento de ambos, por isso deve conseguir acusar os dois. Mesmo que ela negue, é possível ouvi-la a incentivá-lo no vídeo que eles gravaram.

Nightingale acenou com a cabeça, satisfeita. Se Robert Cowell parecia não ter escapatória, o mesmo não acontecia com Rhona. Já suspeitavam do seu envolvimento, mas sem provas da sua cumplicidade, ela podia facilmente escapar por entre os pingos da chuva. O roubo da prótese do soldado veio mudar essa situação. Rhona Cowell tinha mais probabilidades de ver o sol nascer aos quadrinhos do que de sair em liberdade sob fiança.

— Qual foi o quinto desafio, inspetor Poe? — perguntou a chefe da polícia.

«Qual foi o quinto desafio, Robert?», perguntara Poe.

Cowell corou. Engoliu em seco algumas vezes.

«Pregámos uma partida a alguém», respondeu.

Poe apontou alguns dados e interrompeu o interrogatório. O que Cowell descrevera não era uma partida, era o rapto de uma criança. Poe conferenciou com o inspetor que estava na sala de observação. Tinha havido um rapto. Uma criança de 5 anos chamada Lucy tinha sido sequestrada em Chance's Park, em Carlisle. Apesar de ter voltado para junto dos pais incólume algumas horas depois, o inquérito policial continuava em curso.

A agente responsável pelo processo de inquérito ao rapto era Rachael Carrigan-King. Poe conhecia-a dos tempos que passara na polícia de Cúmbria. Era uma inspetora competente e sem manias. Pediu para falar com Poe antes de falar com Cowell.

— Ele está a dar baile?

Poe encolheu os ombros.

— Ainda não sei bem. Está a colaborar, mas também pode estar a tentar condicionar-nos antes de negar os crimes mais graves.

— Acredita que ele raptou a minha vítima?

— Acredito que o Robert e a irmã raptaram alguém. A Rhona Cowell ainda não abriu a boca, no entanto o Robert já admitiu ter roubado a prótese da perna de um elemento dos Royal Marines e eu confirmei que o roubo aconteceu mesmo. Um inspetor de North Yorkshire vem a caminho para falar com ele.

— Nesse caso, deve ter sido ele a raptar a minha vítima — concluiu Carrigan-King. — A Lucy é o único caso de rapto em aberto.

— E ninguém lhe fez mal?

— Não. Foi sequestrada em Chance's Park, em Wigton Road. Estava a correr atrás de um cão e a mãe estava distraída. A Lucy disse que um homem com um sobretudo lhe deu umas guloseimas e que depois deram umas voltas de carro. Deixou-a no Houghton Hall Garden Centre. Só esteve desaparecida durante três horas. Nem sequer sabia que andavam à procura dela.

Conversaram durante dez minutos e, em seguida, passaram meia hora a rever as imagens do interrogatório.

Bastaram 45 minutos para Carrigan-King ter tudo aquilo de que precisava. Cowell não escondeu nada nem tentou minimizar o impacto das suas ações junto da família de Lucy, da comunidade e dos recursos já de si escassos da polícia. Não alegou atenuantes. Só disse que ele e a irmã tinham sido obrigados a participar em desafios e que o rapto de uma menina tinha sido apenas mais um.

Capítulo 44

— Decerto, há um ponto em que o limiar da chantagem é ultrapassado — declarou Jo Nightingale, quando Poe terminou.

Ele percebia onde ela queria chegar. Fosse o que fosse que estivesse no computador e que Robert não quisesse que fosse divulgado — e Bradshaw ainda não tinha encontrado nada — não podia ser pior do que os crimes que ele estava a cometer para preservar o seu segredo.

— Por norma, concordaria consigo, superintendente — retrucou Poe. — Mas creio que havia ainda alguma rivalidade entre irmãos em jogo e, por esta altura, o administrador já tinha conseguido subverter quaisquer códigos morais que eles tivessem. Parece pouco plausível, mas as provas são convincentes: quando chegaram ao sexto desafio, já eram ambos participantes entusiastas.

— O que diz ele sobre os homicídios?

Poe instou Bradshaw a falar sobre o último desafio.

— Obrigada, Poe — disse ela, mostrando mais uma imagem no ecrã. — Isto é a captura de ecrã que Robert Cowell fez de uma conversa que teve com o administrador. Teve lugar numa sala de chat impossível de rastrear.

Ampliou uma secção de diálogo:

ADMIN: ESTA É A ÚLTIMA TAREFA. SE A REALIZARES,
CHEGARÁS AO FIM DO BLACK SWAN CHALLENGE.

RC: O QUE É DESTA VEZ?

ADMIN: MATAR UM ESTRANHO. EXIBIR PARTE DO CORPO.

RC:

— O Robert ainda não tinha respondido quando fez a captura de ecrã, por isso não sabemos, ao certo, qual foi a sua resposta — prosseguiu Bradshaw.

— Ele não foi muito subtil — disse Poe. — Matar um estranho? Eu e a Tilly contávamos com algo um pouco mais... não sei, psicologicamente mais complexo.

Bradshaw assentiu em concordância.

— Esta instrução negligencia por completo os processos de indução, habituação e preparação associados ao Blue Whale Challenge.

— Mas parece que surtiu efeito — comentou Nightingale. — Presumo que ele negue a autoria dos homicídios.

— Sem dúvida — respondeu Poe. — Diz que assim que viu o desafio final, fez a captura de ecrã e desligou o computador, e que não voltou a ter contacto com o administrador desde essa altura.

— Porque não veio falar connosco?

— Não podia. Não sem ter de confessar os restantes crimes.

— Muito conveniente — disse Nightingale. — E ainda alega que o papagaio foi roubado?

— Sim.

— E a página de teste que encontraram no caixote do lixo dele?

— Não tem qualquer explicação para ela. Nem tentou abordar o assunto.

— Não tentou atirar as culpas para cima da irmã?

— Não. Disse que ela também está inocente.

Nightingale virou-se para a chefe da polícia.

— Creio que estamos em posição de levar o caso ao Ministério Público. Temos provas suficientes para acusar o Robert Cowell de homicídio. Podemos acusar a Rhona de sequestro e, entretanto, continuamos a investigá-la.

Ao que a chefe da polícia respondeu:

— Poe, esteve na sala com ele, o que é que lhe saltou à vista?

Poe pensou na pergunta durante alguns instantes.

— Não sei porque é que ele matou três pessoas quando as instruções diziam apenas para «matar um estranho» e não sei porque usou métodos diferentes para amputar os dedos. Se o

rastreamento por pontos amarelos não o ligasse diretamente aos três homicídios, diria que os Cowells não eram os únicos participantes do Black Swan Challenge.

— Será que é a Rhona Cowell que está por detrás disto?

— Pensei nisso, superintendente. Mas, se está, porque havia de se expor? — contrapôs Poe. — É quase certo que ela vai cumprir pena pelo sequestro.

A chefe da polícia anuiu.

— Mais alguma coisa? — perguntou.

— Quero a impressora — respondeu Poe. — A defesa de Cowell vai assentar no facto de ter sido incriminado, é a sua única opção, e ao dizer que o papagaio foi roubado já está a preparar terreno para isso. Se encontrarmos a impressora, invalidamos uma grande parte da sua estratégia.

— Como estamos nós relativamente à localização deste administrador, Tilly? — perguntou Nightingale. — Diga-me que tem boas notícias.

— Não, superintendente Nightingale — respondeu ela. — Ele usou os seus próprios sites para albergar as salas de chat onde falou com o Robert Cowell e, supostamente, com quem mais estivesse a participar no Black Swan Challenge. Este é o URL de um deles.

Com isto, mostrou mais uma imagem.

dhwehi234o8757o4632obf.onion

— Presumo que seja um endereço da *dark web*?

— Sim.

— Diz que ele usou mais de um site?

— É como encontrar uma agulha num palheiro. Ele usava um site por um período limitado de tempo e depois desativava-o. Assim que o fazia, surgia logo outro.

— O que é esta «onion» que aparece no final do URL?

— É a extensão TOR. É onde ele alberga os sites.

— TOR?

— The Onion Router. É um software gratuito que permite comunicações em regime de anonimato. O TOR direciona o tráfego na Internet através de milhares de *relays*, que dificultam o rastreamento da localização do utilizador. Todas as salas de chat do Black Swan Challenge estavam alojadas na TOR Network.

Poe não fingiu perceber o que Bradshaw estava a dizer, mas amaldiçoou em silêncio a *dark* e a *deep web* — os 96 por cento da Internet que não eram acessíveis através de motores de busca convencionais como o *Google*. Como vivia em Herdwick Croft, compreendia perfeitamente todos aqueles que desejavam preservar a sua privacidade, mas na sua opinião, a *dark web* era apenas um mercado para armas, drogas, assassinos a soldo e imagens indecentes de crianças. E agora estava a ser usada por assassinos em série por procuração. Como se o desempenho das suas funções não fosse já suficientemente difícil.

— Disse que era difícil de rastrear, mas não impossível, certo? — perguntou Nightingale.

— Por norma, consigo localizar o endereço de IP de um utilizador através de pontos de entrada e saída TOR, mas neste caso só encontrámos isto.

Bradshaw baixou-se e deitou mão a um saco de provas em papel, um daqueles castanhos com abertura transparente. De lá retirou um equipamento elétrico achatado.

— Isto é um computador de placa única — explicou ela. — Basicamente, é um computador cujos componentes necessários ao seu funcionamento foram integrados numa só placa. Inclui microprocessadores, armazenamento e memória. Os computadores de placa única estão normalmente integrados em dispositivos de grandes dimensões, tais como caixas de multibanco, caixas registadoras e equipamento médico, mas qualquer pessoa pode comprar um. Não são caros. O modelo que está no saco de provas pode ser comprado online por menos de 30 libras.

Bradshaw voltou a mudar a imagem que aparecia no ecrã, substituindo-a por uma fotografia da fachada de uma pensão com aspeto degradado. Parecia ser um daqueles alojamentos transitórios destinados sobretudo à população sem-abrigo; daqueles que

desviam dinheiro do fundo de participação à habitação e que recebem a visita da polícia todas as semanas.

— Isto fica nos arredores de Carlisle. Localizei este computador de placa única num quarto no último andar. Tinha sido ligado à rede wi-fi gratuita e escondido debaixo da tábua do soalho. Foi encontrado há menos de uma hora. O dono da pensão não sabia da sua existência.

Nightingale já tinha sido informada, mas fez a pergunta para aqueles que não estavam a par.

— E não conseguiu ir mais longe?

— Não. Ele controlou-o remotamente durante um curto período e depois passou para outro que também deve ter escondido. Assim que ficou despachado deste, reiniciou-o à distância, por isso estamos a ter dificuldades em recuperar quaisquer provas digitais. Consegui localizar cinco computadores no total. Julgo saber que há inspetores e técnicos do CSI a recuperar os outro quatro neste momento.

» Ele foi inteligente a ponto de escolher pensões situadas nos arredores da cidade, em zonas não abrangidas pelas câmaras de videovigilância e que, ao contrário dos grandes hotéis, não tinham redes wi-fi protegidas por sistemas de segurança, tais como portais para hóspedes, *firewalls* ou sistemas de acesso.

Bradshaw explicou ainda que os computadores podiam ter sido escondidos em qualquer altura e que, desde que estivessem ligados a uma fonte de energia, podiam ter ficado ali por tempo indeterminado. Nightingale tinha uma nova pista a seguir, mas Poe achava que o homem que estavam agora a investigar não teria deixado provas em nenhum dos locais — não seria descuidado a esse ponto.

— Suponho que seja possível que ele tenha um computador de placa única que ainda não tenha ligado — disse a chefe da Polícia.

Bradshaw assentiu.

— E nem há maneira de saber quantos. Ele pode ter passado anos a planear isto e pode tê-los escondido em qualquer parte do mundo. Os cinco que localizámos encontravam-se em Carlisle, mas o sexto pode estar no Mumbai.

Nightingale levantou-se para se dirigir à plateia.

— Obrigada, menina Bradshaw, e obrigada, inspetor Poe.

Há perguntas antes de avançarmos para a distribuição de tarefas? Não havia.

Poe deixou-se ficar para trás para falar com Nightingale. Para sua surpresa, Flynn juntou-se a eles. Se tinha conseguido descansar, os efeitos não se notavam: ainda parecia exausta e inchada. Os ténis que usava eram tão grandes que parecia que os tinha roubado a um palhaço.

— Chefe? O que fazes aqui?

Poe olhou para o relógio. Eram quase 22 horas.

— A Tilly pôs-me a par das últimas novidades. — Virou-se para Nightingale. — Superintendente, espero que não se importe, mas podemos estar a braços com uma questão de segurança pública a nível nacional e tenho de estar envolvida. Neste momento, o caso está circunscrito ao território de Cúmbria, mas pode não continuar assim durante muito mais tempo.

— Para ser sincera, agradeço a ajuda, inspetora-chefe Flynn — respondeu Nightingale. — O que precisa da minha parte?

— Agendei uma reunião entre o Poe e a Public Health Cumbria para amanhã de manhã. Parece que ele vai reunir com o responsável pela resposta a um jogo como o Blue Whale. Não me importo nada se quiser enviar alguém para ir com ele.

— Assim farei, obrigada.

Flynn voltou-se para Poe.

— Antes que me esqueça, ligaram para ti... — Levou a mão ao bolso e leu aquilo que tinha escrito num papel timbrado do hotel North Lakes. — Era uma tal de Melody Lee para falar contigo.

— Um nome invulgar — disse ele.

— Não pagou a conta no Rouge, Poe? — perguntou Nightingale. Ele riu-se. Rouge era o único bar de *strip* de Carlisle.

— Ela deixou recado?

— Apenas um número de telefone e um pedido para que lhe ligasses o mais depressa possível.

Entregou-lhe o papel com os dados. Ele deu uma vista de olhos. Era um número estranho. Treze dígitos em vez de onze, e o prefixo era 001 e não 07. Uma coisa era certa, não se tratava de um número de telemóvel do Reino Unido.

— Retribuo a chamada mais tarde — disse, guardando o papel no bolso.

Capítulo 45

A reunião com a Public Health Cumbria estava marcada para as 9h30 da manhã seguinte e Nightingale insistiu que Poe fosse descansar. Ele resistiu bastante, mas a verdade é que via isso com bons olhos. Sentia o cansaço tomar conta dos seus ossos — o preço a pagar pelas longas horas de trabalho e pelo café barato — e a sua mente mais parecia uma folha de cálculo com demasiados separadores abertos. Uma refeição decente, um passeio pela neve com *Edgar*, seguido de uma boa noite de sono e ficaria como novo. Despediu-se de Flynn e Bradshaw, foi buscar *Edgar* à secção canina e pôs-se a caminho de casa.

Robert e Rhona Cowell não lhe saíam da cabeça enquanto ele conduzia o *BMW X1* pela neve cada vez mais alta. Os pneus de inverno e a tração integral garantiam que ele se saía melhor do que a maioria dos restantes condutores. Achava que Rhona estava tão envolvida como Robert, mas apesar de serem bons suspeitos, a verdade é que havia ainda muitas questões em aberto. Nenhum dos dois tinha pinta de génio do crime, e apesar de Poe saber que poucos eram os crimes que faziam sentido, mesmo que estivessem na presença dos dois idiotas mais sortudos à face da Terra — patetas alegres que, contra todas as expetativas, tinham conseguido levar a cabo três homicídios quase perfeitos —, nada explicava por que motivo tinham encharcado duas das vítimas em anestesia enquanto a terceira tinha sido morta sem mais delongas. Estava a escapar-lhes alguma coisa.

*

O tempo parecia estar a melhorar, pelo que deixou salsichas e

batatas no forno e levou *Edgar* a dar um passeio junto ao muro da sua propriedade. As ovelhas usavam-no para se abrigarem e, de vez em quando, ficavam encurraladas se a neve resvalasse. Em mais de uma ocasião, teve de as arrastar pelas patas dali para fora.

Percorreu a extensão do muro de pedra que marcava a fronteira entre a sua propriedade e a de Victoria. Não avistou qualquer animal encurralado. Estava prestes a regressar a casa quando ouviu um som. O motor *au ralenti* de uma moto-quatro.

Virou-se na direção do ruído e avistou dois faróis. Ao que parecia, Victoria também estava a passar revista ao muro.

— Washington! — disse ela, quando ele espreitou por cima do muro. — O que fazes aqui a estas horas?

— Pelos vistos, o mesmo que tu — respondeu ele.

— Podes dar-me uma ajudinha?

Poe inclinou-se para a frente.

Uma ovelha de grande porte estava deitada de lado, com uma pata presa numa fenda no muro. Poe não fazia ideia de como tinha ido ali parar. Estava a tremer, o que era invulgar para aquela raça. Apesar de serem animais indefesos, a experiência que Poe tinha com ovelhas da raça *Herdwick* é que não se deixavam amedrontar facilmente. As que pastavam nas redondezas de Herdwick Croft ignoravam *Edgar* por completo ou, se ele estava a ser particularmente chato, chegavam a atacar — só para que ele não se esquecesse de que era um *spaniel* tolo e de que elas tinham cabeças de aríete.

— Não é adulta — disse Victoria. — Deve ter-nos escapado quando fizemos a tosquia no ano passado.

Poe voltou a olhar para a ovelha. O que ele pensava ser uma ovelha de grande porte era afinal um cordeiro novo que tinha cedido ao peso da lã coberta por neve. Assim, tanta agitação fazia sentido — se não tinha sido recolhido na época da tosquia, era possível que Victoria fosse o primeiro ser humano com quem estabelecia contacto.

Poe saltou o muro e agarrou-o bem pela barriga, certificando-se de que se afastava da sua cabeça irrequieta. Enquanto o agarrava, Victoria tentava libertar-lhe a perna.

Sendo dois, não demoraram muito tempo a libertá-lo. O cordeiro afastou-se a coxear sem olhar para trás.

— Obrigada — disse Victoria, enquanto soprava nas mãos para as aquecer. — Estás bem? Estás com um ar cansado.

Ele encolheu os ombros.

— Temos um caso complicado em mãos.

— Queres falar sobre isso?

— Ainda não.

Por vezes, ele desabafava com Victoria — que já provara ser uma boa caixa de ressonância —, mas ainda era muito cedo.

— Como te estás a safar com o *Edgar*?

— Não muito bem — reconheceu. *Edgar* tinha andado numa roda-viva nos últimos dias.

— Queres que fique com ele?

Ele olhou para o *spaniel*. Tinha saltado o muro e estava sentado na parte de trás da moto-quatro. Obviamente, não se esquecera de que havia uma salsicha a assar no forno. Poe suspirou.

— Acho que é preferível.

Poe percorreu sozinho o caminho de volta a Herdwick Croft. Sentiria muito a falta de *Edgar*, mas apesar de o *spaniel* ter gostado do tempo que passara na praia e na secção canina, não era justo abusar. Era um cão enérgico que precisava de exercício constante. Era preferível que passasse uns tempos na quinta de Victoria.

O resgate do cordeiro implicou que chegasse a casa meia hora depois da hora prevista. A batata assada mais parecia uma ameixa seca e a salsicha estava chamuscada e crocante, mais carvão que porco. Deitou a batata fora e comeu a salsicha. Nunca na vida tinha deitado fora uma salsicha.

Ainda pensou em cozinhar outra, mas decidiu que precisava mais de sono do que de comida.

*

Poe acordou oito horas depois. A luz do Sol entrou no quarto

filtrada pelas ripas das persianas — uma estreia para ele, que costumava acordar antes do raiar da aurora. Tinha dormido até mais tarde porque *Edgar* não estava lá para lhe lambear a cara e para lhe lembrar que a manhã era sinónimo de pequeno-almoço. Voltara a acordar com dor de cabeça, não tão intensa como a do outro dia, mais uma moinha do que uma dor lancinante. Nem sequer deitou mão aos analgésicos.

Levantou-se e tomou um duche, começando com água gelada e depois aumentando o calor até ultrapassar o limiar do conforto. Deixou-se estar quieto enquanto os jatos escaldantes lhe fustigavam a pele e aclaravam as ideias.

À medida que a água quente lhe animava o organismo, Poe visualizou os seus próximos passos. Não tinha um papel definido naquela história. Tinham apanhado os assassinos e a caça ao administrador do Black Swan Challenge começaria e terminaria online. Agora que sabia o que procurar, Poe não duvidava que Bradshaw arranjará maneira de o localizar.

Tinha pedido a Nightingale se podia juntar-se à equipa destacada para vasculhar as pensões onde os computadores de placa única tinham sido escondidos. Poe não achava que o administrador pudesse ser apanhado dessa forma, mas pelo menos era trabalho policial.

Depois de sair do duche e de se secar, verificou se tinha mensagens no telemóvel. Havia uma mensagem de texto de Bradshaw a lembrá-lo de tomar as vitaminas que ela lhe tinha dado e outra de Flynn a dizer que chegaria mais tarde. Tinha ainda uma chamada não atendida de um número oculto, provavelmente alguém de Carleton Hall a lembrá-lo da reunião com o perito do município no Blue Whale Challenge.

Enviou uma mensagem a Bradshaw a confirmar que tomara as vitaminas e que a sua urina ficaria com um cheiro estranho o resto do dia. Enviou outra mensagem a Flynn a dizer-lhe que estava tudo controlado e que ligaria se houvesse novidades.

Em relação à chamada perdida, não havia nada a fazer.

Capítulo 46

Um jogo homicida baseado em desafios online a ter lugar em Cúmbria exigia uma resposta de múltiplas agências em todo o condado. A Public Health Cumbria, a autoridade sanitária a quem competia proteger e melhorar a saúde dos cidadãos, assumiria a liderança, no entanto todas as agências estariam envolvidas: a autoridade de proteção de menores, a autoridade de proteção de adultos, a polícia, as escolas, os oficiais de justiça, todos. Seria necessário delinear uma estratégia de assessoria de imprensa. Os prós e contras de partilhar as informações com o público em geral teriam de ser discutidos e acordados.

Os prós seriam que os pais, escolas e serviços sociais podiam identificar crianças e adultos vulneráveis e tomar medidas de intervenção.

Os contras eram os imitadores. Em Bridgend, no País de Gales, depois de alguns jovens se terem enforcado, a comunicação social fora acusada de exaltar o suicídio e desencadear mais episódios. A ponto de a polícia ter de solicitar a interrupção da cobertura jornalística. Tinham-se tornado parte do problema.

Poe deu graças por não recair nele tal decisão. Não havia boas escolhas, só más.

Poe chegou a Carleton Hall dez minutos antes. O caminho até à entrada da M6 fora lento, mas os limpa-neves tinham estado ativos durante a noite e a autoestrada estava limpa.

Antes que pudesse sair do carro, alguém bateu à janela.

Era Dave Coughlan. Poe abriu a porta. Se houvesse azar, preferia estar de pé.

— O que se passa, inspetor Coughlan? Lamento o comentário da

Tilly sobre não dever muito à inteligência. Não devia ter vindo a público.

Coughlan encolheu os ombros.

— Vamos os dois à reunião, mais vale irmos no meu carro. O inspetor sempre tem um lugar no parque, eu não.

Poe agarrou na mala.

— Vá à frente.

À semelhança da maioria dos polícias de baixa patente de Carleton Hall, o que Coughlan fazia era simplesmente abandonar o carro, não tanto estacioná-lo. Ficou metade debaixo de uma árvore, metade na estrada, e mais próximo do quartel de bombeiros de Cúmbria do que da sua sede. Conduzia um *Volvo* já com alguns anos e coberto de lama com autocolantes novos e desbotados da Guide Dogs for the Blind no para-choques e no vidro traseiro.

— A sua amiga Matilda parece falar sem pensar — comentou Coughlan, quando já estavam na M6 a caminho de Carlisle. — Espanta-me que tenha sido contratada pela National Crime Agency, tendo em conta o corporativismo que impera na agência.

— Não estava na SCAS quando ela se candidatou, mas julgo saber que ela corrigiu sete perguntas que constavam no exame de admissão — disse Poe. — A NCA pode ter uma imagem a proteger, mas também sabe reconhecer uma mente brilhante quando ela aparece. Se a tivessem recusado, os Serviços Secretos tê-la-iam aproveitado em menos de nada.

— Ela é assim tão boa?

— É a melhor que já vi.

— Onde estava quando ela entrou para a agência?

Poe fez uma pausa para verificar se Coughlan estava a gozar com ele. Não estava.

— Fui suspenso durante 18 meses. Espanta-me que não saiba isso; fiz furor nesta zona durante uns tempos.

— Não estou em Cúmbria há muito tempo.

Era verdade. Nightingale referira esse facto.

— Em que força policial trabalhava antes de vir para cá?

Coughlan olhou para ele de soslaio. Pareceu irritado com a pergunta.

— Não trabalhava. Sou um agente recém-chegado.

Já não havia limite de idade no processo de recrutamento da polícia, por isso Coughlan podia ter entrado quando bem entendesse. Poe calculou que teria 40 e poucos anos. Apesar de ser a idade certa para uma mudança de carreira motivada por uma crise de meia-idade, Poe perguntou-se se havia uma história por detrás da vontade de se alistar numa idade em que a maioria dos polícias já estava com um olho na reforma.

— O que fazia antes?

— Umas coisas aqui e ali.

Poe foi poupado a fazer uma pergunta de seguimento constrangedora quando o seu telemóvel deu sinal de vida. Era uma mensagem de texto de Bradshaw. Queria saber se ele estaria de volta a tempo do almoço. Enquanto respondia, Coughlan encontrou um dos raros lugares de estacionamento na rua de Carlisle. Ficava perto do local da reunião: a cidadela, composta pelas enormes torres ovais que, no século xix, tinham albergado tribunais e uma prisão, e que até há pouco tempo tinham sido usadas pelos serviços camarários. Eram impressionantes, pelo que era uma pena que a sua finalidade fosse agora tão mundana.

Poe já tinha participado em muitas reuniões aborrecidas e a que dissera respeito ao Black Swan Challenge estava claramente entre as 20 piores. Era evidente que ninguém compreendia o que era, não sabia o que levaria os miúdos a participar e não fazia a menor ideia do rumo a seguir.

Os últimos dez minutos tinham sido ocupados com uma troca de galhardetes entre um elemento da Public Health e uma mulher atarracada com um corte de cabelo à tigela caraterístico dos oficiais de justiça. Poe desconfiou que se tratava do reacender de uma luta de poder que vinha de trás.

Foi poupado a mais disparates pela vibração do telemóvel.

Olhou para o ecrã. Era um número anónimo, provavelmente a

mesma pessoa que tinha ligado de manhã. Pediu licença e saiu da sala.

— Estou? — atendeu ele, assim que encontrou um canto mais sossegado.

— Inspetor Poe? Fala a agente especial Melody Lee. Pertença ao FBI.

A mulher com o nome peculiar que lhe tinha deixado recados.

— É o FBI que tem andado a tentar contactar-me? — perguntou Poe, desconcertado.

— Sim, tenho tentado falar consigo.

— Lamento não ter ainda devolvido a sua chamada, agente especial Lee. Não tenho tido tempo.

Poe achou que era uma desculpa preferível a dizer que se tinha esquecido.

— Não tem importância, inspetor Poe — prosseguiu ela. — Não imagina como estou contente por falar consigo.

Pelo sotaque, Poe depreendeu que ela seria originária de um dos estados do Sul, porventura Louisiana ou Mississípi.

— Em que posso ajudá-la, agente especial Lee?

— Pode falar-me do caso em que está a trabalhar?

— Pode falar-me do caso em que a agente está a trabalhar? — Silêncio. — Bem me pareceu. — Novo silêncio. Desta vez, ele cedeu. — Ouça, porque não me diz o que se passa? Logo decido se estou numa de partilhar ou não.

Ela assim fez.

E quando terminou, Poe teve de reavaliar tudo o que pensou que sabia...

Capítulo 47

— O que vou contar-lhe não é a posição formal do FBI — disse a agente especial Melody Lee. — Trata-se da minha teoria, e o facto de a repetir à exaustão foi o que me valeu a transferência de Washington DC para o Dakota do Sul, onde estou incumbida de investigar o que se passa nas regiões produtoras de petróleo de Bakken.

— Sou todo ouvidos — respondeu Poe. — Não é a única pessoa nesta conversa que já teve uma opinião minoritária.

— Sabe que o FBI tem contactos em todas as grandes agências de autoridade a nível mundial, certo?

— Sei. — Não sabia, mas sendo uma agência nacional, aquele era o tipo de coisas em que a NCA estaria envolvida.

— Há algum tempo que venho a pedir que os nossos contactos estejam atentos a casos com... determinadas peculiaridades. O vosso foi o único que encontrei.

— Peculiaridades?

— Preciso de lhe dar algum contexto... Há alguns anos, quando ainda fazia parte da agência de combate ao crime violento, em Washington, tivemos uma série de agressões captadas em vídeo, aparentemente sem ligação entre si, que abrangeram vários Estados. Creio que vocês aqui lhe chamam *Happy Slapping*. Ao princípio, pensámos que se trataria de um ritual de iniciação em gangues que desconhecíamos, mas quando apanhámos alguns agressores, percebemos que eram bons miúdos, não os rufias do costume.

— O que disseram eles?

— Pouca coisa. Quando chegámos à fala com eles, já tinham arranjado advogado e invocado a Quinta Emenda. Por fim, um deles

aceitou falar comigo *off the record*. Ela tinha uma bela história para contar.

— Conte-me — instou Poe.

— Disse que tinha estado a jogar um desafio online que se descontrolou. Começou por ser uma brincadeira, mas o último desafio consistia em agredir um estranho.

— Ela confessou?

— Antes de ser travada pelo idiota do advogado.

— Presumo que não me tenha ligado por causa de uma agressão.

— Não. Como seria de esperar, uma das vítimas morreu.

— Apanharam quem a matou?

— Apanhámos. Um velejador de Georgetown, um tipo chamado Stuart Wilson. Já tinha jogado duas vezes e as agressões tinham resultado em ferimentos ligeiros: pouco mais do que um lábio rebentado e algumas lesões no pescoço. Mas à terceira foi longe demais e espancou um tipo até à morte.

— Ele confessou?

— Confessou as duas agressões, mas negou qualquer envolvimento no homicídio. Disse que entrou na sala de chat, mas que o administrador não estava lá.

— Alguém engoliu essa?

— Nem por isso. Partimos do princípio de que ele se tinha visto entre a espada e a parede e percebeu que confessar os delitos menores e negar o homicídio era a única solução que lhe restava.

— As provas eram sólidas?

— À prova de bala — atestou Melody Lee. — O sonho de qualquer procurador do Ministério Público. Além das provas físicas irrefutáveis, se soubéssemos o que procurar, podíamos seguir tudo online.

— Quais eram as provas físicas?

— O sangue da vítima nos veios da sola dos seus ténis.

— Só na sola?

— Sim.

— Como é que a vítima morreu?

— Aí é que está: foi pontapeado e esmurrado até à morte.

— Então, devia haver sangue na biqueira e salpicos nos

atacadores e ilhoses.

— Exatamente. Mas não havia.

— Como é que o MP conseguiu explicar isso?

— Convenceu os jurados de que ele não conseguiu limpar o sangue por completo. Alegou que isso só atestava a sua falta de remorsos.

— Lavou-os, mas esqueceu-se de verificar a sola?

— Está a perceber as minhas dúvidas.

— Disse que está no Dakota do Sul. Até eu sei que só vai para as Badlands quem está de castigo. Não acredito que tenha posto a sua carreira em causa por causa de uns ténis que podem ou não ter sido lavados.

— E não pus.

— O que mais descobriu?

— O grupo das vítimas. As nove pessoas que foram agredidas não podiam ser mais diferentes entre si. Dois alunos, um bancário, alguns funcionários de comércio. Uma velhota que estava a sair do autocarro.

— E o que morreu?

— À primeira vista, também não tinha nada de distintivo.

— E presumo que para o FBI não interessasse ir além da primeira vista.

— Eles já tinham apanhado o culpado, já tinham as provas e o móbil do crime. Teriam gostado de ter uma confissão, mas deram-se por satisfeitos com tudo o resto. Foi um caso sem grande história para o procurador e, como o Stuart Wilson vinha de uma família rica, podia provar que não era brando com as elites de Washington num ano de eleições.

— O que é que despertou tanto a sua atenção na vítima?

— Não foi tanto ele como o seu sócio — respondeu ela. — Tinha tentado comprar a participação da vítima no ano anterior, mas o negócio estava a crescer e a quantia que ele ofereceu correspondia a metade do valor real. Uma cláusula de morte no contrato de sociedade significava que a morte da vítima num desafio de agressão aleatório era algo extremamente fortuito.

— Acha que foi um homicídio encomendado. Que a vítima

aleatória foi tudo menos aleatória? Que alguém dissimulou um homicídio na carnificina de um jogo de *Happy Slapping*?

— Foi por isso que fui parar às Badlands.

— Parece-me fraco motivo.

— O sócio da vítima fez um levantamento de 100 mil dólares da conta à ordem que não conseguiu explicar. Escondeu-se atrás do advogado, que entrou em contacto com o procurador que, por sua vez, não quis que alguém complicasse a sua condenação fácil. Afastou-me.

Poe grunhiu de irritação. Era frequente chocar de frente com pessoas que preferiam ir pelo caminho mais fácil. Se não vivesse já em Cúmbria, era para lá que o teriam desterrado há anos. Cúmbria era as Badlands do Reino Unido.

— Encontrei-me com o Stuart — prosseguiu Melody Lee. — É um miúdo amoroso. Fez uma má escolha, mas jura a pés juntos que não matou ninguém e que está a ser incriminado. A namorada dele, que havia jurado ter estado com ele na noite do homicídio, voltou atrás quando o procurador a ameaçou com uma acusação de cumplicidade. Fez parecer que ele tinha tentado forjar um álibi. Os pais dele vão processá-la, mas isso é irrelevante, o mal está feito. Foi considerado culpado de homicídio simples. O procurador do MP pediu uma sentença dissuasora e o juiz aquiesceu. Vai cumprir 10 anos de prisão antes de poder ser libertado. Duvido que se safe.

Poe manteve-se em silêncio durante alguns instantes.

— Como se chamava o jogo? — perguntou, por fim.

— White Elephant.

— Challenge?

— Sim! White Elephant Challenge. Como é que sabia?

Poe exalou lentamente. Já tinham passado do ponto em que as coincidências podiam ser ignoradas.

— Inspetor Poe — insistiu Melody Lee. — O que é que não me está a dizer?

— O nosso jogo chama-se Black Swan Challenge — disse Poe.

— Então é esse o significado de BSC! — gritou Melody Lee. — Eu sabia que era a mesma coisa!

— As semelhanças são espantosas — admitiu Poe.

— E este sacana não consegue evitar gozar com a nossa cara quando dá nomes a estes jogos. Opta sempre por nomes com duplo significado.

— Como assim?

— Sabe o que é um elefante branco[8], inspetor Poe?

— É um presente indesejado, daqueles que sentimos que não podemos deitar fora. — À memória de Poe assomou imediatamente a máquina de fazer massa de Bradshaw.

— Veio a ganhar esse significado, sim, mas o significado original remonta aos tempos dos reis siameses, muito antes de Sião ter mudado o nome para Tailândia. Aparentemente, se um servo ou rival irritasse o rei, podia receber um elefante branco como presente. O que aparentava ser uma recompensa era, na verdade, um presente envenenado, tendo em conta os custos de alojamento e alimentação; uma astuta forma de castigo. Frequentemente, cuidar de um elefante branco levava o beneficiário à ruína.

— Acha que o assassino estava a dizer a toda a gente que o jogo era, na verdade, um castigo?

— Acho. Além disso, era provavelmente uma forma de informar a pessoa que o tinha contratado de que a sua morte se devia a ele e não a uma qualquer coincidência.

— O que tem isso que ver com o cisne negro[9]? Não lhe conheço mais nenhum significado além de ser a designação de um pássaro australiano.

— É uma metáfora para eventos importantes e imprevisíveis que, após a sua concretização, são racionalizados e considerados previsíveis e, nessa medida, evitáveis: o 11 de Setembro é um exemplo clássico. Ninguém conseguiria prever que fôssemos atacados daquela forma, mas mais tarde houve audiências e tretas do género; muita gente boa perdeu o emprego.

— Então, se o vosso jogo era um castigo, o nosso é... um evento cataclísmico perfeitamente imprevisível?

— Não sei, inspetor Poe, mas creio que, no mínimo, tem de ver além daquilo que julga que sabe e pensar que tudo aquilo que aconteceu até agora foi cuidadosamente coreografado.

Poe suspirou. Não estava convencido, mas também não queria

descartar para já a hipótese.

— E se eu lhe contasse o que tem estado a acontecer por aqui, agente especial Lee?

Poe passou 15 minutos a resumir os eventos que tinham conduzido à descoberta do Black Swan Challenge. Terminou com a seguinte afirmação:

— Uma vítima foi deixada no local, as outras duas continuam desaparecidas. Retiraram dois dedos de cada uma das vítimas, um antes e outro após a morte. As duas vítimas desaparecidas foram anestesiadas.

— Anestesiadas? Há coisas muito maradas a acontecer por aí, inspetor Poe.

— A quem o diz.

— E acha que o sacana não atua à distância?

— Sabemos que ele esteve aqui, porque os computadores de placa única foram posicionados nesta zona. Só não sabemos quando. A minha especialista em TI diz que podiam estar ali há meses ou anos.

— Já têm algum suspeito dos homicídios?

— Um irmão e uma irmã.

— E deixe-me adivinhar. Ambos confessaram coisas que vocês nem sabiam que tinham acontecido, mas negam veementemente terem matado alguém.

— Basicamente — reconheceu Poe.

— Como é que os identificaram?

Poe ia a dizer «trabalho policial competente», mas conteve-se a tempo.

— Encontrámos... provas — disse, a medo.

— Concretas?

— Sim.

— Mas não muito fáceis de descobrir?

— Não. Tivemos de nos esforçar para as obter.

Tive de subir a uma árvore, esteve quase a sair-lhe.

— O que vos fez acreditar ainda mais nelas. — Poe manteve-se

em silêncio. Já tinha pensado naquilo algumas vezes. A natureza humana dita que acreditamos mais nas provas que temos de nos esforçar por obter do que naquelas que surgem facilmente. — Que provas têm?

— Um papagaio que pertencia ao irmão foi encontrado numa árvore com vista para a casa de uma vítima, e um pedaço de papel que encontrámos no seu caixote do lixo batia certo com documentos deixados nos locais do crime.

— Ele foi muito descuidado.

— Pois foi.

— Talvez demasiado descuidado.

— Como já disse, há semelhanças — reiterou Poe.

Melody Lee suspirou.

— Inspetor Poe, parece-me que está na altura de lhe falar de um homem que se autointitula Curador...

Capítulo 48

— Nem sequer começou como um rumor — disse Melody Lee. — Foi mais o rumor de um rumor. Detive um tipo em Boston que estava acusado de extorsão e que contou uma história ridícula sobre um mediador a soldo só para chegar a acordo com o MP. Dizia chamar-se Curador com base no seu modo de atuação. Tudo à distância. Nunca se envolve diretamente, de modo a não poder ser apanhado através dos métodos tradicionais. Supostamente, recorre a ferramentas online para manipular miúdos vulneráveis para que façam aquilo que tem de ser feito.

— Um assassino a soldo? — perguntou Poe.

— O tipo achava que não. Disse que o Curador era uma espécie de solucionador. Pelo preço certo, oferece soluções personalizadas para resolver todo o tipo de problemas que tivermos. Manipula um pirata informático para plantar pornografia infantil no computador do homem que nos traiu, elimina uma acusação de condução sob o efeito do álcool fazendo com que um miúdo incendeie o laboratório onde está a amostra de sangue, esse tipo de coisas. Mesmo que o executor seja apanhado, não há nada que o ligue ao Curador e, por conseguinte, à pessoa que o contratou.

— Homicídios?

— Só conheço o meu caso de *Happy Slapping*, mas, se ele existir mesmo, duvido que tenha sido a primeira vez que soluciona um problema através desse método.

Poe manteve-se em silêncio. Por mais implausível que tudo aquilo parecesse, seria assim tão descabida a existência de uma pessoa com aquelas características? Um faz-tudo maléfico, por assim dizer. Decidiu reformular a frase na sua mente: *outro* faz-tudo maléfico.

— Seja como for, o tal tipo da extorsão disse que tentou entrar em

contacto com ele para ver se conseguia resolver os seus próprios problemas, mas não conseguiu. O procurador não foi na cantiga e ele acabou por confessar, para não passar o resto dos seus dias na prisão. Mas o que ele nos contou não me saiu da cabeça. Creio que foi a falta de detalhes que captou a minha atenção.

— Acha que o seu homem de negócios contratou os serviços dele? — quis saber Poe. — Começou a investigar?

— Oficialmente, não. Mas sim, comecei a investigar.

— E?

— Não descobri grande coisa — reconheceu. — Encontrei provas circunstanciais que corroboravam a história, mas nada que me fornecesse pistas sólidas.

Poe fez uma pausa. Tudo aquilo parecia um pouco inverosímil, e ele verbalizou as suas dúvidas.

— Foi o que eu pensei — respondeu ela. — Mas as histórias eram consistentes. E começou a surgir um padrão. O tipo não pode ser contactado. É ele que nos contacta. Acho que é assim que ele consegue passar sem dar nas vistas. Julgo que ele vigia os sites onde estes assuntos são debatidos e, em seguida, faz uma pesquisa sobre os potenciais clientes. É muito seletivo, muito discreto. É tudo feito à distância, e as duas partes nunca se encontram. Todos os pagamentos são feitos em criptomoedas não rastreáveis; todas as comunicações são encriptadas e feitas através de dispositivos descartáveis.

— Acha que ele é um titereiro. Identifica o alvo e manipula miúdos vulneráveis ou impressionáveis para matarem por ele?

— Acho que ele convence os miúdos a fazerem o seu trabalho sujo, mas no que diz respeito aos trabalhos mais importantes, acho que ele se limita a incriminar um bode expiatório.

— E é ele próprio que faz o trabalho?

— Acredito que sim. Identifica um bode expiatório e forja as provas. Isso explica que só tenhamos encontrado sangue na sola dos ténis do Stuart Wilson. Ele deve ter recolhido uma amostra no local do crime para a espalhar num local onde sabia que o Stuart Wilson passaria. Provavelmente, no alpendre da casa dele.

— Alpendre?

— Aquilo que para vocês são os degraus à entrada das casas. O Stuart Wilson deve ter estado lá.

— E mesmo que tivessem encontrado vestígios no alpendre, partiriam do princípio de que a transferência forense tinha sido do sapato para o alpendre e não vice-versa.

— Exatamente.

Poe ponderou no que ela tinha acabado de lhe contar. Apesar de soar tudo um pouco a teoria da conspiração, um solucionador a soldo dissipava algumas das dúvidas que ele começava a ter em relação ao facto de os Cowells serem assassinos em série.

Todavia, havia uma falha importante.

— Não há ligação entre nenhuma das nossas vítimas, agente especial Lee.

— Tem a certeza?

— Sim.

— É possível que ele tenha dissimulado o móbil de um dos homicídios no caos de um inquérito a um assassino em série?

Um dos agentes de Nightingale já tinha aventado essa teoria. Poe discordava e explicou porquê.

— Não vejo nenhuma das nossas vítimas como o alvo de um assassino a soldo. Temos uma jovem que trabalhava numa loja, um eremita e uma funcionária com um cargo menor no Ministério da Defesa.

— Menor?

— Era gestora de contratos. Julgo que não posso adiantar mais nada. Fui informado de que ela não tinha acesso a informações relevantes.

— Raios — desabafou Melody Lee. A sua desilusão era palpável.

— Posso perguntar porque é que não contou isto à minha supervisora? — quis saber Poe. — Ela não respondeu. — Ou tentou contar-lhe? E ou ninguém lhe deu ouvidos ou alguém contactou a minha supervisora a desacreditá-la.

— Na verdade, não falei com ninguém. Mas pretendia fazê-lo. Até falei disso ao meu SAC.

— SAC?

— É a designação do agente responsável. Ele proibiu-me de

contactar a polícia britânica. Diz que já não sou considerada... digamos, credível.

— Então...?

— Então, porque é que o contactei?

— Sim.

— Julgo saber que é o equivalente a um agente federal, não um polícia local. O sacana do meu superior devia ter sido mais específico.

Poe esboçou um sorriso escarninho. Na sua opinião, a capacidade de interpretar mal as instruções era uma aptidão subvalorizada.

— Mas eu vou ter de comunicar a nossa conversa à minha superior — disse ele. — Se ajudar, posso dizer-lhe que fui eu que entrei em contacto consigo.

— Fico-lhe grata, inspetor Poe.

Subitamente, ele lembrou-se de uma coisa.

— Quem lhe deu o meu número de telefone?

— O seu nome consta de uma das nossas bases de dados.

— Ah, sim?

— Na verdade, é o nome do seu pai, mas como é um agente da autoridade, o seu nome surge também.

— O que fez o meu pai?

— Recentemente, fez perguntas sobre uma receção diplomática que teve lugar nos anos 70 e na qual a sua mulher esteve presente. Isso incomodou algumas pessoas.

Poe não soube o que pensar. Não sabia nada do pai desde a conclusão do caso Jared Keaton. Tinham falado sobre o seu grau de parentesco, sobre o facto de o seu pai biológico ter violado a sua mãe durante uma receção na embaixada britânica, sobre o facto de ele o ter criado como seu filho porque a mãe de Poe não quisera fazer parte da vida dele quando começasse a ganhar os traços do homem que a violara. Prometeu a Poe na altura que veria o que conseguia descobrir.

Ao que parece, não lhe mentira.

— Estamos despachados, agente especial Lee? Tenho de ligar à minha chefe.

— Creio que sim — respondeu ela. — Tem o meu número de telefone. Ligue-me a qualquer altura.

— Com certeza — prometeu Poe.

— E tenha cuidado, inspetor Poe. Se eu tiver razão, o Curador é sinónimo de morte certa a soldo.

Capítulo 49

Poe regressou a Carleton Hall. Tinha acabado de contar a Flynn e Nightingale a conversa que tivera com Melody Lee e a sua teoria sobre o solucionador chamado Curador. Era óbvio que Nightingale já estava a par de tudo.

— Ela não passa de uma maluquinha, Poe — refutou. — O supervisor dela ligou-me assim que ela pediu autorização para nos contactar. Disse que, apesar de ordens em contrário, o mais certo era ela falar connosco e que ela era um caso perdido de antiautoritarismo.

— Devias casar com ela, Poe — gracejou Flynn.

— Ela tem uma teoria maluca de que anda um papão à solta, Steph — prosseguiu Nightingale. — Mas a verdade é que ela se deixou envolver demasiado no caso. O supervisor diz-me que a família do acusado lhe deu a volta, a ponto de ela ficar convencida da inocência do rapaz. Em vez de acreditar nas provas, ela arranjou uma teoria alternativa que *encaixava* nas provas.

— Mas eles investigaram as alegações dela?

— Tiveram de o fazer. Ela entregou um formulário que oficializou a coisa. Abriram um inquérito em vários estados, mas não descobriram nada que corroborasse a sua tese. Acreditam que foi feita justiça no caso de agressão gravada.

— A história dela é convincente — insistiu Poe. — E as provas que ela pôs em causa também não me fizeram sentido.

Não sabia porquê, mas achou que alguém devia defendê-la.

— Sabe o que lhe chamam nos Estados Unidos? — perguntou Nightingale.

— Presumo que nada de lisonjeiro.

— *Spooky*. Era a alcunha que o Fox Mulder tinha na série

Ficheiros Secretos. Ela vê conspirações em toda a parte. Já estava por um fio, mas desconfio que o telefonema que lhe fez foi o último prego no caixão. Aconselho-o a esquecer isto, Poe. Não há papões à solta.

Acatar o conselho de Nightingale e das chefias do FBI e esquecer tudo aquilo era, sem dúvida, a melhor coisa a fazer.

Tinham na sua posse provas físicas que ligavam os suspeitos aos três homicídios, nenhum dos dois tinham álibi e um deles já tinha confessado a autoria de crimes graves. Com a procura do administrador do Black Swan Challenge a decorrer no ciberespaço, a coisa mais racional a fazer seria ajudar Nightingale e a sua equipa a fundamentar a acusação contra os Cowells.

Essa teria sido a opção mais sensata.

Porém, esse seria um raciocínio reativo, e Poe não funcionava assim. A possibilidade de o seu administrador poder ser o Curador de Melody Lee não lhe saía da cabeça, e ele sabia por experiência própria que a única forma de se livrar da dúvida era ficar convencido de que as provas não tinham fundamento.

Por isso, em vez de acatar o conselho de Nightingale, ele reuniu-se com Bradshaw.

— Poe, o que está a fazer? — perguntou Nightingale.

Estavam na pequena sala que lhes tinha sido atribuída para vasculharem o conteúdo do caixote do lixo. Poe estava a rever a parte da entrevista em que Robert Cowell tinha batido com a cabeça na mesa. Jon Lear, o advogado, alegara que se tratara de uma reação à situação, mas Poe não se deu por convencido — Rhona Cowell também tinha reagido quando viu a mesma prova. Não de forma tão radical, mas tinha reagido.

Bradshaw estava a analisar os computadores dos irmãos. Ela disse-lhe que os Cowells percebiam de informática, por isso saberiam como ocultar certas coisas. Ela havia de as encontrar, mas levaria tempo.

— Estou só a confirmar umas coisas, superintendente —

respondeu Poe.

Nightingale encostou-se à ombreira da porta. Ele não lhe levava a mal que não entrasse na sala. Não cheirava muito bem, o que explicava o facto de ter estado vazia. Ela não parecia zangada.

— A inspetora-chefe Flynn bem me avisou.

— De quê?

— Ela disse que chegaríamos a um ponto na investigação em que começaria a duvidar das provas e a convencer-se de que tinha cometido um erro.

— Ela disse isso?

— Ela explicou-me que era o seu mecanismo de segurança e que deveria dar-lhe ouvidos quando isso acontecesse. Disse ainda que se o deixasse em paz, o Poe acabaria por concluir que estava tudo bem.

— Ela disse o que aconteceria se assim não fosse?

Nightingale esboçou um sorriso e acenou com a cabeça.

— Disse-me: «Ele que se lixe. É um simples inspetor e você uma superintendente.»

— É por aí.

— Tem alguma pista?

— Nem por isso — confessou Poe —, mas isto deixa-me com a pulga atrás da orelha. A Rhona e o Robert reagiram à mesma prova. Ele bateu com a cara na mesa e ela fez um sorriso afetado. Se repararmos bem, foi quase exatamente na mesma altura. Não tenho mais nada além disso.

— Não lhe posso dispensar ninguém, mas avise-me se precisar de ajuda.

— Com certeza — respondeu Poe. — Como estão a correr os interrogatórios?

O responsável de serviço já tinha autorizado uma extensão de 12 horas da prisão preventiva, e Poe sabia que Nightingale estava a tentar que um magistrado a prorrogasse até ao limite máximo de 96 horas. Respeitando os limites do *PACE Act*, os Cowells estavam a ser interrogados em permanência.

— O Robert continua a alegar a sua inocência e, além do

comentário «Olhem para os meus olhos», a Rhona continua muda e calada.

— «Olhem para os meus olhos»? Pensei que ela tinha dito «Olhem para a minha alma e vejam a verdade».

— Falei com o inspetor que a interrogou e ela disse «olhos», não «alma». Porquê, é importante?

— Não vejo porque seria. Seja como for, vou dar uma vista de olhos.

— Certo. Mantenha-me informada.

— Com certeza.

Poe selecionou o link relativo ao interrogatório realizado a Rhona Cowell, abriu-o e avançou as imagens para o ponto em que foi confrontada com as provas da missa do galo. Não havia dúvida de que ela tinha reagido no mesmo instante que Robert. Então, arrastou o cursor ao longo da barra de progresso que ficava ao fundo do ecrã até encontrar a parte em que ela tinha falado e aumentou o volume do som.

O som era abafado e, na transcrição oficial, sem dúvida que surgiria a indicação «inaudível». Nightingale tinha-se referido aos apontamentos officiosos do seu inspetor. Os mesmos que ficariam registados no HOLMES e no processo do caso, mas que não seriam usados em tribunal.

Poe atentou nos lábios de Rhona para ver se conseguia discernir a formação das palavras, mas como ela estava a olhar para o colo quando falou, ele mal conseguia ver-lhe a boca. Reviu as imagens algumas vezes, mas não houve nada que saltasse à vista. Arrastou a barra de progresso até ao ponto em que ela tinha sorrido. Ela tinha sorrido e Robert tinha ficado perturbado. Porquê?

Em todos os interrogatórios a que ele tinha assistido, ela mantivera o controlo absoluto. O que a levava a abrir a boca naquele momento? Não fazia sentido. Nem sequer tinha confirmado o nome, mas por algum motivo, tinha pedido ao agente que olhasse para os seus olhos para ver uma suposta verdade divina?

Poe voltou a passar as imagens.

— Tilly, o que vês de errado aqui?

Mostrou-lhe as imagens.

— Não sei, Poe. O que achas que não bate certo?

— Ela não está a olhar para o inspetor quando lhe diz para olhar para os olhos dela. Nem sequer está a olhar para a câmara.

— E então?

— Então, está a falar com quem? — perguntou ele. — Pedir que olhem para os olhos dela, mas desviar o olhar quando o faz é só estranho, não achas?

Bradshaw franziu o sobrolho e olhou para o portátil onde tinha estado a trabalhar. Era o de Robert. Estava ligado ao seu próprio computador por um cabo grosso e havia um programa a correr nos dois.

Ela pressionou um botão e desligou-o. A imagem no ambiente de trabalho, aquela que usava como fundo, voltou a aparecer no ecrã do computador de Robert. Era uma fotografia dele e de Rhona ao lado de um troféu de lançamento de papagaios. Ambos sorriam.

— Será que... — arriscou Bradshaw. — E se estivermos enganados, Poe? E se ela tiver dito para olharmos para os olhos dela no sentido literal e não figurativo?

Dez minutos depois, Poe ligou a Nightingale.

— Superintendente, temos um grande problema em mãos — anunciou.

Capítulo 50

Nightingale encarou o monitor de parede como se ele fosse responsável pela reviravolta desastrosa que a investigação tinha acabado de sofrer. Por sua vontade, todos os elementos da equipa principal teriam sido informados, mas tendo em conta o que Bradshaw havia descoberto, Poe insistira para que fosse reunido apenas um pequeno grupo de pessoas. Estavam presentes apenas Nightingale, a chefe da polícia e o subchefe de operações.

— Faça-me um ponto da situação — pediu a chefe. Considerando aquela reviravolta, ela parecia agora mais disposta a ter um papel de maior relevo. Não atribuía as culpas a Nightingale, que se limitara a seguir as provas como todos os outros, mas era evidente que já não queria saber das coisas por terceiros.

— Havia uma pasta oculta no portátil de Robert Cowell — disse Bradshaw. — O link estava escondido num píxel da fotografia que servia de fundo ao ambiente de trabalho.

— No olho da irmã, para ser mais preciso — acrescentou Poe.

— É possível ocultar ficheiros em imagens sem recurso a software especializado? — perguntou Nightingale.

— Se tivermos uma boa ferramenta de esteganografia, sim — confirmou Bradshaw.

— E o que encontraram na pasta?

— Há anos que ele espiava a irmã — disse Poe. — Há milhares de fotografias e vídeos dela.

— Nua?

— Não só. Há muitos vídeos dela a masturbar-se e a fazer sexo com vários homens.

— Tarado de merda — disse a chefe. — Bem, pelo menos

podemos acrescentar voyeurismo à acusação. Presumo que ele tenha escondido câmaras no quarto dela e na casa de banho?

Poe abanou a cabeça.

— Quase todos os vídeos terão sido gravados com a câmara do telemóvel. Ele estava à porta do quarto dela quando gravou alguns deles.

— Ela deixava a porta aberta quando fazia sexo?

— Tenho quase a certeza de que ela sabia que estava a ser filmada e que deixou a porta aberta deliberadamente. Em pelo menos dois dos vídeos ela olha diretamente para a câmara. Num deles, chega a piscar o olho. Também devia saber onde é que o Robert os escondia no portátil. Isso explica a mensagem críptica durante o interrogatório. A Tilly percebeu que ela estava a ser literal quando disse para olharmos para os olhos dela para vermos a verdade.

— Isso excitava-a?

— Provavelmente, gostava de sentir o poder que exercia sobre ele. Isso explica os sentimentos contraditórios que ele parece nutrir por ela. Está obcecado com ela, mas ao mesmo tempo odeia-a.

— Isso é de doidos — disse a chefe.

Poe concordou. Robert e Rhona Cowell punham em perspetiva a rivalidade entre Flynn e Jessica.

— O inspetor Poe acredita que era isto que o administrador do Black Swan Challenge ameaçava divulgar — propôs Nightingale.

— O medo de que isto viesse a público é um forte motivador — concordou a chefe. — Mas não vejo qual seja o problema. Isto só confirma as nossas suspeitas: ele foi chantageado para jogar o Black Swan Challenge. O que é que ainda não me disseram?

— Tilly? — disse Poe.

— Já usei todas as ferramentas de diagnóstico de que disponho e não encontrei alterações no registo da data e da hora, tanto no telemóvel que o Robert usou para filmar a Rhona Cowell, bem como no computador.

— E então?

Bradshaw corou e abriu um vídeo.

— Este é um dos dois vídeos que foram gravados na mesma

noite. É o primeiro e começa pouco depois da meia-noite.

Era uma imagem de duas pessoas a fazerem sexo. Um homem com a cabeça rapada e o corpo coberto por tatuagens tribais negras estava deitado de costas. Rhona Cowell estava montada em cima dele.

Bradshaw pressionou a tecla de reprodução do vídeo e virou a cara para não ter de ver.

Rhona Cowell começou a mexer as ancas vigorosamente para a frente e para trás, com as mãos atrás das costas apoiadas nas coxas do homem. Um minuto depois, Rhona virou a cabeça e olhou diretamente para a câmara. Olhou fixamente por instantes antes de esboçar um sorriso trocista. Em seguida, fechou os olhos, arqueou as costas e atingiu o orgasmo. O vídeo chegou ao fim.

— Isto é de doidos — repetiu a chefe da polícia.

Bradshaw pressionou no botão direito do rato em cima do ficheiro do vídeo, até surgir um menu. Percorreu o menu e clicou em «Obter informações». Uma página detalhada surgiu no ecrã. Continha informações relativas ao tipo de ficheiro, tamanho, localização no disco rígido e, por fim, ao fundo da página, a data da criação do ficheiro...

— Não. Isto é que é de doidos — disse Poe, apontando para a data e hora indicadas. — Robert filmou a irmã a fazer sexo na véspera de Natal. O vídeo começa às 23h52 e termina 43 minutos depois, às 00h35. A Tilly determinou que foi guardado na pasta oculta às 2h16. O segundo vídeo foi gravado às 3h06 e tem uma duração de 30 minutos. Foi guardado na pasta pouco antes das 4h00.

— Mas se ele estava a filmar a irmã, como pode ter estado...? — A chefe da polícia não terminou a frase. Poe imaginou que ela tivesse percebido o motivo para Nightingale estar tão irritada.

— Como pode ter estado escondido por entre os fiéis que assistiram à missa do galo numa igreja nos arredores de Barrow-in-Furness? — A chefe da polícia assentiu. — Obviamente, não pode ter estado.

— Nesse caso, há mais alguém envolvido ou a sua agente

especial Melody Lee tem razão: o Robert está a ser usado como bode expiatório.

— E continua alguém a monte a matar pessoas com base num plano que desconhecemos por completo...

Capítulo 51

Assim que a chefe da polícia e o subchefe saíram para delinear a estratégia de comunicação e Bradshaw saiu para registrar as provas junto da High-Tech Forensic Crime Unit, Nightingale e Poe discutiram entre si possíveis explicações alternativas.

— É possível que o Robert não se tenha escondido entre os fiéis que assistiram à missa do galo; que tenha filmado a irmã e depois tenha seguido para Barrow, onde arranjou maneira de entrar na igreja após o serviço religioso.

— Sim, é possível — concordou Poe.

— Mas não acredita que tenha sido assim?

— Não, superintendente. De Carlisle a Barrow são duas horas de viagem, e mesmo que ele tivesse saído assim que acabou de gravar o segundo vídeo, não teria tido tempo de fazer o que tinha de fazer.

— Presumo que ele possa ter colocado ali os dedos antes da missa do galo — equacionou Jo Nightingale, embora sem grande convicção.

— E ninguém reparava que estavam dois dedos na pia batismal? A mesma pia batismal por onde tiveram de passar todos os fiéis que estiveram ali presentes...

— Bem visto — disse ela. — Então, acredita que o Robert teria preferido ser preso por crimes que não cometeu do que mostrar-nos os vídeos que gravou da irmã?

— Acredito piamente nisso — aquiesceu Poe. — Isso também explica o facto de ter chamado cabra à irmã. Sabia que tinha os meios para se ilibar, mas que estava de mãos e pés atados.

— Então, quando se tornou evidente que Robert não ia revelar que tinha estado a filmá-la, a irmã decidiu que seria melhor dar-lhe uma mãozinha.

- Enquanto se ilibava a si mesma.
- O que fazemos agora? — perguntou Nightingale.
- Eu afastaria os Cowells do caminho e acusá-los-ia do rapto da menina. Vão ficar em segurança e nós saberemos onde eles estão.
- E depois? Se não há ligação entre as vítimas, não temos por onde começar.
- Isso não é verdade.
- Então?
- Se aceitarmos a possibilidade de estarmos perante o Curador da Melody Lee, teremos de aceitar também a possibilidade de ele estar a dissimular um homicídio no meio dos outros três. Temos de investigar a fundo as vidas das vítimas. Mesmo a fundo. Talvez alguma delas tenha feito alguma coisa que obrigou alguém a contratar um assassino a soldo.
- Só aí temos uma batelada de informação para analisar.
- Tenho a pessoa indicada para o fazer — disse ele.

O inspetor Dave Coughlan tinha passado de antagonista a fã número um de Bradshaw.

Tratara de os instalar numa sala bem equipada e isenta de odores junto à principal sala de reuniões. Tinha vista para o antigo heliporto e para os campos mais ao fundo, onde pastavam ovelhas ocupadas a devorar os poucos tufo de ervas que não tinham sido cobertos pelos últimos nevões.

Um mapa detalhado e em grande escala do condado preenchia uma das paredes. Outra estava coberta por recortes de jornais, fotografias, relatórios e documentos. Era uma versão mais formal da parede de Herdwick Croft. Poe já tinha visto aquilo em investigações mais complexas. Os agentes responsáveis mais astutos reservavam uma sala, sempre contígua à sala principal, onde os polícias podiam entrar e sair à vontade, chávena de chá na mão, e analisar os dados num ambiente menos tenso. Por vezes, isso permitia que alguém se lembrasse de algo específico ou estabelecesse uma ligação. Poe sentiu-se logo à vontade.

No espaço de uma hora, o primeiro lote de informações novas já

tinha chegado. Os registos telefónicos, assim como os extratos de cartões de crédito e bancários das vítimas haviam sido disponibilizados e Bradshaw tratou de os passar a pente fino com um dos seus programas de análise.

A porta abriu-se e Coughlan entrou na sala. Trazia consigo vários snacks da máquina de venda automática que existia no refeitório. Batatas fritas, sandes e chocolates *Kit Kat*. Pousou-os em cima da mesa e aproximou-se da parede com as informações.

Poe não se fez rogado. Bradshaw olhou para ele com ar de asco.

— Poe, mais pareces uma gaivota: comes tudo o que te ponham à frente.

Poe grasnou enquanto devorava um punhado de aperitivos de queijo.

— Eu disse-te que tinhas de comer pelo menos cinco peças de fruta... — interrompeu a frase a meio e franziu o sobrolho enquanto olhava para o ecrã do portátil. — Isto não pode estar certo.

— O quê?

— Nada. Estava só a ver uma coisa.

Cinco minutos depois, pegou no telemóvel, percorreu a lista de contactos e ligou a alguém.

— Malcolm Sparkes, fala Matilda Bradshaw da National Crime... Ah, lembra-se de mim? — Tapou o telemóvel com a mão. — Ele lembra-se de mim, Poe! — Retirou a mão e prosseguiu. — Queria que me dissesse se a Rebecca Pridmore tinha acesso a um carro do qual não tínhamos conhecimento... Sim, por favor, para o endereço de e-mail que lhe dei. — Desligou a chamada e Poe olhou para ela. — Não deve ser nada — disse-lhe.

Ciente de que era escusado pedir-lhe que verbalizasse teorias não fundamentadas — ela só abriria o jogo quando tivesse algo concreto para dizer —, Poe pegou numa sandes de ovo e agrião e foi ter com Coughlan que estava junto à parede. Olhou para ela enquanto mastigava o pão seco e o recheio grumoso, sentindo o ovo a colar-se ao céu da boca.

Poe leu novamente o perfil das vítimas, enquanto tentava forçar o surgimento de novas ideias. Mas a única coisa que lhe veio à

cabeça foi a noção de que as vítimas não podiam ser mais diferentes entre si.

Amanda Simpson era o paradigma da jovem trabalhadora. Feliz. Otimista. Um círculo de amigos ativo e um namorado que adorava. Nunca estivera em situação de desemprego, mas era evidente que trabalhava para viver, não vivia para trabalhar. Mudava muitas vezes de emprego, mas sempre no setor do retalho, sobretudo lojas de roupa.

Rebecca Pridmore era o oposto: vivia para trabalhar. A sua carreira era tudo para ela, e apesar de não parecer ser uma pessoa muito aguerrida no trabalho, era óbvio que adorava o que fazia e levava o trabalho muito a sério. Apesar do telefonema misterioso de Bradshaw para Sparkes, Poe tinha-a descartado como a sua favorita ao título de «vítima que importava». Tinha acesso a informações sigilosas e, embora um relatório negativo da sua parte pudesse fazer cair a pique as ações de um qualquer fornecedor privado multimilionário, a verdade é que Malcolm Sparkes não parecia ter ficado muito preocupado e o cenário mais provável era ter na sua posse informações que não partilhava com eles. Se o Ministério da Defesa acreditava que ela não tinha sido morta por causa do seu trabalho, pelo menos por agora, Poe também acreditava.

Poe passou para a terceira vítima.

Howard Teasdale. Um homem obeso de 50 anos. Um web designer que trabalhava por conta própria. Apesar de viver no último andar de uma moradia, era o paradigma do tipo que vivia fechado numa cave. O inventário dos seus bens constituía um verdadeiro manancial masturbatório para adolescentes. Apesar de não estar autorizado a aceder à Internet para pesquisar pornografia, tinha todas as categorias existentes guardadas no seu computador: asiáticas, BDSM, *fisting*, lésbicas, trios, amadores, gay, tudo. Nada ilegal. Se ainda gostava de crianças, já não procurava satisfazer os seus desejos online.

Das três vítimas, Howard era atualmente o preferido de Poe. Passava a vida online e era o tipo de pessoa que metia o bedelho

nos cantos mais escusos da Internet. Teria visto algo que não devia?

Poe suspirou. Podia ser qualquer um deles.

Ou até mesmo os três...

Capítulo 52

— O que me estão a dizer é que agora acreditam que as três vítimas têm uma ligação? — perguntou Nightingale.

— Estamos, superintendente — confirmou Poe.

Poe tinha seguido com as descobertas de Bradshaw diretamente para o gabinete de Nightingale. Tinha levado consigo Bradshaw, que ficaria incumbida das explicações, e Coughlan para o impedir de espalhar o que sabiam aos quatro ventos. Nightingale havia de querer aplicar a lei da rolha a estas novas informações, pelo menos até decidir o que fazer com elas.

O seu gabinete era espaçoso e tinha uma mesa de reuniões de bom tamanho. Havia manuais e livros de conduta meticulosamente arrumados na estante. Em cima da secretária estava um computador, uma bandeja para papéis vazia e uma fotografia da família. As bases para copos que se encontravam na mesa tinham as insígnias da polícia, assim como as canecas de onde bebiam. À exceção destes artigos, o gabinete estava vazio — era um local de trabalho, não de lazer.

Bradshaw estava prestes a começar a falar quando Flynn entrou no gabinete. Coughlan levantou-se e ofereceu-lhe a sua cadeira. Poe estremeceu; Flynn detestava o cavalheirismo em todas as suas formas, mas, para seu alívio, ela aceitou de bom grado. Descalçou-se e começou a massajar os pés.

— Presumo que a Tilly tenha encontrado alguma coisa — disse.

— É verdade — confirmou Poe.

Bradshaw não tinha tido tempo de preparar uma apresentação. Folheou algumas páginas até encontrar aquilo que procurava.

— Isto são os extratos do cartão de crédito do Howard Teasdale. Estive a analisar os últimos seis anos. Incluem pagamentos de

compras e comida, assim como de encomendas feitas na *Amazon* ou noutros fornecedores online. A sua vida social é vivida exclusivamente nas redes sociais. As suas principais atividades eram jogar no computador e colecionar pornografia. Além da comparência nas audiências de tribunal por posse de pornografia infantil e das subseqüentes ações de formação para agressores sexuais que foi obrigado a frequentar, raramente saía de casa.

Pegou num dos extratos de Teasdale e colocou-o sobre a mesa virado para cima. Havia sublinhado uma série de transações.

— À exceção de um período de duas semanas no mês de setembro de há três anos. Como podem ver, foram feitas várias compras em Carlisle, umas de manhã e outras a meio do dia. Sobretudo comida e bebida. Comeu seis vezes no KFC. Há ainda recibos diários de bilhetes de comboio.

— Fora do âmbito profissional?

— Sim, superintendente Nightingale. Durante essas duas semanas, o Howard Teasdale trabalhou nos seus projetos de web design à noite. O que foi fazer a Carlisle não tinha que ver com trabalho.

— Não faltam motivos para ter ido até lá — disse Coughlan.

— Concordo, Dave Coughlan, mas tratou-se de uma anomalia, e é isso que eu procuro: coisas que fogem ao normal.

Ela voltou a folhear os papéis e, dessa vez, retirou um extrato bancário. Pertencia a Amanda Simpson, que tinha uma daquelas contas à ordem básicas e isentas de juros feitas à medida dos clientes com pouca capacidade de endividamento. Podia fazer depósitos e ter acesso ao dinheiro, mas não podia ter saldo a descoberto.

— No caso da Amanda Simpson, não encontrei pagamentos de bilhetes de comboio, mas isso não me surpreendeu, tendo em conta que ela tinha carro. Não usa o cartão de débito para pagar o combustível, o que também não me ajudou, mas encontrei isto. — Apontou para uma linha sublinhada no extrato bancário. Dizia respeito a um pagamento feito na Accessorise do Lanes Shopping Centre, em Carlisle. Bradshaw cruzou os dados com os registos da loja e viu que Amanda tinha comprado três elásticos para o cabelo.

— Em pelo menos um dos dias, Howard Teasdale e Amanda Simpson estiveram ao mesmo tempo em Carlisle.

Virou mais um documento. Desta feita, um extrato bancário de uma conta Premium do HSBC em nome de Rebecca Pridmore, onde constava um pagamento feito em Carlisle no mesmo período de duas semanas. Mais uma vez, Bradshaw cruzara os dados com o sistema da loja: uma blusa adquirida na Marks & Spencer.

— Carlisle é a única cidade de grandes dimensões em Cúmbria — constatou Nightingale. — Percorrer a distância entre o sul do condado e a cidade para fazer umas compras não constitui propriamente um comportamento errático, sobretudo para uma jovem que gosta de moda. E a Rebecca Pridmore vivia nos arredores. Devia ir até lá quase todas as semanas. Eu vou lá quase todas as semanas e moro em Appleby.

O rosto de Nightingale era o espelho da desilusão. Mas a verdade é que ainda não estava a par do que eles sabiam.

— Não estou a dizer que a Rebecca e a Amanda foram até Carlisle fazer compras, superintendente Nightingale, estou a dizer que todos eles passaram o mesmo período de duas semanas na cidade.

O gabinete ficou em silêncio.

— É melhor explicares-te, Tilly — disse Poe.

— À exceção dos fins de semana, Howard Teasdale foi a Carlisle todos os dias dessas semanas. Os recibos dos bilhetes de comboio são inequívocos.

Ela abriu o portátil e mostrou o ecrã a todos os presentes.

— A Amanda Simpson trabalhava numa loja de roupa independente. Esta é a folha de férias dela. Como podem ver, ela reservou as mesmas duas semanas que o Howard esteve em Carlisle.

— E a Rebecca Pridmore? — perguntou Nightingale. — Esteve de férias na mesma altura?

— Não, superintendente Nightingale. A folha dela revela que ela passou duas semanas em Portugal em julho e uma semana em Paris em novembro desse ano. O extrato bancário confirma essas deslocações.

— Mas...

— Mas acho que também não foi trabalhar.

Com isto, mostrou os extratos do cartão de crédito de Rebecca Pridmore relativos aos seis meses anteriores.

— Percorrer o caminho entre Dalston e a BAE Systems, em Barrow-in-Furness, implica uma deslocação diária de 270 quilómetros. Se pensarmos que um mês tem, em média, 21,75 dias de trabalho, isso corresponde a um total de 5880 quilómetros percorridos.

— Não admira que tenha dado cabo do casamento — murmurou Flynn.

— Segundo o site do fabricante, o *Range Rover* dela consome, em autoestrada, uma média de 6,4 a 9,7 litros por cada 100 quilómetros. A capacidade do depósito de combustível é inferior a 90 litros, por isso se considerarmos um consumo médio de 7,7 litros por cada 100 quilómetros, ela teria de encher o depósito a cada quatro dias, o que é sustentado pelo extrato bancário. Umas vezes enche a cada cinco dias, outras a cada quatro dias.

— Mas não encheu o depósito no período de duas semanas que nos interessa? — disse Flynn.

— Nem uma só vez.

— E se ela só precisou do carro para ir de Dalston a Carlisle... São o quê, oito quilómetros?

— Nove e meio.

— Dezanove quilómetros por dia durante duas semanas. Faz-se bem com um depósito cheio.

— Muito bem — concordou Bradshaw.

— Partilha de carro? — perguntou Nightingale. — A BAE não incentiva isso? Faz parte da sua política de responsabilidade empresarial.

— Incentiva, sim — confirmou Bradshaw —, mas neste caso é pouco provável que seja essa a explicação. A Rebecca Pridmore tinha um cargo de responsabilidade e, por norma, fazia chamadas enquanto conduzia. Liguei ao Malcolm Sparkes a perguntar se ela tinha acesso a um carro que desconhecêssemos. Não tinha.

— Mais alguma coisa, Tilly? — perguntou Nightingale. Tinha

demorado tanto a passar de cética a convencida como Poe, quando Bradshaw lhe explicou o mesmo meia hora antes.

Bradshaw mostrou-lhes uma imagem diferente.

— O registo telefónico. A BAE tem uma política muito rigorosa no que diz respeito aos telemóveis. Não permitem o seu uso dentro das instalações. Há muito poucas exceções e a Rebecca Pridmore não era uma delas. Como podem ver — disse, apontando para uma lista que era demasiado pequena para ler —, ela só fazia chamadas antes e depois do trabalho. — Uma nova imagem surgiu no ecrã. — Mas no período de duas semanas que nos interessa, ela fez chamadas e enviou e-mails a todas as horas.

— Então, ela não estava de férias e não estava na BAE — disse Nightingale. — Presumo que podia ter estado a trabalhar a partir de casa. Pode ter estado doente, não?

Bradshaw disse que não com a cabeça. A imagem seguinte mostrava três registos telefónicos, lado a lado.

— A verdade é que houve alturas durante essas duas semanas, por vezes horas a fio, em que nenhuma das vítimas usou o telemóvel.

— Certo, isso é estranho — reconheceu Nightingale.

— Mas há mais — prosseguiu Bradshaw. — Quando um deles usou finalmente o telemóvel, os outros dois também usaram, com um intervalo de minutos. A Amanda Simpson acedia às suas redes sociais e enviava mensagens, a Rebecca Pridmore enviava e-mails ou fazia chamadas e o Howard Teasdale jogava online ou via pornografia.

— Pronto, assim também já é coincidência a mais — disse Nightingale. — Conseguimos determinar a sua localização através dos telemóveis?

— Foi há demasiado tempo, superintendente Nightingale. É por isso que não temos informações relativas ao conteúdo das mensagens ou dos e-mails. Estes relatórios são superficiais. Tem que ver com a proteção de dados e com o tempo que as empresas podem armazenar as nossas informações.

— Muito bem — conformou-se Nightingale. — Isto é uma tarefa

para a equipa de investigação principal. Vou inundar Carlisle com polícias e fotografias das vítimas. Alguém há de lembrar-se de algo.

Poe não tinha tanta certeza. Tinha sido há três anos e Carlisle era uma cidade de passagem. Era da opinião que deviam ir mais longe.

— Porque não usamos o *Crimewatch*? — sugeriu. O popular programa da BBC que reconstruía crimes graves por solucionar para avivar a memória dos espetadores já tinha ajudado a apanhar alguns dos criminosos mais perigosos do país ao longo dos anos. Poe tinha visto o formulário de candidatura de crimes ao programa na estante de Nightingale.

— O *Crimewatch* foi cancelado, Poe — disse Bradshaw. — Tornou-se obsoleto mais ou menos na mesma altura que os canais em sinal aberto. Além dos grandes eventos desportivos, raramente vemos televisão em direto. A tendência é gravar e ver mais tarde.

— A Tilly tem razão — disse Flynn. — Quando os espetadores viam o programa, já não estava ninguém nas linhas telefónicas.

— A eficácia em zonas mais rurais também era dúbia — acrescentou Nightingale. — Resultava melhor em zonas metropolitanas com maior densidade populacional e um maior número de potenciais testemunhas.

Poe paralisou.

— Preciso de fazer uma chamada — disse, de repente.

— Porquê?

— Acho que o Curador existe mesmo...

Capítulo 53

— Julgo que as três vítimas integraram um júri num julgamento — disse Poe. — Foi por essa razão que estiveram em Carlisle ao mesmo tempo.

Nightingale olhou fixamente para ele.

— Explique-se — pediu.

— A inspetora-chefe Flynn está a pedir ao nosso diretor para pressionar o Ministério da Justiça para divulgar os nomes dos jurados, mas eu explico.

Levantou um dedo.

— Primeiro, os julgamentos e o serviço de jurados em Carlisle duram duas semanas.

Levantou outro dedo.

— Segundo, a Tilly contactou o Ministério da Defesa e eles não exigem que os funcionários tirem dias para prestarem serviço como jurados, o que explica que a Rebecca não tivesse dias na sua folha de férias. O Howard trabalhava por conta própria e a Amanda teve mesmo de tirar dias.

— E, durante os julgamentos, os telemóveis têm de estar desligados — disse Nightingale.

— É verdade — confirmou Poe. — Isso explica também as alturas irregulares em que os telemóveis voltaram a estar ligados. Durante os julgamentos, é frequente dispensar o júri enquanto se discutem matérias de direito. Se for uma coisa demorada, o oficial de justiça permite a utilização de telemóveis durante a permanência na sala dos jurados.

— E como têm de os entregar durante o período de deliberação — acrescentou Nightingale —, está explicado o período mais longo em que estiveram todos desligados.

Poe não tinha pensado nisso. Acenou com a cabeça enquanto outra peça do quebra-cabeças encaixava no seu lugar.

— E, por fim, se é verdade que os condenados por crimes não podem prestar serviço como jurados, também é verdade que a data do julgamento é anterior à condenação do Howard Teasdale por crimes sexuais.

— Todos os julgamentos são do domínio público. — Presumo que já tenha uma teoria sobre o julgamento em que eles participaram.

— Decorreram vários julgamentos durante essas duas semanas, no entanto houve um que se destacou. Creio que vai lembrar-se dele, superintendente.

— Porquê? — perguntou ela. — Quem foi a julgamento, inspetor Poe?

— Foi o Edward Atkinson.

Nightingale engoliu em seco.

— Meu Deus. O homem...

— O homem da máscara — confirmou Poe.

E o gabinete mergulhou no silêncio.

Capítulo 54

— Então, o Curador existe mesmo — disse Flynn.

— Parece que sim — confirmou Poe. — Há demasiadas semelhanças para ser apenas uma coincidência.

— E quem é o Edward Atkinson? Porque lhe chamam o homem da máscara?

Mal o diretor dos Serviços de Informações Edward van Zyl confirmou que Howard Teasdale, Rebecca Pridmore e Amanda Simpson tinham integrado o júri do julgamento de Edward Atkinson, estalou o caos organizado. Havia quem tivesse chamadas para fazer. Os restantes jurados tinham de ser identificados, localizados e protegidos.

Tinham-se reunido num canto da sala de reuniões. Nightingale acabara de regressar. Parecia estar exausta. Coughlan pôs-lhe uma caneca de café fumegante à frente. Ela bebericou, agradecida.

— Superintendente, quer dizer à inspetora-chefe Flynn quem é o Atkinson? — sugeriu Poe.

— Diga-lhe o Poe — respondeu, com o telemóvel encostado ao ouvido. — Estou a tentar que o vosso pessoal me diga qual é o nome novo dele.

— Não foi informada na altura? — perguntou Poe, apanhado de surpresa.

Ela disse que não com a cabeça.

— Sabe o que aconteceu. Consegue censurá-lo? Se tivesse sido comigo, eu não queria... Estou? Fala a superintendente Nightingale da polícia de Cúmbria, gostaria de falar com o diretor de operações, por favor... Sim, eu espero. — Virou-se para Flynn. — É melhor atender no meu gabinete.

Assim que ela saiu, Flynn voltou a perguntar:

— Quem é o Edward Atkinson?

— Estava a trabalhar para a SCAS quando aconteceu, mas durante algum tempo, o Edward Atkinson foi o homem mais odiado de Cúmbria — elucidou-a Poe. — Trabalhava para uma empresa de gestão e reciclagem de resíduos. Uma dessas empresas que eliminam os resíduos perigosos produzidos por algumas indústrias.

Enquanto ele falava, Bradshaw teclava furiosamente.

— A J. Baldwin Limited? Com sede em Workington?

— Exatamente — confirmou Poe. — As empresas pagavam-lhes para eliminarem os seus resíduos perigosos. A função do Atkinson era recolher os seus ácidos, álcalis e fenóis e transportá-los para o armazém nos arredores de Distington. Umas vezes, eram eliminados em segurança, outras eram recondicionados e vendidos.

— Presumo que algo tenha corrido mal.

— A natureza humana. O Atkinson teve uma recolha tardia e, quando chegou ao armazém, já estava fechado. Quando isso acontecia, ele devia ligar ao gerente de turno que trataria de abrir a unidade de eliminação de resíduos. A seguir, eliminariam os dois tudo o que ele tivesse recolhido.

— O que aconteceu?

— O Atkinson ia de férias no dia seguinte e não quis esperar. Por isso, em vez de chamar o gerente de turno e de eliminar em segurança o ácido contaminado que estava nos cinco recipientes que havia recolhido, falsificou o livro de registos e escreveu que tinha regressado às instalações às 16 horas. Em seguida, despejou tudo num terreno baldio próximo. Quando voltou de férias, duas crianças já tinham ficado cegas e outra tinha queimaduras químicas em mais de 20 por cento do corpo.

— Meu Deus — disse Bradshaw. — Que horror.

— Foi o que pensaram todos os habitantes de Cúmbria. A agência ambiental acusou-o de eliminação ilegal de resíduos perigosos e, tendo em conta que se tratou de suma gravidade, um crime premeditado, ele podia ser condenado a uma pena máxima de três anos de prisão. O Ministério Público acusou-o de lesão corporal agravada.

— Lesão corporal agravada? — repetiu Flynn. — Como

conseguiram fundamentar tal acusação?

— Havia questões de culpabilidade. O MP argumentou que nenhuma pessoa no seu perfeito juízo eliminaria de forma ilegal químicos perigosos num local que se sabia ser frequentado por crianças.

— Mesmo assim, foi uma decisão arrojada avançar para essa acusação.

— Foi tomada, em parte, para aplacar a comunidade local e, em parte, para aplacar a polícia. Uma das crianças que ficaram cegas era filha de um agente da polícia.

— Falaste no «homem da máscara». Quem era esse?

— Isso foi quando o caso adquiriu contornos ainda mais sombrios — disse Poe. — O Atkinson alegou inocência e o caso seguiu para tribunal. Disse que ligou ao gerente de turno e que o filho do diretor-executivo lhe abriu o portão. Afirmou que ele recebeu o material das suas mãos e que lhe disse que o eliminaria ele próprio, que ele podia ir de férias descansado.

— A defesa apresentou alguma prova?

— Não. O livro de registo era a pedra de toque da estratégia do MP. Foi adulterado para parecer que o Atkinson tinha regressado mais cedo, antes de ser preciso chamar o gerente de turno para abrir a unidade de eliminação de resíduos.

— Então, porque é que...?

— Porque é que ele alegou inocência? A tese da defesa tinha por base o facto de o filho do diretor-executivo não saber como a unidade de eliminação funcionava. Sugeriram que, em vez de passar pela humilhação de pedir ajuda aos empregados, ele despejou o material no terreno na esperança de que ninguém reparasse.

— E os jurados acreditaram nisso?

— Não. Nem por sombras.

— E então?

— Cerca de três dias antes do final do julgamento, aconteceu algo terrível. O Atkinson tinha recebido ameaças de morte. Deu conta desse facto à polícia, que disse que enviaria alguém para ir passando de carro por casa dele ocasionalmente.

— Parece-me insuficiente — disse Flynn.

Poe assentiu.

— Muito insuficiente. Na manhã em questão, alguém com sentido de ironia decidiu atirar-lhe ácido concentrado à cara. À porta do tribunal.

— Bolas...

— O autor entregou-se e foi condenado por lesão corporal agravada com dolo. Foi libertado há um ano. A Nightingale já o deteve preventivamente.

— Um possível suspeito?

— Se bem me lembro dele, não. Era um imbecil. Impressionável. Fez aquilo sobretudo pela visibilidade.

— O que foi feito do Atkinson?

— Ficou internado no hospital durante vários meses. Foi sujeito a cerca de 40 intervenções. Enxertos de pele, cirurgias experimentais, tudo. Mas nada surtiu grande efeito, e ele foi obrigado a usar uma máscara para queimaduras as 24 horas do dia para preservar a humidade das cicatrizes.

— E o julgamento?

— O primeiro foi anulado por causa dos ferimentos. Só quase um ano depois é que houve novo julgamento, mas com um júri diferente, obviamente. O nosso júri. Foram apresentadas as mesmas provas irrefutáveis, contudo desta vez os jurados não conseguiram chegar a acordo quanto ao veredito e manteve-se o impasse. A teoria dominante era que alguns deles se tinham deixado influenciar pelo que lhe tinha acontecido. Ao que parece, a sua presença na sala de audiência foi digna de pena. O MP decidiu abdicar de um terceiro julgamento e o Atkinson acabou por sair em liberdade.

— Bem... que grande embrulhada — disse Flynn.

— Mas há pior — replicou Poe. — Um ano após o julgamento que terminou num impasse, aconteceram duas coisas: o Atkinson tentou enforcar-se e surgiu um denunciante.

— *Tentou enforcar-se?*

— Fez uma trapalhada qualquer e não resultou, ficando com lesões na coluna. Vai viver numa cadeira de rodas até ao fim dos

seus dias. Tem sensibilidade abaixo da cintura, mas não se consegue mexer.

— E o denunciante?

— Na verdade, tinha mais de coconspirador do que outra coisa qualquer, mas disse que, a pedido do próprio diretor-executivo, tinha adulterado o livro de registo, de modo a parecer que o Atkinson tentara encobrir os seus erros. Disse ainda que a J. Baldwin Limited andava há meses a despejar resíduos perigosos no terreno baldio, enquanto uma das unidades de eliminação estava a ser reparada.

— Então, ele não era culpado?

Poe abanou a cabeça.

— Pobre diabo — concluiu Flynn.

— Pobre, o tanas! Processou a J. Baldwin e recebeu uma indemnização milionária. Em seguida, processou a polícia por ter negligenciado a sua proteção...

— E não negligenciaram?! — cortou Flynn.

— Sinceramente, não sei. Mas sei que chegaram a acordo. Uma quantia avultada.

— Ficaram preocupados com a imagem que passaria para o público? Acharam que as pessoas pensariam que eles tinham ignorado os receios do Atkinson de forma deliberada porque o filho de um agente tinha ficado cego?

— Provavelmente.

— Onde está ele agora?

— Aí é que está — respondeu Poe. — E é por isso que a superintendente Nightingale está neste momento ao telefone com o nosso pessoal. O Atkinson está sob a nossa proteção...

Capítulo 55

O UK Protected Persons Service (UKPPS), anteriormente designado por Witness Protection[10], foi criado em 2013. O serviço era supervisionado a nível regional pela polícia, mas coordenado pela National Crime Agency, e Poe nunca teve um envolvimento ativo com eles, além da participação em ações de formação obrigatórias. Tudo o que sabia era que as pessoas eram retiradas da zona onde se sentiam ameaçadas e realojadas noutra zona do país — por vezes até mesmo no estrangeiro —, onde refaziam as suas vidas com novas identidades.

O UKPPS atuava de forma sigilosa e usava um sistema informático fechado. Só era possível aceder ao sistema via um terminal físico do UKPPS, através de um conjunto complexo de palavras-passe e métodos de identificação.

Nem mesmo Bradshaw conseguia penetrar num tal sistema.

Poe duvidava que Nightingale conseguisse obter o novo nome de Atkinson. E como a melhor ferramenta do UKPPS era distanciar a pessoa protegida da zona de ameaça, Poe também duvidava que Atkinson, fosse qual fosse o seu nome atual, vivesse próximo de Cúmbria.

Nightingale entrou na sala com o semblante carregado.

— Não teve sorte? — perguntou Flynn.

Ela abanou a cabeça.

— Não é uma ameaça credível. Nem sequer confirmaram que ele estivesse no programa.

— Mas nós sabemos que está.

Ela encolheu os ombros.

Uma administrativa espreitou pela porta e agitou um papel na

mão. Nightingale pediu-lhe para entrar e leu o que estava escrito na folha.

— Acha que isto os fará mudar de ideias? — perguntou, enquanto passava o papel a Flynn. — Encontrámos um dos elementos do júri que nos disse que o Howard, a Rebecca e a Amanda foram as três vozes dissonantes que o declararam inocente.

— Creio que os fará escavar um pouco mais fundo — disse Poe. — A perspectiva deles é que quanto menos pessoas souberem, mais seguro ele está. Alguém faz ideia de como é que o Curador identificou os elementos do júri?

— Acho que nós sabemos — disse Nightingale. — Aparentemente, um dos jurados deu uma entrevista paga à comunicação social há coisa de um ano. Pensamos que terá sido assim que o assassino ficou a saber. Já detivemos o jurado, mas ele recusa-se a falar. Os vizinhos dizem que ele comprou um carro novo há pouco tempo. Ao que parece, ele pode ter recebido dinheiro para divulgar os nomes dos jurados que optaram pelo veredito de inocente.

— Irresponsável de merda — disse Poe. — E o advogado do Atkinson? E o juiz?

— Estão todos em segurança — confirmou Nightingale. — Todos os que estiveram minimamente envolvidos no julgamento que terminou em impasse estão protegidos para o caso de alguém querer atentar contra eles. Se tivermos sorte, apanhamo-lo em flagrante.

Poe não acreditava muito nisso, mas valia a pena tentar.

— E o filho do diretor-executivo? — perguntou. — O verdadeiro responsável por ter causado a cegueira das crianças?

— Já saiu em liberdade e estamos a investigá-lo, mas é um tiro no escuro. O processo civil intentado pelo Atkinson e pelas famílias das vítimas, além das multas pesadas que tiveram de pagar depois de ser aberto um inquérito por parte da agência de proteção ambiental, levaram a empresa à falência. Fez deles uns párias e a família ainda não conseguiu recuperar. Não me parece que tivessem dinheiro para pagar os serviços do Curador.

— Quando é que achamos que isto começou? — perguntou ele.

— Porquê?

— Porque a história do denunciante está a fazer-me confusão. Se o plano já estava em marcha há algum tempo, a exoneração do Atkinson deve ter vindo baralhar as contas. Os Baldwins deviam ser os novos alvos a abater, mas não foram. Ou isso não mudou nada ou estamos a ver mal a coisa.

— Então, isto pode não ser uma vingança pelo que aconteceu às crianças, mas sim pelo que aconteceu aos Baldwins?

— E porque não? — disse Poe. — Quando a J. Baldwin abriu falência, algumas pessoas perderam dinheiro. O número de suspeitos deve ser muito menor.

Nightingale tomou notas.

— Há uma terceira opção — sugeriu Flynn. — Alguém pode ter acalentado o ódio que sentia, a ponto de não haver novas circunstâncias que o fizessem mudar de ideias.

— Chama-se a isso perseverança de crença — disse Bradshaw. Foi a primeira vez que falou depois de muito tempo calada. Quando os polícias discutiam temas policiais, ela tinha por hábito manter-se à parte.

— O que é isso? — perguntou Nightingale.

— É quando uma crença é mantida apesar de existirem novas provas que a contradizem. E não está circunscrito a pessoas menos instruídas. No estudo de 2009 intitulado «Experimental Studies of Belief Dependence of Observations and of Resistance to Conceptual Change»^[11], Moti Nissani e a sua mulher, Donna, realizaram uma experiência junto de 19 alunos de doutoramento. Todos receberam uma fórmula errada que permitiria determinar o volume de uma esfera. Em seguida, foi-lhes fornecido um recipiente de medição para verificarem os resultados. Dos 19 alunos, 18 recusaram-se a acreditar nas medições, apesar da observação empírica.

— Qual é a diferença em relação àquilo que eu disse? — perguntou Flynn.

— Eu citei um estudo concreto, inspetora-chefe Flynn — respondeu Bradshaw. — A inspetora...

— Tilly, já me comesas a eriçar os pelos das mamas! — explodiu Flynn.

— Ainda estão a pingar...?

— Isso é muito comum, Tilly? — perguntou Poe, antes que a coisa descambasse de vez.

— Comum a ponto de não dever ser negligenciado, Poe.

— Bolas! — disse Nightingale. — Se não deve ser negligenciado, tenho de investigar os dois conjuntos de suspeitos: aqueles que ficaram descontentes com o veredito de inocente ou não acreditaram no denunciante, e aqueles que não gostam do Atkinson por causa do que aconteceu à J. Baldwin. Preciso de mais recursos e já não temos mãos a medir. Preciso de marcar uma nova reunião para discutir orçamentos.

— Enquanto fica a falar para as paredes, superintendente, vou tentar sacar a morada do Atkinson.

— Como tenciona fazer isso?

— Apostando no meu ponto forte.

— E qual é ele?

— A diplomacia, claro — respondeu Poe, com um sorriso.

Nightingale pousou a cabeça nas mãos e lamentou-se.

— Estamos feitos — disse.

Capítulo 56

— É mais do que uma ameaça credível, diretor, creio que é uma inevitabilidade — argumentou Poe.

Poe dirigia-se a Edward van Zyl, o diretor do Serviço de Informações e seu superior máximo. Tinha-lhe ligado para o número de telemóvel privado e Van Zyl já o conhecia há tempo suficiente para saber que ele só fazia isso quando o assunto era sério.

— O UKPPS está satisfeito com o seu sistema de proteção — disse Van Zyl.

— Mas eu não. O meu contacto no FBI diz que o Curador pode ter estado por detrás da morte do indivíduo que estava no programa de proteção de testemunhas sob a alçada dos US Marshals no ano passado. Se ele consegue penetrar no sistema deles, consegue penetrar no nosso.

Melody Lee nunca tinha dito aquilo. Poe não gostava de mentir ao diretor, mas era a mentira que este precisava de ouvir. Sabia que Van Zyl queria ajudar e cabia a Poe facultar-lhe a desculpa para o fazer.

Van Zyl não respondeu.

— Acredito também que temos uma oportunidade única não só de apanhar um homem muito perigoso, mas também de elevar o estatuto de força policial da NCA a nível mundial — prosseguiu Poe.

— Está a aproveitar-se da minha vaidade, Poe?

— Se acreditasse que resultaria consigo, sim, diretor. Mas não. À exceção da minha fonte, os americanos não acreditam que o Curador exista. Se conseguirmos provar o contrário, não só ficaremos em vantagem em relação ao FBI, como eles ficarão desesperados para falar com ele. Por uma vez que fosse, seria simpático que eles nos ficassem a dever um favor.

Como tudo o resto, o trabalho das agências de autoridade internacionais assentava tanto nas relações e nos favores como nos protocolos e nos acordos de partilha de informações. Um favor do FBI no bolso de Van Zyl seria uma cartada muito valiosa a jogar no futuro.

— Sou todo ouvidos.

— Obtemos o nome e avançamos com cautela. Montamos uma operação de vigilância e esperamos que o Curador vá ter com ele.

— Não podemos divulgar o nome do Atkinson, Poe.

— Não será necessário. Se o Curador for o adversário que acredito que seja, não demorará muito a obtê-lo.

— Sinceramente, Poe — resmungou Bradshaw —, quando é que vais perceber que os vegetais não matam?

— É só uma sanduíche — protestou ele. — E eu preciso de ganhar forças.

— É um cacete recheado de almôndegas e queijo.

Tinham ido a um café local enquanto esperavam por Van Zyl. Bradshaw pedira uma salada com cinco leguminosas e ele a sanduíche de almôndegas com extra queijo *Monterey Jack* e extra *jalapeños*. Tirou uma folha de alface murcha e mostrou-lha.

— Vês? Traz salada.

Bradshaw pousou o garfo. Parecia estar perturbada.

— A inspetora-chefe Flynn ficou chateada comigo, não ficou, Poe?

— Neste momento, está chateada com toda a gente, Tilly. Não te rales com isso. É um sintoma daquilo por que ela está a passar, não um reflexo do que pensa.

Bradshaw assimilou aquelas palavras por instantes e acenou com a cabeça de forma veemente.

— Está bem, não me vou preocupar com isso — disse, antes de começar a comer a salada.

— Mas talvez seja boa ideia parares de perguntar pelas...

O seu telemóvel deu sinal de vida. O nome de Van Zyl surgiu no ecrã. Ele atendeu.

— Senhor diretor?

— Poe, quando é que pode aceder a um portátil com uma ligação à Internet segura?

— Essa coisa é segura, Tilly? — disse Poe, apontando para o seu *MacBook*.

— É, Poe.

— E o wi-fi do café?

— De momento, não. Se for importante, posso entrar no sistema e torná-lo seguro. Mas isso vai implicar que mais ninguém tenha acesso à rede.

Poe olhou em volta. Havia meia dúzia de pessoas no café. Quatro estavam a ler e uma tinha um tablet nas mãos. O sexto estava a olhar para o vazio como um maluco.

— Faz isso — disse. — Dê-me um segundo, diretor... Quanto tempo, Tilly?

Ela levantou um dedo enquanto dedilhava o teclado do *Mac*.

— Já está — anunciou.

— Estamos a postos, diretor.

Assim que Bradshaw deu os seus dados a Van Zyl, este disse:

— Alguém vai entrar em contacto consigo.

Logo a seguir, desligou a chamada.

Dois minutos depois, o ícone de videoconferência no portátil de Bradshaw começou a piscar.

Capítulo 57

— O Edward Atkinson chama-se agora Ian Carruthers — disse Poe à pequena equipa com quem foi autorizado a falar. — E não foi levado para muito longe, continua a viver em Cúmbria.

O burburinho foi geral. O facto de Atkinson viver naquela região não era apenas surpreendente — trazia uma série de novos problemas, um dos quais relacionado com os recursos. Nightingale e o subchefe trocaram olhares de preocupação. Tinham, a duras penas, acabado de conseguir aumentar o seu orçamento... Agora precisariam ainda de mais fundos.

— Quando liguei, disseram-me que essa informação era confidencial — ripostou Nightingale. — Porque é que decidiram divulgá-la a si, Poe?

— Expliquei-lhes que haveria certas... vantagens políticas se a NCA estivesse envolvida nesta detenção — respondeu Poe. — Mas, em última análise, eles só divulgaram a informação porque já não têm um envolvimento ativo no caso. O Atkinson aceitou a identidade nova, mas depois decidiu sair do programa. Como sabe, a participação é voluntária.

— Porque faria tal coisa?

Poe não sabia ao certo, mas tinha um palpite.

— Julgo que se deveu ao facto de quererem levá-lo para fora de Cúmbria. Os quilómetros de distância no mapa são a melhor ferramenta do UKPPS, mas ele sempre viveu aqui e todos sabemos que quem nasce aqui não gosta de voar para longe do ninho. E como recebeu uma boa maquia tanto da polícia como do processo civil, dinheiro é coisa que não lhe falta.

— E, então, decidiu tratar da sua própria segurança? — perguntou Nightingale.

— Mais ou menos... Comprou uma ilha.

O silêncio que se instalou não foi inesperado. Poe tinha tido a mesma reação. As únicas pessoas que compram ilhas são os milionários excêntricos e os vilões dos filmes de James Bond.

— Uma ilha? — disse Flynn, por fim. — Uma ilha a sério?

— Bem, não comprou a ilha toda — esclareceu Poe. — Mas a maior parte. A ilha de Montague. É uma das ilhas de Furness.

Ele não sabia muito sobre as ilhas, por isso Bradshaw tinha feito uma pesquisa a caminho de Carleton Hall. Situavam-se todas ao largo da península de Furness e era onde moravam 20 por cento da população do distrito de Barrow, quase todos na maior ilha, a ilha de Walney.

Walney tinha quase 18 quilómetros de comprimento, mas menos de 1,5 quilómetros de largura, e o seu formato era o de um quarto crescente. Apesar de ser oficialmente o local mais ventoso das terras baixas da Grã-Bretanha, formava com o continente o canal de Walney, que protegia as ilhas que ali se localizavam das agruras do mar da Irlanda. Com a maré baixa, o acesso à maioria das ilhas podia ser feito a pé, sempre com cuidado e sob a orientação de alguém que soubesse a localização das areias movediças e dos canais mais fundos. A ilha de Piel, com a sua popular Ship Inn, cujo proprietário era designado oficialmente como o «Rei de Piel», era ponto de paragem obrigatório para os turistas.

A ilha de Montague, quase toda ela propriedade de Atkinson, ficava no exterior do canal de Walney, apesar de também ser acessível a pé. Mas pouco. Ficava mais ao largo e lá a maré baixa durava menos do que nas áreas protegidas do canal.

Poe nunca tinha ouvido falar dela. Segundo Bradshaw, à semelhança da vizinha ilha de Sheep, albergara um hospital de isolamento em 1892. Ao contrário do hospital da ilha de Sheep, o da ilha de Montague tinha sido de facto usado. Em 1894, um navio de transporte de doentes infetados tentara atracar na Devonshire Dock, em Barrow. Transportava trabalhadores chineses necessários para a construção de vasos de guerra da Marinha, mas, durante a travessia, surgira um surto de tifo a bordo. O navio foi redirecionado para o hospital de isolamento na ilha de Montague, onde os

trabalhadores receberam tratamento. Doze trabalhadores chineses viriam a falecer e as suas campas rasas ainda lá estavam, na extremidade ocidental da ilha. Bradshaw disse que corria o rumor de que as ratazanas da ilha eram portadoras do vírus. Tudo disparates, claro, mas isso e a natureza exposta e isolada da ilha explicavam o facto de Atkinson ter conseguido comprar uma parte tão significativa da ilha.

O subchefe de operações chamava-se Pete Nippress. Era um homem alto com nariz de batata assada. Tinha sido transferido da área metropolitana de Manchester, por isso Poe só o conhecia de reputação. Todos gostavam dele e era conhecido por apoiar os polícias no terreno.

— A NCA tem preferência quanto à forma como lidamos com esta situação do Atkinson? — perguntou.

— Julgo que preferem que tudo seja feito de forma discreta.

— Usá-lo como isco?

— Para já, temos uma vantagem: o Curador não deve saber que sabemos quem é o seu principal alvo. Temos uma oportunidade única de o apanhar em flagrante. Se fizermos muito alarido, ele vai saber e o Atkinson vai passar o resto da vida em sobressalto.

Nippress virou-se para Nightingale.

— Jo, que se lixe a NCA. Esta operação é sua. O que quer fazer?

— Lamento, Poe, mas não posso pôr a vida do Atkinson em risco — disse ela. — Vou enviar dois inspetores para o transportarem para a esquadra de Barrow. Vou estar à espera dele quando chegar e logo lhe explico o que se passa. Por essa altura, espero já ter autoridade para pensar numa estratégia mais sólida. Não sabemos quanto tempo isto vai durar, mas ele é inválido e não pode passar mais de uma noite na esquadra. Não estamos equipados para isso.

— Eu trato dos preparativos — garantiu Nippress.

— Seja como for, pode bem ser irrelevante — disse Poe. — Segundo a pessoa com quem eu e a Tilly falámos, o Atkinson detesta a polícia de Cúmbria. Diria mesmo que odeia. Culpa a polícia de tudo, desde a investigação mal feita que levou à sua detenção até ao ataque com ácido; até mesmo da tentativa de

suicídio falhada que o pôs numa cadeira de rodas. Comprou a ilha para se afastar o mais possível de todos.

— Acha que ele se vai recusar a acompanhar-nos à esquadra? — perguntou Nightingale.

— Não me parece que ter dois polícias a aparecer-lhe à porta com mais más notícias vá contribuir para o fazer mudar de opinião sobre vocês. Julgo que ele vai dizer para se porem a andar.

— Mesmo se lhe dissermos que corre perigo?

— O UKPPS acredita que ninguém sabe que ele está na ilha. As entregas são feitas mensalmente por barco e ele tem um médico privado sempre de plantão. Nunca sai da ilha e não recebe visitas. A ilha de Montague é deserta, propriedade privada e tem acessos muito perigosos, por isso não recebe os turistas que inundam as ilhas de Piel, Sheep e Roa.

— Mesmo assim...

— Concordo consigo — disse Poe. — Acredito que ele está em perigo. O pressuposto do UKPPS de que ninguém sabe que ele vive na ilha não é correto. Ninguém sabia que ele vive lá quando ninguém estava à sua procura. Mas se houver uma fuga de informação... Ele está numa cadeira de rodas e ainda usa máscara ou tem a cara coberta de cicatrizes; alguém vai saber quem é.

— E então?

— Não tenho uma resposta para si. Só estou a dizer que ele não vai gostar muito da entrada a matar da polícia. Creio que terão de ser mais subtis.

— O que sugere?

Poe sorriu.

— Tem um par de galochas, superintendente?

Capítulo 58

Apesar das reservas de Poe, Nightingale tencionava enviar imediatamente dois inspetores até à ilha de Montague, com a tarefa de transportarem Atkinson para o continente. Não lhes tinham dito porquê, apenas que corria perigo. Como a maré estava alta, seriam levados pela unidade marítima e subaquática da polícia de North West, que congregava os esforços de seis esquadras da zona norte.

Em seguida, permitiu que os agentes da SCAS fossem para casa com instruções para estarem na ilha de Walney às 7 horas do dia seguinte. Poe assim fez, tendo dormido profundamente a noite toda.

Poe chegou a Snab Point, na ilha de Walney, às 6h30. Era dali que partia a maioria das travessias do canal de Walney até à ilha de Piel e, como estavam a tentar passar despercebidos, fez-lhes sentido partir de onde todos partiam.

Nightingale tinha chegado antes dele e não estava nada bem-disposta. Tinha passado a noite em claro a coordenar a reação à nova ameaça, mas sem grande sorte. Já passava da meia-noite quando atravessou a ponte que ligava Barrow Docks à ilha de Walney e, nessa altura, já o vaticínio de Poe se concretizara: Atkinson tinha agradecido aos dois inspetores que ela enviara e pedido de forma cortês que saíssem da sua propriedade. Sem instruções em contrário, e como não sabiam quem ele era, fizeram o que ele pediu e voltaram para o continente com a unidade marítima.

— Noite complicada? — perguntou Poe, enquanto lhe oferecia um café.

Ela bateu com os pés de frustração. A maré no canal de Walney estava demasiado alta para se fazer a travessia a pé e demasiado baixa para se atravessar de barco. Pôs-se a andar de um lado para

o outro na costa, semicerrando os olhos para ver a ilha de Montague envolta pela neblina à distância, alheia à água do mar que lhe danificava os sapatos e ao vento que lhe fustigava o cabelo.

— Qual é a dele, Poe?

— Ele continua fulo, superintendente.

— Mas não é dono da ilha toda — explodiu ela. — Estou tentada a cercá-lo por polícia de todos os lados: carros-patrolha, tendas de campanha, apoio aéreo, tudo. Agora que identificámos o risco, é insustentável não tomar medidas preventivas robustas.

Poe sabia que Jo Nightingale estava apenas a desabafar. Não a censurava. Quer Atkinson gostasse ou não, protegê-lo era da sua responsabilidade. O facto de ele não querer proteção não a isentava da sua obrigação.

Enquanto a superintendente persistia em vociferar contra a maré, os dois inspetores e o próprio Atkinson, Poe começou a abstrair-se dela. Aproximou-se do enorme sinal branco com a inscrição «Perigo» em letras garrafais vermelhas. Avisava quem por ali passava do perigo das areias movediças e da subida da maré, assim como da proibição de utilizar veículos mecânicos numa zona de interesse científico. As ondas que embatiam na base não eram nem calmas nem urgentes. O seu ritmo era bem marcado, mas depressa se desfaziam e recuavam, deixando para trás apenas a alvura da sua espuma. Poe via algo de muito *zen* nas marés. Assistir à influência de um satélite planetário exercida a centenas de milhares de quilómetros de distância tinha a capacidade de pôr tudo em perspetiva.

Barrow-in-Furness nunca tinha tido uma classificação elevada nos indicadores de saúde e bem-estar, apesar de ter como pano de fundo alguns dos cenários mais exuberantes do Reino Unido. Baixa autoestima, elevados índices de desemprego, fracos níveis de empreendedorismo e uma falta de sentido de identidade eram tudo fatores que contribuíam para a sensação de que Barrow estava a marcar passo, à espera de que algo acontecesse.

Contudo, apesar da ligação por estrada, a ilha de Walney emanava um espírito totalmente diferente. Era selvagem e agreste, e Poe sentia que a ilha estava a fazer um esforço para se afastar do

continente. Quando o vento forte começou a atingir as abas do seu casaco e a fazê-las estalar como uma toalha molhada, Poe encostou a cabeça ao queixo e imaginou quantas pessoas teriam estado naquele mesmo pedaço de chão, a proteger o rosto da fúria dos elementos enquanto semicerravam os olhos presos ao horizonte desolador, a contemplar uma vida para lá do mar da Irlanda. Num qualquer paraíso exótico, onde o Sol nos aquece as costas, e o ar limpa os pulmões. Num país onde ninguém vivia a mais de cem quilómetros da costa, ele tinha como certo que a necessidade de se meterem num navio e partirem à descoberta era um atributo eminentemente britânico.

Nightingale aproximou-se ruidosamente. Os sapatos estavam inutilizados e as calças encharcadas e lamacentas. O vento atirava-lhe os cabelos contra a cara e para o ar. Os seus olhos estavam baços e cansados.

— Vou arranjar um quarto num hotel aqui por estas bandas — anunciou. — Vou ver se consigo dormir pelo menos uma hora. Quer que reserve quartos para si, para a Tilly e para a inspetora-chefe Flynn? Isto é capaz de demorar.

Poe olhou para o carro. Pouco tempo antes, Bradshaw tinha dado três passos naquela ventania e dito: «Caramba». Voltara de imediato para dentro do *BMW* e ligara o aquecimento. Recusara-se a sair, alegando que o vento marítimo danificaria os seus computadores. Flynn chegaria mais tarde no seu próprio carro.

— O melhor será reservar só dois — disse. — Eu vou para casa. Ela assentiu.

— Ao que tudo indica, podemos fazer a travessia a pé dentro de duas horas. Como não estava na polícia de Cúmbria quando ele foi atacado e também não está agora, espero que ele encare a sua presença com maior mansidão.

— Sem problema. Temos um guia? É uma travessia perigosa.

— Falei com um tipo que costuma levar turistas daqui até à ilha de Piel. Ele leva-nos da primeira vez. Depois disso, teremos de nos desenvencilhar. Enquanto não encontrarmos o sacana, vou destacar agentes para aquela ilha quer o Atkinson goste ou não. A unidade marítima diz-nos que só há um sítio onde um barco pode atracar; se

montarmos vigia aí e no percurso a pé, creio que conseguimos garantir que nenhum elemento indesejável põe os pés na ilha, mantendo ao mesmo tempo a discrição de que falou.

Poe assentiu. Na qualidade de ex-soldado, sabia que o mais importante nos postos de observação era a localização, não as tropas no terreno. Se escolhessem a posição certa, uma pessoa e uns binóculos chegavam para cobrir dezenas de quilómetros de terreno. No mar, era ainda mais fácil, visto que o único obstáculo era a curvatura da Terra.

Encaminhou-se para o carro e bateu na janela. Bradshaw apanhou um susto e abriu alguns centímetros do vidro.

— O que foi, Poe?

— A superintendente Nightingale vai reservar quartos para ti e para a chefe num hotel — disse. — Leva o meu carro e faz o *check-in*. Liga-te à rede wi-fi e começa a investigar quem pode ter contratado este sacana.

— E tu, o que vais fazer, Poe?

Ele olhou para a maré que começava a baixar.

— Eu? Vou dar um passeio...

Capítulo 59

Os líquenes que cresciam rente às rochas por cima da linha da maré faziam lembrar salpicos de caril. As rochas eram escorregadias, pelo que Poe avançou com cuidado. Se Bradshaw soubesse que ele tinha caído, seria gozado até ao fim dos seus dias. Gradualmente, a enseada lamacenta foi-se fundindo com um areal alisado pela maré, composto por aquela areia castanho-escura que nunca seca, e o caminho tornou-se mais fácil de percorrer.

Não era claro em que altura tinham deixado para trás o sapal do Snab Point da ilha de Walney e pisado no leito do mar da Irlanda. A julgar pela forma como as areias movediças cediam debaixo dos seus pés e sugavam as suas galochas, Poe calculou que tinha sido há uns 15 minutos.

A areia estava molhada e plana, um ambiente propício para caranguejos e crustáceos subterrâneos. Além do ocasional monte de algas pretas feias, não se avistava qualquer tipo de vegetação. A areia grumosa nem sequer cintilava, ensombrada que estava pelo manto de nuvens que pairavam no céu.

O guia chamava-se John e levava turistas à ilha de Piel há quase 30 anos. Tinha cabelos brancos, um rosto tismado e calçava botas manchadas do sal.

— Vamos contornar a ilha de Sheep, seguir pelo percurso normal para Piel durante meia hora e depois virar à direita para Montague — disse-lhes. — Vão vê-la não tarda.

O plano de Nightingale era falar com Atkinson e voltar para a ilha de Walney, onde estava a ser montado um centro de comando. Os dois polícias à paisana que tinha consigo não pareciam nada satisfeitos por fazerem o primeiro turno.

— Não sei porque é que os ratos de esgoto não nos podiam

emprestar um dos seus X5 — resmungou um deles, referindo-se aos polícias de trânsito. O outro respondeu:

— Aqueles sacanas de chapelinho branco não quiseram sujar de lama os seus...

— Caluda! — gritou Nightingale.

John, o guia, riu-se.

— Não é possível conduzir até à ilha de Montague, rapaz. Até Piel, sim, se a maré estiver baixa, tiver um todo-o-terreno e seguir os marcadores, mas até Montague, nem pensar. Mesmo com a maré baixa, a ilha está sempre cercada por água. — Pronunciou «água» com um sotaque cerrado. — Parou para olhar em volta como se procurasse qualquer coisa. — Estão a ver aquela coisa castanha que sobressai na areia? — disse, apontando para um emaranhado de metal escuro que Poe confundiu com destroços. — Aquilo é o que resta do último idiota que tentou seguir por um atalho.

Poe observou mais atentamente. Não eram destroços marítimos, mas sim o esqueleto de um veículo — ao que parecia, uma caravana. Estava meio soterrada num banco de areia. A única parte que não tinha sido ainda arrancada pelo mar era o chassis, que era agora apenas uma amálgama de ferrugem. Com a maré alta, Poe imaginou que a carrinha ficasse totalmente submersa e se tornasse um paraíso para algumas das criaturas marinhas mais pequenas, tal como os navios naufragados o eram para as lagostas e as moreias mais ao largo.

— Os habitantes locais ainda pensaram em tirá-lo daqui — prosseguiu John —, mas serve de aviso e instrumento de navegação. Vamos ver mais uns quantos a caminho da ilha. O mundo está cheio de idiotas que pensam que são mais rápidos do que a maré. — Poe deu um passo em frente para ver mais de perto. — Se fosse a si, não avançava mais — avisou John. — Está a ver o sinal ao lado da autocaravana? O branco que está emoldurado em betão resistente à erosão?

— Estou a ver, sim.

— Indica que há areias movediças por aqui. Se for apanhado por elas, fica em apuros.

Poe estremeceu. Desde miúdo que tinha um medo irracional de se afogar em areias movediças, consequência de ver demasiadas cobiadas foleiras em que o cowboy se afunda e deixa para trás apenas o chapéu. Certa vez, tinha referido esse pavor a Bradshaw que, igual a si mesma, lhe tinha explicado os factos científicos. Qualquer coisa relacionada com uma redução na fricção entre as partículas de areia, o que a impedia de suportar o peso de um ser humano. Dissera-lhe ainda que era um mito que a pessoa se afogasse — as partículas acabariam por se reajustar.

— Pensava que era impossível afogarmo-nos nas areias movediças — comentou Poe.

— E é mesmo. Mas vai ficar ali preso até a maré começar a subir. Quanto tempo consegue sustentar a respiração, inspetor Poe?

Poe voltou para junto do pequeno grupo.

Quarenta minutos depois, contornaram a ilha de Piel. Apesar da escuridão que as cercava, as ruínas do castelo do século xiv mandado construir pelo abade de Furness para proteger Barrow dos piratas ainda eram claramente visíveis. Mais um apontamento da impressionante história de Cúmbria. Nightingale disse:

— Meu Deus, aquilo é desolador.

Ele virou-se para onde ela olhava.

A ilha de Montague, escondida até então pela ilha de Piel e pelo clima inclemente, estava agora visível.

Poe olhou fixamente para o local que Atkinson tinha escolhido para ser o seu lar.

Nightingale tinha razão: aquilo era desolador.

Capítulo 60

A ilha de Montague, situada a oitocentos metros da extremidade sul da ilha de Walney, ficava na orla exterior da barreira protetora dos ventos fortes que Walney proporcionava a Barrow e a tudo o que se encontrava dentro do canal.

Poe imaginava que se Montague fosse composta por areia e solo como as outras ilhas, há muito que já teria sido consumida pela erosão. Mas não, era um afloramento rochoso inclinado e de aspeto assustador; uma daquelas ilhas merecedoras de um farol, mesmo que este não tivesse qualquer utilidade estratégica. Poe não conseguia imaginar uma linha costeira menos hospitaleira. Rochas pontiagudas cobertas de cracas, que se elevavam sem qualquer tipo de padrão aparente, saudavam-nos da mesma forma que os espigões defensivos saudavam as cargas de cavalaria na Idade Média. O cais onde a unidade marítima tinha atracado na noite anterior entrava mar adentro assente em estacas cobertas de mexilhões. Lançava uma silhueta espectral à luz da madrugada.

Havia uma pequena praia à direita do cais e das rochas. Meia dúzia de pequenas embarcações haviam sido arrastadas até às dunas para garantir que não flutuavam para longe quando a maré voltasse a subir. Poe partiu do princípio de que era a forma que os ilhéus tinham de lidar com o isolamento. Em vez de dependerem das entregas, alguns iam de barco até ao continente tratar das provisões.

Ao lado do cais, havia socalcos escavados na rocha a fazer de degraus, e foi para lá que o grupo se encaminhou. John, o guia, tinha razão: apesar de a maré estar baixa, um anel de água rasa formava um fosso natural à volta da ilha, e apesar de não ter mais

de 30 centímetros de profundidade, ninguém pisava na ilha com os pés secos.

— Senhoras e senhores, a ilha de Montague — anunciou John, depois de se terem ajudado mutuamente a subir pelos degraus escorregadios até chegarem a terreno mais seco. — O cais e o terreno até àquela cerca — explicou, apontando para uma estrutura descolorada pelo sol composta por madeira flutuante e montada sem grandes preciosismos — são terrenos públicos. Tudo o resto é propriedade privada e precisam de autorização para entrar. As pessoas que estão na ponta da ilha têm direito de passagem, por isso presumo que possam passar também para irem ver o homem que procuram.

A zona designada como terreno público incluía os contornos do que havia sido o hospital de isolamento. Poe decidiu ir dar uma vista de olhos. Suspeitava que tivesse sido deitado abaixo, e as pedras, usadas para construir as casas da ilha. O que sobrara fazia lembrar fileiras de dentes partidos.

No caminho de volta, relanceou os barcos que haviam sido trazidos para a pequena praia. O da ponta tinha uma armadilha de lagostas arrumada debaixo do banco. Com o formato de um abrigo Nissen em miniatura, tinha uma só entrada em funil e estava cheia de pedras para não voar para longe. Todas as outras embarcações estavam vazias.

Voltou para junto de Nightingale.

— Quanto tempo temos, John? — perguntou ela.

O guia levou a mão ao bolso do casaco e entregou-lhe um papel dobrado.

— É o horário das marés da ilha de Piel. Não há um horário para Montague porque não costuma vir aqui ninguém. A maré baixa foi às 8h10, hora a que partimos de lá. — Consultou o relógio. — Demorámos uma hora e 15 minutos a chegar aqui e a maré alta é às 13h40. Temos de sair daqui ao meio-dia só para jogar pelo seguro. Se passarmos dessa hora, teremos de esperar até à próxima maré baixa, que ocorrerá ao fim do dia.

Poe olhou para o relógio. Eram 9h30. Teriam de partir dali a duas horas e meia.

Duas horas e meia para convencer Atkinson que estavam ali para lhe salvar a vida.

A ilha de Montague tinha o seu próprio microclima. O ar frio do mar da Irlanda subia pelas encostas escarpadas onde se misturava com o ar mais quente da ilha e formava nuvens instáveis.

Segundo Bradshaw, a ilha tinha uma dimensão de quatro hectares, o equivalente a cinco campos de futebol. Tinha o formato de um ovo e erguia-se do mar como uma cunha. A zona oriental, a que incluía o cais e os degraus, era a zona mais baixa. A zona ocidental terminava de forma abrupta com penhascos que caíam a pique.

Tal como Snab Point na ilha de Walney, também aquela era uma zona de interesse científico, em parte, por causa das focas que frequentavam as rochas do lado ocidental e, em parte, por causa da pequena colónia de sapos-corredores cujo habitat eram as dunas na zona mais resguardada a leste, as mesmas dunas onde os ilhéus guardavam as suas embarcações.

Embora não fosse permitido ter ovelhas na ilha, o crescimento das ervas era controlado por uma colónia de coelhos. Excrementos reluzentes e uma série de buracos indicava a localização das tocas. Poe calculou qual seria a sua profundidade. Menor do que eles desejariam, queria parecer-lhe; teriam escavado apenas alguns centímetros antes de baterem no substrato rochoso da ilha. Mas a verdade é que os coelhos eram uma espécie invasora capaz de se adaptar a tudo, menos aos ambientes mais agrestes.

Havia seis casas na ilha, todas elas atarracadas, banais e fustigadas pela chuva. Segundo o guia, só estavam ocupadas durante os meses de verão. A casa de Atkinson era a mais antiga. Originalmente construída para servir de edifício administrativo do hospital de isolamento, ficava virada a oeste — o lado oposto àquele por onde tinham entrado — e distante das outras casas.

Para chegarem lá, teriam de passar por terrenos pertencentes a duas outras casas. Os limites de cada uma das propriedades rústicas eram traçados pelo que restava de uma rede de muros de

pedra. Como já não era permitido levar gado para a ilha, parecia que não tinha sido só o hospital a fornecer o material de construção.

Começou a nevar, mas apesar do frio, a neve não se amontoava nos terrenos, visto que eram demasiado salgados. Poe pensou que a neve seria mole e macia, mas não, era seca e sólida — era evidente que a ilha de Montague permitia um escoamento rápido das águas. As ervas rasteiras eram flexíveis e facilitavam a caminhada.

John ficou para trás nos terrenos públicos e os dois polícias foram certificar-se de que as propriedades na zona oriental da ilha estavam efetivamente desocupadas. Poe e Nightingale avançaram para a zona ocidental, onde ficava a casa de Atkinson.

A ausência total de sons humanos era assustadora. Gaivotas e andorinhas-do-mar grasnavam ali perto e o vento silvava pelo meio das rochas e fendas, mas de resto o silêncio era absoluto. Poe entendia o que tornava a ilha tão apelativa. Tirou o *BlackBerry* do bolso, virou-se e tirou uma fotografia. Anexou-a a uma mensagem de texto e enviou-a para Bradshaw.

Um ponto de exclamação vermelho surgiu ao lado da mensagem. Ele verificou se tinha rede.

Nada. Apenas a mensagem «Sem rede» onde costumavam estar as barras.

Nightingale reparou que ele estava a olhar fixamente para o telemóvel.

— Não tem rede?

— Nem sequer uma barra.

— Parece que estamos numa zona sem cobertura. Os dois paspalhos que vieram até cá ontem à noite disseram a mesma coisa. Os rádios quase não funcionavam. Disseram que foi por isso que decidiram voltar para trás sem antes falarem comigo.

Bradshaw ficaria preocupada — lera histórias de pessoas que se afogaram no canal de Walney a tentar chegar às ilhas —, no entanto não havia nada que ele pudesse fazer. Duvidava que Atkinson tivesse um telefone fixo. Duvidava que fosse sequer possível ter um telefone fixo numa zona tão remota.

— Ali está — disse Nightingale. Poe ergueu o olhar.

Capítulo 61

Edward Atkinson vivia num chalé ampliado recentemente e construído com pedras cinzentas de tamanhos diferentes, iguais às das ruínas do hospital da ilha e dos muros de pedra. Tinha um telhado de ardósia e ficava meio encoberto num barranco coberto de ervas junto aos penhascos que caíam bruscamente no mar. Antes da renovação, tinha o formato de uma caixa de sapatos. Uma porta ao centro era ladeada por duas janelas crivadas de sal do tamanho de jornais. O anexo era novo e desprovido de janelas. Tinha sido construído com a mesma pedra, mas ainda não revelava os 130 anos de desgaste causado pelos elementos. Uma chaminé encimava o conjunto. Era de lá que saía um fino risco de fumo prateado que serpenteava para fora do cano da chaminé antes de ser desmanchado pelo vento.

Parecia que Atkinson tinha gastado uma boa parte do dinheiro da indemnização a renovar o chalé antes de ocupar a casa. Se as outras casas tinham ervas e vegetação daninha a ameaçar tomar conta das paredes, o exterior do chalé de Atkinson apresentava-se arranjado com carreiros e rampas acessíveis a cadeiras de rodas. O equipamento que tinham visto junto a todas as outras casas da ilha — equipamento que Poe reconhecia de Herdwick Croft: fossas sépticas, bombas de água, botijas de gás e afins — estava todo ali, mas disposto de modo a poder ser manuseado por alguém que não tivesse de se levantar.

Fazer de Herdwick Croft uma casa habitável tinha sido um desafio para Poe; só podia admirar alguém que conseguia levar a sua vida em condições ainda mais adversas e preso a uma cadeira de rodas.

Nightingale bateu com os nós dos dedos na porta robusta. Não

havia campainha ou batente. Encontrou o buraco da fechadura e, depois de esperar um minuto, abaixou-se e espreitou por ele.

— Vê alguma coisa?

— A chave está na porta, mas não ouço nada — respondeu ela. Parecia estar preocupada.

— Fique aqui, eu vou dar uma vista de olhos nas traseiras.

Havia qualquer coisa que não batia certo. Tudo no chalé era acessível por cadeira de rodas, mas a ombreira da porta não tinha sido alargada e a fechadura não tinha sido rebaixada. Porquê gastar tanto dinheiro para poupar no que interessava?

A menos que *não* interessasse verdadeiramente...

Poe contornou a casa sem se desviar do carreiro alcatroado. Quando dobrou a esquina, uma rajada de vento marinho chicoteou-lhe a cara e fê-lo lacrimejar. Depois de limpar os olhos, duas coisas tornaram-se evidentes: o que lhes parecera ser a parte da frente da casa era afinal as traseiras e Edward Atkinson não abrira a porta porque não estava dentro de casa.

A parte de trás da casa de Atkinson era tão banal e pouco convidativa como a das restantes casas da ilha; já a parte da frente era deslumbrante. Os construtores que ele tinha contratado haviam feito um trabalho ímpar.

Um terraço em pedra, com cerca de 30 metros por 15 cobria a extensão do chalé e mais além. Estendia-se até à beira do penhasco. Havia floreiras elevadas e bem cuidadas encostadas ao muro que delimitava o terraço. Poe não duvidava que, na primavera, tudo se cobriria de mil cores e aromas. O sítio ideal para desfrutar da brisa, do sol e da espuma do mar.

Na extremidade do terraço, avistou uma churrasqueira em tijolo e um forno para pizzas embutidos na parede, ambos a uma altura acessível para alguém que estivesse numa cadeira de rodas. Havia lenha cuidadosamente empilhada debaixo de um alpendre coberto. Poe ainda não tinha visto árvores na ilha por isso partiu do princípio de que Atkinson partilhava do seu problema: a obrigação de comprar o combustível — um preço irrisório a pagar pelo privilégio de morar num cenário tão imaculado e deslumbrante. Havia vasos

de terracota com plantas robustas posicionados para captarem a luz solar, mas fora isso, o terraço não albergava qualquer tralha.

Postos de observação capazes de alojar uma cadeira de rodas tinham sido recortados no muro a intervalos regulares. Atkinson podia admirar a paisagem de todas as direções. Com bom tempo, era possível avistar a ilha de Man. No entanto, hoje Poe não conseguia ver além do parque eólico de Walney. Com mais de cem turbinas, era um dos maiores parques eólicos no mar em todo mundo.

Poe espreitou para lá dos limites do muro do terraço. Os penhascos não eram tão abruptos como tinham parecido à distância, e ele conseguia ver a colônia de focas cinzentas que apanhavam sol nas rochas mais abaixo, e como o chalé assentava no topo de uma enseada, conseguia ver ainda os terrenos dos dois lados. Um cemitério com um ar soturno dominava a falésia à direita. Poe ficou a pensar se seria para os ilhéus ou se era ali que estavam enterrados os trabalhadores chineses. O mais certo era ser a última hipótese; as lápides eram demasiado uniformes para terem sido dispostas em alturas diferentes.

Observou uma onda a embater nas rochas mais abaixo e, apesar de se revelar um incómodo tão grande para as focas como a gordura das salsichas era para si, a verdade é que espalhou uma nuvem de espuma que foi apanhada pelo vento. Poe sentiu-a na cara e limpou-a com as costas da mão.

Atkinson não se mexeu.

Estava sentado na sua cadeira de rodas, encaixado num dos postos de observação centrais, de costas voltadas para o chalé. Poe não ficou surpreso ao constatar que ele era bem constituído — sabia bem os esforços que tinha de fazer para manter Herdwick Croft, e a verdade é que Atkinson tinha o dobro do trabalho provavelmente com metade dos músculos funcionais. Um homem débil não conseguiria manter uma propriedade daquelas. O mais certo era Atkinson ser mais forte do que ele.

Contemplava o mar através de um par de binóculos.

— Ontem, vi uma baleia-anã — disse subitamente e sem se virar.

A sua voz soou abafada. — Tenho estado à espera para ver se ainda anda por ali.

— A sério? Pensei que não se aventuravam até aqui — comentou Poe.

Atkinson manteve-se em silêncio durante vários instantes.

— Vocês não aceitam uma recusa, pois não?

— Não sou polícia, Sr. Atkinson.

Ele suspirou e pousou os binóculos no cobertor que lhe tapava as pernas.

— Então, quem é você?

Com uma eficácia conquistada ao longo do tempo, ele empurrou uma roda, puxou a outra e fez uma reviravolta perfeita.

Então, Poe viu pela primeira vez o indivíduo a quem chamavam «o homem da máscara».

Capítulo 62

Poe tinha participado em várias ações de formação relativas a operações de vigilância ao longo da sua carreira, e a única lição que não tinha esquecido era ver para além do bigode, da barba comprida e do chapéu ridículo. Um homem assalta uma estação dos correios com um par de óculos de armação de massa e a condição humana dita que as testemunhas oculares não se lembrem de mais nada senão desse pormenor. Dez pessoas descreveriam a mesma pessoa de maneira diferente, mas todas se lembrariam dos óculos.

Ele presumira que estava acima disso; que, quando olhava para alguém, era capaz de ver para além do óbvio. Todavia, naquele momento, se alguém lhe perguntasse a cor do cabelo de Atkinson, ele não saberia dizer — tudo o que ele conseguia ver era a máscara.

Bradshaw tinha-lhe enviado um link, por isso ele sabia com o que podia contar, mas vê-la pela primeira vez não deixava de ser um choque. Era em plástico transparente e moldada para assentar nos contornos do rosto alterado pelo ácido de Atkinson. Começava na linha do couro cabeludo e terminava cerca de dois centímetros e meio por baixo do queixo. Prolongava-se até às orelhas e o maxilar era articulável, o que explicava o facto de a sua voz soar abafada.

Conseguia ver as cicatrizes hipertróficas por baixo da máscara, o resultado de uma abundância de colagénio, a proteína fibrosa que faz parte do tecido de sustentação do corpo. O emaranhado de cicatrizes era volumoso, branco e horrível. Parecia que o rosto de Atkinson estava coberto por omento, o tecido rendilhado do abdómen do porco usado para fazer enchidos.

A máscara de plástico inerte aplicava pressão direta no rosto e ajudava a espalmar as fibras de colagénio não elásticas e a reduzir

as nódoas negras. Bradshaw referira que podia tirá-la durante curtos períodos, mas que se tornaria desconfortável para ele — a máscara aumentava a transpiração no rosto, o que mantinha as cicatrizes hidratadas e flexíveis.

— Desculpe — disse Poe. — Devia ter-me apresentado. — Deu um passo em frente e estendeu-lhe a mão, mas o gesto não foi recíproco. — Chamo-me Washington Poe. Faço parte da National Crime Agency e preciso de falar consigo.

— Então, fale.

— Posso ir chamar a superintendente Jo Nightingale? Ele é da polícia, mas garanto-lhe que é boa pessoa.

— Sabe o que a polícia de Cúmbria me fez?

— Sei e lamento. Só lhe posso garantir que nem eu nem a superintendente tivemos nada que ver com isso.

Atkinson encolheu os ombros.

— Têm cinco minutos. Depois disso, quero-vos fora da minha propriedade.

Sem dizer palavra, ele subiu a rampa, passou pelas portas de correr e entrou no chalé.

Poe contornou a casa até chegar ao que haviam assumido ser a parte da frente da casa. Nightingale ainda espreitava pelo buraco da fechadura.

— Ele estava a observar as baleias — disse Poe. — Não está contente, mas aceitou conceder-nos cinco minutos.

— Como é ele?

— É um homem amargurado. E não olhe fixamente para a cara dele. À segunda é de vez.

À semelhança de Herdwick Croft, o chalé era um espaço amplo e apenas com as paredes essenciais. As portas davam para uma sala de estar espaçosa. Uma salamandra onde brilhavam brasas incandescentes aquecia a divisão. O piso era em pinho natural e as paredes estavam caiadas de branco. O mobiliário era mínimo e funcional, com espaço para uma cadeira de rodas entre todas as peças. Não havia cantos apertados ou distâncias curtas entre as

cadeiras. Duas das paredes de Atkinson estavam cobertas por estantes, e todos os cadeirões tinham um candeeiro ao lado. Não era difícil adivinhar o que ele fazia todas as noites.

A divisão e todo o mobiliário tinham sido bem projetados: nada estava fora do alcance de um homem que não se pudesse levantar. Poe reparou que as ombreiras das portas tinham sido alargadas e as maçanetas rebaixadas, o piso não tinha obstáculos e havia espaço suficiente para as manobras de uma cadeira de rodas. Poe partiu do princípio de que a cozinha e os quartos tinham a mesma facilidade de acesso.

E nada daquilo parecia ter sido barato; tudo peças de qualidade. daquelas que queremos ter quando passamos a maior parte do tempo em casa. Poe gostava de ter visto o resto do chalé. Sentia uma certa afinidade com Atkinson e com o seu modo de vida, e pensou que teria muito a aprender com ele.

Havia um espaço entre duas mesas baixas e foi ali que Atkinson se instalou. Parecia ser o seu lugar de eleição quando não estava a usar um dos cadeirões de leitura. Poe não se quis sentar sem ser convidado, mas também não queria estar de pé e debruçado sobre Atkinson. A primeira lição do primeiro dia do curso de interrogatório de vítimas e testemunhas era ficar sempre ao nível dos seus olhos.

Nightingale decidiu pôr de lado a etiqueta e sentou-se. Poe ficou com a impressão de que ela ainda estava chateada por Atkinson ter mandado os seus agentes para trás com um raspanete na noite anterior. Com alguma relutância, sentou-se na cadeira à frente dela.

— Sr. Atkinson — começou Nightingale —, sou a...

— Você, não; ele — cortou Atkinson. — Não falo com a polícia de Cúmbria. Ele disse que você é boa pessoa e, com este tempo, não vou expulsá-la de minha casa, mas enquanto aqui estiver, não vai abrir a boca.

Nightingale olhou fixamente para ele. Depois, resignada, encolheu os ombros.

— Como queira.

— Sr. Atkinson — retomou Poe —, temos motivos para acreditar que corre perigo de vida.

A expressão de Atkinson permaneceu inalterada. Poe não sabia

se seria um efeito da máscara.

— Aqui? Não me parece.

— É verdade.

— Mas porquê?

— Não sabemos. Acreditamos que esteja relacionado com o seu julgamento.

— Fui ilibado de todas as acusações e, mesmo se não tivesse sido — disse, apontando para a cadeira de rodas e para a cara —, acho que já paguei bem caro.

— Acreditamos que se trata de uma ameaça credível.

— Imagino que todas as ameaças sejam credíveis para a polícia de Cúmbria. Não devem querer cometer os erros do passado.

— Posso contar-lhe, superintendente? — perguntou Poe a Nightingale. Era necessário que Atkinson começasse, de facto, a levar a situação a sério e, naquele momento, não estavam a chegar a lado nenhum. — A superintendente assentiu. — Sr. Atkinson, na véspera de Natal, foram encontrados dois dedos cortados num presente de amigo secreto, em Carlisle. No dia de Natal, foram encontrados mais dois numa igreja, em Barrow. O último par de dedos foi encontrado no dia 26 de dezembro, na bancada de charcutaria do Fiskin's Food Hall, em Whitehaven. Cada par de dedos pertence a uma vítima diferente. As vítimas estão todas mortas. — Atkinson olhou fixamente para ele. — Conseguimos identificar todas as vítimas, mas só recuperámos um cadáver. Acreditamos que o senhor foi escolhido para ser a quarta e última vítima.

— Porque diz isso? Não chateio ninguém aqui. Quase não vejo ninguém. O caso foi encerrado.

— Digo isto por causa da identidade das três vítimas.

Quando Atkinson falou, a sua voz saiu sumida.

— Quem são elas?

Poe olhou para Nightingale.

— Diga-lhe — instou ela.

— São os três jurados que votaram pela sua inocência durante o julgamento — disse ele, de forma cautelosa.

— Não! — gritou Atkinson, levando a mão aos lábios. Tanto

quanto lhe seria possível, o seu rosto empalideceu.

Poe prosseguiu.

— O assassino é implacável, engenhoso e tem bolsos fundos. Apesar de o facto de estar vivo ser prova de que ele ainda não o localizou, julgamos que é apenas uma questão de tempo até ele desembarcar na ilha de Montague. A superintendente Nightingale tem mais de duzentos agentes a investigar este caso e ainda não conseguimos apanhá-lo ou sequer identificá-lo.

— Mas... porquê? — perguntou Atkinson. — Que motivos pode ele ter para fazer isto?

— A superintendente Nightingale está a seguir várias linhas de investigação. Uma delas é que ele pode ter sido contratado por alguém que perdeu tudo com a falência da estação de tratamento de resíduos.

— Alguém da J. Baldwin está a tentar matar-me?

— É possível que tenham contratado os serviços deste homem. Estamos de olho neles, claro, apesar de a pessoa que está por detrás disto não ser o nosso alvo prioritário. O mais importante é encontrar o assassino antes que ele o encontre a si. Foi por isso que a superintendente Nightingale enviou os dois agentes ontem à noite e foi por isso que atravessámos o areal a pé hoje de manhã.

— O que vos leva a pensar que ele vai ser capaz de me encontrar? A proteção de testemunhas mudou o meu nome para Ian Carruthers. Está tudo registado nesse nome. Não há nada na ilha que esteja em nome de Edward Atkinson.

— Não quero parecer indelicado, Sr. Atkinson, mas o senhor não passa despercebido. De quanto tempo acha que precisa um homem determinado e engenhoso para localizar o homem da máscara?

Atkinson ponderou naquelas palavras.

— Muito tempo — disse, por fim.

Capítulo 63

— Deixe-me explicar — disse Atkinson. — Os construtores que renovaram o meu chalé fizeram-no sob a orientação do arquiteto. Nunca nenhum deles me viu e eu só me mudei para cá depois de eles terminarem. Comprei o terreno por e-mail e com o nome do programa de proteção de testemunhas. Não estão na ilha há assim tanto tempo, mas garanto-vos que todos os habitantes são ciosos da sua privacidade; nunca vi nem falei com nenhum dos meus vizinhos nestes anos todos e, seja como for, durante os meses mais frios nenhum deles para por aqui.

— Mesmo assim... — disse Poe.

— Os meus mantimentos são transportados de barco e deixados no terraço — continuou Atkinson. — Não falo com as pessoas que os entregam e saldo a minha dívida todos os meses com o apelido Carruthers. Contratei um faz-tudo para o caso de precisar de ajuda, mas nunca tive de solicitar os seus serviços. Deixe-me dizer-lhe que a razão pela qual nunca me encontro com nenhuma destas pessoas não é recear pela minha segurança, mas porque tenho noção de que sou horrendo. A região sul de Cúmbria não é propriamente conhecida por ser progressista e eu recuso-me a ser tratado como um *fenómeno*. E não se esqueça de que podia estar em qualquer parte do mundo. Recebi uma quantia avultada tanto da polícia como da J. Baldwin; no entender de qualquer pessoa sensata, uma ilha isolada e inóspita ao largo de Barrow-in-Furness seria o último sítio onde procurariam um homem numa cadeira de rodas.

Poe reconheceu que o que ele dizia fazia sentido.

— Acredite que estou num lugar seguro.

Nightingale acabou por decidir falar.

— Seja como for, Sr. Atkinson, agora que o identifiquei como

estando em perigo, sou obrigada a zelar pela sua proteção. Estou ciente de que fizemos uma asneira de todo o tamanho da última vez e compreendo que não nos queira ver pela frente, mas garanto-lhe que não vamos sair daqui. Se tiver de colocar 50 agentes da polícia nesta ilha e à volta dela, é isso que farei. Preferia contar com a sua colaboração, mas a verdade é que não preciso dela. Trata-se de uma investigação criminal em curso e mantê-lo sob vigilância é uma tática legítima.

Atkinson exalou um suspiro ciciado. Encolheu os ombros e acabou por dizer:

— Não posso impedi-la de ocupar os terrenos públicos da ilha, mas recuso-me a aceitar agentes da polícia de Cúmbria na minha propriedade. Se for obrigado a isso, entrarei em contacto com a comunicação social.

Nightingale estava prestes a protestar quando Atkinson levantou a mão para a impedir.

— No entanto, compreendo que seja necessário chagarmos a um acordo. Porque não fazemos assim: como o Sr. Poe não faz parte da polícia de Cúmbria, permito-lhe que fique aqui comigo até esta questão estar resolvida. Aceita?

Atkinson e Nightingale negociaram durante 10 minutos. Por fim, concordaram que Poe podia revezar-se com Flynn se ela estivesse disposta a isso. Nightingale mostrou-se renitente em permitir que uma mulher em fim de tempo assumisse tal papel, mas concordou que era uma decisão que devia ser tomada por Flynn, não por ela.

— Posso começar já, superintendente — disse Poe. — Pode ligar à inspetora-chefe Flynn por mim quando voltar ao continente para ver se ela está de acordo com o que decidimos?

— Pode enviar-lhe um e-mail, se quiser — disse Atkinson.

— Tem acesso à Internet aqui? — perguntou Poe, apanhado de surpresa.

As cicatrizes de Atkinson formaram um esgar quando ele sorriu.

— Temos um acordo com o parque eólico. A rede wi-fi que eles usam para aceder de forma remota às turbinas passa por cima das

nossas cabeças e eles deixam-nos aproveitá-la. É uma das vantagens de viver aqui.

— Envio-lhe um e-mail assim que sair, superintendente — afiançou Poe. — No entanto, sei que ela vai querer dar o seu contributo. Ultimamente, tem-se sentido posta de parte.

O que ele queria dizer era que nem uma manada de touros com pedaços de gengibre fresco enfiados no traseiro seriam capazes de a arrastar para fora do próximo barco.

Nightingale assentiu.

— Vou deixar um dos meus agentes no cais. Dessa forma, conseguimos cobrir toda a ilha com apenas duas pessoas. O inspetor que vai regressar comigo vai deixar o rádio consigo para poderem ir comunicando um com o outro.

Era um bom plano. Com Poe e Flynn no terreno de Atkinson a vigiar quem se aproximasse de oeste e os polícias de Nightingale nos terrenos públicos a cobrir a zona oriental, a ilha ficaria totalmente vigiada. Ninguém entraria ou sairia sem ser visto.

— Vou alternar os meus agentes com a maré alta — explicou Nightingale. — A unidade marítima pode tratar do transporte. Presumo que queira fazer turnos mais longos, tendo em conta que vai estar dentro de casa?

— Posso fazer as primeiras 24 horas sem problemas — respondeu Poe —, mas depende da chefe. Ela é capaz de chamar alguém de Hampshire se a coisa se arrastar. Para espalhar o mal pelas aldeias.

— E a Tilly?

— Ela vai ficar no continente e continuar a trabalhar.

Nightingale disse que teria equipas de intervenção na ilha de Walney, prontas para acorrer se algum dos dois vigias pedisse ajuda. E que iria aferir da possibilidade de ter uma equipa de intervenção em permanência no mar.

— Vou pedir para criarem um endereço de e-mail exclusivo e disponível ininterruptamente, caso não consiga entrar em contacto via rádio. Se puder, envie os seus dados, caso contrário, basta ligar para o número de emergência para solicitar uma intervenção. Está bem assim?

Poe acenou em concordância. Teria de estar.

— Então, tudo a postos?

Ele reviu todos os pormenores. Garantir a segurança da ilha era como montar uma operação militar e, apesar de ele já ter largado a farda há muito tempo, não lhe pareceu que tivessem descurado nada. Tinham uma linha de visão de 360 graus e não tardariam a ter uma forma de pedir reforços.

— Sim — disse ele.

Só esperava que isso fosse mesmo verdade.

Capítulo 64

Quando Nightingale saiu, Poe pediu a palavra-passe do wi-fi a Atkinson e enviou um e-mail a Flynn. Disse-lhe que ficaria na ilha até à maré alta da manhã do dia seguinte. Depois disso, teria de ser substituído.

Tal como ele previra, ela confirmou que dividiria os turnos com ele. O que ela escreveu no e-mail foi: «Poe, estou mais do que capaz de ficar de rabo sentado com um par de binóculos na mão.»

Nightingale deve ter-lhe ligado assim que viu que tinha rede, visto que Flynn já tinha o horário das marés. Chegaria por volta das 8 horas do dia seguinte.

Em seguida, ele enviou um e-mail curto a Bradshaw a informá-la de onde se encontrava e quando voltaria ao continente. Ela enviou-lhe um link de uma coisa chamada «WhatsApp» e pediu-lhe para descarregar a aplicação. Era uma espécie de serviço de mensagens gratuito online que, segundo ela, permitiria comunicações mais rápidas do que através de e-mail. Poe seguiu as suas instruções.

Finda a parte burocrática, Poe informou Atkinson de que iria passar revista ao perímetro. Na verdade, o que ele queria fazer era certificar-se de que o agente que Nightingale tinha deixado no cais estava a cumprir as suas funções.

Escusava de se preocupar. O agente viu-o ainda antes de Poe o ver a ele. Tinha encontrado um local abrigado entre duas rochas e transformado o seu impermeável numa espécie de poncho que servia agora de telhado. Conseguia estar a coberto da chuva sem sacrificar a sua vantagem tática. Poe falou com ele durante um minuto e combinaram que ambos patrulhariam o perímetro da ilha pelo menos de duas em duas horas. Sem hora marcada, para que ninguém conseguisse prever os seus movimentos.

Satisfeito por perceber que Nightingale não tinha deixado um idiota para trás, Poe voltou para junto de Atkinson.

O homem regressara ao terraço levando consigo uma cafeteira e duas canecas que pousara no muro mais próximo de si. Fez um gesto para que Poe se juntasse a ele.

— Antes, quero passar revista lá dentro — disse Poe. — Para conhecer os cantos à casa.

— Certo — disse Atkinson, enquanto pegava nos binóculos e olhava novamente para o mar.

Poe só conhecia a sala de estar. Existia uma porta à esquerda, que imaginou que desse para o anexo que Atkinson tinha mandado construir, e uma porta na parede em frente. Abriu primeiro a porta que tinha à sua esquerda.

A porta dava para um pequeno corredor com mais duas portas. Poe entrou e abriu a que estava mais próxima.

Era o quarto de Atkinson. A cama era grande e tinha espaço dos dois lados. O guindaste que estava por cima da cama e que serviria para o ajudar a sentar, levantar, deitar ou simplesmente mudar de posição era o único indício da incapacidade de Atkinson. Duas estantes com livros revestiam as paredes dos dois lados da cama. Eram estantes ornamentadas com extremidades em cortiça. Poe pegou em dois livros. *Moby Dick* e um dos guias de caminhadas de Wainwright, aparentemente, uma primeira edição. Se não estivesse ali em trabalho, ter-se-ia sentado e lido o guia de uma penada. A contragosto, voltou a colocá-lo no seu lugar.

O quarto tinha uma porta que Poe presumiu ser a da casa de banho.

E era mesmo. Não uma casa de banho no sentido tradicional do termo, de modo a não conter nada que Atkinson tivesse de subir. Havia um grande chuveiro suspenso e outro amovível num suporte ajustável que estava fixo mais ou menos a meio do varão, à altura da cabeça de uma pessoa que estivesse sentada. Ao canto, uma cadeira de chuveiro com rodas. Supostamente, Atkinson sentar-se-ia ali para não molhar a sua cadeira de rodas. A sanita tinha corrimãos laterais e o lavatório estava rebaixado.

Poe passou pelo quarto e voltou a entrar no corredor.

A outra porta dava para uma sala de tratamento. O centro da divisão era ocupado por uma marquesa, em tudo semelhante às usadas nos consultórios dos médicos. A parede estava revestida de armários brancos. Poe abriu-os. Estavam cheios de material adequado ao tratamento das queimaduras de Atkinson. Pomadas, ligaduras, antibióticos e máscaras. Atkinson não precisava de sair da ilha para receber tratamento médico — podia tratar de tudo sozinho.

Poe voltou para a sala de estar. Por exclusão de partes, a outra porta só podia dar para a cozinha. Não se enganara.

Era uma cozinha ampla e bem equipada. Ao fundo havia outra porta, aquela que não tinha sido alargada e à qual Nightingale batera quando ali chegaram. Poe percebeu que não era aberta há algum tempo.

Na cozinha não havia nada que não estivesse a uma altura acessível. Apresentava-se limpa, mas não a ponto de parecer que nunca era usada. A julgar pelos tachos e panelas presos a ganchos que pendiam do teto, Atkinson sabia cozinhar. Um pacote de grãos de café e respetivo moinho estavam ao lado de uma chaleira moderna. Poe lembrou-se de que tinha sede.

Estava na altura de ir ter com Atkinson ao terraço.

Capítulo 65

A paisagem de Poe mudava ao ritmo das estações; a paisagem de Atkinson ao sabor dos minutos. Quando pegou no café a esquentar, o céu era uma tela sem cor; depois de beber alguns goles, já o Sol tinha irrompido pelas nuvens e transformado por completo a paisagem marítima.

As ondas picadas refletiam a luz, fazendo do mar uma piscina iridescente da qual Poe não conseguia tirar os olhos. Nunca tinha vivido à beira-mar, sempre lhe parecera muito movimentado, uma sobrecarga sensorial pouco compatível com a sua maneira de ser, mas a vista do terraço de Atkinson era absolutamente deslumbrante. Não admirava que gostasse de ali ficar.

Poe não precisou de perguntar a Atkinson porque vivia ali — ele sabia a resposta. Alguns anos antes, tinha estado na mesma posição: um pária para os tabloides, o polícia que tinha feito justiça com as próprias mãos. O seu instinto levava-o a procurar o isolamento e a inacessibilidade. Encontrara aquilo que procurava em Shap Fell.

Atkinson tinha levado o seu autoisolamento ainda mais longe. Poe estava impressionado com o seu empenho. Em Herdwick Croft, se Poe precisasse de contacto com a civilização, podia dar um salto ao hotel Shap Wells para tomar uma refeição ou uma cerveja, ou então fazer um passeio de carro até Kendal ou mais além. Na ilha de Montague, preso a uma cadeira de rodas, Atkinson tinha fincado raízes impossíveis de arrancar.

— Excelente café — comentou Poe.

Atkinson ergueu a sua caneca num gesto de saudação.

— Custou-me bom dinheiro. *Jamaican Blue Mountain*. Chegou-me de barco, literalmente, de um especialista em Nova Iorque.

Poe já tinha ouvido falar do café *Jamaican Blue Mountain*, mas nunca pensara vir a prová-lo. A produção anual de grãos era limitada e a maior parte seguia para o Japão ou era usada para fazer licor de café. Era mais suave e menos amargo do que qualquer outro café que tivesse provado — o tipo de café que se podia beber ao longo do dia sem induzir dores de cabeça.

Pegando na deixa do dinheiro gasto em café, Poe disse:

— Quanto pagou por isto tudo?

— O terreno ou as alterações? — Poe encolheu os ombros. — A casa custou-me 250 mil libras.

— Parece-me caro.

— Muito pelo contrário. A ilha é considerada zona de interesse científico, por isso há limites ao seu desenvolvimento, o que não apela ao investimento. O proprietário estava a ter dificuldades em vender. E como o antigo edifício administrativo é responsável pela manutenção do cemitério, os terrenos adjacentes não podiam ser vendidos em separado.

— Também é proprietário do cemitério?

Atkinson anuiu.

— É terreno consagrado, por isso não tem qualquer valor. Não se pode construir nada ali e, como as campas estão todas designadas como infeciosas, os corpos não podem ser exumados.

— A ilha tem interesse científico por causa das focas e dos sapos? — perguntou Poe, lembrando-se do que Bradshaw lhe dissera.

— E dos tartaranhões — acrescentou Atkinson. — Há para aí um ninho com dois, e as crias de anos anteriores continuam a vir até cá.

— Ena! — exclamou Poe. Nunca tinha visto um tartaranhão. Vivia demasiado longe da costa e eles não tinham uma presença muito significativa em Cúmbria. — São eles que controlam a população de coelhos? — Atkinson ergueu o que restava das suas sobrancelhas. — Eu vivo no meio de Shap Fell — explicou Poe. — Não temos uma grande população de coelhos por lá, em parte porque eles competem com as ovelhas pelos alimentos e em parte devido à predação aérea. Temos muitos abutres.

— Os tartaranhões caçam alguns dos coelhos mais pequenos —

confirmou Atkinson. — Os abutres também lhes dão caça, assim como as águias-reais, que aparecem ocasionalmente. Mas são, sobretudo, os coelhos que controlam a sua população. Estamos numa ilha pequena e os alimentos não abundam. Chegam para sustentar um grupo pequeno, mas pouco mais.

A conversa ficou por ali e ambos terminaram o café. Atkinson voltou a encher as canecas.

— A verdade é que havia limitações para as obras que podia fazer — prosseguiu. — No interior, podia fazer o que bem entendesse, mas precisava de uma licença para efetuar alterações à fachada do edifício. Acabaram por autorizar a construção do anexo porque eu consegui provar que precisava de uma sala de tratamento específica e esterilizada.

— Eu vi-a. Muito moderna.

— As queimaduras químicas deixam marcas profundas e duradouras. Requerem um tratamento contínuo para o qual não estava disposto a deslocar-me. Tenho médicos privados, mas eles precisam de um sítio para trabalhar.

— Com que frequência precisa de tratamento?

— Com menos frequência do que antigamente. Preciso de máscaras novas todos os meses, visto que o formato do meu rosto muda à medida que as cicatrizes se tornam menos salientes, e os médicos têm de fazer biópsias para verem até que ponto os nervos estão a regenerar. Tudo o resto consigo fazer sozinho.

Poe bebeu todo o café que tinha na caneca e olhou melancolicamente para a cafeteira vazia. Tendo em conta o preço do café, não se sentiu à vontade para lhe pedir que fizesse mais uma cafeteira.

— Assumo que não sei muito sobre o ataque — reconheceu Poe.
— Ainda não tive tempo de ler o relatório.

— Não há muito a dizer. O homem que me atacou foi motivado pelo excesso de álcool e pelas manchetes dos tabloides. *Fake news*, como lhes chamam agora. O vizinho dele era joalheiro e ele entrou à socapa no armazém onde ele guardava os químicos. Roubou um frasco do ácido nítrico que o joalheiro usava para fazer as gravações, ficou à minha espera à saída do tribunal e atirou-me o

ácido à cara. — Poe esboçou um esgar. — Primeiro, ainda pensei que fosse urina — continuou Atkinson. — A seguir, quando senti a cara a arder, pensei que fosse água a ferver. Só quando senti a minha pele a derreter é que percebi que era ácido.

— Não lhe entrou para os olhos?

— Tapei-os instintivamente com o braço. Foi por isso que tiveram de enxertar pele da coxa no antebraço. Mas também é graças a isso que ainda consigo ver.

— Deve ter sido muito doloroso.

— Foi doloroso até deixar de ser. O ácido queima até ser removido e quando finalmente alguém se lembrou de me molhar a cara com água já o ácido tinha corroído os meus recetores de dor. A minha cara pode parecer uma vela derretida, mas não senti muitas dores nos primeiros meses, apenas quando os nervos começaram a regenerar. Foi quando começou o desconforto. Ainda hoje o sinto.

— A máscara ajuda?

— Ajuda. Mantém as cicatrizes hidratadas e flexíveis. Uso-a sempre que venho à rua porque o ar salgado não me faz muito bem, mas agora costumo tirá-la à noite.

Poe queria continuar a falar. Enquanto estivessem no terraço, podia ir sabendo mais coisas sobre a vida de Atkinson e vigiar a zona ocidental da ilha. Uma situação duplamente vantajosa. Era possível que alguém do passado de Atkinson tivesse contratado o Curador. Alguém sem ligações à J. Baldwin, alguém que tivesse ficado furioso com o veredito e consequente indemnização.

Só saberia se tivesse a oportunidade de o conhecer melhor e, tal como nas operações de reconhecimento, o tempo despendido na recolha de informações quase nunca era desperdiçado.

Capítulo 66

Poe já tinha participado em muitas operações de vigilância, a maioria das quais aborrecidas e desconfortáveis. Horas a fio passadas em propriedades desoladoras, desprovidas de esperança e ambição. Pavimentos rachados e vidas desfeitas. Propriedades onde a única coisa que florescia eram as ervas daninhas e os recrutadores da extrema-direita; onde os únicos rasgos de cor eram os símbolos dos gangues.

Lembrava-se de uma operação em que tinha participado antes de se ter instalado o primado da tecnologia. Tinha sido colocado em posição dentro de um velho *Vauxhall Cavalier*, onde passara oito horas a espreitar por uma fenda estrategicamente aberta na luz de *stop*. A dada altura, o alvo da sua investigação tinha parado para urinar contra a lateral do carro. Até hoje, sempre que via um *Vauxhall*, sentia o cheiro a urina.

Porém, esta não era uma dessas operações de vigilância. Esta operação era uma bênção. Se alguma vez fizesse algo tão inusitado como tirar férias, a ilha de Montague era o tipo de local que escolheria como seu destino. A paisagem era deslumbrante e estava em constante mudança; a vida selvagem, extraordinária, e o café, excelente. O ar marítimo era um bálsamo para o seu peito. Conseguia respirar normalmente pela primeira vez em várias semanas.

Quando o agente que se encontrava na outra ponta da ilha enviou um e-mail a dizer que estava a chegar ao fim do seu turno e que a sua substituta estava mesmo a chegar, Poe não se lembrou da última vez que 12 horas de modorra tinham passado tão depressa. Há oito horas que não se mexia e parecia que os seus ossos tinham enferrujado, mas ele não se importou nada. Levantou-se, esticou as

pernas e arqueou as costas. Alongou os músculos. Alguma rigidez era um pequeno preço a pagar.

Decidiu ir ao encontro da agente, não fosse dar-se o caso de ser alguém que ele não conhecia. Duas pessoas que não se conheciam a patrulhar uma ilha na escuridão era a receita perfeita para um confronto accidental entre polícias.

Quando se aproximou, viu o agente que estava de saída com os olhos colados aos binóculos. Tinha o sobrolho franzido.

— O que se passa? — perguntou Poe.

— A minha substituta não vem sozinha no barco — respondeu ele, entregando-lhe os binóculos.

Poe levantou-os ao nível dos olhos e desatou a rir.

O barco insuflável rígido que transportava a agente trazia um segundo passageiro. Era Bradshaw. Ele nem precisava de perguntar porque é que ela tinha decidido fazer a travessia do canal de Walney. Eram amigos, e desde que tivesse acesso à Internet, ela havia sempre de querer trabalhar onde ele estivesse.

Aparentemente, mesmo que isso implicasse atravessar uma porção de mar picado. Ela não parecia estar a divertir-se. Trazia vestidos dois coletes salva-vidas e um gorro. O seu semblante estava carregado, mas revelava determinação. Parecia ainda mais pálida do que o habitual. Apesar de o barco navegar em poucos metros de água, ela agarrava a amurada como as heras se agarram às árvores.

Poe dirigiu-se, então, para a ponta do cais e apanhou o cabo que o agente da unidade marítima lhe atirou. Como não tinha andado nos escuteiros, atou o cabo com o único nó que conhecia: o nó direito. Direita por cima da esquerda e por baixo, esquerda por cima da direita e por baixo. Em seguida, um puxão para apertar. Dava para o gasto, o barco não era dele.

— Olá, Poe — cumprimentou Bradshaw. — Nunca tinha andado de barco.

— Não me digas.

— Vi um tubarão — acrescentou.

— Já lhe disse que não era um tubarão, era uma toninha-comum!

— gritou o agente. Estava com ar de quem tinha tido uma travessia infernal.

— Não sabes nadar, Tilly? — perguntou Poe.

Ela olhou para ele com uma expressão vazia. Era como se lhe tivesse perguntado se queria comer leitão ao jantar. Ele baixou-se e ajudou-a a subir para o cais.

A agente substituta desembarcou sem precisar de qualquer ajuda. Apresentou-se antes de tirar o colete salva-vidas e de o atirar para dentro do barco. Entregou um pequeno saco de lona a Poe.

— Para quando escurecer — explicou. — Ele puxou as tiras de velcro e olhou lá para dentro. — É um monóculo termográfico — explicou ela. — Um presente da superintendente Nightingale.

Poe acenou em sinal de apreço. Agora é que ninguém entrava naquela ilha.

— Pode devolver-me os meus coletes salva-vidas, por favor? — pediu o agente marítimo a Bradshaw.

— Não.

Ele resmungou por entre dentes. Qualquer coisa como: «Porquê eu?»

— Tenciono usá-los sempre que estiver no exterior — esclareceu Bradshaw.

— Nem pensar. Têm de ficar aqui; fazem parte do manifesto de carga da embarcação.

Seguiu-se uma acesa troca de ideias que o agente não tinha a menor hipótese de ganhar. No final, ele cedeu: Bradshaw podia ficar com um colete, desde que depois o devolvesse.

— Afinal, para que queres o colete salva-vidas? — perguntou Poe, enquanto se dirigiam para o chalé de Atkinson.

— Estive a ver o boletim meteorológico, Poe. Não quero morrer afogada se cair de um penhasco.

— É com as rochas que tens de te preocupar, não com o mar da Irlanda.

Ela estancou de imediato.

— Nesse caso, preciso de um capacete — disse. — Será que o piloto tem um que me empreste?

Era escusado explicar que ele estava a brincar. Ficou à espera

enquanto ela voltava atrás. Regressou dois minutos depois.

— Tiveste sorte?

— Que homem tão malcriado!

Capítulo 67

Para sua surpresa, Atkinson e Bradshaw deram-se logo às mil maravilhas.

— Ele fala a minha linguagem, Poe — disse ela. Bradshaw era proficiente em várias línguas, incluindo Klingon e a língua élfica. Atkinson, que só tinha os livros, um computador e a *Netflix* por companhia, era claramente tão cromo como ela.

— Que linguagem, Tilly?

— A linguagem informática, tolinho.

— Ah... Está bem. Toma, pega nestas canecas e leva-as lá para fora. Consegues?

Encontravam-se na cozinha de Atkinson. Poe estava a preparar mais uma cafeteira daquele café maravilhoso; Bradshaw, por sua vez, preparava algo verde e de aspeto asqueroso chamado chá matcha.

Assim que se sentaram e depois de Poe ter entrado em contacto com a agente que estava na outra ponta da ilha, dedicaram-se a recolher mais informações.

— Sabe de mais alguém que quisesse fazer-lhe mal? — perguntou Poe. — Alguém em quem, porventura, não pensaríamos imediatamente?

— Não. E compreendo o que está a dizer, mas não me parece que tenha sido alguém da J. Baldwin. Não era uma empresa cotada em bolsa e, tanto quanto sei, quando declararam falência, perderam tudo. Não me parece que tivessem dinheiro para contratar esse seu Curador.

Nightingale estava a seguir a pista financeira, mas Atkinson tinha alguma razão. Segundo Melody Lee, o Curador sabia-se vender e nenhuma das pessoas associadas à empresa tinha atualmente

assim tanto dinheiro. A menos que estivesse escondido numa conta *offshore*.

— E as famílias das crianças que ficaram cegas?

— Não me parece que tivessem motivos para o fazer. O julgamento da J. Baldwin não teve falhas.

Não teve falhas nem deixou dúvidas, pensou Poe. Tinha ilibado Atkinson por completo. Porém, se não tinha sido alguém da empresa, e não tinha sido um dos pais das crianças que haviam sofrido queimaduras químicas, quem é que restava? Quem mais tinha sido prejudicado pelo julgamento que terminara num impasse e pela subsequente exoneração de Atkinson?

— Sabemos se alguém viu a sua carreira prejudicada, Tilly? — perguntou Poe. — Algum elemento da polícia? Foi um caso que deu que falar e, naquela altura, o chefe da polícia era o nosso velho amigo Leonard Tapping. Não acredito que ele não tenha encontrado um bode expiatório.

— Acho que ainda não explorámos essa via, Poe. Vou já tratar disso.

Ela tirou o telemóvel do bolso e começou a dedilhar a grande velocidade no teclado.

— Não tem rede aqui, Tilly — disse Atkinson.

— Veremos.

Ela entrou dentro de casa a correr. Poe virou-se para Atkinson.

— Então e os ilhéus?

— Daqui?

Poe assentiu. Atkinson abanou a cabeça.

— Não somos uma comunidade, Sr. Poe, somos um aglomerado de eremitas. As pessoas que vivem aqui não se dedicam a maquinações morosas como esta. Podem discutir ocasionalmente com o barco de abastecimento, mas de resto evitamos o contacto humano a todo o custo.

Bradshaw subiu para uma cadeira e começou a agitar o telemóvel no ar em busca de rede. Apesar de estar dentro de casa, ainda tinha o colete salva-vidas e o gorro vestidos.

— Mas que bando de esquisitoides — refilou ela.

Capítulo 68

Tinha sido uma noite interessante. Por vezes, Poe sentira-se um pouco à margem. Bradshaw e Atkinson tinham falado sem parar de computadores, da *Netflix*, de filmes e de livros. Se ela tivesse conseguido apanhar rede no telemóvel, o mais provável era ter-se mudado de armas e bagagens para ali.

Por isso, Poe tinha feito aquilo que estava ali para fazer: tinha observado.

Tinha observado o mar a desaparecer sob o céu sem luar e tinha-o visto a reaparecer à medida que a aurora irrompia pelas nuvens turvas, anormalmente luminosa, sobretudo por contrastar de forma tão gritante com a escuridão que a precedera. Tinha observado as focas a deslizarem para dentro da água gelada e tinha-as visto a regressar para desfrutarem da sua caça nas rochas escorregadias. E tinha observado as nuvens a cerrarem fileiras e os primeiros flocos de neve a caírem levemente — confetes incolores a pousar silenciosamente no terraço antes de se desfazerem em nada.

Mas, acima de tudo, tinha estado atento a eventuais aproximações à ilha.

Duvidava que um barco conseguisse atracar na vertente ocidental, mas não queria correr riscos. Até então, tudo naquele caso tinha sido invulgar, pelo que, agora que tinha passado ali quase 24 horas, conseguir atracar sem ser visto numa ilha com vigilância a 360 graus já não parecia uma tarefa impossível.

Atkinson saiu para o exterior sozinho na sua cadeira de rodas para oferecer mais uma caneca de café a Poe. Em vez de voltar para dentro de casa, para junto de Bradshaw, posicionou-se ao lado dele, com os flocos de neve a pousarem na sua máscara e ombros como caspa.

Após alguns instantes, Bradshaw juntou-se a eles.

— Porque tentou matar-se, Edward?

Poe reparou que Bradshaw o tratou pelo primeiro nome. Até então, tinha-o tratado por Sr. Atkinson. Não pôde deixar de se interrogar o que teria mudado.

— Alguma vez sofreu de depressão, Tilly?

— Não.

— Eu já. Bateu-me forte e eu não conseguia ver uma saída. Na altura, ainda não usava máscara e as dores eram tantas que eu não conseguia dormir. Podia tomar os comprimidos, que me transformavam num zombie, ou podia continuar exausto. Queria ficar sozinho, mas não suportava o silêncio.

— Parece-me que estava a sofrer de stress pós-traumático, Edward — disse ela.

Poe pensou o mesmo. Não eram apenas os veteranos de conflitos armados que sofriam de stress pós-traumático. Havia quem padecesse disso depois de estar envolvido numa coisa tão simples como um acidente de viação. Um ataque com ácido ultrapassava esse limiar.

— Consulte um psiquiatra — continuou Atkinson. — Ele sugeriu stress pós-traumático, mas a solução dele passava por tomar mais medicação. Entreguei-me ao álcool. Na altura em que decidi suicidar-me já bebia duas garrafas de *Jack Daniel's* por dia.

Bradshaw, que nunca tinha tocado numa bebida alcoólica e, portanto, não conseguia compreender a facilidade com que o álcool podia tornar-se uma muleta, disse:

— Há uma unidade em cada 10 mililitros de álcool e o *sour mash* do Tennessee tem um teor de álcool de 40 por cento. Se pensarmos que uma garrafa normal leva um litro de whisky — levantou os olhos e fez algumas contas de cabeça —, estamos a falar de 400 mililitros de álcool, ou seja, 40 unidades por garrafa. Estava a beber 80 unidades de álcool por dia, Edward.

— Assim tanto? Não fazia ideia de que...

— E a dose semanal máxima recomendada de bebidas espirituosas é de 14 unidades.

Atkinson manteve-se em silêncio. Assim como Poe, que por esta

altura estava a calcular o seu próprio consumo semanal de álcool. Apesar de estar ainda muito longe dos valores de Atkinson, a verdade é que a incerteza relativamente ao seu futuro em Herdwick Croft tinha levado a um aumento do consumo normal. Melhor seria não contar nada a Bradshaw.

Atkinson encolheu os ombros.

— Eu sabia que estava a beber mais do que a conta, mas só conseguia ver um futuro desolador. Encontrar a morte no fundo de uma garrafa não me parecia assim tão má ideia.

Bradshaw não tinha uma resposta para aquilo. A sua peculiar visão do mundo implicava uma ocasional incapacidade para a empatia, mas ela parecia compreender que não era altura para prosseguir com uma prédica sobre os malefícios do consumo excessivo de bebidas alcoólicas.

— Seja como for — prosseguiu Atkinson —, aquilo estava a demorar muito tempo e, depois de uma noite particularmente difícil, decidi que não queria continuar. Atei dois lençóis e prendi-os ao corrimão. Passei a outra ponta à volta do pescoço e deixei-me cair.

— O que aconteceu, Edward? — perguntou Bradshaw. — Se tivesse sofrido lesões na zona do pescoço, teria ficado tetraplégico e não paraplégico; com paralisia nos quatro membros e não apenas em dois.

Poe fez uma careta perante a sua falta de tato. Atkinson sorriu.

— O que aconteceu foi que os construtores não sabiam o que estavam a fazer, Tilly. O corrimão deu de si e eu caí de uma altura de quatro metros e meio. A base da coluna bateu no fundo das escadas e eu fiquei paralisado da cintura para baixo. Em vez de pôr fim ao meu sofrimento, tripliquei-o.

— Foi internado? — perguntou Poe, que já sabia de antemão a resposta.

Atkinson assentiu.

— Feitas as contas, foi um ano de merda.

— Mas deve ter ajudado.

— Nem por sombras. No hospital, só tive má terapia e bons tranquilizantes.

— Então...?

— Recebi parte da indemnização e consultei um médico que veio de Londres com uma máscara. A dor desapareceu na mesma altura em que tive a possibilidade de me afastar de tudo e de todos. Um agente imobiliário comprou este terreno em meu nome e eu gastei uma batelada a torná-lo acessível e a construir este terraço. Apesar de não estar contente da vida, ao menos já consigo imaginar a minha velhice.

Poe acenou com a cabeça. Encontrar paz de espírito não era um objetivo ao alcance de todos. O facto de Atkinson ter estado diante do abismo, ou melhor, ter saltado para o abismo e sobrevivido era uma prova notável da resistência humana. Mentalmente, reforçou o compromisso de preservar a segurança daquele homem.

— Aceita mais café, Sr. Poe? — ofereceu Atkinson.

— Ele não bebe mais, obrigada, Edward — interveio Bradshaw, antes que Poe pudesse aceitar. — A dieta dele praticamente não inclui fibras, se não tiver cuidado, vai acabar por...

Poe não estava interessado em saber como ia acabar e, felizmente, a maré concordava com ele.

O rádio deu sinal de vida. Era a agente que estava no cais.

— A sua substituta está a chegar — informou ela.

Capítulo 69

Flynn, que sofria os efeitos de uma gravidez de oito meses no seu equilíbrio, agarrava-se à amurada do barco insuflável rígido com a mesma força que Bradshaw na noite anterior. A sua barriga tinha uma dimensão tal que ela nem conseguia prender o colete salvavidas e por isso trazia-o solto, como um colete desabotoado. Poe desconfiou que tivesse havido uma discussão acesa antes de lhe darem autorização para entrar no barco.

Grunhiu de satisfação quando viu o seu companheiro de viagem. Era Dave Coughlan. O matulão podia não dever muito à inteligência, mas parecia ser fiável e inabalável. Poe duvidava que ele se assustasse com facilidade. Seria menos uma coisa com que se preocupar quando estivesse no continente.

Poe, Coughlan e a agente que este ia substituir ajudaram Flynn a sair do barco. A neve ainda não era visível, mas era suficiente para tornar o cais traiçoeiro. Ela lançou-lhes olhares furiosos, mas acabou por permitir que a ajudassem a subir.

— Isto morre aqui, Poe — advertiu, quando já estava em terra firme.

O agente marítimo atirou o saco dela e Poe apanhou-o.

— Anda daí, chefe — disse ele. — Enquanto a Tilly faz os seus exercícios de segurança marítima ridículos, eu acompanho-te e aproveito para te apresentar ao Atkinson.

*

— Tens a certeza de que consegues fazer isto? — perguntou-lhe Poe. — Não há mal nenhum em ficares de fora desta vez. Posso

perfeitamente fazer mais um turno enquanto tu chamas alguém da NCA para me substituir.

Flynn resfolegou.

— Tens-te visto ao espelho? Tens os olhos inchados como os tomates de um cão de corrida. Vai mas é para casa. Preciso que estejas repousado e preciso que a Tilly ajude a Nightingale a encontrar o tipo que está por detrás disto.

Poe assentiu. Ela tinha razão.

— Até daqui a duas marés. Amanhã mais ou menos por esta altura, digo eu.

Com Flynn abrigada em segurança no terraço do chalé de Atkinson, Poe apressou-se a regressar ao cais para falar com Coughlan.

— Não me interessa o que ela diz — disse-lhe —, contacte-a via rádio a cada quarto de hora e...

— Não foi isso que ela me disse quando vínhamos para cá...

— Olhe para mim, Dave — cortou Poe, com os olhos fixos no agente. — A cada quarto de hora. Não quero que ela entre em trabalho de parto e não tenha a ajuda necessária só porque é demasiado teimosa para a pedir.

— A cada quarto de hora — assegurou ele.

— E vá ver dela de hora a hora.

— Tem noção de que ela é minha superior.

— Todos são seus superiores — respondeu Poe —, mas eu sou um inspetor da NCA e nós temos sempre razão.

— Contacto via rádio a cada quarto de hora e contacto visual de hora a hora — confirmou Coughlan, com um sorriso escarninho.

— Transmite as minhas instruções ao seu substituto?

— Com certeza.

— Lindo menino — disse Poe, enquanto lhe entregava um pedaço de papel. — Esta é a palavra-passe do wi-fi do Atkinson. Se a Flynn estrebuchar consigo, envie-me um e-mail, a mim ou à Tilly. Um de nós vai estar acordado.

A viagem de barco de volta ao continente decorreu sem sobressaltos e não tardaram a fazer-se à estrada. Bradshaw recusara-se a ficar num hotel em Walney e reservara um quarto em Shap Wells, o hotel que ficava mais perto de Herdwick Croft. Queria continuar a trabalhar.

Poe sabia que devia dormir, que as horas de sono perdidas à conta do café de Atkinson não demorariam a cobrar um preço pesado, mas continuava agitado e desperto. Decidiu trabalhar até o seu corpo o obrigar a parar e a dormir. Queria dormir pelo menos seis horas antes do turno seguinte na ilha.

O acinzentado do terreno agreste parecia ter contaminado o céu. Até a neve estava mais pardacenta, tendo perdido os tons de branco brilhante do dia anterior. Não caía com muita intensidade por isso Poe não precisou de ajustar a velocidade dos limpa-para-brisas do carro além do modo intermitente. Os Toupeiras de Bradshaw já tinham enviado informações sobre os agentes da polícia cujas carreiras haviam sido destruídas por causa de Atkinson. Ela esforçava-se por ler o que eles tinham enviado, mas o ar quente que saía dos ventiladores em conjugação com o facto de não ter consumido cafeína a noite toda, tornavam as suas pálpebras pesadas.

Ele estava prestes a dizer-lhe para não se debater com o sono quando o seu *BlackBerry* voltou a ter rede. Começou a vibrar de forma incessante com as chamadas e mensagens perdidas das últimas 24 horas. Entregou o telemóvel a Bradshaw e pediu-lhe para ver o que se passava.

Ela pestanejou para afastar o cansaço.

— Tens três chamadas perdidas, Poe. Todas do mesmo número. Não deixaram mensagem.

— Eu desativei o voice-mail.

Bradshaw olhou para ele.

— Alguém desativou o voice-mail por mim — confessou. — Podes ligar de volta? Posso ouvir no altifalante do carro.

Bradshaw pressionou o botão de chamada.

— Estou? — disse uma voz ensonada, do outro lado da linha.

— Fala o inspetor Washington Poe. Julgo que tentou entrar em

contacto comigo.

— Ah, inspetor Poe — disse a voz entaramelada. — Como estão as coisas por aí?

Era a agente especial Melody Lee.

Capítulo 70

Melody Lee queria fazer um ponto da situação. Poe contou-lhe tudo o que sabiam — que, com a sua ajuda, tinham conseguido ver a parte da história que o Curador fizera por esconder; que sabiam agora quem era o seu último alvo.

— Então, acha que ele não sabia que o Cowell tinha tesão pela irmã?

— Acho que não. A Tilly diz-me que não havia *malware* no computador dele, por isso não podia saber que o Cowell tinha um vídeo que o ilibava. A Tilly acha ainda que é possível que ele só quisesse incriminar o Cowell no homicídio da Rebecca Pridmore e que tinha outros jogadores do Black Swan Challenge em mente para os outros crimes.

— Mas o rastreamento por pontos amarelos associou-o aos três crimes — disse Melody Lee.

— Exatamente. E quando o vídeo da irmã a fazer sexo ilibou o Cowell do homicídio no qual tinha sido incriminado, acabou por inadvertidamente ilibá-lo de todos os crimes.

— Vocês estão feitos num belo molho de brócolos, inspetor Poe. Pode manter-me informada?

— Com certeza.

— Então, boa sorte. E tenha cuidado: sei por experiência própria que quando julgamos saber o que o Curador anda a tramar, é porque estamos a cair na armadilha dele.

*

— Porque é que ela disse aquilo, Tilly? Agora, não me sai da cabeça. — Poe estava preocupado e não sabia porquê. A ilha de

Montague estava segura. Completamente isolada. Flynn vigiava a zona ocidental, Coughlan a zona oriental. Agora que tinham equipamento termográfico, quem se aproximasse da ilha não passaria despercebido. Havia polícias armados nas imediações, prontos para entrar em ação assim que fossem chamados. — O que é que nos está a escapar, Tilly?

— Não me ocorre nada, Poe. Além da identidade do Curador e da pessoa que o contactou, claro. De resto, temos o quadro completo.

Ele assentiu. Tinham mesmo o quadro completo. E aí é que residia o problema. Num caso tão complicado como aquele, por esta altura ainda devia haver uma ou duas coisas que não faziam sentido.

— Vou ligar à Nightingale — anunciou.

— Tem sido demasiado fácil — disse Poe.

— Fácil? — respondeu Nightingale. — Tem sido o caso mais complicado que já investiguei.

Nightingale estava prestes a entrar para uma reunião com a chefe da polícia, por isso não tinha muito tempo para lhe dispensar.

— Acha mesmo? — insistiu Poe. — Tem sido chocante e perturbador, mas pense um pouco: desde que encontrei a chaleira, que não estava propriamente escondida, que todas as pistas nos fizeram chegar mais perto do ponto onde estamos agora. Não há falhas. Não tivemos de dar nenhum tiro no escuro. Foi apenas uma cadeia ininterrupta de provas que nos levaram até ao Edward Atkinson na ilha de Montague.

— Mas nenhuma das provas foi fácil de encontrar, Poe.

— Exatamente. — Ele fez uma pausa. — O que nos fez confiar nelas?

— O facto de serem convincentes — respondeu ela sem hesitar.

— Não.

— Não?

— Algo mais primitivo do que isso, algo intrinsecamente cerebral.

— Sou toda ouvidos.

— Psicologicamente, estamos predispostos a confiar mais em

provas que tivemos dificuldade em obter. E, como referiu, tivemos de nos esforçar para encontrar todas as provas, mas elas estavam lá. Nunca perdemos o rasto de vista. Creio que, à exceção dos pontos amarelos da Tilly, estávamos destinados a encontrar todas as provas com que nos deparámos. É quase como se ele quisesse que chegássemos primeiro ao Atkinson.

— Oh, merda — replicou ela. — Será possível que ele não tivesse conseguido encontrar o Atkinson? Que nos tenha permitido identificá-lo de forma deliberada para que o conduzíssemos até ele? Tudo o que ele tinha de fazer era seguir alguém que estivesse envolvido na investigação. Eu, provavelmente. Tenho dado conferências de imprensa diárias.

Poe já tinha pensado nisso, mas descartara a hipótese.

— Alguém com os recursos que ele tem seria sempre capaz de o encontrar. E mesmo que tivesse dificuldades em encontrá-lo, devia saber que, mal identificássemos o seu alvo, faria exatamente o que fez: tornar a ilha inexpugnável. Bastam duas pessoas para termos uma cobertura de 360 graus. Temos agentes armados a postos em permanência e a unidade marítima consegue pô-los na ilha numa questão de minutos. A segurança pode parecer escassa, mas isso é uma ilusão. É até extremamente apertada. É impossível ele conseguir chegar ao Atkinson. A sua melhor hipótese foi sempre manter o sigilo.

— Então, qual é o problema, Poe?

— Não sei, e é isso que me preocupa.

Capítulo 71

O céu adquirira tons plúmbeos, com nuvens muito densas e imaculadas até onde a vista alcançava. Nuvens gravosas para um tempo gravoso. O instituto de meteorologia tinha lançado um alerta amarelo para neve, e Poe fez o que fazia sempre que havia um alerta: acrescentava um nível de perigosidade. Shap Fell experimentava sempre uma versão mais agravada do tempo que fazia em Cúmbria, e apesar de a neve não estar a cair com muita intensidade, só teria tendência a piorar.

Bradshaw insistira em acompanhá-lo até Herdwick Croft. Disse que ainda tinham trabalho a fazer e ele sabia que não valia a pena argumentar. A moto-quatro tinha capacidade para enfrentar a neve, por isso ao menos ela não ficaria atolada a meio caminho — os veios dos pneus tinham uma profundidade de quase quatro centímetros. Mesmo assim, ele avançou com todas as cautelas, testando os limites de derrapagem, e chegou a Herdwick Croft 15 minutos mais tarde do que o previsto.

Assim que entraram em casa, Poe pôs a chaleira ao lume e acendeu a salamandra. Já bebera a sua dose de café, mas preparou um chá de urtiga a Bradshaw. Ela aceitou-o de bom grado.

— Por onde queres começar, Poe?

Poe debatia-se com os seus pensamentos há mais de uma hora e continuava sem saber quem levaria a melhor.

— Sinto-me como o idiota que espreita pelo buraco do correio na porta e julga que viu a casa toda, Tilly. É impossível que um tipo tão engenhoso não saiba que identificámos o alvo dele, por isso ou ele acautelou contingências ou a nossa presença na ilha sempre fez parte do seu plano.

— Mas que plano seria esse, Poe?

Poe parou por alguns instantes para tentar desatar o nó que tinha no cérebro. Nada daquilo lhe fazia sentido; algumas provas contradiziam-se entre si — era como tentar fazer um cubo mágico em constante mudança. Quando escrutinados, todos os suspeitos que haviam identificado e todas as pistas que haviam descoberto mais pareciam uma peça quadrada que tentavam enfiar num buraco oblongo. Encaixava, mas não totalmente.

Por isso ele decidiu concentrar-se nos buracos que ficavam à mostra. Era ali que pensava encontrar as respostas. As verdadeiras respostas, não as provas falsas que recebiam a conta-gotas. E dispunham de informações suficientes para não estarem muito longe da verdade — ainda intangíveis, é certo, mas a um saltinho de fazerem o clique. Como quando nos lembramos da letra de uma canção há muito esquecida assim que a guitarra toca os primeiros acordes.

Poe não sabia quem tinha adormecido primeiro. Desconfiava que tinha sido ele. Lembrava-se de estar a meio de uma conversa com Bradshaw que já perdera o sentido. Qualquer coisa que ver com o facto de o Curador querer que chegassem à ilha, mas de Atkinson ser intocável enquanto estivessem lá. Quanto mais a conversa se estendia, menos sentido fazia. Por fim, Poe tinha-se sentado e começado a bocejar.

O seu colarinho estava molhado de baba, a cabeça parecia ter sido recheada com *marshmallows* e a boca estava seca. Olhou para o relógio. Eram quase 18h30. Em breve, haveria nova maré alta e o turno de Coughlan chegaria ao fim. Decidiu enviar-lhe um e-mail. O polícia veterano tinha prometido transmitir as suas instruções de contacto com Flynn ao seu substituto, e ele queria lembrá-lo disso mesmo.

Poe levantou-se, esticou os braços, aproximou-se do lavatório e abriu a torneira. Quando terminou de encher o copo, já Bradshaw tinha acordado. Tinha dormido enroscada no sofá, no sítio onde *Edgar* costumava dormir.

— Que horas são, Poe? — disse, por entre um bocejo.

— É tarde. São quase 18h30. Vou levar-te a Shap Wells. Amanhã temos de nos levantar cedo.

Bradshaw assentiu, exausta, enquanto esfregava a nuca.

Quando já tinha tudo aquilo de que precisava, Poe abriu a porta da rua.

— Merda! — exclamou.

Era esse o problema de Shap Fell: quando o tempo mudava, mudava depressa. A neve, que caía como confetes duas horas antes, tinha-se transformado num vórtice branco. A palavra nevão parecia ficar aquém do que ele tinha à sua frente. As montanhas da Cúmbria mais pareciam a tundra do Ártico. Era o tipo de mau tempo que fazia os turistas mal preparados entrarem para as estatísticas de baixas. Era o tipo de mau tempo que fazia os montanhistas mais experientes entrarem para as estatísticas de baixas...

Conduzir até Shap Wells seria um erro. Potencialmente fatal.

Disse isso mesmo a Bradshaw e ela concordou.

— Eu durmo no sofá — disse Poe —, podes ficar com a cama. Posso preparar umas batatas. Vai tomar um duche. A tempestade vai passar não tarda, mas mais vale ficarmos confortáveis.

— Está bem, Poe.

Pouco depois, ouviu a água a correr no andar de cima. Era a primeira vez que isso acontecia — nunca ninguém tinha passado a noite com ele no chalé. Até então, se havia água a correr no duche, era ele quem estava por baixo do chuveiro.

Enquanto as batatas assavam e Bradshaw tomava banho, Poe posicionou-se à frente da parede com o material relacionado com o caso. Voltou a ler os documentos. Todos. Até mesmo aqueles que pareciam ser irrelevantes. Por vezes, o tal clique vinha dos sítios mais inesperados. O comentário extemporâneo, o pensamento sem nexos, o cheiro que evocava a recordação que desencadeava algo que se escondia nos recantos da mente.

Poe olhou fixamente para a parede durante 20 minutos. Nada.

Se havia um clique, ele não estava naquela parede.

Um barulho fê-lo olhar para cima. Bradshaw estava ao cimo das escadas. Tinha vestido o seu roupão e trazia uma toalha enrolada à cabeça. Era a coisa mais feminina que ele alguma vez a tinha visto fazer. Estava corada e reluzente. O duche tinha lavado grande parte da sua fadiga.

— A pressão do teu chuveiro é fantástica, Poe.

Era verdade. E a água, recolhida diretamente dos lençóis freáticos, não podia ser mais pura.

— As batatas ainda precisam de mais 20 minutos. Não sei se tenho coisas *vegan* para o recheio, mas serve-te do que encontrares. Eu vou fazer uma morcela para mim.

Poe subiu as escadas e despiu-se. A salamandra estava a cumprir a sua função e o chalé estava acolhedor. Se não tivesse uma convidada, ter-se-ia metido na cama e dormido até de manhã. Entrou no chuveiro, reajustou a altura que Bradshaw tinha baixado, fechou os olhos e esfregou a cabeça com champô.

Subitamente, sentiu uma agitação no fundo da sua mente. Parou de lavar a cabeça. Poe sabia que a sua mente era como um dos programas informáticos personalizados de Bradshaw: nunca parava de processar o que tinha lido.

O que tinha ouvido.

O que tinha visto...

Uma memória veio à superfície, tão real que mais parecia que ele tinha voltado atrás no tempo.

Abriu os olhos de repente enquanto fazia associações atrás de associações; todas as peças começavam a encaixar perfeitamente e a formar um pesadelo inimaginável. As palavras de Melody Lee tomaram conta da sua mente: «Quando julgamos saber o que o Curador anda a tramar, é porque estamos a cair na armadilha dele.» Poe tinha cometido um erro imperdoável.

Atkinson não era o alvo. Era o isco...

A cerca de cem quilómetros de distância, na ilha de Montague, Stephanie Flynn observava o mar. Tinha os olhos pesados e nebulosos — uma consequência de passar horas a usar o

equipamento termográfico. Estava abrigada do nevão no alpendre que Atkinson usava para manter a lenha seca. A vista não era perfeita, mas tinha a certeza de que ninguém conseguiria aproximar-se da ilha sem ser visto.

Tinha os pés inchados, mas ainda conseguia manter-se de pé. Começava a concordar com o que Poe tinha tido medo de dizer: que ela não devia estar a trabalhar; que devia ter começado a licença de maternidade há um mês. Tinha sido um disparate continuar a trabalhar depois disso.

Terminaria aquele turno e entraria em contacto com o diretor Van Zyl assim que chegasse ao continente. Notificá-lo-ia do início da sua licença e pediria que enviasse alguns agentes da NCA. Havia um edifício cheio deles em Manchester. Sabia que ele não lhe diria que não. No que dizia respeito à licença de maternidade, Van Zyl estava do lado de Poe, Zoe e Bradshaw. Só tinha estado a adiar para irritar a irmã. Se Jess dissesse que gostava de um bolo, Flynn não voltaria a comê-lo — era essa a natureza da sua relação.

Um barulho fê-la virar-se.

Os seus olhos arregalaram-se com o choque.

— Você!

— Eu — concordou o Curador, antes de lhe desferir um murro na cara.

Capítulo 72

— Vamos sair daqui a um minuto! — gritou Poe, enquanto descia as escadas a correr para ir ter com Bradshaw.

Ela olhou para a sua expressão, acenou uma vez com a cabeça e galgou as escadas para se vestir.

Linda menina. Sem perder tempo, sem fazer perguntas.

Poe tentou ligar a Nightingale.

— Atenda, atenda — instava.

Nada. Nem sequer tocava.

Olhou para o ecrã e leu: «sem rede».

— Merda!

Não perdeu tempo a tentar ligar de novo. A falta de rede era uma ocorrência normal em Shap quando estava bom tempo e algo totalmente imprevisível quando estava mau tempo. Sabia que só teria rede quando se aproximasse de uma torre de telecomunicações.

Juntou tudo aquilo de que se lembrou para o que seria uma viagem perigosa até Shap Wells. Tinha a certeza de que se chegasse ao seu carro, conseguiria chegar à M6. Sendo a única autoestrada de Cúmbria, era possível que ainda estivesse aberta e, se o tempo no Sul não estivesse tão mau como em Shap, chegaria a Snab Point, na ilha de Walney, dentro de uma hora.

Agarrou no casaco e calçou as botas. Tinham a sola alta e davam bom andar. Só tinha um par de luvas e teria de as emprestar a Bradshaw. Subiu as escadas três degraus de cada vez, entrou no quarto e agarrou num par de meias verdes do Exército que tinha na cómoda. Eram meias de lã grossas que serviriam de luvas em caso de emergência. Guardou-as no bolso. Ao sair do quarto, deu de caras com Bradshaw, que estava a sair da casa de banho, já vestida

e com uma expressão determinada, mas assustada, estampada no rosto.

— O que se passa, Poe?

— Conto-te tudo no carro, mas acho que a inspetora-chefe Flynn está em apuros, Tilly. E dos graves.

Ela cerrou os dentes e o seu olhar míope tornou-se gélido.

— Conta comigo, Poe.

A um quilómetro e meio de Herdwick Croft, a moto-quatro abrandou até parar por completo. As rodas patinaram sem tração.

Ele tinha sempre uma pá na moto para o caso de ficar «atolado numa zona pantanosa», mas os pneus não valiam de nada perante aquela altura de neve. Podia passar 15 minutos a escavar até libertar a moto-quatro, mas o mais certo era ela ficar novamente atolada alguns metros mais à frente.

Virou-se para Bradshaw, protegeu os olhos com o braço e gritou por cima da tempestade.

— Estamos atolados, Tilly! Vamos ter de continuar a pé.

Ela apertou os cordões da sacola e correu o fecho do casaco, de modo a tapar a parte inferior do rosto. Assentiu.

Poe inclinou a cabeça, semicerrou os olhos até estarem praticamente fechados e pôs pés ao caminho.

A moto-quatro permitira percorrer cerca de um quilómetro e meio, por isso Poe calculou que se seguissem durante mais um quilómetro e meio no mesmo sentido conseguiriam chegar a Shap Wells. Mas estava preocupado. O pó branco que se agitava no ar tinha ocultado os pontos de referência habituais e ele já se tinha desviado demasiado para a esquerda.

Bradshaw, que seguia cinco metros atrás dele, corria o risco de se fundir com a paisagem — já era praticamente um recorte pouco preciso de um ser humano. Ele parou e esperou por ela. Sabia que se eles se separassem, ela se perderia e morreria congelada.

Despiu o casaco, tirou a camisola e voltou a vestir o casaco. Entregou-lhe uma das mangas da camisola e agarrou na outra.

— Sem discussões, vou prender-te a mim.

À semelhança da sua, a cara dela estava muito corada. Apesar do medo que sentia, ela sorriu-lhe e ergueu os dois polegares. Ele sabia que ela só desistiria se caísse morta no chão.

Com a neve a queimar-lhe o rosto exposto e o vento a penetrar na luvas-meias e a enregelar-lhe os ossos, Poe avançou naquela que esperava que fosse a direção certa. Mal conseguia ver além do vapor da sua respiração.

Durante dez minutos, arrastaram-se pelo caminho, com os pés a triturar a neve e a respiração a embaciar o ar. Avançaram a custo por entre montes de neve e desceram apressadamente as encostas abrigadas do vento. Bradshaw respirava a custo, mas ele também. O ar gelado queimava-lhe os pulmões e, apesar de estar habituado à atividade física, a sua doença recente tinha-o enfraquecido mais do que previra. Começou a ficar ofegante. Bradshaw, que nunca tinha feito exercício físico na vida, não se queixava. Sempre que ele olhava para ela, Bradshaw sorria e mostrava os polegares. Ela dava-lhe força para seguir em frente.

Poe baixou a cabeça e seguiu em frente.

Um puxão na camisola que estavam a usar como cabo fê-lo virar-se para trás. Bradshaw apontava para qualquer coisa. Ele olhou, mas não conseguiu ver nada. Os seus olhos estavam rasos de água. Os de Bradshaw estavam secos, provavelmente porque os óculos os protegiam do vento mais forte. Daquela vez, ela conseguia ver mais longe do que ele.

— Estou a ver o hotel, Poe! — gritou-lhe ao ouvido.

Ele esforçou a vista, mas não viu nada.

— Vai tu à frente, eu sigo-te — disse-lhe, então.

Com novo ânimo, recomeçaram a caminhada.

Capítulo 73

Com um ponto de referência agora, percorreram os últimos oitocentos metros em pouco tempo e depressa se viram dentro do *BMW X1* de Poe, com o aquecimento no máximo. Arrancaram a grande velocidade do parque de estacionamento do hotel Shap Wells. O vento soprava a neve do alcatrão para os tojos e fetos que ladeavam a estrada e os seus pneus de inverno e tração integral permitiram-lhes galgar a estrada íngreme que desembocava na A6.

Pouco depois, já estavam a rodar numa M6 praticamente deserta e, como se estavam a afastar das terras altas de Shap, a tempestade começou a amainar. Continuava a nevar, mas pelo menos a visibilidade já não era nula. Poe tentou ligar para Nightingale mais uma vez, mas o seu telemóvel continuava sem rede. Pressionou o pedal do acelerador e o *BMW* não se fez rogado.

Cem.

Cento e dez.

Cento e trinta.

Não acelerou mais. Aquela era a velocidade máxima a que estava disposto a conduzir naquelas condições. Tudo o que fosse acima disso seria uma imprudência e ele tinha de pensar em Flynn, mas também em Bradshaw.

— O que se passa, Poe? — perguntou Bradshaw. — Porque é que a inspetora-chefe Stephanie Flynn está em apuros?

Ele contou-lhe o que sabia.

Quanto terminou, olhou para ela. Bradshaw estava à procura das palavras certas. Em silêncio, como se não quisesse acreditar sem antes as testar na sua mente.

— Mas porquê, Poe?

Ele contou-lhe o seu raciocínio. Nem acreditava no que estava a

ser obrigado a dizer. Era horrível, mas era a única coisa que fazia sentido.

No final, ela olhou para ele e depois para o conta-quilómetros.

— Então, porque é que vamos tão devagar?

Ele pôs prego a fundo e o conta-quilómetros marcou cento e sessenta quilómetros e continuou a avançar no sentido dos ponteiros do relógio.

Voltou a ligar para Nightingale. Desta vez, conseguiu que o telemóvel tocasse do outro lado.

— Poe? — disse ela. — Está tudo bem?

Ele contou-lhe o que sabia. Ela não o interrompeu.

Quando terminou, ela disse simplesmente:

— Já lhe ligo.

Cinco minutos depois, ela estava a ligar de volta. A sua voz estava rouca, como se tivesse estado a gritar instruções. Já se encontrava na rua e em movimento. Teve de gritar para que ele a ouvisse.

— O que raio se passa aqui, Poe? Não conseguimos entrar em contacto com o inspetor Coughlan ou com a inspetora-chefe Flynn!

Poe assentiu, furioso.

— Deixe-me adivinhar: o inspetor Coughlan ofereceu-se para fazer mais um turno — disse.

Nightingale fez uma pausa.

— Como é que sabe? Só agora é que fiquei a saber disso. Ele comunicou via rádio a dizer que queria fazer mais um turno. O meu assistente não viu motivos em contrário.

Poe manteve-se em silêncio. Já tinha começado.

Capítulo 74

Nightingale chamara a equipa de intervenção armada, mas os piores receios de Poe tinham-se concretizado: a maré ainda estava a subir, pelo que as águas não tinham profundidade suficiente para que pudessem atravessar o canal de Walney num barco insuflável rígido da unidade marítima. Estavam presos em Snab Point durante pelo menos mais uma hora.

— Tente não se preocupar, Poe. A tempestade destabilizou as nossas comunicações — Nightingale esforçava-se por dizer algo reconfortante. — Pode não ser aquilo que pensa. — Mas era, ele sabia que era. E sabia que Nightingale também sabia que sim. — Não podemos enviar um helicóptero até lá, mas a equipa de intervenção vai fazer a travessia assim que a água tiver profundidade suficiente — acrescentou. — Na melhor das hipóteses, eles...

Poe cortou a chamada. Abriu o pisca e deixou a M6 na saída 36. Quando já estava na estrada de Barrow virou-se para Bradshaw e disse:

— Arranja maneira de irmos para aquela ilha, Tilly.

Enquanto Bradshaw trabalhava, Poe não disse nem fez nada. Não tamborilou no volante e não se agitou no banco do carro. Não suspirou e não lhe perguntou se demorava muito. Conduziu e manteve-se em silêncio. Bradshaw tinha uma missão impossível e precisava de silêncio.

Ele olhou para ela.

Tinha o portátil aberto e estava a fazer contas, com os dedos a correr por cima do teclado e os lábios cerrados para ajudar à concentração.

Passaram cinco minutos.

— Talvez haja uma forma, Poe, mas não vais gostar.

Ela disse-lhe do que se tratava.

Tinha razão. Ele não gostou.

Poe entrou em Barrow ignorando por completo as restrições de velocidade — a tempestade tinha afastado as pessoas das ruas — e seguiu para a zona do porto. Bradshaw não queria que ele abrandasse abaixo dos oitenta quilómetros por hora.

Um semáforo à sua frente passou de amarelo para vermelho. Um táxi e um *Audi* cor de prata obedeceram ao sinal de paragem, ao contrário de Poe. Ultrapassou-os e seguiu em frente.

— Já se ouviu — murmurou, quando um carro que vinha na direção contrária lhe apitou.

Pouco depois, já se encontravam na zona do porto. Bradshaw continuava colada ao portátil, a acompanhar os progressos.

— Que tal estamos?

— Vai ser à justa, Poe — disse. — Não podemos mesmo parar.

O telemóvel tocou. Poe pressionou o botão para atender no volante sem deixar de olhar para a estrada. Era Nightingale.

— Onde está, Poe?

— Estou a atravessar a ponte para a ilha de Walney.

— Estamos todos em Snab Point — disse ela. — A unidade marítima aceitou zarpar em condições de profundidade que não são ideais. Estão a apontar para daqui a uma hora. Não pode ir com eles, mas posso colocá-lo no segundo barco.

Poe não disse nada. Virou à esquerda na ponte e seguiu para sul ao longo da marginal da ilha de Walney. Pouco depois chegou à aldeia isolada de Biggar e percorreu a Mawflat Lane sem grandes problemas. O pior da tempestade não tinha chegado a Walney ou já tinha passado. Uma lua tímida lançava os seus raios pálidos por entre as nuvens baixas. Poe grunhiu de satisfação. Devia ser suficiente para conseguirem ver a silhueta da ilha de Montague.

Walney tinha 18 metros de comprimento, mas a distância entre a ponte e Snab Point era inferior a oito. Poe ignorou o mau estado da

estrada e as condições atmosféricas e pôs novamente prego a fundo.

Bradshaw não tirava os olhos do computador.

— Estamos mesmo a chegar a Snab Point — disse-lhe Poe. — Mantenha-se em linha.

— Porquê? — perguntou Nightingale.

Poe ignorou-a.

— Que tal estamos? — sussurrou.

Bradshaw encolheu os ombros.

Mesmo que nunca tivesse estado em Snab Point, Poe não precisaria de indicações. Havia clarões no ar como se estivesse a decorrer um concerto de *rock*. Nightingale tinha chamado a cavalaria. Havia pelo menos 12 carros-patrolha, dois dos quais Poe reconheceu como pertencendo à equipa de intervenção armada. Todos eles com as sirenes ligadas.

Abrandou quando se aproximou do local. Não podia ser de outra maneira. Viu Nightingale ao telemóvel, com o pescoço esticado à procura dele. Ele fez sinal de luzes.

— Estou a vê-lo — confirmou ela. — Estacione onde conseguir e venha equipar-se. Estamos todos a usar coletes à prova de bala.

Poe manteve-se em silêncio.

Não fazia tenções de usar um colete à prova de bala.

Não fazia tenções de parar...

Capítulo 75

A solução de Bradshaw era simples.

Simples, mas ainda assim temerária, como aquelas que ele costumava ter.

A maré estava a subir demasiado depressa para se fazer a travessia de carro, mas as águas ainda não tinham profundidade suficiente para se usar um barco insuflável rígido.

A solução de Bradshaw passava por conduzir o carro pelo canal de Walney até onde a maré permitisse, abandonar o veículo no areal e fazer o resto do caminho a pé. Uma variação do que tinham feito com a moto-quatro a caminho de Shap Wells há menos de uma hora.

Ela garantiu-lhe que os cálculos batiam certo. Se tivessem sorte e a maré não lhes reservasse surpresas, tinham 60 por cento de probabilidade de não se afogarem. Infelizmente, havia 100 por cento de probabilidade de ele ficar sem o carro no mar da Irlanda e zero por cento de probabilidade de conseguir acionar o seguro.

Poe confiava nos cálculos de Bradshaw e como não via alternativa, em vez de seguir as indicações de Nightingale para estacionar e vestir um colete à prova de bala, acelerou quando passou por ela, ignorou as instruções que ela lhe gritou e os sinais que proibiam a condução de veículos numa zona de interesse científico e enfiou-se mar adentro...

*

— Poe! — gritou Nightingale ao telemóvel. — Mas que raio pensa que está a fazer?! Volte já para aqui! É uma ordem!

— Peço desculpa, superintendente — disse ele —, mas isto agora

é uma operação da NCA.

— Poe, preste atenção...

Ele desligou a chamada. Não lhe agradava fazer aquilo. Tinha muito respeito por Nightingale e teria preferido obedecer às suas ordens.

Virou-se para Bradshaw.

— Agora é connosco, Tilly.

— Vamos chegar a tempo, Poe.

Assim que entraram no canal de Walney, no sítio onde acabava a vegetação e começava o areal, Poe abrandou e acionou a função de condução integral. A velocidade já não era sua amiga. Pelo contrário, faria com que eles ficassem atolados antes de chegarem ao ponto onde Bradshaw calculara que podiam abandonar o veículo e ter tempo suficiente de chegar à ilha sem se afogarem. Disse-lhe que tinha de manter uma velocidade constante de trinta quilómetros por hora durante o máximo de tempo possível, mas ele insistiu nos cinquenta enquanto foi possível, para ganhar alguma margem de segurança.

Estranhamente, revelou-se uma travessia sem sobressaltos.

Poe estava assustado. Aterrorizado, até. Olhou para Bradshaw, que não tirava os olhos do ecrã do portátil, e sentiu que ela voltava a dar-lhe forças. Se ela conseguia enfrentar o mar da Irlanda e tudo o que estava do outro lado, então ele também conseguiria. Cerrou os dentes e, contrariando todos os seus instintos que lhe diziam para ir mais depressa, arranhou coragem para abrandar.

Avistou a ilha de Sheep pelo retrovisor e tinha a ilha de Piel mesmo à sua frente. Poe virou à esquerda. Dois minutos depois, a ilha de Montague tomou conta do seu campo de visão. Já estava cercada por água. Pelo menos 50 metros.

Poe calculou que ainda tinham oitocentos metros pela frente e o *BMW* parecia-lhe pesado, à medida que as rodas se enterravam cada vez mais fundo na areia molhada.

Ele abrandou para os quinde quilómetros por hora.

— É possível que tenhamos de nadar os últimos metros, Poe.

— Tilly, tu não sabes nadar.

— Não deve ser difícil — respondeu ela. — Vou dar às mãos como o *Edgar*.

Poe ignorou o seu comentário ingénuo.

— Porque não me disseste que tínhamos de nadar os últimos metros? — Ela cruzou os braços e ignorou-o. — Porque sabias que te expulsaria do carro antes de entrar no mar — concluiu ele, respondendo à sua própria pergunta.

Ele fez uma lista das suas opções. Decidiu que não tinha nenhuma. Mandá-la para trás era ditar a sua sentença de morte, tal como seria deixá-la no carro. Mesmo que ela soubesse nadar, o canal de Walney era traiçoeiro quando a maré estava alta.

Teria de ir com ele.

O *BMW* foi abrandando, até parar por completo. Poe engatou a marcha-atrás e tentou sair do sulco que tinha criado. Conseguiu recuar alguns centímetros. Engatou a primeira e tentou avançar com o carro.

Nada.

— Estás pronta para molhar os pés?

Ela pegou num saco de plástico e guardou lá dentro o portátil antes de o colocar dentro da sacola. Tirou os ténis *Converse* e guardou-os também na sacola.

— Vai ser mais fácil caminhar descalça — disse. — É pura física.

Poe não precisava de levar nada consigo. Deixou as chaves no carro, para o caso de acontecer o improvável e um dos agentes de *Nightingale* conseguir resgatá-lo.

Mal saíram do carro, sentiram água nos pés.

Capítulo 76

Poe pôs os olhos no horizonte e obrigou-se a avançar. Estava exausto. A areia fria resistia a cada passada. Sugava-lhe as botas, pondo à prova a resistência dos atacadores. Cem metros mais à frente, as suas calças de ganga já estavam encharcadas e pareciam pesar duas vezes mais. Ao fim de duzentos metros, as botas pareciam presas em betão. Inspirava mais profundamente do que alguma vez julgara possível, com as costelas a acompanhar o ritmo da respiração como se fossem dois foles, mas mesmo assim não conseguia encher os pulmões. Os músculos das coxas tremiam e ele conseguia adivinhar a câibra que se aproximava.

E estava um frio de rachar.

A água roubava-lhe o pouco calor que tinha conseguido recuperar dentro do carro. Os seus pés estavam dormentes e ele sentia dores nas pontas dos dedos. Os dentes batiam de modo descontrolado e o corpo tremia violentamente.

Bradshaw não parecia estar melhor. Tinha o cabelo colado à cabeça e os lábios estavam azuis.

Esboçou um sorriso indómito.

Ele receara que ela o fizesse atrasar, mas estava a acontecer o contrário — como ele usava calças de ganga pesadas e ela calças largas e leves, era ele quem a atrasava. E ela tinha razão: era mais fácil caminhar descalço. Enquanto as botas de caminhadas de Poe o obrigavam a arrancar os pés da areia molhada a cada passo que dava, ela conseguia furtar-se à sucção com o movimento dos dedos dos pés.

A câibra retesou-lhe os tendões. A dor era lancinante e obrigou-o a ajoelhar-se. Deu um grito, mas levantou-se a custo e ficou à espera de que passasse. Por fim, a dor soçobrou.

— Estás bem, Poe?

— Estou — disse ele, enquanto massajava os gémeos. — Vamos, estamos quase lá.

As ondas da maré começaram a formar espuma e Poe sabia que isso se devia ao facto de estar a acelerar. A água já lhe dava pelos joelhos e o seu peso era quase suficiente para o derrubar.

À sua frente, Bradshaw caiu e, por instantes, desapareceu. Poe não conseguia avançar mais depressa. Quando chegou junto dela, já ela se tinha levantado e estava novamente em movimento, sem sequer ter parado para cuspir as algas que tinha na boca.

— Tilly! — gritou. — Só mais cinco minutos!

Ele já conseguia ver o cais. Avistava até os degraus que rasgavam a pedra ao lado.

A corrente contra a qual lutava mudou ligeiramente de direção e, como não estava a prestar atenção, apanhou-o de surpresa.

Ele caiu.

Bradshaw continuou a avançar com esforço, alheia ao que tinha acontecido.

A sua cabeça ficou submersa e o mundo à sua volta mergulhou no silêncio.

Capítulo 77

Poe debateu-se para se pôr de gatas e vomitar a água do mar, mas não conseguiu levantar-se. Cada vez que tentava, o peso das roupas molhadas puxava-o para baixo. E cada vez que tentava, ficava mais fraco.

Sentiu uma tontura.

Sabia que era assim que ocorriam os afogamentos no canal de Walney. A maré subia lentamente, conduzindo a pessoa a uma falsa sensação de segurança e, de repente, acabava por lhe sugar a força. E quando caía, já não se voltava a levantar.

Pensou em Flynn. Tentou evocar uma última réstia de força, mas voltou a cair e gritou de frustração.

Um braço débil agarrou-o pelas axilas e começou a puxar.

— Vamos, Poe! Não desistas agora! — Num derradeiro esforço, direcionou todas as forças para as pernas e obrigou o corpo a erguer-se na rebentação. Bradshaw estabilizou-o antes que ele voltasse a cair. — Vamos apoiar-nos um ao outro, Poe! A inspetora-chefe Flynn precisa mais de ti do que de mim! A minha função é ajudar-te a chegar à ilha.

Poe assentiu, demasiado cansado para falar.

Quando chegaram ao cais e aos degraus adjacentes escavados na rocha, já patinhavam mais do que andavam. Mais cinco minutos e teriam sido engolidos pelas ondas.

Bradshaw quis que ele subisse primeiro, porém Poe recusou. Assim que subisse, não sabia se conseguiria voltar a descer.

Segurou-a pelas ancas como se estivesse a segurar num escadote e apoiou-a enquanto ela subia os degraus. Um último empurrão no rabo e ela passou o limiar do cais. Virou-se de

imediatamente e estendeu-lhe a mão. Poe não quis correr riscos; subiu como *Edgar* teria feito: de quatro.

Olhou à sua volta. O nicho natural que tinha servido de posto de observação da zona oriental da ilha de Montague estava vazio.

Dave Coughlan estava em parte incerta.

Poe levantou-se devagar. Estava zozinho e não sentia os dedos das mãos e dos pés, mas isso já seria de esperar — na última hora haviam sido apanhados no meio de uma tempestade de neve e tinham andado à deriva no mar da Irlanda.

Bradshaw tremia tanto que parecia vibrar. Precisava desesperadamente de se aquecer. Ele despiu o casaco encharcado e colocou-o à volta dos ombros dela. Era melhor do que nada.

— Calça as meias e os sapatos e começa a andar, Tilly — disse-lhe. — Não estivemos no mar tempo suficiente para baixar a temperatura corporal, por isso devemos ser capazes de gerar calor sozinhos. Olha para mim.

Poe soprou ar quente para as mãos para ativar a circulação e depois colocou-as nas axilas. Correu sem sair do mesmo sítio e saltou para cima e para baixo algumas vezes para lhe mostrar o que devia fazer.

Bradshaw imitou-o.

— O que vamos fazer agora, Poe? — conseguiu articular, com os dentes a ranger.

Boa pergunta. A pergunta que o movimento constante e o pânico tinham relegado para segundo plano.

O que iam eles fazer agora?

— Tens de ficar aqui no cais, Tilly. A equipa de intervenção armada deve estar a chegar e não saberão para onde ir. Tens de os orientar.

Ela cruzou os braços, amuada.

— A Estelle Doyle disse para não te armares em herói, Poe. Disse que este homem não é um rufião como tu, é um assassino implacável.

— Eu tenho cuidado — sossegou-a.

— Ela disse que chamar a cavalaria não é um sinal de fraqueza. Acho que devias esperar.

— Fazes bem em ter cautelas, Tilly, e eu quero fazer isto tanto como tu, mas não sei se temos tempo suficiente.

— Nesse caso, precisas de uma arma.

Ela tinha razão; ele precisava de alguma coisa. Quem sabe usar um garrote sabe usar outras armas.

O seu carro estava preparado para o inverno com uma pá e corda na bagageira. Tinha até uma pequena picareta. Oxalá tivesse tido a sensatez de a levar. O que ele não dava para ter ali o cabo da picareta. Era como um taco de baseball, mas com uma ponta em metal.

Levou as mãos aos bolsos — numa situação de emergência, podia usar as chaves; agarraria no molho de chaves para dar algum peso ao punho, como se estivesse a agarrar num rolo de moedas, deixando uma ou duas de fora entre os dedos para servirem de soqueira. Um punhado de chaves em cheio nos músculos sensíveis à volta dos olhos fariam moossa em qualquer um.

— Gaita! — disse. Tinha deixado as chaves no carro.

O que teria Bradshaw na sua sacola? Tinha um portátil, um *Mac* em metal. Ninguém gostaria de levar com um *Mac* na cabeça. Mas pôs a ideia de parte. Podia desferir o primeiro golpe com ele, mas duvidava que conseguisse desferir o último. Era demasiado desajeitado.

Pensou no tempo que tinha passado no Exército, mais especificamente num dia passado numa sala a falar sobre armas improvisadas. O instrutor dissera-lhes que a diferença entre um objeto e uma arma estava na intencionalidade. Explicara que quando a polícia começou a revistar os elementos das claques de futebol à entrada dos estádios, eles tinham tido de arranjar formas engenhosas de levar armas para as bancadas. Tiveram de improvisar. Por isso, em vez de soqueiras e cassetetes, começaram a levar jornais para os estádios. Uma vez lá dentro, dobravam-nos até os jornais se transformarem em mocas em forma de cunha. Se alguém levasse na cabeça com um tijolo improvisado, não se levantava tão cedo.

Poe olhou para baixo.

Ele não tinha nem precisava de um tijolo improvisado. Estava a

pisar um monte de pedras.

Pedras grandes. Pedras pequenas. Tudo potenciais armas. Primitivas, mas eficazes. Provavelmente, a primeira arma na história da raça humana.

Pegou numa e testou-a na mão. Brandiu-a umas quantas vezes. Teria de servir.

Bradshaw ficou a observá-lo. Ele contava que ela lhe dissesse que era errado bater em alguém com uma pedra. E era, mas ele preferia ter uma pedra na mão e não ter de a usar...

— Ainda tens as meias verdes, Poe?

Ele olhou fixamente para ela e percebeu que, desta vez, não estava a ser a Bradshaw, estava a tentar ajudar.

— Estão no casaco que tens aos ombros.

Bradshaw levou a mão aos bolsos e retirou uma das meias. Estava encharcada.

— Estudaste física na escola, Poe? Mais especificamente a relação entre a aceleração e a velocidade?

Ele estava prestes a abanar a cabeça e a dizer que não sabia onde ela queria chegar, mas de repente percebeu.

Capítulo 78

Poe tinha a visão de um antigo soldado e já tinha delineado uma aproximação que o colocava a 50 metros do chalé de Atkinson sem que tivesse de sair do ângulo morto — terreno que não era visível a partir da extremidade ocidental da ilha. A menos que alguém tivesse detetado a sua chegada à ilha, ele chegaria ao destino sem que ninguém desse por ele. Apesar dos músculos doridos, a corrida para ultrapassar os últimos 50 metros não deveria demorar mais de 15 segundos.

Era tentador. Sem dúvida.

No entanto, ele já não era um soldado; era um agente da polícia. E os agentes da polícia não se escondiam atrás dos arbustos; percorriam os carreiros e batiam à porta.

E, naquele momento, Poe precisava de ser um polícia.

O luar era pálido e difuso e, apesar de pintar a ilha de cinzento, era mais do que suficiente para que Poe se conseguisse orientar. As ervas estavam molhadas e silenciosas debaixo dos seus pés. Seguiu pelo carreiro que percorrera anteriormente. Passou as ruínas do hospital de isolamento e as cinco casas vazias. Assustou os mesmos coelhos que se refugiaram nas mesmas tocas.

Desta vez, não se voltou para trás para ver se eles reapareciam após a sua passagem.

Manteve sempre os olhos postos no chalé.

Pouco depois, pisou o que restava do muro de pedra que marcava a divisória do terreno de Atkinson. A parte da frente do chalé, aquela que Atkinson nunca usava, apresentava-se à sua frente, negligenciada e esquecida.

O vento amainou, por fim, deixando a ilha mergulhada num

silêncio absoluto. Poe conseguia ouvir até o som da sua respiração. Estava ofegante, contudo não por causa das dificuldades do percurso. Sentia-se muito só.

Ser agente da polícia tinha incutido em Poe a crença de que era seu direito bater a qualquer porta, fosse a que horas fosse. Mas isso não significava que o fizesse com alarido. Percorreu os últimos 50 metros em silêncio e com todas as cautelas.

Poe ignorou a porta da frente que nunca era usada e optou por seguir o caminho próprio para cadeiras de rodas que contornava a casa. Fez um compasso de espera antes de chegar ao terraço de pedra. Respirou fundo e assentou as ideias.

Era possível que estivesse enganado; que Nightingale tivesse razão e que a tempestade tivesse perturbado as comunicações via rádio, tal como perturbara as comunicações móveis; que Coughlan quisesse mesmo fazer horas extraordinárias e estivesse agora a patrulhar outro ponto da ilha.

A equipa de intervenção de Nightingale chegaria à ilha dali a meia hora. Agentes munidos de armas de fogo para fazer face a um criminoso armado com um garrote. Ele só tinha uma pedra dentro de uma meia e uma teoria por testar.

A opção mais sensata seria aguardar.

Mas depois pensou em Flynn e redobrou a sua determinação. Embora não tivesse a certeza se a sua amiga corria perigo, sabia que havia essa possibilidade.

E isso era suficiente.

Poe contornou a casa e entrou no terraço de pedra.

Vazio.

Não hesitou. Aproximou-se das portas que davam acesso ao interior e levou a mão aos puxadores.

Trancadas.

Bateu na caixilharia em madeira fazendo abanar o vidro. Esperou dez segundos. Olhou em volta à procura de algo que servisse para partir o vidro. Viu um vaso de terracota que pensou que conseguiria

levantar. Estava prestes a pegar-lhe quando um barulho o fez virar a cabeça na direção do chalé.

Atkinson tinha-se aproximado da porta com uma expressão de perplexidade estampada no rosto.

— Pode abrir a porta, Sr. Atkinson? — articulou Poe de forma audível.

Atkinson esticou-se e rodou a chave, abriu a porta e recuou a cadeira de rodas para lhe dar passagem.

— Onde está a inspetora-chefe Flynn? — vociferou Poe.

Atkinson arregalou muito os olhos.

— O que se passa, inspetor Poe? Está a assustar-me. — Poe entrou dentro de casa.

— Onde está ela? — insistiu.

— Está com o inspetor Coughlan. Ele disse que precisava de lhe mostrar uma coisa. Mas não disse do que se tratava. Porquê? O que se passa?

Poe assentiu.

Em seguida, levou a mão ao bolso, tirou a arma de Bradshaw e desferiu um golpe violento contra a mão de Atkinson.

Capítulo 79

O Curador gritou ao sentir a sua mão direita desfeita.

Poe não hesitou. Voltou a brandir a sua moca improvisada, desta feita contra a outra mão. Ele não conseguiria usar um garrote se tivesse as duas mãos partidas.

Porém, a meia do Exército com uma pedra do tamanho de uma laranja no interior era uma arma imprecisa, e ele não contava com o elemento-surpresa. O Curador já estava em movimento e, em vez da mão, o segundo golpe acertou-lhe no ombro. Poe ouviu um osso partir e viu o seu braço esquerdo a ficar flácido.

Não obstante, ele conseguiu levantar-se da cadeira com um olhar pleno de intencionalidade. Tentou atingir Poe na garganta com a sua mão direita desfeita. Poe baixou a cabeça e o punho partido do homem ressaltou-lhe no queixo.

Poe recuou e, por instantes, os dois homens olharam fixamente um para o outro, ofegantes. Poe tinha um problema: a moca era uma arma de impacto e não tinha uma opção de atordoamento — se ele lhe acertasse na cabeça, arriscava-se a matá-lo e, apesar de isso ser menos importante do que a segurança de Flynn, ainda precisava de saber quem o tinha contratado.

Lembrou-se das instruções apressadas de Bradshaw: «Se usares a meia, aumentas o raio de ação da arma. Até mesmo uma pequena aceleração no centro vai gerar um aumento de velocidade na extremidade.»

Poe encurtou o comprimento da meia para cerca de 15 centímetros. O suficiente para o imobilizar, esperava ele, mas não a ponto de o matar. Era um tiro no escuro, mas era tudo o que tinha.

A desvantagem da arma mais curta era ter de se aproximar mais

do adversário, e apesar de o Curador ter a mão direita partida e a esquerda inutilizada, não deixava de ser um homem perigoso.

Mas, naquele momento, ele também era.

Poe atacou, brandindo a moça de forma a descrever um oito no ar, o que obrigou o Curador a recuar contra a parede e impediu qualquer tipo de fuga. Voltou a apontar para a cabeça. O Curador ergueu o braço direito para se proteger.

A pedra estilhaçou-lhe o cotovelo.

Ele gritou novamente, com os braços a penderem flácidos ao lado do corpo.

Tinha sido curta e violenta, mas a luta terminara.

— Pronto, pronto! — gritou. — Chega! Não aguento mais.

Poe olhou fixamente para ele, mas viu apenas a derrota estampada no seu rosto. Não quis saber — não havia honra no que tinha acabado de acontecer, ou qualquer código de conduta, ou pontos descontados por questões de estilo. Tudo o que interessava era que tinha terminado.

OuvIU um barulho junto às janelas que davam para o terraço.

Bradshaw estava parada à entrada. Trazia nas mãos um pedaço de madeira do tamanho da vara de um professor de escola. Estava aterrorizada, mas nem por isso menos determinada.

— Não te mexas, pulha! — gritou.

Poe olhou para o Curador.

— Isso mesmo.

Em seguida, deu um passo em frente e acertou-lhe com a pedra na têmpora.

Desta vez, ele não se levantou.

Poe teve de prender o Curador antes de poder ir à procura de Flynn. Arrancou um candeeiro de leitura da tomada e usou o cabo para lhe atar as pernas. Usou outro cabo para lhe amarrar as mãos atrás das costas. E usou um terceiro cabo para o amarrar à cadeira de rodas que ele usava.

— Pousa o pau, Tilly — disse Poe.

Bradshaw não abriu a boca. Limitou-se a olhar para o homem que

estava no chão e para o sangue que saía das fraturas nas mãos e cotovelo. Estava a tremer. Ele tinha de a manter ocupada.

Aproximou-se dela e tirou-lhe cuidadosamente o pau das mãos geladas.

— Vamos procurar a inspetora-chefe Flynn, Tilly.

Bradshaw afastou os olhos daquele caos no chão e acenou com a cabeça. Olhou para o Curador.

— Está bem, Poe — disse, em surdina. — Mas se este homem matou a inspetora-chefe Stephanie Flynn, eu... nem sei o que lhe faço.

— Se a chefe estiver morta, Tilly, este sacana vai morrer afogado no mar.

Poe recuperou o vigor e dirigiu-se para as entranhas do chalé. Ignorou o quarto e a casa de banho e seguiu para a sala de tratamento de Atkinson, na esperança de que não fosse tarde demais. Tentou abrir a porta, mas estava trancada.

Não se deu ao trabalho de procurar a chave nos bolsos do Curador — recuou cinco passos e embateu com o ombro na porta com toda a força. A porta interior era frágil e não conseguiu sustentar a sua raiva. Soltou-se das dobradiças e caiu para dentro da divisão.

Poe passou por cima da madeira estilhaçada e, com um só olhar, percebeu porque é que as vítimas do sexo feminino tinham sido sequestradas e porque tinham encontrado anestesia no sangue.

Ele compreendeu tudo...

Capítulo 80

Era pior do que tudo o que Poe pudesse imaginar.

Flynn estava deitada na marquesa, seminua — pálida e inerte. Uma toalha de papel azul cobria-lhe a barriga e as virilhas. Estava ensopada em sangue. Demasiado sangue.

Uma nódoa negra cobria um dos lados do seu rosto inanimado. Dois sacos vazios pendiam de um suporte de intravenosa na extremidade superior da marquesa. Tubos manchados ligavam os sacos à cânula que estava colada com fita adesiva às costas da mão. Um saco teria contido sangue, o outro um líquido transparente. Possivelmente, um sedativo ou um anestésico.

Poe correu para junto dela e encostou dois dedos ao pescoço de Flynn. Sentiu a pulsação. Era ténue e acelerada, mas era perceptível. As pálpebras agitaram-se e ela soltou um grunhido, mas não acordou.

Poe sabia que tinha de verificar o ferimento, mas não queria espreitar para debaixo da toalha de papel azul. Não voltaria a ser o mesmo se o fizesse. Sabia o que veria.

E também sabia o que não veria.

Ainda assim, não tinha alternativa — o preço a pagar por sermos capazes de fazer o que os outros não fariam é, por vezes, termos de fazer as coisas que os outros não *conseguiriam* fazer.

Ouviu um barulho atrás de si.

— A inspetora-chefe Flynn está viva, Poe?

Bradshaw seguiu-o até à sala de tratamento.

— Está, Tilly — disse, usando o corpo para a impedir de ver Flynn. — Devolves-me o casaco, por favor?

Bradshaw despiu o casaco e entregou-lho. Ele colocou-o por cima do tronco de Flynn.

— Não olhes, Tilly.

Ele não esperou para ver se ela tinha desviado os olhos. Podia acatar ou não o seu conselho. Levantou a toalha de papel azul e viu o que tanto receara.

Bradshaw susteve a respiração.

Ele virou-se. Estava da cor da cal, com as mãos agarradas à cara.

Poe puxou Bradshaw para si e abraçou-a.

— Poe — disse, por entre as lágrimas —, onde está o bebé da inspetora-chefe Flynn?

Capítulo 81

No lugar da barriga de grávida a que já estavam habituados, havia uma incisão vertical de 45 centímetros. O corte profundo ligava o umbigo de Flynn à virilha. Ainda estava em carne viva, mas já encrustado com sangue ressequido. Tinha sido suturado de forma rudimentar com o que parecia ser fio de origem animal; grosso, negro e aterrador.

Poe viu os bisturis que o Curador tinha usado para fazer a incisão e a agulha de oito centímetros que usara para a suturar. Um trabalho semiprofissional; aptidões aprimoradas pela prática. A agente especial Melody Lee tinha razão: tratava-se de facto de um desafio de cisne negro. O motivo para os sequestros de Rebecca e Amanda, impossíveis de compreender na altura, eram agora óbvios.

Mas onde estava o bebé de Flynn?

Os seus olhos foram atraídos pelo caixote do lixo ao canto. Era um daqueles caixotes típicos que existiam dos consultórios médicos de todo o país. Plástico moldado com um pedal para abrir a tampa. Barato e fácil de limpar.

A tampa estava suja de sangue.

Poe susteve a respiração. Começou a tremer. A sua boca secou de repente. O sangue ribombava nos seus ouvidos, sobrepondo-se a todos os outros sons. Não queria abrir a tampa. Não queria ver o que estava lá dentro. Mas se não o fizesse, teria de ser Bradshaw a fazê-lo.

E isso era inaceitável.

A caminhada até ao canto da sala foi a coisa mais difícil que alguma vez teve de fazer. Foram apenas sete passos, que lhe pareceram sete mil.

Pisou no pedal, mas não se atreveu a olhar. Nada. Estava partido.

Se estivessem num consultório médico, o caixote já teria sido substituído. Atkinson não se regia pelas mesmas regras.

Teria de levantar a tampa.

Estendeu a mão para a recolher logo a seguir. Percebeu que não tinha coragem. Virou-se e viu Flynn deitada em cima da marquesa. Um grunhido involuntário assomou-lhe aos lábios.

Bradshaw agarrou-lhe no braço e acalmou-o.

— Eu abro, Poe.

Também ela tremia, os olhos arregalados e assustados. Ela fá-lo-ia. Ele sabia que sim. Só para que ele não tivesse de o fazer, Bradshaw confirmaria o que ambos já sabiam.

Ela era muito mais forte do que ele.

Poe abanou a cabeça. Sabia que não podia permitir tal coisa. Bradshaw era uma inocente. Nunca tinha sido tocada pela maldade. Se permitisse que ela abrisse o caixote, o mundo perderia parte do seu encanto.

E para Flynn conseguir recuperar daquele pesadelo, teria de contar com a visão descomplicada que Bradshaw tinha do mundo. Isso deixaria de existir se ela olhasse para dentro do caixote do lixo.

Ele respirou fundo, baixou-se e levantou a tampa.

Poe franziu o sobrolho. O caixote estava cheio de lenços de papel, algodão e zaragatoas ensanguentados. Meteu a mão lá dentro e afastou tudo aquilo até ter a certeza.

Não havia sinal do bebé de Flynn.

Capítulo 82

— **A**corda! — gritou Poe, enquanto esbofeteava a cabeça do Curador.

Nada.

A sua cara estava pardacenta e viscosa, a respiração rápida e superficial. Poe abriu-lhe as pálpebras e viu que tinha as pupilas dilatadas. Estava em estado de choque. O mais certo era precisar de cuidados médicos urgentes.

Isso pouco lhe interessava; ele queria respostas.

Bradshaw tinha ficado na sala de tratamento. Não sairia do lado de Flynn, o que convinha a Poe, tendo em conta o que se preparava para fazer.

Tocou no osso que irrompia do cotovelo do Curador com a ponta do dedo.

Ele entreabriu os olhos e gemeu.

— Acreditas em mim quando digo que farei o que for preciso? — perguntou Poe, calmamente.

— Acredito — resmungou.

— Onde está o bebé?

Ele respondeu.

Dez minutos depois, Poe tremia de tanta raiva mal contida. A sua cara estava mais vincada do que uma máscara esculpida em madeira.

— Quem te contratou? — perguntou. A sua voz era grave e ameaçadora.

— Não sei. Anónimo.

— O que te pagou para fazeres?

Ele abanou a cabeça.

— Vais dizer-me. Só tens de decidir a dor que queres suportar antes de o fazeres. — Poe voltou a tocar no osso protuberante. Desta vez, com mais força. — Se me obrigares, arranco-te este osso do braço.

O Curador manteve-se em silêncio.

Poe agarrou no osso.

— Pronto! Para!

E contou a Poe o que tinha sido contratado para fazer. Tudo. Falou num tom monocórdico e desprovido de emoção. Quando terminou, Poe precisou de toda a sua força de vontade para não agarrar no bisturi e lhe rasgar a garganta de ponta a ponta.

Em vez disso, aproximou-se do ouvido do Curador e falou durante cinco minutos, sempre num sussurro. No final, Poe disse apenas:

— Estamos entendidos?

O Curador assentiu.

— Estamos.

Capítulo 83

Poe estava sozinho no quarto de hospital, que era diferente de todos aqueles onde já tinha estado. Passara algum tempo numa ala privada após o caso do Imolador, mas apenas porque as suas queimaduras eram suscetíveis a infeções. Mas se o quarto onde ficara internado era espartano e funcional, o de Flynn era... Bem, o de Flynn era um exemplo daquilo a que temos acesso quando o dinheiro não é um problema.

Estava a anos-luz de tudo aquilo que o SNS disponibilizava.

Era maior do que o chalé de Poe, um quarto amplo e arejado com vista para um jardim bem cuidado, um lago ornamental e a paisagem rural de Cambridgeshire mais ao fundo. Doentes bem agasalhados davam passeios ou descansavam num dos muitos bancos de jardim. Um jardineiro afadigava-se em trabalhos de manutenção num dos canteiros de flores.

Poe não sabia quem suportava os custos, se Zoe ou a irmã de Flynn, mas fosse quem fosse não daria o seu dinheiro por mal-empregado. O equipamento de monitorização era tecnologia de ponta; sofisticado, elegante e dispendioso. A casa de banho era moderna, com uma banheira, um chuveiro e um bidé. Havia inclusivamente um quarto de hóspedes adjacente.

Estava imaculadamente limpo e sem ponta de pó. Nem vestígios daquele desinfetante com aroma a limão que faz arrepiar os pelos do nariz, apenas um odor fragrante a lavanda.

Na parede, uma televisão 4K com ecrã plano de 56 polegadas. As instruções sobre como aceder à *Netflix*, à *Sky* e à *Amazon Prime* encontravam-se no folheto de boas-vindas que Poe tinha lido. Na prateleira por baixo da televisão, um sistema de som e leitor de DVD *Bose*.

Flores frescas em jarras caras e aguarelas originais rematavam a decoração.

O quarto tinha tudo.

Tudo, exceto um ocupante. Havia um espaço vazio sinistro onde devia estar a cama.

Flynn tinha sido operada enquanto ele vinha a caminho. Estava agora no recobro. Ele tinha chegado há duas horas e ainda não tinha falado com ninguém conhecido. Alguém lhe levava uma cafeteira e uma seleção de bolos. Poe comeu-os todos antes de pensar que podiam não ser só para si.

Pegou no que parecia ser a ementa do hospital. Tinha uma única indicação: para Flynn anotar o que queria. Após autorização do médico assistente, os ingredientes seriam adquiridos aos produtores e a refeição preparada no momento.

A folha estava em branco.

Naturalmente.

Flynn não teria fome. Pelo menos, não tão cedo.

Ele levava flores. O SNS já não permitia flores nos hospitais. A justificação prendia-se com o facto de a água ser um viveiro de bactérias. Ali, havia funcionários que mudavam a água com regularidade, pelo que as flores eram sempre bem-vindas.

Até ter estado internado, Poe nunca tinha percebido o propósito das flores nos hospitais. Apesar de deixarem o quarto mais bonito e cheiroso, não era esse o seu objetivo principal. A sua presença recordava aos médicos e enfermeiros que os doentes não eram apenas unidades, que deviam ser tratados e receber alta para voltarem para casa. Eram seres humanos, e aos seres humanos não bastam a tecnologia e a medicina para os fazerem sentir melhor. Precisam de se sentir vivos.

As flores eram essenciais para o processo de cura.

*

Nem a cama fazia barulho.

Um assistente bem vestido empurrou a cama de Flynn para o

interior do quarto. Atrás dele, um médico e dois enfermeiros. Jessica, a irmã de Flynn, e Zoe, a companheira, encerravam a comitiva. Pareciam estar exaustas, ainda mais do que ele, coisa que não lhe parecera possível.

O assistente posicionou a cama de Flynn no espaço indicado e os enfermeiros ligaram-na às máquinas. Um deles passou-lhe o controlo remoto que fazia a cama subir e descer e saiu logo em seguida.

Poe sorriu para Flynn. Ela ignorou-o. Poe não tinha a certeza se ela sequer sabia quem ele era.

Parecia irradiar calor. A sua pele brilhava como queijo aquecido. Os seus lábios estavam gretados e as órbitas encovadas enquadravam os seus olhos raiados de sangue. Ainda tinha nódoas negras na cara. Parecia pequena e vulnerável.

Poe não a reconheceu.

— O meu bebé? — perguntou, a nenhum interlocutor em específico. — Onde está?

A sua voz era débil e a pergunta foi proferida num sussurro, mas mesmo assim denotava a alucinação subjacente.

Durante alguns instantes, ninguém se atreveu a falar.

Por fim, Zoe deu um passo em frente e pegou-lhe na mão.

— Ele já vem aí, Steph — disse-lhe. — Lembras-te? A enfermeira está a alimentá-lo.

— Ah, sim... — respondeu Flynn, enquanto se recostava na almofada. — Tens razão, tinha-me esquecido. A enfermeira está a alimentá-lo.

O quarto mergulhou no silêncio.

Flynn voltou a quebrá-lo.

— Porque está a enfermeira a alimentá-lo? — disse, com lágrimas nos olhos. — Porque não estou eu?

— Não podes, Steph — disse Zoe, com brandura. — Ainda não. Passaste por um mau bocado e o teu corpo deixou de produzir leite. Mas o médico diz que o teu corpo não deve demorar muito a recuperar.

— Aqui está o pequeno lutador — anunciou a enfermeira.

Uma segunda enfermeira entrou no quarto e encaminhou-se para

a cama. Entregou a Flynn o bebê embrulhado em cobertores e com uma minúscula touca a cobrir-lhe a cabeça.

O bebê exalou um suspiro. Poe viu-lhe a cara enrugada e os olhos fechados. O seu coração parou. A última vez que o vira tinha sido dentro de um saco de lona em cima da cama de Edward Atkinson.

Molhado, vermelho e coberto de vernix, a substância gordurosa que protege a pele do líquido amniótico. Estava vivo, mas por pouco.

Poe tinha chegado mesmo a tempo. Os médicos com quem falou disseram que, por norma, os fetos que nascem antes das 37 semanas de gravidez precisam de apoio especializado para sobreviver mais de umas horas. A unidade marítima transportara de imediato o bebê e Flynn para o Furness General Hospital. Enquanto o bebê era avaliado na unidade neonatal, Flynn foi operada de emergência. O Curador também tinha sido levado para o hospital e, durante algum tempo, os três ficaram separados apenas por paredes e guardas armados. Zoe organizara o transporte aéreo de Flynn e do bebê para o hospital privado assim que tiveram alta para viajar.

Flynn abraçou o filho. A sua expressão mudou por completo. A transformação foi imediata e notável.

Já não parecia pequena e vulnerável.

Era agora uma mulher indómita, como a leoa que protege a cria.

— Olá, Poe — disse, sem tirar os olhos do filho. — Onde está a Tilly?

Poe esperou que a enfermeira lhe prendesse a mola que regista os sinais vitais ao dedo antes de responder.

— Ainda está em Cúmbria. Está a analisar o computador do Curador. Aguardo notícias dela em breve.

— A Tilly vai esclarecer tudo — disse Flynn.

— Sem dúvida — concordou Poe. Já não faltava muito. Ele só estava à espera de que ela enviasse uma mensagem a dizer que estava pronta para o informar de tudo.

— Tem piada, Poe, mas só temos noção da quantidade de pessoas que odiamos quando temos de dar o nome a um bebê.

Ele sorriu.

— Imagino.

— A Zoe quis chamar-lhe Washington, mas eu disse-lhe que era um nome parvo.

— Ele já sofreu o suficiente — concordou ele.

Flynn riu-se quando uma mão pequenina lhe agarrou o dedo.

Zoe inclinou-se e beijou-a. Endireitou-se e disse:

— Washington, posso dar-lhe uma palavrinha?

— Poe — corrigiu Flynn. — Ele prefere que o tratem por Poe.

— Muito bem. Poe, posso dar-lhe uma palavrinha? — disse, apontando para o quarto de hóspedes.

— Com certeza.

— Jess, vens connosco?

A irmã de Flynn assentiu. Ainda não tinha aberto a boca. O desespero que a sua expressão denotava transformou-se em determinação.

Mal Zoe fechou a porta com cuidado, virou-se e disse:

— Porque é que o Edward Atkinson quis roubar o nosso bebé?

Poe abanou a cabeça.

— O Edward Atkinson não quis roubar o vosso bebé, Zoe.

As duas mulheres franziram o sobrolho.

— Explique lá isso — pediu Jessica.

— O Edward Atkinson está morto — disse Poe. — Seja lá o Curador quem for, e a Tilly diz que vai conseguir identificá-lo em breve, matou o Atkinson e assumiu a sua identidade na ilha com o objetivo de atrair a Steph.

— Mas como? — perguntou Zoe.

— O «como» é fácil. A ilha de Montague fica deserta durante o inverno e ele pôde atuar à vontade.

— Mas as cicatrizes... Como conseguiu enganar-vos?

— Colódio rígido. É um líquido de venda ao público usado na indústria dos efeitos especiais. Enruga a pele sobre a qual é aplicado. Com alguma prática, não é difícil criar o efeito de cicatriz. E por baixo de uma das máscaras do Atkinson...

— Foi o suficiente para vos enganar a todos.

Poe anuiu.

— Mas... porquê?

— Só sei que... Sob coação, ele confessou que recebeu dinheiro para retirar o bebé da barriga da Steph antes do fim da gravidez. Os pormenores foram deixados ao seu critério e o Black Swan Challenge foi o seu método de eleição. É uma variação de algo que ele já fez nos Estados Unidos.

— Tráfico humano? — perguntou Zoe. — Um plano marado de alguém que não pode ter filhos?

Poe encolheu os ombros.

— Provavelmente. Ele receberia novas instruções assim que o trabalho estivesse feito.

Jessica fitou-o.

— Mas não acredita nisso, pois não?

— Há formas mais fáceis de roubar bebés. Creio que isto é uma questão pessoal e que não se tratou apenas de roubar um bebé. O que interessava era castigar a Steph.

— Aquela maldita profissão! — rosnou Jessica.

Zoe levou a mão à cara.

— Meu Deus — disse ela. Deixou-se cair na cama. Jessica sentou-se ao seu lado e abraçou-a. Por instantes, as duas mulheres encontraram forças uma na outra.

— Muito bem, vou contratar seguranças privados — afirmou Jessica. Selecionou um número no telemóvel e encostou-o ao ouvido. — James, preciso que me arranjes o nome de uma empresa de segurança privada fiável. Uma daquelas que só contratam antigos soldados das Forças Especiais ou assim.

Compasso de espera.

— Não, está tudo bem.

Explicou aquilo que queria e depois escutou durante mais algum tempo.

— Obrigada. James, quero-os aqui dentro de uma hora.

Poe assentiu, satisfeito. O seu telemóvel deu sinal de vida. Era uma mensagem de texto de Bradshaw a informá-lo de que estava pronta para lhe contar o que sabia e que ele devia voltar para Cúmbria.

— Tenho de ir andando — anunciou. — Volto assim que puder.

— Acha que ele vai falar? — quis saber Jessica.

— Creio que depende daquilo que a Tilly descobriu. Saberemos em breve. Ele não vai ficar no hospital muito mais tempo.

— Como está ele?

— Está em muito mau estado. Oito ossos partidos na mão, um cotovelo estilhaçado, uma omoplata fraturada e uma órbita deslocada. Ah, e uma rutura num testículo.

— Obra sua?

— A rutura no testículo, não. Creio que sofreu algumas mazelas prévias. Pode ter apanhado a Steph de surpresa, mas o treino de krav maga dela aprimorou-lhe os reflexos. Tendo em conta que foi por pouco que chegámos a tempo, presumo que a joelhada que ela lhe deu nos testículos acabou por salvar o dia.

Zoe sorriu ao ouvir aquilo.

— Ótimo — disse. — E o Poe? Vai ficar bem?

— A versão oficial do que aconteceu vai ser branda comigo — tranquilizou-as. — Tenho a certeza disso, uma vez que serei eu a escrever o relatório. — Olhou para o relógio. — Ouçam, daqui a cinco horas já estarei em Cúmbria. Se tiverem os telemóveis ligados, manter-vos-ei informadas, assim que souber de alguma coisa.

— Veja se consegue chegar em quatro horas, Poe — disse Zoe, enquanto lhe atirava uma chave.

Poe apanhou-a.

— O que é isto?

— Tem um *Range Rover* no parque de estacionamento — disse ela. — O seu diretor contou-nos o que fez. Sabemos que nunca seremos capazes de pagar o que fez por nós, mas eu e a Jess podemos substituir o carro que perdeu.

— Não era preciso — disse, antes de contar uma mentira. — O seguro cobre os danos.

— Entrou de livre vontade mar adentro. O seguro não vai cobrir os danos. Seja como for, já está em seu nome. Se não o levar, vai começar a acumular multas de estacionamento.

Poe não sabia o que dizer, e ficou-se por um:

— Vou ficar com ele para já, mas só porque a empresa de aluguer

de carros me impingiu uma lata velha.

— Deixe aqui as chaves que nós pedimos a alguém para o devolver — disse Jessica.

*

Flynn estava a dormir e ele não viu motivos para a acordar. Pouco depois, já seguia pelo corredor. Estava junto à entrada do hospital quando ouviu uma voz a chamar por ele.

Era Zoe.

Tinha corrido atrás dele para o apanhar.

— Só mais uma coisa, Poe — disse-lhe. — Sei tudo sobre si. Sei aquilo que fez e sei que não vai descansar enquanto não apanhar o tipo que está por detrás disto.

— Hei de encontrá-lo — confirmou ele.

— E quando o fizer — Zoe tinha uma calma assustadora no olhar —, quero que o mate. Estamos entendidos, Poe? Encontre a pessoa que fez isto e mate-a.

Capítulo 84

Poe pensava que o seu *X1* tinha uma condução suave, mas o *Range Rover* estava numa categoria à parte. Devorou os quatrocentos quilómetros até Cúmbria em silêncio e em menos de nada.

Pouco depois, já estava a entrar no parque de estacionamento da esquadra de polícia de Barrow. O Curador continuava sob vigilância armada no Furness General Hospital, mas em breve estaria a caminho.

Nightingale e Bradshaw foram ter com ele assim que saiu do carro.

— Como está a inspetora-chefe Stephanie Flynn, Poe? — perguntou Bradshaw imediatamente.

As tensões das últimas 48 horas tinham-na feito voltar a usar o título completo de Flynn, um hábito que tinha feito os possíveis para perder ao longo do último ano.

— Já saiu do bloco e prevê-se que recupere totalmente.

— E o bebé?

— O bebé está bem. Os enfermeiros chamam-lhe «Lutador». — Bradshaw repetiu o nome em silêncio.

— Não gosto do nome, Poe.

— A Zoe quer chamar-lhe Washington.

— Sim! — exclamou. — É uma ideia maravilhosa!

— Bela máquina — comentou Nightingale. — Os agentes da NCA devem receber bem mais do que nós, os campónios.

Poe sorriu e afagou o capô ainda quente.

— É um presente despropositado e não vou ficar com ele. O que sabemos?

Bradshaw entregou-lhe uma pasta.

— Tens aqui praticamente tudo aquilo de que precisas, Poe — disse ela. — Consegui contornar quase todos os dispositivos de segurança dele, mas como ele sabia o que estava a fazer, há partes para as quais preciso de uma palavra-passe. E também há coisas que ele fez em direto nas salas de chat que já não estão disponíveis.

— Presumo que a Estelle Doyle já tenha terminado as autópsias da Rebecca Pridmore e da Amanda Simpson.

— Ela pediu para lhe dizer que é um idiota insensato, mas sim, ela trabalhou a noite toda e terminou hoje de manhã — respondeu Nightingale.

Entregou-lhe uma pasta fina, provavelmente, um resumo. O relatório completo não devia demorar.

— Tem uma mente perturbada, Poe. É mesmo como tinha dito. Ele usou-as para praticar, incluindo a sutura rudimentar.

Uma busca à ilha com radares de ação subterrânea determinou que havia mais cadáveres do que lápides no antigo cemitério do hospital de isolamento. O verdadeiro Edward Atkinson tinha sido enterrado na sua propriedade, na campa de um trabalhador chinês. Os cadáveres de Rebecca Pridmore e de Amanda Simpson foram encontrados em campas adjacentes. Dave Coughlan tinha sido encontrado com vida, mas muito maltratado. Tinha lesões na garganta e tinha sido amarrado a um radiador de ferro fundido numa das casas vazias. Só se lembrava de ter sido atacado por trás, nada mais. Nightingale assegurou que, ainda assim, recuperaria por completo.

Poe não duvidava disso — ele era duro como aço.

— E a outra coisa? — perguntou.

— Chegou há uma hora.

— Ótimo. — Agora que já não podia ameaçá-lo fisicamente, Poe precisava de outro trunfo. Dirigiu-se para o interior, parou e virou-se para trás.

— Já sabemos o nome dele?

Nightingale acenou afirmativamente.

— Pelo menos, é o que ele usa. A Tilly encontrou-o no portátil e a minha equipa encontrou um passaporte. Os nomes coincidem.

— E?

— Pertenceu ao Serviço de Informações do Exército — disse ela.

— Saiu sem deixar rasto com a patente de capitão. Chama-se Oliver Hartley-Graham.

— Qual é a história dele?

— Foi expulso do Exército quando foi apanhado a vender informações relativas a missões futuras aos chineses. Deixou o país e nunca mais voltou. Pelo menos, não com o nome verdadeiro.

Oliver Hartley-Graham parecia um homem que tinha sido atingido com uma pedra dentro de uma meia depois de sofrer uma rutura nos testículos causada por uma mulher que lutava pela vida. Usava calções cirúrgicos e um roupão. A sua pele estava tão seca e escamada do uso continuado de colódio rígido que era difícil perceber qual era o seu aspeto verdadeiro.

A moca de Poe tinha-lhe partido a clavícula esquerda. Apesar de ser uma lesão limpa que acabaria por sarar naturalmente, Oliver Hartley-Graham precisaria de uma ligadura para suportar o peso do seu braço esquerdo durante alguns meses.

Quanto ao braço direito, o caso mudava de figura.

Quando Hartley-Graham o usou para proteger a cara, o cotovelo tinha aparado toda a força da pedra. Além do osso partido, tinha também danificado nervos e vasos sanguíneos. Passara seis horas no bloco operatório. O gesso que teria de usar durante meses ligava-lhe o ombro à mão e ele não voltaria a conseguir erguer o braço acima da cabeça.

E essa nem sequer era a pior mazela. Porque o primeiro golpe de Poe tinha-lhe acertado na mão enquanto esta estava pousada no braço da cadeira de rodas, o que causara traumatismos de esmagamento agravados. Além das fraturas de compressão causadas em quatro dedos, três das pontas tinham explodido com a pressão.

Tinha ainda um traumatismo na cabeça, causado pela pancada final que o deixara inconsciente e que fora desferida por Poe antes de este ir à procura de Flynn. Apesar de não deixar lesões

permanentes, as nódoas negras na têmpora direita tinham-se alastrado para as órbitas. A órbita direita estava amarelada e tinha inchado até lhe fechar o olho. A esquerda estava aberta, mas apenas uma nesga. O nariz tinha sido endireitado o mais possível, mas ele já não se livrava da pieira ao respirar.

Hartley-Graham estava sentado numa cadeira de rodas. Agora, precisava mesmo dela. Ajeitou a posição no assento e gemeu ao fazê-lo. Poe calculou que tão cedo não se livraria das dores.

A sua advogada encontrava-se sentada ao seu lado. Chamava-se Laretta Notman. Trabalhava num escritório de advogados local. Os polícias de Barrow que a conheciam disseram-lhe que ela era dura de roer, mas justa. Tinha cabelo preto e usava um fato semelhante aos que Flynn usava antes de a gravidez a obrigar a uma mudança na indumentária.

Estava visivelmente irritada.

Poe ignorou-a. Em breve, ela seria irrelevante. Preferiu olhar fixamente para Hartley-Graham para confirmar em silêncio que o acordo a que tinham chegado nos minutos finais na ilha continuava de pé. Poe tinha a certeza de que sim; não interessava a nenhum dos dois que aquilo se soubesse.

— Com que então, é você o Curador — disse, enquanto lia o processo. — Um homem que não podia estar mais enterrado em merda nem que saltasse para dentro de uma piscina cheia de trampa.

Hartley-Graham manteve-se em silêncio.

— Não costumo usar a palavra «macabro» — prosseguiu Poe —, mas no seu caso não me ocorre mais nenhuma.

Pegou num documento e fingiu ler.

— Foi capitão no Exército britânico e agora é um assassino a soldo. A sua mãezinha deve estar muito orgulhosa.

— O meu constituinte não tem nada a dizer, inspetor Poe — explodiu Notman, claramente pouco habituada a ser ignorada. — Redigimos uma declaração, que pode ler agora ou mais tarde.

Fez deslizar um documento de duas páginas pela mesa. Poe deixou que caísse no chão.

— Creio que houve um mal-entendido, Dra. Notman — disse. —

Este caso está sob a alçada da polícia de Cúmbria e eu já não estou envolvido. A equipa da superintendente Nightingale não deve demorar, caso ainda queira falar de declarações e acusações de agressão. Não, eu estou aqui na qualidade de observador.

Poe abriu a pasta e retirou um documento. Não o entregou a Notman. Ainda não era altura.

— A minha colega, a Tilly, que conheceu na ilha, Oliver, conseguiu contornar quase todas as medidas de segurança que instalou no seu portátil. E em menos de dois minutos. Temos os seus ficheiros, temos os planos do Black Swan Challenge e temos as criptomoedas que terá recebido como pagamento.

Bradshaw tinha encontrado mais de dois milhões de libras em criptomoeda no portátil de Hartley-Graham. Estava a tentar rastrear a origem, mas não tinha grandes esperanças. Explicara-lhe que o mais certo era ele ter recorrido a pessoas aleatórias para retirar pequenas quantias do pagamento da carteira digital da pessoa que o tinha contratado, a troco de uma comissão razoável. Seria impossível encontrar a pessoa que o contratara através do pagamento.

Poe prosseguiu.

— Ao que parece, a menos que nos dê a palavra-passe, só com um software especializado é que conseguimos aceder aos restantes conteúdos. Software patenteado que só estará disponível a partir do portátil do fabricante.

Notman franziu o sobrolho, sem saber onde Poe queria chegar com aquilo.

— Mas isso agora não vem ao caso. Se me permite, gostaria de falar sobre um americano chamado Stuart Wilson e sobre um jogo designado por White Elephant Challenge. Lembra-se do Stuart? É o universitário ricalhaço que lhe pareceu que seria o bode expiatório ideal.

Hartley-Graham agitou-se na cadeira. Poe sabia que ele não contava ouvir aquele nome tão cedo.

— Sei que se lembra dele. É um homem inteligente e organizado, Oliver. Nunca tramaria alguém a menos que julgasse saber tudo sobre a pessoa.

Poe voltou a abrir a pasta e pôs os óculos de leitura.

— Mas desta vez cometeu um erro. O Stuart Wilson provém de uma família rica e, à primeira vista, nunca cairiam nas boas graças dos americanos. Enriqueceram graças a investimentos feitos na construção das instalações de exportação de gás natural liquefeito do Irão. Sendo este o autoproclamado inimigo número um dos Estados Unidos, quem fizesse negócios com os iranianos seria, no mínimo, considerado um oportunista.

— Onde quer chegar com tudo isto, inspetor Poe? — perguntou Notman.

Poe ignorou-a e não desviou os olhos de Hartley-Graham. Este olhava para Poe. A sua expressão denotava curiosidade e nervosismo.

— E foi isto que lhe escapou. Devido ao seu sucesso, o Sr. Wilson, o pai do Stuart, estava em negociações delicadas, mas avançadas, para fornecer equipamento de segurança para algumas das empresas públicas do setor do petróleo e do gás natural.

Hartley-Graham manteve-se em silêncio.

— E isso chamou a atenção das agências secretas americanas — prosseguiu Poe. — Estavam muito interessados na concretização do negócio. Não estou a par dos pormenores, mas parece que eles pediram para introduzirem algumas *backdoors* no sistema de segurança. *Backdoors* que permitiriam que algumas das agências federais americanas, conhecidas pelas siglas de três letras, tivessem acesso a dados que, a duras penas, têm tentado obter sem sucesso.

— Desembuche, inspetor Poe! — gritou Notman.

— Pois bem. Resumindo e concluindo, a sua brincadeira com o filho do Sr. Wilson fez com que ele tivesse de cancelar o negócio com os iranianos para ter tempo e dinheiro para dedicar ao julgamento do Stuart. Desconfio que, na altura, também não estivesse nas melhores graças do seu governo.

Poe passou-lhe um papel por cima da mesa.

— Informámo-los de que o Stuart Wilson foi incriminado e partilhámos com eles as provas de que dispomos. Os americanos

estão agora convencidos de que sabotou deliberadamente o negócio com os iranianos.

Hartley-Graham engoliu em seco.

— À primeira vista, parece-me uma interpretação bastante razoável dos factos — disse Poe. — E, como bem sabe, nos tempos que correm, para os americanos uma suspeita de terrorismo equivale a terrorismo.

— Eu não sou terrorista — sussurrou Hartley-Graham. Sabia o que vinha aí. Sabia que as suas opções se tinham tornado binárias, cada uma pior do que a outra. Não havia margem para acordos.

— Vejo que já passou para o degrau seguinte. Acabei de entregar à Dra. Notman aquilo que se chama um «pedido de extradição». Os Estados Unidos pedem que seja extraditado ao abrigo do *Patriot Act*.

Poe fez uma pausa enquanto eles liam o documento. No final, disse:

— As suas opções são simples, Oliver: onde pretende ser julgado? No Reino Unido por quatro homicídios, ou nos Estados Unidos por terrorismo? Volto daqui a 10 minutos. Leia esse documento de extradição. É genuíno e está prestes a acontecer.

Poe levantou-se e saiu da sala sem olhar para trás.

Capítulo 85

Nightingale e Bradshaw assistiram ao interrogatório através do monitor. Os olhos de Bradshaw estavam vermelhos de cansaço, mas ela não deixava de olhar fixamente para o ecrã. Oliver Hartley-Graham quase matara todas as pessoas de quem ela gostava.

— Saiu-se muito bem, Poe — declarou Nightingale.

Poe resmungou um agradecimento. Não aceitaria elogios antes de saber quem estava por detrás de tudo. Hartley-Graham estava a soldo de alguém. Se não descobrisse de quem, o Lutador Flynn nunca estaria a salvo. Por mais ex-soldados das Forças Especiais que Jessica Flynn contratasse, uma pessoa com recursos suficientes à disposição havia sempre de arranjar maneira de levar a sua avante. Só precisava de ter sorte uma vez, o Lutador tinha de ter sorte sempre.

Poe não podia permitir isso.

— Acha que ele vai falar? — perguntou Nightingale.

— Ele vai falar.

— Parece estar muito certo disso.

— Devia ter visto a rapidez com que ele me disse onde estava o bebé quando pensou que eu ia puxar o osso exposto — disse Poe.

— Não tem tolerância à dor. A ideia de poder ser sujeito à tortura da simulação de afogamento é algo que o deixa aterrorizado. Vai fazer todos os possíveis para evitar a extradição e só conseguirá fazer isso se for condenado pelos crimes que cometeu neste país. E fazer figas para que, se alguma vez sair em liberdade, já seja velho demais para interessar aos ianques.

— Não receia que ele o processe por agressão? — Poe abanou a cabeça. — Acha que ele não vai apresentar queixa?

— Não faço ideia. Mas isso é algo que não me preocupa. Já

matutei muito nisso e acredito piamente que era a minha única opção. O Oliver Hartley-Graham podia ser inteligente e organizado, mas feitas as contas, é um assassino a soldo. Imobilizá-lo era a única forma de salvar o bebê da chefe. Isto nem sempre acontece, mas neste caso estou de consciência tranquila.

Ele não referiu que havia outro motivo para Hartley-Graham não apresentar queixa; um motivo que Poe só podia abordar com a pessoa que o tinha contratado. E esperava que isso acontecesse em breve.

Nightingale assentiu.

— Você é um sacana insubmisso, Poe, mas a chefe da polícia concorda: dadas as circunstâncias, não teve alternativa. A polícia de Cúmbria não vai apresentar queixa e, a menos que receba uma queixa formal, o MP também não.

O diretor Van Zyl também tinha entrado em contacto com ele. Quis saber do estado de saúde de Flynn, mas aproveitou igualmente para lhe dizer que não haveria nenhum inquérito interno às suas ações. Quando Poe entrou no canal de Walney, a jurisdição tornou-se... difusa. A investigação estava sob a alçada da polícia de Cúmbria, por isso o caso estava nas suas mãos. Mas a verdade é que uma agente da National Crime Agency tinha estado em perigo iminente e Poe tinha todo o direito de ir em seu auxílio. No final, imperou o bom senso e tudo aquilo foi considerado uma experiência de aprendizagem. Van Zyl e a chefe da polícia fariam uma declaração conjunta numa reunião onde estariam os dois presentes, em abril.

— Se tivesse esperado pela subida da maré como todos nós, ter-nos-ia escapado por 30 minutos — prosseguiu Nightingale. — Ele e o filho da inspetora-chefe Flynn teriam atracado na ilha de Man e embarcado num voo para a Europa continental. Nunca saberíamos onde começar a procurar. Não saberíamos qual era o seu aspeto ou como se chamava.

Poe sabia disso. Bradshaw tinha encontrado as informações sobre o avião privado que Hartley-Graham havia contratado e respetivos planos de voo no seu portátil. Se tivesse conseguido sair da ilha de Montague, nunca mais ninguém lhe poria a vista em cima.

— Cheguem aqui — disse Bradshaw. — Passa-se alguma coisa.

Hartley-Graham e a advogada estavam a ter uma discussão acesa. Notman parecia estar a tentar chamá-lo à razão. Na medida em que as suas lesões o permitiam, Hartley-Graham parecia estar a fazer-lhe sinal com a mão para que saísse.

— Parece que está na sua hora, Poe — disse Nightingale.

Poe voltou a sentar-se na sua cadeira. Ainda estava quente.

A inspetora que estava presente concluiu as formalidades. Seria a última vez que ela se pronunciaria. Doravante, era Poe o agente responsável.

— Quero colaborar com a justiça, inspetor Poe — disse Hartley-Graham. — Poe manteve-se em silêncio. — Tenho três condições — prosseguiu ele. — A primeira é que a minha advogada seja legalmente ilibada de todas as consequências. É uma decisão minha, que vai contra a sua vontade.

— Registado — afirmou Poe. — Se a Dra. Notman redigir a papelada relevante, pode assiná-la ainda antes de ela sair do edifício. — Dirigiu-se à advogada. — É aceitável?

Ela assentiu, visivelmente mais descontraída.

— Segunda — continuou Hartley-Graham —, vou contar-lhe tudo o que quiser, mas só posso ser julgado neste país.

— Vou fazer todos os possíveis para que passe o resto dos seus dias numa prisão britânica — aquiesceu Poe —, mas se me parecer que está a mentir ou a mentir por omissão, eu próprio tratarei de o levar ao aeroporto.

— De acordo.

— Qual é a sua terceira condição, Sr. Hartley-Graham?

Tentou sorrir. O resultado foi um esgar grotesco.

— Quero saber onde errei.

— Ainda está para nascer o criminoso que não comete erros — respondeu Poe —, e você não teve a disciplina suficiente para se manter na personagem...

Capítulo 86

Por vezes, são os pormenores mais insignificantes que deslindam os casos.

Os canos entupidos de Dennis Nilsen. O assassino BTK que enviou uma disquete rastreável para uma estação de televisão.

A multa de estacionamento do Filho de Sam...

Pequenos erros, consequências inimagináveis.

No caso de Hartley-Graham, o rumo da investigação seria ditado pela primeira pessoa que usasse a casa de banho depois da tempestade que se abateu sobre Herdwick Croft: Bradshaw ou Poe.

Se tivesse sido ele, Hartley-Graham e o filho de Flynn teriam desaparecido sem deixar rasto e os homicídios de Edward Atkinson, Rebecca Pridmore, Amanda Simpson e Howard Teasdale teriam permanecido por resolver.

Porém, não tinha sido ele o primeiro a usar a casa de banho — fora Bradshaw. E ela era mais baixa do que ele...

— O chuveiro — anunciou Poe. — Recentemente tive uma pessoa que ficou lá em casa e, pela primeira vez desde que mandei instalar o chuveiro, alguém o mudou de posição no suporte. A pessoa é mais baixa do que eu. Foi esse o seu erro. Se tivesse mantido a personagem e usado a cadeira de chuveiro como o Edward usava, seria agora um homem livre. Mas afastou-se do argumento. Quis tomar duche de pé e subiu a posição do chuveiro em conformidade. Quando ajustei o meu chuveiro, lembrei-me de que tinha visto marcas no chuveiro do Atkinson numa posição demasiado elevada para ele conseguir chegar. Colocou o chuveiro na posição em que o Edward o usava, mas deixou marcas no sítio onde ele tinha estado.

— Foi só isso? Desvendou o meu plano por causa do chuveiro?

Poe encolheu os ombros. Não tinha sido só aquilo, evidentemente. Enquanto não juntou todas as peças, tinha sido apenas mais um pormenor sem contexto. Mas... quando ele juntou todas as migalhas que tinham sido difíceis, mas não impossíveis de seguir, e o aviso de Melody Lee de que quando julgavam saber o que o Curador andava a tramar, era porque estavam a cair na armadilha dele, tudo apontou para um plano complexo, mas brilhante, para isolar uma única pessoa.

— Eu sabia que não era eu o seu alvo — disse Poe. — Estive sozinho consigo uma noite inteira e não me aconteceu nada. E eu ser o alvo não explicava os sequestros das mulheres ou a anestesia que encontrámos no sangue. Isso sugeria que havia uma vertente médica no plano, e a gravidez de Flynn fazia dela a escolha óbvia.

Notman assistia a tudo boquiaberta. Poe ainda considerou fechar-lhe a boca. Hartley-Graham nada disse.

— Foi suficiente para mim pensar que ela podia estar em risco. — Hartley-Graham acenou com a cabeça, pensativo. — Mas só tive a certeza quando confirmei que o inspetor Coughlan tinha pedido para fazer dois turnos seguidos na ilha. Só podia fugir com a maré alta, mas não podia arriscar estar no mar quando a unidade marítima estivesse a transportar o substituto do Coughlan. Teriam percebido o que tinha feito e, tendo em conta que é uma viagem de quatro horas até à ilha de Man, acabariam por conseguir apanhá-lo. Nunca teria conseguido escapar a um dos seus barcos insufláveis rígidos. Não, o seu plano só resultaria se tivesse aquele ciclo de marés por sua conta, e só conseguiria isso se conseguisse cancelar a substituição do inspetor Coughlan. Presumo que tenha sido você e não ele a comunicar o pedido para fazer horas extraordinárias.

Hartley-Graham anuiu.

— Não foi difícil. Ninguém queria fazer um turno longo naquela ilha. Eu passei 24 horas consigo, por isso já sabia quais eram os códigos e as frequências. O inspetor com quem falei ficou encantado por saber que o Coughlan queria ficar mais tempo.

— Chegou a sua vez de tentar evitar as prisões secretas e a Baía de Guantánamo, Sr. Hartley-Graham. Dê-me a sua palavra-passe.

Capítulo 87

Assim que Bradshaw confirmou que a palavra-passe era válida, Poe voltou para a sala de interrogatório.

— Conte-me como tudo se passou. Mas, desta vez, só os melhores lances.

— Sou um solucionador de problemas — começou Hartley-Graham. — Através do meu alter ego «Curador», abordo indivíduos com dinheiro e ofereço-lhes uma solução para os seus problemas, sejam eles quais forem. Até aceitar este trabalho, era sempre eu que procurava os meus clientes. Fazia as minhas pesquisas e, quando percebia que era seguro avançar, oferecia-lhes uma solução personalizada.

— Neste caso, foi o cliente que o abordou? — perguntou Poe.

Hartley-Graham assentiu.

— Sim. De início, fiquei um pouco cético. Há muitos polícias que trabalham a tempo inteiro neste tipo de crimes. Só quando recebi autorização para acrescentar um milhão de libras em criptomoeda à minha carteira digital é que comecei a levar a proposta a sério. O meu cliente disse que teria mais um milhão à espera se aceitasse o trabalho, e outro assim que a tarefa estivesse concluída com sucesso. Não podia recusar três milhões de libras. Criei uma *firewall* impenetrável entre nós os dois e iniciei as conversações.

Antes de prosseguir, Poe lançou um olhar de aviso a Hartley-Graham, a lembrar-lhe do que tinham acertado na ilha sobre o que podia ou não dizer.

— O que queria ele?

— Vingança.

— De quê?

— Não perguntei.

— Essa vingança passaria pelo roubo do bebê da inspetora-chefe Flynn?

— E teria ainda de ficar bem claro que o motivo tinha que ver com a sua vida profissional. A sutura rudimentar serviria como um lembrete permanente.

— Mas ainda não tinha instruções sobre o que fazer com o bebê assim que saísse da ilha.

— Não — confirmou Hartley-Graham. — Presumo que o cliente tivesse um comprador em mente.

A NCA já estava a passar a pente fino todos os casos em que Flynn tivesse estado envolvida. Poe desconfiava que alguns potenciais alvos rancorosos já tivessem sido arrastados das suas camas.

— Conte-me o que fez. Quero saber como passou do Black Swan Challenge para realizar uma intervenção cirúrgica ilegal a uma agente da NCA.

— Primeiro, tinha de garantir que a inspetora-chefe Flynn era destacada para o caso. Não foi tão fácil como podia parecer. A SCAS resolveu alguns casos de elevada visibilidade recentemente e são muito procurados por todas as forças policiais do país. Um único homicídio bizarro não garantiria o vosso envolvimento. Mas uma série de homicídios bizarros? Em Cúmbria? Era indiscutível que a polícia local requisitaria os seus serviços, inspetor Poe. E porque não o fariam? Um recurso indispensável mesmo à mão de semear. E se você estivesse envolvido, a inspetora-chefe Flynn também estaria. Talvez não imediatamente, mas havia de vir cá parar. Fui informado de que seria mais forte do que ela. Mesmo que isso significasse trabalhar mais tempo do que o aconselhável, dadas as circunstâncias atuais.

— Usou a sua própria teimosia contra ela?

— Nem mais.

Poe mordeu a língua para não responder. Aquele interrogatório requeria muito tato.

— Então, criou um cenário assente numa vingança contra o Edward Atkinson?

— Só tive de encontrar uma série de miúdos vulneráveis online e

convenci-os de que tinha instalado *malware* nos seus computadores. A maioria não mostrou interesse nisso e deixei de os contactar.

— O Robert Cowell mostrou interesse.

— Sim. Não sei o que é que ele não queria que eu visse, mas foi o suficiente para ele e a irmã cometerem uma série de delitos graves. Depois disso, foi muito fácil roubar o papagaio dele e colocá-lo junto à casa de uma das vítimas, num sítio onde acabaria por encontrá-lo. Isso deveria ajudá-lo a encontrar a única pessoa que servia de elo de ligação às três vítimas. E assim que fizesse essa associação, era apenas uma questão de tempo até ir ter comigo à ilha.

— Mas como é que encontrou o Edward Atkinson? — perguntou Poe. — Nem a chefe da polícia sabia onde ele vivia.

Hartley-Graham franziu o sobrolho, perplexo.

— Eu não encontrei o Edward Atkinson, inspetor Poe — retorquiu. — Ele caiu-me no colo. Nunca tinha ouvido falar dele antes de chegar àquela ilha.

Então, por fim, Poe percebeu.

— Encontrou uma ilha isolada e construiu uma narrativa à volta dela.

— Sabia que a ilha estava deserta durante os meses de inverno.

— Porque, além do Edward, nenhum dos ilhéus vivia ali a tempo inteiro — concluiu Poe.

— Exatamente — confirmou Hartley-Graham. — O Edward não anunciava a sua presença ali, por isso foi uma surpresa quando dei de caras com ele. Mas depois de... falar com ele, percebi rapidamente que podia tirar partido da situação.

— Improvisou tudo.

— É o que eu sei fazer. De uma forma ou de outra, teria arranjado maneira de levar a inspetora-chefe Flynn até à ilha quando precisasse dela ali. Só precisamos de uma boa história, inspetor Poe. As pessoas seguem sempre uma boa história e a do Edward Atkinson, por mais triste que fosse, era aliciante.

— Uma correção. Era o que *sabia* fazer.

— Sabia — concordou ele. — Seja como for, pratiquei os meus

dotes cirúrgicos nas duas mulheres. Nenhuma das duas estava grávida, mas tinham úteros, claro. Fiz mal a cirurgia da Amanda Simpson. Não usei anestesia suficiente e ela acordou antes de terminar de a suturar. Debateu-se tanto que acabei por lhe rasgar a artéria ovárica e ela morreu da hemorragia.

Poe já estava a par daquele pormenor. Estelle Doyle confirmara isso mesmo durante a autópsia.

— A segunda intervenção correu bem. Abri e suturei a Rebecca Pridmore sem fazer grandes asneiras. Não era preciso fazer tudo muito certinho, bastava que ela sobrevivesse.

Poe cerrou os punhos com força. Levantou-se. Precisava de fazer uma pausa.

Capítulo 88

Bradshaw inclinou-se e pousou a cabeça no seu ombro.

— A inspetora-chefe Flynn vai ficar bem, Poe?

— Não sei, Tilly. Não sei mesmo. Ela é resiliente e um osso duro de roer, mas uma coisa destas muda uma pessoa. É inevitável.

Apesar de Bradshaw estar a usar os óculos como bandolete, não era o suficiente para domar os seus cabelos finos que estavam num desalinho. Tinha os olhos baços e vazios. Sentia as lágrimas a formarem-se, mas conseguiu conter-se. Poe desconfiava que o fazia por ele. Sabia que ele tinha de voltar lá para dentro.

— Acredito que a inspetora-chefe Flynn vai voltar ao trabalho um dia destes — disse ela, como se tivesse chegado a uma conclusão.

O telemóvel de Poe deu sinal de vida.

Era a agente especial Melody Lee. Bradshaw tinha-lhe enviado tudo o que haviam reunido sobre o White Elephant Challenge e ela prometera ligar assim que tivesse novidades.

— Os advogados do Stuart Wilson interpuseram uma instrução judicial de emergência — informou. — Ao que parece, o procurador não vai contestar. Vai sair em liberdade muito em breve. A nossa sucursal em Washington já deteve o homem que contratou o Curador para incriminar o Stuart. Ele contratou um advogado, mas já não nos escapa. Foi exatamente como eu disse: mandou matar o sócio para não ter de comprar a parte dele pelo valor de mercado. A família vai entrar em contacto consigo, mas pediram-me para lhe agradecer em nome deles, Poe.

— Ainda bem que tudo se resolveu — foi tudo o que ele disse.

Trocaram mais algumas impressões, mas Poe não estava muito interessado na conversa. Ficava contente pela família, claro, mas tinha mais em que pensar naquele momento.

Melody Lee deu-se conta disso mesmo.

— Está tudo bem, Poe?

Poe esquivou-se à pergunta. As coisas não estavam nada bem. Tinha aceitado um fardo, e apesar de ser a única pessoa que podia fazê-lo, sabia que era algo que lhe pesaria nas próximas semanas, meses, ou até mesmo anos...

— E a Melody? — foi a resposta dele. — Deve ser bom conseguir provar que tinha razão.

— Tenho algumas pontas para atar ainda aqui, mas vou voltar para Washington no final de março.

— Folgo em sabê-lo.

— Se alguma vez precisar de um favor, basta ligar.

Washington Poe, batizado com o nome da cidade onde a mãe foi violada...

A cidade para onde a agente especial Lee iria em breve.

— Por acaso, preciso de um favor — disse.

— Já? Não perdeu tempo.

Ele disse-lhe o que queria.

— Só isso? — perguntou ela.

— Só isso. Só quero saber os nomes de todos os que estiveram presentes naquela recepção diplomática em Washington.

Melody Lee fez um compasso de espera.

— É um assunto oficial ou pessoal?

Poe manteve-se em silêncio durante longos instantes.

— É pessoal — acabou por admitir. — *Muito* pessoal.

— Nesse caso, que Deus tenha piedade deles.

Capítulo 89

— Agora, quero os detalhes — disse Poe.

Não sabia se aguentaria muito mais, mas devia isso a Flynn. Se houvesse algo nos pormenores, uma pequena pista que permitisse identificar a pessoa que tinha contratado Hartley-Graham, só podia ser ele a fonte de informação.

E Hartley-Graham contou-lhe tudo.

Contou-lhe que tinha baseado o White Elephant Challenge e o Black Swan Challenge no jogo suicidário conhecido por Blue Whale; que escondeu uns quantos computadores de placa única localmente e que deu início ao jogo.

— Desconfio que o Robert e a Rhona Cowell estavam tão envolvidos que, se lhes tivesse dito para matarem a Rebecca Pridmore, eles o teriam feito. Não deixei pistas nos outros dois locais do crime, mas assim que ficou a par do Black Swan Challenge, parti do princípio de que pensaria que havia mais dois assassinos. Quis que pensasse que havia mais pessoas envolvidas e que o Atkinson seria o desafio final. Sei que estava a par da minha existência, mas o resultado foi o mesmo: você e a inspetora-chefe Flynn tinham de proteger o Edward Atkinson.

— E se eu não tivesse reparado no papagaio? — perguntou Poe.
— Ou na página de teste da impressora que colocou no caixote do lixo?

— Tinha algumas contingências que garantiam que iria dar a casa do Robert Cowell.

— Deixe-me adivinhar: um telefonema anónimo?

— Por aí. Acabaria por encontrar o documento que deixei no caixote do lixo. Se não tivesse visto aquele, eu teria colocado outro algures.

Poe pensava que o Imolador era o maior titereiro com que se cruzara na sua carreira, mas Hartley-Graham tinha aumentado a parada. Era capaz de manipular qualquer um...

Hartley-Graham disse que, enquanto eles andavam por Cúmbria e pela região nordeste, ele tinha passado o tempo a habituar-se à máscara de Atkinson e à sua cadeira de rodas. A estudar a fundo o seu novo papel.

— Durante quanto tempo é que o manteve vivo antes de o matar?
— perguntou Poe.

— Quatro dias. Tinha de assumir a sua identidade. Isso só seria possível com um interrogatório exaustivo.

— Daqueles que se aprendem no Serviço de Informações do Exército.

Hartley-Graham assentiu.

— Em seguida, encontrei um tipo que tinha integrado o júri durante o julgamento. Deu uma entrevista parva à imprensa há coisa de um ano. Paguei-lhe dez mil libras para me dar os nomes dos jurados que votaram pela inocência do Atkinson.

Poe não disse nada. A equipa de Nightingale já tinha acusado o homem que divulgara os nomes.

Explicou que tinha praticado com o colódio rígido, a solução usada nos atores para criar os efeitos de pele cicatrizada, e experimentado vários tons até conseguir recriar o aspeto de uma vítima de ataque com ácido. Explicou também que, quando Poe chegou à ilha de Montague, já tinha usado tanto produto que a sua pele ficava enrugada mesmo quando ele não usava o colódio.

Poe perguntou como informava o cliente dos seus progressos. Como já tinha previsto, não percebeu patavina das explicações técnicas de Hartley-Graham. Não interessava — Bradshaw estava a ver tudo e havia de lhe fornecer quaisquer perguntas complementares que fossem necessárias. Mesmo assim, apontou tudo, sobretudo para não ser obrigado a olhar para ele.

Uma das coisas que ele disse fê-lo parar por um instante.

Algo relacionado com o nome de utilizador do cliente. Tinha-lhe dito que era anónimo, mas não qual era efetivamente.

Pediu-lhe para repetir.

Hartley-Graham assim fez.

Poe anotou e sublinhou.

Era um número.

8844.

Escreveu-o no telemóvel. Em menos de um segundo, o *Google* apresentou mais de 17 milhões de resultados.

8844 era um formulário usado pela autoridade tributária americana.

Era a referência de um helicóptero da *Lego*.

Integrava a sequência genómica de uma proteína do cromossoma humano.

— Os nomes de utilizador são gerados aleatoriamente? — perguntou Poe.

— Não. Cada utilizador escolhe o seu nome.

— Então, nada impediria alguém de escolher o nome... James Bond ou Basil Fawltty?

— Nada. É claro que ninguém usa um nome que possa revelar a sua identidade. É por isso que os números aleatórios são tão populares.

— Como os números das contas bancárias?

— Presumo que sim.

Poe olhou fixamente para o número. Voltou a sublinhá-lo.

8844. Porque é que aquele número lhe parecia familiar?

Reviu na sua cabeça os sítios onde tinha estado recentemente. Não se lembrou de nada.

Recuou um pouco mais.

Até ao ano passado.

Poe retesou os músculos. Susteve a respiração. Sentiu as batidas do coração nas têmporas. Hartley-Graham estava a dizer qualquer coisa, mas ele não conseguiu ouvir. A outra inspetora que estava na sala olhou para ele com estranheza.

Poe não quis saber.

Não podia ser.

Não fazia sentido.

Só que fazia...

Quando pensou a fundo, da pior maneira possível, fazia *todo* o

sentido. Na verdade, era a única resposta possível.

Fui informado de que seria mais forte do que ela...

Foi o que Hartley-Graham lhe dissera. Que o 8844 tinha dito que Flynn havia de aparecer porque era mais forte do que ela; que se envolveria no caso mesmo que já fosse altura de gozar a licença de maternidade.

Obrigou-se a respirar normalmente e a manter uma expressão neutra. Precisava de ser cauteloso. Além do que Hartley-Graham lhe contara na ilha, Poe estava agora em posse de novas informações.

Porque se tivesse razão, nada voltaria a ser como dantes.

Para ninguém.

Capítulo 90

Já tinha batido a meia-noite e Poe estava sentado numa sala às escuras.

À espera.

A pensar.

A escuridão era sua aliada. Era na escuridão que encontrava as respostas. Por mais que elas tentassem esconder-se, sabia que seria sempre capaz de as encontrar lá. Na penumbra de um nevão desvendara o plano do Curador e no frio e nas trevas da ilha tinha ouvido a sua descrição do que tinha sido pago para fazer.

Tudo.

Não apenas a versão editada que permitira que Hartley-Graham contasse para as câmaras.

E o facto de a versão editada ser a única versão era agora a principal preocupação de Poe. Porque a versão não editada era a coisa mais terrível que ele já tinha ouvido. Marcá-lo-ia para sempre. Por muito que tentasse, não era algo que o tempo pudesse apagar.

Por isso, ali estava ele, à espera.

Sem planos, sem intenções.

Apenas a contar o tempo até as luzes se acenderem.

Um barulho chamou a sua atenção para o lugar onde ele sabia que estava a porta.

Alguém estava a tentar inserir a chave na fechadura.

Atrapalhado. Desequilibrado.

Bêbedo...

A porta abriu e a pessoa entrou. As luzes acenderam-se. Poe pestanejou. Duas vezes. Não se deu ao luxo de pestanejar três vezes.

— Washington — disse uma Jessica Flynn de olhos vítreos, com

a voz arrastada —, o que faz aqui? Como é que eu consegui entrar?
— Riu-se. — Ou melhor, como é que *conseguiu* entrar? — Fez um gesto com a mão. — Não interessa. Ainda bem que está aqui. Aceita um copo? Eu vou beber qualquer coisa.

— Estou bem assim, Jessica. — Permaneceu sentado.

— Desmancha-prazeres. — Jessica cambaleou até ao bar de madeira polida e abriu uma garrafa de vinho. Encheu um copo de forma desastrada. Caiu mais vinho no chão do que no copo. — Preciso de apanhar ar — disse. Abriu as janelas que davam para o parque de estacionamento. Saiu para a rua e espreitou por cima do corrimão. — Não vejo o seu *Range Rover* novo lá em baixo, Washington.

Poe não respondeu.

Ela voltou para dentro e aterrou no sofá, vertendo metade do vinho que tinha no copo.

— Gaita.

Poe não disse nada.

— O que se passa com... com a tal cena do caso?

— Já sabemos o nome do Curador. Chama-se Oliver Hartley-Graham.

— E quem o contratou?

— Temos uma boa pista. Há uns anos, a Stephanie ajudou na condenação de um pedófilo. Ele morreu na prisão. No ano passado, a filha ganhou a lotaria. O consultor financeiro que foi nomeado pela lotaria ajudou-a a investir em criptomoeda. Foi assim que pagaram ao Hartley-Graham. A polícia de Cúmbria está a investigar.

— Muito bem — elogiou Jessica. — Parece ser uma boa pista.

— E é mesmo.

— O que está aqui a fazer?

— Vou visitar a Steph. Pensei em dar um saltinho até aqui primeiro. — Mostrou-lhe a chave do *Range Rover*. — Não posso aceitar isto — disse.

— Porquê? É merecido. Neste momento, a minha irmã mais nova estaria morta ou assim e o bebé Flynn já estaria no Médio Oriente se não tivesse dado uma de *Starsky & Hutch*.

— Na verdade, o «Lutador» não estaria no Médio Oriente.

— Pronto, então na Rússia. O polícia é você, como quer que saiba onde vão parar os bebês que são traficados?

— Também não estaria na Rússia.

— Então, onde? — gritou ela.

— Há uma coisa que não contei a ninguém. Algo que o Hartley-Graham me contou na ilha. Algo que só me contou a mim. Fiz um acordo com ele: se ele não falasse sobre isso, eu também não falaria.

— E que coisa é essa?

— Que ele não estava à espera de instruções sobre o que fazer com o bebê da Steph.

— Ah, não?

— Não, porque ele já tinha recebido essas instruções.

— O que devia ele fazer?

Poe fitou-a durante alguns instantes. Observou-a atentamente.

— Ele devia matar o bebê — disse, num tom calmo.

Jessica bebeu um gole de vinho.

— Tretas!

— Devia gravar um vídeo a livrar-se do corpo — prosseguiu Poe.

— Num sítio onde ele não pudesse ser encontrado. Assim que recebesse a gravação, o cliente autorizaria o pagamento da última tranche.

A irmã de Flynn manteve-se em silêncio. Mas parecia estar a recuperar a lucidez.

— O Hartley-Graham tencionava atirar o bebê ao mar da Irlanda, entre a ilha de Montague e a ilha de Man.

— E você acredita nesse tal Oliver Hartley-Graham? A intenção dele devia ser chocá-lo, Poe.

— Acredito.

— Então, é ainda mais tolo do que eu pensei.

— Acha? Explique-me uma coisa: porque é que havia uma armadilha para lagostas cheia de pedras no barco que ele tencionava usar para fugir?

— Sei lá, Poe. Talvez quisesse apanhar lago...

— Ele disse-me que tinha recebido instruções para dar o bebê da Steph a comer aos caranguejos, Jessica.

Fez uma pausa para ver se a imagem mental suscitava alguma reação.

Não suscitou.

— Atirei a armadilha de lagostas para o mar, para o mais longe que consegui — disse ele. — E contei uma versão mais aceitável da verdade. A Steph nunca pode saber disto.

— É uma bonita história, Poe, mas eu vou beber mais um copo. — Tentou levantar-se, mas caiu para trás.

— Porque fez isto, Jessica?

Poe não levantou a voz, manteve um tom neutro. Podia estar a perguntar-lhe se preferia leite magro ou meio gordo.

— Beba um copo, Poe! Tudo fica bem quando bebemos um copo.

Poe levantou-se e aproximou-se da parede de montanhismo. O altar da sua obsessão. Posicionou-se diante de uma fotografia em particular, que estava ao lado do seu objeto de adoração: o *piolet* de Tenzing Norgay. A fotografia retratava um grupo de alpinistas chineses à volta de uma fogueira no acampamento de base, todos eles a beber chá e a sorrir. Tinha sido tirada em 1960 e documentava a primeira tentativa bem-sucedida da China de conquistar o Evereste.

— Foi este o seu erro — disse, apontando para a fotografia. — Se não tivesse tentado ser engraçada, se tivesse escolhido um número aleatório para ser o seu nome de utilizador, talvez nunca tivesse sido descoberta.

Jessica Flynn estava pensativa.

— Mas não escolheu, pois não? Escolheu a altitude do monte Evereste segundo os chineses — disse, apontando para a legenda da fotografia. — Os chineses não aceitam a altitude oficial de 8848 metros. Acreditam que a altitude devia ser medida até ao topo da rocha, não até ao cimo da neve. Segundo os chineses, a altitude oficial do monte Evereste é de 8844 metros. Como diz aqui.

Jessica semicerrou os olhos.

— Só isso? — troçou. — Fez este caminho todo por causa de um número?

— A Tilly fez os cálculos. A probabilidade de alguém escolher um número de quatro dígitos aleatório que corresponde ao que está no

seu apartamento é... Como é que ela disse? Uma improbabilidade estatística.

Era a primeira mentira que ele contava. Não tinha envolvido Bradshaw nesta história. Não tinha envolvido ninguém.

Jessica ignorou-o com um gesto.

— Não quero saber de probabilidades, é uma coincidência. Moro num apartamento arrendado e tenho um cargo intermédio num banco de investimento, onde havia eu de arranjar três milhões de libras?

As palavras ficaram a pairar no ar. Poe quase conseguia vê-las.

Durante alguns instantes, nenhum dos dois falou. Poe conseguia ouvir a televisão no andar de baixo.

— Eu não lhe disse que o Curador tinha recebido três milhões de libras — disse ele, calmamente.

— Eu... Eu parti do princípio, quando referiu tudo aquilo que lhe pediram para fazer, que ele cobraria esse valor.

Poe manteve-se em silêncio. Limitou-se a olhar para ela.

— Mas isso não muda nada — prosseguiu ela. — Os factos são indesmentíveis. Não posso ser a pessoa que o contratou porque não tenho três milhões de libras.

Poe levou a mão ao bolso de dentro do casaco e tirou uma série de documentos. Pôs os óculos de leitura e leu o primeiro.

— Acontece que a Tilly me disse que muitas das pessoas que investiram em criptomoedas logo no início acabaram por ganhar muito dinheiro. Dinheiro que não é declarado e é praticamente indetetável.

— É só isso que tem? Uma teoria sobre criptomoedas?

Poe disse que não.

— Estive a investigar o seu banco — disse ele. — Você não é um pau-mandado lá dentro, pois não, Jessica? Não ocupa uma posição pouco relevante, como afirmou no dia 26 de dezembro. Na verdade, é vice-presidente sénior da instituição. Trabalha com fusões e aquisições, seja lá o que isso for. Também diz aqui que, apesar de o banco ter sido o proprietário do apartamento, vendeu-o há três anos quando transferiram os investimentos no ramo imobiliário do Reino Unido para a Europa continental. Ao que parece, fez parte dos seus

preparativos para o Brexit. Foi comprado em dinheiro vivo por uma empresa com sede *offshore*. É a essa empresa que paga a renda. — Virou a página. — E quanto ao *piolet* do Tenzing Norgay — continuou, apontando para a estante que estava a um canto da sala —, aquele que afirma ser uma réplica. Segundo este documento, a Christie's de Nova Iorque vendeu o original num leilão no ano passado. Foi arrematado por centenas de milhares de dólares. Tenho uma amiga no FBI que fez umas indagações. Sabe o que ela descobriu?

Jessica encolheu os ombros.

— Foi comprado pela mesma empresa *offshore* que é proprietária deste apartamento.

Poe olhou para ela por cima dos óculos.

— Isto também é tudo uma coincidência, Jessica?

Ela olhou fixamente para ele durante alguns segundos e depois sorriu.

— Fui apanhada — disse. Fez beicinho e disse numa voz esganiçada: — A Jessica foi uma menina muito marota.

— Pois foi.

— E agora?

— Vai explicar-me porquê. Vai explicar-me porque pagou para matarem o seu sobrinho.

— Parece saber tudo. Porque não me diz o Poe porquê?

— Está bem, assim farei. Acho que tudo começou quando a informaram de que sofria da doença de Addison.

— Ah, sim?

— Porque apesar de me ter dito que a doença lhe tinha sido diagnosticada, não me disse *como* foi diagnosticada. Mas acho que consigo adivinhar. A Jessica é uma alpinista. E, ao que tudo indica, uma alpinista das boas. Fez escalada por todo o mundo, mas não chegou a escalar o Everest. E enquanto não o fizer, vai ser sempre uma pedra no seu sapato. Mesmo que não a magoe, sabe que vai chegar a altura em que vai ter de a tirar. — Jessica franziu o cenho. — Decide arriscar. Começa a traçar um plano. Não quer acompanhar um grupo organizado, por isso reúne uma equipa para ir consigo. Que tal me estou a sair?

Jessica voltou a encolher os ombros e a espalhar mais vinho. Levantou-se para encher o copo.

Poe continuou.

— Mas semanas antes da partida, a sua irmã mais nova vem ter consigo. Tem tentado engravidar e diz que já sabe o que a tem impedido. Foi-lhe diagnosticada a doença de Addison e, como pode ser hereditária, significa que a Jessica também pode padecer da mesma doença. Faz análises e, de repente, vê-se obrigada a cancelar a expedição. O sonho da Stephanie de ter filhos foi o fim do seu sonho de escalar a única montanha que verdadeiramente interessa.

Jessica lançou-lhe um olhar gélido.

— Por isso, quis ser ressarcida. Por mais doentio que possa parecer, pensou que seria justo. Um sonho por um sonho.

Poe calou-se.

Jessica Flynn atirou a cabeça para trás e desatou a gargalhar.

— Acha que fiz isto por causa do bebé? Que se foda o bebé! Fiz isto por uma questão de respeito. E porque a emproada da minha irmã não me respeita. Sou a irmã mais velha e isso devia significar alguma coisa. Devia ser importante. Ela costumava admirar-me, confiar em mim. Eu tenho milhões; ela nem sequer tinha dinheiro para pagar a fertilização *in vitro*. Teve de ser a Zoe a pagar.

Poe observou-a com atenção. Estava a comportar-se de forma imprevisível e, apesar de estar embriagada, seria uma adversária de peso se aquilo descambasse em violência.

— Eu tomo decisões que afetam a bolsa de valores, ao passo que ela não é ninguém e tem uma profissão de merda. Uma funcionária pública. E tem o descaramento de ser sobranceira comigo? Onde está o respeito? Onde está a porra do respeito?! Como se atreve aquela fufa de merda a ser feliz? Porque havia ela de ter tudo quando eu não tenho nada?

Poe olhou para o apartamento à sua volta. Para a decoração cara. Para os acessórios elegantes. Para o pedaço de História original que estava no pedestal.

— Nada disto tem sentido se ela não sentir inveja de mim! — gritou Jessica.

Poe levantou-se. Assim, era mais fácil movimentar-se.

— Sente-se!

Poe recusou-se.

— Queria a sua irmã mais nova de volta — disse ele, percebendo, por fim. — Sabia que ela passaria o resto da sua vida à procura de um bebê que nunca encontraria. Isso tê-la-ia consumido. Teria dado cabo da relação com a Zoe. Não teria alternativa senão voltar para os seus braços. Precisaria do seu dinheiro para prosseguir com as buscas. Voltaria a ficar sob o seu controle.

— E isso provaria que eu sempre tive razão. Ser polícia é uma profissão ridícula. Por isso, sim, paguei a alguém para matar o bebê dela. E depois? Ia compensá-la com a criação de uma fundação. Pensei que podia ser agradável procurarmos o bebê as duas. Podíamos voltar a ser uma família.

Poe percebeu naquele momento que o que ela tinha feito a privara da sua sanidade mental. Era impossível chamá-la à razão; ela contemplava o abismo há demasiado tempo.

Também percebeu que não tinha como provar tudo aquilo. As provas podiam estar no seu portátil, mas ele duvidava. Com recursos ilimitados, ela teria usado um descartável para comunicar com Hartley-Graham.

Ele tinha apenas uma história.

Jessica chegou à mesma conclusão.

— Mostre-me as suas algemas — disse-lhe.

— Como?

— As suas algemas. Mostre-mas.

Poe não se mexeu.

— Foi o que eu pensei — disse, esboçando um sorriso mesquinho. — Não está aqui oficialmente. Se tivesse provas do que acabou de dizer, a minha porta já teria sido deitada abaixo e uma data de idiotas de fatos brancos teriam revirado esta casa de pernas para o ar. A propósito, não iriam encontrar nada. Se não há nada para encontrar, isso significa que não há nada que possa fazer. Só tem um número que o meu advogado vai explicar sem o menor esforço.

— Não preciso de provas — disse ele, em surdina.

— Que conversa é essa, seu idiota? É claro que precisa de provas. Sem provas não há julgamento.

Ela encaminhou-se para a porta da rua.

— Faça o favor de sair.

Poe não se mexeu.

— Não preciso de provas, não quando tenho uma história. Vou falar com a Stephanie, Jessica. Vou sentar-me com ela e vou contar-lhe tudo.

Jessica olhou para ele, furiosa.

— Conheço bem a Stephanie, mas não sou irmã dela. Por isso, diga-me: em quem é que ela vai acreditar?

— Você não se atreveria — sibilou. — Isso iria destruí-la.

— É verdade. Mas não tanto como viver em constante sobressalto. Não tanto como estar sempre preocupada com a segurança do seu filho.

Poe estava habituado à violência, mas Jessica não estava habituada a ser violenta. Ele conseguia ler os sinais de alerta tão facilmente como se ela tivesse gritado aquilo que tencionava fazer, por isso quando ela gritou e atirou o copo vazio contra ele, Poe baixou-se sem grandes problemas. Ouviu-o estilhaçar-se contra a parede de tijolo atrás de si. Jessica saltou por cima do sofá, correu para a parede de montanhismo e tirou o *piolet* de Tenzing Norgay do pedestal.

Não hesitou. Brandiu-o no ar e atacou Poe. A sua cara era um esgar de medo e ódio.

Como estava embriagada e como ele antecipara os seus movimentos, quando Jessica se aproximou dele, Poe afastou-se de repente. O seu movimento foi subtil, pouco mais do que uma finta, mas foi suficiente. O golpe de picareta silvou mesmo à frente do seu nariz e Jessica tropeçou.

O balanço que tomara fez com que continuasse a avançar.

Até sair para a varanda.

Onde bateu com a parte superior da coxa contra o corrimão de metal.

E como uma árvore acabada de cortar, ela tombou lentamente.

Mas, por mais embriagada que estivesse, não deixava de ser uma

alpinista. Esticou o braço e a ponta da picareta foi cravar-se no piso da varanda, fazendo um furo com cerca de dois centímetros e meio no soalho de carvalho polido.

O silêncio foi súbito e ensurdecedor.

Poe avançou para a varanda e olhou para baixo. Jessica estava pendurada pela picareta, a balançar suavemente como um condenado que tinha sido enforcado no cadafalso.

— Ajude-me — implorou. — Não quero morrer.

— Não, mas quis matar o bebé da sua irmã.

— Perdão. Eu conto-lhe tudo. Prometo. Mas ajude-me.

— Jura pela vida do seu sobrinho?

Jessica acenou com a cabeça antes de perceber o que ele tinha dito.

— Sim, agora está arrependida, mas vai ser sol de pouca dura. Pode demorar um ano, pode demorar cinco anos, mas, a dada altura, o seu ressentimento vai voltar a aumentar. Enquanto for viva, o filho da Stephanie nunca estará em segurança.

— Vá-se foder, Poe! Eu saio daqui sozinha.

Ela grunhiu e começou a abanar-se. Ou melhor, a balançar. Tentou ganhar balanço suficiente para chegar com o pé ao parapeito da varanda. Com um pé e uma mão no parapeito, teria os dois pontos de contacto que permitiriam a qualquer alpinista digno desse nome recuperar o equilíbrio. Poe ficou a observá-la. Esteve perto de conseguir em duas ocasiões, mas estava tão bêbeda que se cansou depressa. A sua disciplina de alpinista veio ao de cima e ela fez uma pausa para preservar as forças.

As mãos, encharcadas em suor, escorregaram no cabo do *piolet* e o pânico tomou conta dela. Olhou para baixo e viu apenas betão e morte no seu futuro.

— Eles saberão que estive aqui — disse, ofegante. — Tem as suas impressões digitais espalhadas pelo meu apartamento.

Poe encolheu os ombros.

— Estive aqui no dia 26 de dezembro. É claro que as minhas impressões digitais estão espalhadas pelo apartamento.

— Por favor — implorou ela. — Não me deixe morrer.

Poe olhou fixamente para ela.

— Foi a Jessica quem escreveu este desfecho, não eu.

E, sem dizer mais nada, deu meia-volta e voltou a entrar na sala. Pegou na chave do *Range Rover* e saiu calmamente do apartamento. Era tarde, e apesar de ouvir movimentos, não viu ninguém. Encaminhou-se para a saída de emergência, desceu as escadas e atravessou a estrada em direção à estrada secundária onde tinha estacionado o carro.

Ainda mal tinha chegado junto dele quando começou a gritaria.

Notas do autor

Infelizmente, o Blue Whale Suicide Challenge é real. Terá começado na Rússia, mas foram detetadas provas da sua existência na maioria dos países. E a psicologia subjacente que é explicada por Tilly também é real. Sabemos que vivemos num mundo assustador quando alguém munido apenas de uma mente retorcida e um computador consegue manipular jovens e outras pessoas vulneráveis, que, por vezes, vivem no outro lado do mundo, e obrigá-los a fazer coisas horríveis. Se ainda não o fizeram, leiam sobre o assunto. Instruam-se, para serem capazes de detetar os sinais de alerta.

O rastreamento por pontos amarelos também é real. Dezasseis anos como oficial de justiça permitiram-me ter uma noção muito precisa do código dos criminosos que dita que os bufos têm de ser castigados, e acreditem que não há maior delator do que a vossa impressora. Se tencionam enviar uma carta pouco edificante aos vossos governantes, aconselho-vos a usarem a impressora de outra pessoa. De preferência, alguém de quem não gostem particularmente.

Agora, uma advertência. O canal de Walney e as ilhas de Furness são reais, mas a ilha de Montague não existe. E apesar de poderem ir a pé até à ilha de Piel quando a maré está baixa (preferencialmente na companhia de um guia), peço-vos que não tentem ir a pé até à ilha de Montague — vão afogar-se no mar da Irlanda. Sei que pode parecer um pouco insensível da minha parte, mas lembrem-se de que até os hotéis são obrigados a ter letreiros a dizer para não usarem os secadores de cabelo no duche...

E, por fim, aos pedantes que me estiverem a ler: sei bem que é tecnicamente incorreto da minha parte descrever o formato da ilha de Walney como um quarto crescente. O termo correto seria «lua

crescente gibosa», mas optei por usar linguagem mais acessível. Peço desculpa por isso.

Além disso, espero que saibam que é precisamente por saberem o significado de crescente gibosa que não têm amigos. Se mesmo assim não conseguirem esquecer este assunto, escrevam uma carta. Mas não a enviem ao meu cuidado.

Agradecimentos

Tenho muitas pessoas a quem agradecer e pouca energia para o fazer.

Não necessariamente por esta ordem:

À minha mulher e alma gémea, Joanne. Não só fazes a revisão final e descobres aquelas gralhas mais teimosas — e juro que não sei como o fazes —, como aturas um tipo que só diz tretas. Eu não seria capaz de viver comigo próprio.

Ao David Headley (e só para nos envergonharmos um bocadinho, vamos fazer uma lista das suas funções, pode ser? Agente, livreiro, editor, organizador de festivais...), pela sua amizade, orientação e defesa (e promoção) entusiástica de Poe e Tilly, Fluke e Towler, tanto ao nível nacional como internacional. És um tipo às direitas, David.

A todo o pessoal da DHH Literary Agency e da Goldsboro Books, nomeadamente Emily Glenister, por todo o teu apoio e gentileza. E pela cerveja, sempre que te faço uma visita.

À minha editora na Constable, Krystyna Green, por ser uma máquina. E por me deixar escrever o final que tinha em mente para este livro. Vamos ver até onde conseguimos levar esta brincadeira? Eu ainda tenho mais uns na cartola; o que me dizes?

À Sarah Murphy e à Hannah Wann, pela sua paciência e sentido de humor. Tal como a Joanne, não sei como é que vocês me aturam.

Ao Martin Fletcher e ao Howard Watson, por provarem que os burros velhos também aprendem línguas. O Martin ajuda-me a ver a floresta quando eu me concentro só na árvore, e o Howard faz-me escrever *mais melhor bem*. E o Howard também se certifica de que há coerência entre os livros das várias coleções. Não sei como fazes isso, Howard, mas ainda bem que o fazes.

Desde o início da minha colaboração com a Constable que as capas foram uma das coisas que mais cativaram os leitores. Todas elas (desde *Teatro de Fantoques* até à renovada coleção *Fluke*) são espetaculares. Faz uma vénia, Sean Garrehy — o teu talento é inegável. E lamento que tenhas perdido o comboio depois do lançamento de *Verão Negro*. Para à próxima, vamos ter isso em atenção. Prometo. ;-)

À Rebecca Sheppard, uma assistente editorial sem rival à altura que, no caos das múltiplas versões, acrescentos de última hora, alterações de último minuto e parvoíces da minha parte, consegue manter a calma e a organização e garante que tudo é feito como deve ser.

À minha revisora, Joan Deitch, por ter a função mais desvalorizada, mas provavelmente mais importante em todo este processo — rever a versão final antes de seguir para a produção. E com um autor como eu, que atira palavras a torto e a direito como quem atira arroz num casamento, não pode ser pera doce. Obrigado pela tua diligência.

À Beth Wright e à Brionee Fenlon, dos departamentos de publicidade e marketing, respetivamente, por colocarem o Poe e a Tilly nas mãos de um número tão elevado de leitores que chega a ser indecente. Beth, lamento que tenhas sido obrigada a ouvir a história do Mick Herron...

E a todos os outros elementos da Little, Brown que trabalharam na história do Poe e da Tilly seja de que forma for. É um privilégio colaborar com uma editora tão renomada a quem estarei eternamente grato. Obrigado.

Por último, na vertente editorial, à Angie Morrison, a minha leitora cobaia. Apesar de o teu entusiasmo pelo Poe e pela Tilly ser ilimitado, os teus conselhos são sempre ponderados e prudentes. E, claro, invariavelmente corretos.

Brian Price e James Grieve (professor emérito de Medicina Forense) merecem um agradecimento especial por me explicarem a ciência subjacente à «reação vital» — a forma como os patologistas determinam se um dedo foi amputado antes ou após a morte. A propósito, vocês são nojentos.

Ao Andy Atkinson (a quem me parece que, doravante, vou agradecer em todos os meus livros, e que acho que já está arrependido de me ter conhecido), pelas suas dicas sobre como montar um site de forma anónima. Tenho a certeza de que ele adorou explicar a diferença entre a *deep* e a *dark web*, o que são *firewalls*, computadores de placa única, sistemas de acesso, criptomoedas... Falamos línguas diferentes, Andy, mas foste capaz de simplificar as coisas de forma que eu percebesse.

À Fiona Sharp, uma livreira de excelência. Não conheço ninguém que tenha a tua energia, e olha que eu conheço o David Headley. Tenho a certeza de que, se continuares a melgar a Beth, vais conseguir o teu saco #TeamTilly. Se quiseres o número de casa dela, é só dizeres...

Ao Paul Musgrave e ao Mike Conefrey, da Public Health Cumbria, pelas informações sobre a resposta do condado a um jogo como o Blue Whale ou o Black Swan. É assustador.

O L. J. Morris também merece uma menção. Matei-o no último livro, mas ele teve a amabilidade de me ajudar com alguns dos pormenores técnicos relativos à construção de submarinos e à gestão dos contratos. Desculpa, Les, é claro que me refiro aos submarinos nucleares de mísseis balísticos: classe Dreadnought... Cromo.

Ao Bob e à Carol Bridgestock, a extraordinária dupla da R. C. Bridgestock, que me ajudaram com os aspetos legais de recolher provas em caixotes do lixo. Obrigado, malta.

Passemos à parte lamechas e às pessoas que insistem em receber um agradecimento, apesar de não terem feito a ponta de um corno. Por ordem decrescente de importância:

Ao Ted Montague, que acha que emprestar o apelido a uma ilha fictícia situada perto do sítio onde ele vive é motivo mais do que suficiente para receber um agradecimento. Não é, Ted. A sério. Recebes um agradecimento porque o nosso apreço comum pelo sarcasmo permitiu que aquelas reuniões de oficiais de justiça aborrecidas passassem um bocadinho mais depressa.

Ao Stuart «Sou-Teu-Amigo-Há-Quarenta-Anos» Wilson, só porque não me apetece passar um ano a ouvir as suas lamúrias. Sim, eu

sei que me explicaste ao pormenor a diferença entre as ovelhas da raça *Swaledale* e *Herdwick*, mas essa pérola de conhecimento caiu por terra logo na primeira versão porque era chata como tudo. Se quiseres um agradecimento a sério, arranja qualquer coisa mais interessante. Encontramo-nos no bar.

O mesmo se pode dizer do Crawford Bunney, que pensa que receber um exemplar de todos os livros em primeira mão lhe dá o direito de ver nele impresso o seu nome idiota. Não devia dar. Encontramo-nos no bar.

A minha sobrinha Katie Douglass foi mencionada em *Verão Negro* por me ajudar com uma questão científica. Por esse motivo, as minhas outras sobrinhas (e sobrinho) acham que também deviam ter sido referidos. Já lhes disse para se tornarem cromos como a Katie e, quem sabe, um dia não me dão uma ajudinha. Sam, Joe, Rosie e Chloe, lamento, mas não.

Agradeço ao meu tio John por dizer «Que raio é aquilo que agora passa na televisão?» SEMPRE que me liga. E por comprar mais dos meus livros do que toda a família junta (se algum autor ler isto, digam-lhe que o vosso livro pode vir a ser um objeto de coleção — garanto-vos que ele vai comprar centenas de exemplares), apesar de nunca ter lido uma única página. Até para o ano.

Mike

Sobre este livro

É Natal. Um assassino em série expõe partes das suas vítimas por todo o condado de Cúmbria, deixando no local do crime sempre a mesma estranha inscrição: #BSC6.

Chamados para investigar, o inspetor Washington Poe e a analista de dados Tilly Bradshaw enfrentam um caso que não faz sentido. Por que razão algumas vítimas foram anestesiadas, enquanto outras morreram em terrível agonia? Porque é que, apesar das provas irrefutáveis, o único suspeito nega tudo, mas, ao mesmo tempo, admite coisas das quais nem os investigadores tinham conhecimento? E como explicar que todas as vítimas tenham tirado as mesmas duas semanas de férias três anos antes?

A investigação ganha contornos mais sombrios quando Melody Lee, uma agente do FBI caída em desgraça, entra em contacto com Poe. Ela não acredita que estejam a lidar com um assassino em série; ela crê que estão a perseguir alguém muito, muito pior: um homem que se autodenomina «Curador».

Sobre M. W. Craven

Nasceu em Carlisle, condado de Cúmbria, no norte de Inglaterra, mas cresceu em Newcastle. Aos 16 anos, alistou-se no Exército «por acidente», decidindo depois viajar pelo mundo. Em 1995, formou-se em Serviço Social nas especialidades de criminologia e uso indevido de substâncias.

Aos 31 anos, regressou ao condado onde nasceu para ocupar o cargo de oficial de justiça, uma experiência que lhe viria a permitir transmitir um realismo sombrio à sua escrita, ocupação que iniciou a tempo inteiro em 2015.

Teatro de Fantoques (Topseller, 2020), o primeiro livro da coleção *Washington Poe* — da qual faz parte também *Verão Negro* (Topseller, 2021) —, foi um êxito de vendas e venceu o prestigiado prémio CWA Gold Dagger 2019 para Melhor Policial do Ano, tendo a produtora Studio Lambert comprado os direitos para uma adaptação televisiva.

Autor publicado em mais de 20 países, M. W. Craven vive no condado onde nasceu com a mulher e com o seu *springer spaniel*.

Saiba mais sobre o autor:

www.mwcraven.com

Twitter: [MWCravenUK](https://twitter.com/MWCravenUK)



Edição em formato digital: julho de 2022

O CURADOR

Título original: *The Curator*

Texto © 2020, M. W. Craven

Publicado por Constable,
uma chancela de Little, Brown Book Group, Londres.
Todos os direitos reservados.

© desta edição:

2022, PRH Grupo Editorial Portugal, Lda.

Topseller é uma chancela de
Penguin Random House Grupo Editorial Portugal.
Av. da Liberdade, 245, 7.º A, 1250-143 Lisboa
correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Portugal apoia a proteção do *copyright*. Sem a prévia autorização por escrito do editor, esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por meio de gravação ou por qualquer processo mecânico, fotográfico ou eletrónico, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas.

Tradução: Pedro Póvoa
Revisão: Teresa Antunes
Paginação: Aresta Criativa — Artes Gráficas
Capa: Sean Garrehy — LBBG
Fotografia da capa: Arcangel

ISBN: 978-989-564-989-1

Composição digital: www.acatia.es

Site: penguinlivros.pt
Facebook: [topseller.editora](https://www.facebook.com/topseller.editora)
Instagram: [topseller.editora](https://www.instagram.com/topseller.editora)

- [1] Departamento de Crimes Graves. [N. T.]
- [2] Batalhão de infantaria do Regimento Real Escocês. [N. T.]
- [3] Unidade de crime forense de alta tecnologia. [N. T.]
- [4] Regimento de infantaria do exército britânico. [N. T.]
- [5] *Ship submersible ballistic missile nuclear powered*, no original. [N. T.]
- [6] Personagem principal da série de livros *The Wombles*, que frequentemente partilha ensinamentos sobre os benefícios da reciclagem e a importância da recolha de resíduos. [N. T.]
- [7] Personagem de livros de banda desenhada da Marvel. [N. T.]
- [8] White elephant, no original. [N. T.]
- [9] Black swan, no original. [N. T.]
- [10] Serviço de Pessoas sob Proteção do Reino Unido e Proteção de Testemunhas, respetivamente. [N. T.]
- [11] Estudos experimentais da dependência de crenças de observações e de resistência à mudança conceptual, em tradução livre. [N. T.]

Índice

O Curador

Dedicatória

Epílogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Capítulo 55

Capítulo 56

Capítulo 57

Capítulo 58

Capítulo 59

Capítulo 60

Capítulo 61

Capítulo 62

Capítulo 63

Capítulo 64

Capítulo 65

Capítulo 66

Capítulo 67

Capítulo 68

Capítulo 69

Capítulo 70

Capítulo 71

Capítulo 72

Capítulo 73

Capítulo 74

Capítulo 75

Capítulo 76

Capítulo 77

Capítulo 78

Capítulo 79

Capítulo 80

Capítulo 81

Capítulo 82

Capítulo 83

Capítulo 84

Capítulo 85

Capítulo 86

Capítulo 87

Capítulo 88

Capítulo 89

Capítulo 90

Notas do autor

Agradecimentos

Sobre este livro

Sobre M. W. Craven

Créditos

Notas